

Ana Lúcia Gomes da Silva
Zuleide Paiva da Silva
Marilene dos Santos Queiroz
(Organizadoras)

Experiências (Auto)Formativas Diarizadas na Educação Universitária

Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Parecer e revisão por pares:
Os capítulos que compõem este livro foram
submetidos à avaliação e à revisão por pares e pelo Comitê Científico.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo - SP)

S586e Silva, Ana Lúcia Gomes da; Silva, Zuleide Paiva da; Queiroz, Marilene dos Santos (org.).
Experiências (auto)formativas diarizadas na educação universitária: pedagogias feministas e
epistemologias decoloniais /
Organizadoras: Ana Lúcia Gomes da Silva, Zuleide Paiva da Silva e Marilene dos Santos Queiroz.
Coordenadoras: Kenia Adriana Reis e Silva, Franciele Reis Messias, Maria Beatriz Dias Coutinho e
Sueli Santana Santos.

1. ed. - Campinas, SP : Pontes Editores, 2023. figs.; quadros; fotografias.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5637-928-9.

1. Ensino Universitário. 2. Feminismo. 3. Prática Pedagógica.
I. Título. II. Assunto. III. Organizadoras.

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres. 305.4
2. Feminismo / Emancipação da mulher. 305.42
3. Métodos de ensino instrução e estudo– Pedagogia. 371.3
4. Ensino Superior no Brasil. 378.81
5. Linguística. 410

Ana Lúcia Gomes da Silva
Zuleide Paiva da Silva
Marilene dos Santos Queiroz
(Organizadoras)

Experiências (Auto)Formativas Diarizadas na Educação Universitária

Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais

Copyright © 2023 - Das organizadoras representantes dos colaboradores

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Editoração: Eckel Wayne

Capa: ACESSA Design

Imagem de Capa: Arco-íris - Criador: Bigen Create - Data: 2023-11-16

Resolução: 1920x1080 - Tamanho: 1 MB

Revisão: Giovanna Benedetto Flores

Conselho Editorial:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève - Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UnB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez

(UnB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ – Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 - Jd. Chapadão

Campinas - SP - 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

Impresso no Brasil 2023

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
Amélia Santa Rosa Maraux / Joselito Manel de Jesus	
APRESENTAÇÃO	
POR UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA FEMINISTA ENCARNADA E DECOLONIAL: EXPERIÊNCIA DIARIZADA NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE	11
Ana Lúcia Gomes da Silva / Zuleide Paiva da Silva / Marilene dos Santos Queiroz	
1 - POTENCIALIDADES, DILEMAS, E ABERTURAS NA ESCRITA DO DIÁRIO DE AULA-PESQUISA <i>ON-LINE</i> : PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FEMINISTAS EM COM-POSIÇÃO	17
Ana Lúcia Gomes da Silva / Zuleide Paiva da Silva / Marilene dos Santos Queiroz	
2 - ENTRE GIROS: ESCRITURAS DOS FEMINISMOS	39
Ione Araújo dos Santos	
3 - RASURAS FEMINISTAS EM RACHADURAS DECOLONIAIS	61
Marihen de Souza Nogueira	
4 - DESASSOSSEGOS E ECOS DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM PEDAGOGIAS FEMINISTAS E DECOLONIAIS	73
Girleide de Jesus Almeida / Larissa Carolina Barbosa Aliberti / Silmária Ribeiro.....	
5 - EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS EM UM DIÁRIO COM OLHAR DECOLONIAL.....	91
Ana Lúcia dos Santos / Luane Rios dos Santos Mota	
6 - UM DIÁRIO DA FORMAÇÃO DE UM VIADO PROFESSOR-PESQUISADOR	109
André Luiz Souza-Silva	
7 - “EXPOR-SE E DIS-POR-SE”: NOTAS DECOLONIAIS DAS ESCRITAS DE SI	123
André Luiz de Araújo Lima / Josianne Pereira Pinto do Zaco / Marcieni da Silva Vieira	

8 - DIÁRIO DE BORDO COLABORATIVO: EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS	145
Érica da Silva Oliveira / Gercilene Meireles / Larissa Leslie Sena Fiuza Bispo / Marceli Cedraz da Silva	
9 - DIÁRIO DE BORDO-PESQUISA COLABORATIVO: PAUTAS FEMINISTAS EM DEBATE	163
Ariane Confessor de Carvalho Ribeiro / Nayara Cunha da Silva / Suzane Sales de Souza	
10 - ENTRE OLHARES DECOLONIAIS E ESCRITAS FEMINISTAS: REFLEXÕES SOBRE PEDAGOGIAS E EPISTEMOLOGIAS EM CONTEXTO ACADÊMICO-SOCIAL.....	187
Karine de Assis Oliveira Soares / Kenia Adriana Reis e Silva / Maria Beatriz Dias Coutinho	
11 - EXPERIÊNCIAS DIARIZADAS - UM GIRO PELAS RODAS DE CONVERSA COM AS PEDAGOGIAS FEMINISTAS E AS EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS.....	207
Laís Oliveira Abreu / Ivan Vilaça Santos / Luna Layse Almeida da Silva	
12 - MULHER, CAMPO, AGROECOLOGIA: TESSITURAS DE SOBRE(VIVÊNCIAS) ..	227
Ivanete Araújo Silva / Karole Pereira Silva / Sirlei Aparecida de Almeida Ribeiro	
13 - DISCURSIVIDADES FEMINISTAS DECOLONIAIS: NARRATIVAS COMO POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIA E (AUTO)TRANSFORMAÇÃO	241
Franciele Reis Messias / Gildeanny Ferreira Oliveira / Kacilda Lino da Silva Guimarães	
14 - PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS: REGISTROS DE REFLEXÕES E REBULIÇOS	265
Cleber Lúcio Sousa Santos / Herlanne Nascimento / Talita Gomes	
SOBRE AS AUTORAS/ES	283

PREFÁCIO

Nesta coletânea as experiências (auto)formativas na educação universitária são tornadas conscientes pelo compartilhamento interativo e registradas em diários reflexivos em torno das Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais, gerando a curiosa novidade de conhecimento produzido por uma episteme festiva e dançante que convida a leitora, o leitor à leitura das inteligências sensíveis ao se manifestarem através das experiências-experimentos nas rodas de conversa propostas no componente *Epistemologias Feministas e Epistemologias Decoloniais*.

O convite está feito e o salão foi aberto para que leitoras e leitores se apropriem da discussão ao adentrarem às reflexões produzidas das experiências de professoras(es) da Educação Básica, da universidade e ativistas de movimentos sociais e se perguntarem sobre as pedagogias feministas em suas práticas educativas, deslocando o pensar, deformando formas e fórmulas prontas de existência impostas por colonialismos que modificam as palavras, a fim de produzirem os mesmos efeitos de submissão nos corpos, aprisionando-os em lugares determinados para mulheres e homens do projeto político-pedagógico na universidade ao currículo escolar.

Ao tomar este livro como metáfora de um espaço festivo e dançantes, leitoras e leitores podem abordar os compartilhamentos de experiências apresentadas ao longo de sua leitura como uma dança que ocorre num salão no qual as parceiras e os parceiros são chamados de dentro de si a interagir corpo-a-corpo em gestos e dobras que sinalizam suas intenções de encontro solidário na prática em pares, em trios, quartetos e coletividade ampla a produzirem

saberes, sabores e sentidos nos ritmos tocados naqueles momentos de encontro.

Cada texto é uma performance de autorias que se ousam no salão a desafiar instituídas formas de aprisionamentos femininos, ora formando girassóis de gente em rodas de conversa em busca do sol que alimenta e nutre uma proposta de universidade na qual nossos sentimentos, nossas dúvidas, nossas incertezas e entendimentos sejam acolhidos metodologicamente perguntando sobre as Pedagogias Feministas em nossas práticas educativas, ora formando redemoinhos dialógicos em correntes de retorno a partir de pedras no meio da reflexão coletiva.

As mãos se entrelaçam com aquela potência de performatizar o saber no rodopio inesperado que o pensamento dá na gente, e no salão deste livro suas autoras e autores formam pares e ninguém pisa no pé de ninguém no acordo dialógico que acolhe a diversidade com sentidos que metamorfoseiam e transformam a cada uma, a cada um, no processo reflexivo de dentro de si e por dentro de nós, produzindo respostas que conduzem a novas perguntas em torno das pedagogias feministas e das epistemologias decoloniais.

As experiências diarizadas apontam para uma experiência de fazer-junto, como bem colocado pelas autoras/organizadoras dessa coletânea. As várias vozes aqui reunidas é uma polifonia feminista: negra, transfeminista, candomblecista, angoleira, acadêmica, entre tantas expressões que reagem as opressões do pensamento colonial que nutre os sistemas patriarcal, racista, capitalista e heterocisnormativo.

Os escritos aqui reunidos resultam de uma imersão nos estudos feministas e epistemologias decolônias onde o dispositivo da conversa fez das telas dos computadores uma grande roda de diálogo, depois traduzida no *Diário de pesquisa-bordo* por meio da escrita colaborativa – criativa. Como nos ensina bell hooks em seu livro *Ensinando Pensamento Crítico* (2020), educadoras e educadores têm se desafiado a estudar e aprender outras formas de pensar

e ensinar, confrontando os sistemas de dominação imperialistas, racistas, machistas, elitistas e de classe, criando conforme ensinou Paulo Freire (2006), uma pedagogia da esperança, baseada na experiência das mulheres negras e entendida como um processo de educação libertadora.

Retomando a metáfora desta coletânea como um espaço festivo e dançante de compartilhamentos de experiências, o ensinamento de bell hooks enfatiza a importância do aprendizado coletivo entre educadoras-es e educandas-os, atentando sobre o respeito ao conhecimento e a experiência de vida das/dos que pretendem aprender. Imaginamos que esse processo colaborativo-criativo da escrita, corrobora com o propósito de uma pedagogia da esperança que nos liberta pela educação. A pedagogia da esperança é, pois, esse trilhar do ensinar e aprender reconhecendo na educação um espaço de ação política e de prática da liberdade.

Essa coletânea que reúne uma polifonia feminista se apresenta, pois, como uma possibilidade de caminhos para ensinar, aprender e pesquisar de maneira horizontal, sem, contudo, deixar de reconhecer as diferenças que nos conformam e mesmo, as relações de poder que definem assimetrias. Por essa razão, as epistemologias feministas e descoloniais, só podem enfrentar a opressão e as desigualdades se reconhecem a interseccionalidade dos marcadores sociais de opressão como um dispositivo analítico e metodológico que nos auxilia não apenas na leitura da realidade social e das possibilidades de intervenção, mas, sobretudo, como enfrentarmos às pedagogias hegemônicas que submeteram/submetem as/os estudantes.

A insurgência a essa pedagogia dominante, como nos diz Miguel Arroyo, [...] “proporciona questionamentos sobre políticas que conferem nova radicalização ética-política ao pensamento pedagógico, à educação” (Arroyo, 2019, p. 2) O projeto colonizador, sempre atualizado pelas elites, vem sendo questionado e confrontado pelas epistemologias decoloniais, feministas que, ao longo da história vem demonstrando como se configurou o sistema de opressão social, ali-

mentado pelo racismo, pelo sexismo, pela heterocisnormatividade e pelo pensamento fundamentalista cristão.

Desejamos que a leitura prazerosa desse compartilhamento de experiências -fazer seja capaz de alargar os nossos sentimentos e desejos por uma prática educadora humanizada e libertadora.

Amélia Santa Rosa Maraux
Universidade do Estado da Bahia- UNEB

Joselito Manoel de Jesus
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Referências

ARROYO, Miguel. Paulo Freire: outro paradigma pedagógico? **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.35, p. 1-20, jan./dez. 2019. Dossiê Paulo Freire: O legado Global. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698214631>. Acesso em 2.ago.2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. 245 p.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

APRESENTAÇÃO

POR UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA FEMINISTA ENCARNADA E DECOLONIAL: EXPERIÊNCIA DIARIZADA NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

Ana Lúcia Gomes da Silva,
Zuleide Paiva da Silva,
Marilene dos Santos Queiroz

A coletânea intitulada *Experiências (auto)formativas diarizadas na Educação universitária: pedagogias feministas e epistemologias Decoloniais*, é resultado do componente **Epistemologias Feministas e Epistemologias Decoloniais**, ofertada no semestre 2022.2, na modalidade *on-line*, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da Universidade do Estado da Bahia-campus IV e XIV Jacobina e Conceição do Coité.

Ao tomarmos a experiência-experimento como mobilizadores da nossa (auto)formação, realizamos a imersão de dentro/por dentro da experiência através da conversa como dispositivo de ensino com/ como pesquisa e a Roda de Conversa como procedimento das aulas, estas, adotando os encontros, como acontecimentos, pois neles a conversa vai para onde sequer podemos prever, é devir, ainda que cada tema fosse mobilizador para entrarmos na roda e iniciarmos a conversa.

Impossível não nos perguntar: Como o feminismo é recorrente em nosso fazer profissional de ensino, pesquisa e extensão? Como o produzimos em nossas vidas cotidianamente? Quantas (de) formações e (trans)formações operamos em nós e nos estudantes, colegas de docência, de codocência e técnicos/as, através de nossas pesquisas, nossas ações e experiências-experimentos através de práticas pedagógicas feministas? O que concebemos como práticas pedagógicas feministas? Estas questões foram apenas as que mobilizaram as duas rodas iniciais.

Alertamos as leitoras e leitores, que o objetivo desta coletânea é que a universidade seja cada vez mais um espaço desejante para todes: técnicos/as, estudantes, docentes, comunidade externa, movimentos sociais, organizações não governamentais, dentre outros, pois longe de querermos responder as questões aqui anunciadas, queremos que elas nos desassosseguem, movimentem e que cada narrativa diarizada possa fomentar a conversa-ação com cada um e cada uma de nós, lançando fagulhas de pistas que nos moveram em busca de respostas que são sempre provisórias e inacabadas, tomando o engajamento e a rebeldia como insurgências para produção de práticas pedagógicas feministas, cujas respostas são múltiplas e contextualizadas. Tomando a circularidade como um processo contínuo deste experienciar.

Aprendemos colaborativamente e coletivamente que uma prática pedagógica feminista se produz com a escuta, a tematização da prática, que é a reflexividade e não o julgamento, atentas e atentos aos dilemas pedagógicos, que nos desafiam como caminhos que se abrem e se produz enquanto se caminha. Os nossos passos ora oscilantes, ora mais potentes, ora mais incertos, tinham como centralidade o exercício do pensamento, que nos desloca a partir do olhar para si, para dentro, a fim de ampliar o olhar para fora, tecendo com o outro outros modos de habitar a docência com/como pesquisa e outros modos de pesquisar. O duplo exercício do pensamento foi nos reunir nas rodas após as leituras prévias indicadas, para pensar com o outro, experienciando o pensar e pensando a experiência que cada roda provocava. Habitando as curvas, das trocas propiciadas

pelo encontro, nos colocamos em movimento, gingando a girar em rede feministas.

Fomos, pois, estreitando as relações com a turma no síncrono das rodas e falas no *chat*, e no assíncrono, nas “rodas estendidas” como nos convidam (Salvadori J; Silva, A. L, 2022)¹, potencializado a sala de aula virtual - *Google Classroom* - com as conversa-ações, leituras entre pares e o grupo do *WhatsApp*. Assim, tomamos a conversa, estendida no síncrono e assíncrono, nas aulas *on-line*, reuniões no *Google Meet* e pelo *WhatsApp*, como dispositivos de formação-intervenção do ensino com/como pesquisa. Nas madrugadas e fins de semana afora, inquantificáveis, estendemos a hora-aula, para qualificar como vivência/evidência/vidência de formação, e seus desfazimentos, a constituição de nossas professoralidades.

O movimento da ginga e do caminhar pelos temas estudados em cada roda de conversa, provocava em nossos corpos, sentimentos, memórias, rebuliços, afetos alegres e tristes, alegrias e pulsão de vida, aprendendo que encurtar, aligeirar o entre viver e educar, fragilizam as aprendizagens e a construção do *ethos* da confiança. Foram precisos pausas, reuniões, esclarecimentos, para que estivéssemos todes com um objetivo em comum no plano da heterogeneidade, sem a reduzir, mas sim, afinar a melodia, os movimentos, para gingar nas rodas: aprender mais e mais sobre pedagogias feministas e suas epistemologias, considerando os ritmos de cada um e cada uma, suas experiências, suas trajetórias de docência, de pesquisa, e de vida-formação. Tomando os corpos e os afectos² como mobilizadores deste tear feito e experienciado por várias mãos.

- 1 Para aprofundamento ver: Docência-formação e professoralidade: a conversa para aprofundamento. ver: SALVADORI, J.; SILVA, A.L. Docência-formação e professoralidade: a conversa estendida nos giros das rotações por estação. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 14, n. 3, p. 104-126, set./dez. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/69770>. Acesso em: 31 jul. 2023.
- 2 Tomamos afecto/afectos na perspectiva da filosofia da diferença, inspiradas em Gilles Deleuze e Félix Guattari que desenvolveram esses dois conceitos para pensar a obra de arte: perceptos e afectos como sendo um bloco de sensações. São os afectos que produzem a sensação, eles que são colorantes, são texturantes, são solidificantes ou liquefiantes... que fazem as passagens de estados de sensações. É o devir. Ver: PASQUALI, Lanussi (org.). **A Arte Contemporânea e o Pensamento da Diferença**. Textos de Cristina Pescuma e artistas convidados. Salvador: Blade. 2013. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=VCxFAgAAQBAJ&pg=PT3&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false. p.143. Acesso em 31 jul. 2023.

Buscamos realizar o que Simone Berle e Walter Kohan (2019)³ nos convocam a fazer: problematizar o lugar dos corpos na educação, e mais precisamente nas aulas, na Educação Básica, na universidade, investindo em práticas pedagógicas feministas que desobedeçam a padrões que nos fixam e nos silenciam, disciplinam corpos e mentes. Fazer da pesquisa e do ato de pesquisar, nosso mote de escrita, nossos estudos e nossas vidas, constituídas nos encontros com/no coletivo, buscando outras formas de exercer o poder no seu jogo de forças, desenhando e narrando os caminhos por onde temos passado. Experimentar o pensar, e pensar a experiência que gestamos, provocando o ensinar como um modo de entender, que supõe e provoca pesquisar.

Dito isto, expressamos que o desejo das organizadoras é tornar possível não apenas a publicação desta coletânea, mas de uma coleção com *Epistemologias feministas e epistemologias Decoloniais*, que se traduza como uma “pedagogia da esperança” (Freire, 2014)⁴ tendo o amor descrito por bell hooks (2020)⁵, como central, pois este, longe de ser piegas, é fundamento para a mudança social e por uma educação com justiça social, e esta pedagogia da esperança está para nós como o que Catherine Walsh, (2013) cunha de “esperança pequena”⁶, que desejamos expressar nos vários volumes da coleção, fazendo passagem por distintos gêneros textuais, tais como: cartas, fotobiografias, almanaques, narrativas orais, videodocumentários, cartografias, entremeados por textos multimodais, pois temos clareza que apenas a escrita não dá conta das expressividades dos corpos e suas distintas histórias e linguagens que os constituem.

3 Ver KOHAN, Walter; BERLE, Simone. Experimentar o pensar, pensar a experiência: notas sobre um coletivo em educação. In: GUEDES, Adriane Ogêda; RIBEIRO, Tiago. (org.). **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.p.217-249.

4 FREIRE, Ana M. A. Notas explicativas. In: FREIRE, Paulo (org.). **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 273-333.

5 hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.p.260.

6 WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re)vivi. t. II. Serie Pensamiento decolonial. 2017.p.553.

bell hooks, (2017) nos deixou extraordinário legado, destacando que “a verdadeira teoria passava pela prática”⁷. Ou seja, é preciso fomentar, engajar, cartografar os desejos dos/das estudantes, e agir para mobilizar distintos modos de dizer: escrevendo, cantando, performando cenas, pintando, fotografando, pois apenas o texto escrito não dá conta de expressar. Ela nos convoca a adotar uma posição de observação em relação às experiências em sala de aula, percebendo sobretudo, àqueles/as que estão silenciados/as, pois eles não são silenciosos/as, foram silenciados/as, afastados/as de discussões, ou que se incomodavam com determinados assuntos. E por que se incomodavam? Queremos saber os por quês?

A autora bell hooks (2017), amplia nossa concepção de prática e observação atenta de cada estudante e de nós mesmas em sala de aula, ao convocar a experiência como elemento central no processo de ensino e de aprendizagens. Para hooks (2017, p. 122), [...] “a experiência pode ser um meio de conhecimento e pode informar o modo como sabemos o que sabemos”. Uma vez conectado com cada estudante, um dos nossos modos de agir docente é acolher e amar para dar visibilidade à sua vida, seus corpos, seus marcadores sociais, considerando as diferenças, a individualidade, os modos de existência de cada um/a. Não tem nada de piegas no amor descrito e vivido por bell hooks. Pelo contrário, ele é um ato político que pelo afeto descrito pela teórica- ativista, mobiliza e une as pessoas em grupo, fortalece as comunidades, amplia nossa leitura sobre o mundo. Constrói lugares e espaços possíveis.

Advogamos que as experiências produzidas por todas e todos nós, com as nossas escritas da experiência diarizada na Pós-Graduação em Educação e Diversidade, reverbere, provoque rasuras e desejos de mergulhar na educação com/na/pela diversidade, nos movendo em buscas de práticas pedagógicas feministas que nos inspire aprendizagens nômades, inclusivas e libertadoras em todas as dimensões humanas.

7 Ver para aprofundamento: hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.p.553.

Recebam com afeto político nosso convite de leitura. Um convite para ter e fazer-se amor. Leiamos com o corpo inteiro, cada diário, saboreando, sentindo os cheiros e sendo afetadas por estas experiências plurais, articulando a insurgência e (re) existência como uma metodologia minúscula, que irrompe pelas fendas e brechas!!

1

POTENCIALIDADES, DILEMAS, E ABERTURAS NA ESCRITA DO DIÁRIO DE AULA-PESQUISA ON-LINE: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FEMINISTAS EM COM-POSIÇÃO

Ana Lúcia Gomes da Silva
Zuleide Paiva da Silva
Marilene dos Santos Queiroz

Iniciamos nosso diário coautoral tecendo em trio, composto pelas professoras e pela monitora do componente *Epistemologias feministas e epistemologias Decoloniais*, componente optativo do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da Universidade do Estado da Bahia, nos *campi* de Jacobina situado no Território Piemonte de Diamantina e Conceição do Coité no Território de Identidade do Sisal, pelo meio, no fluxo, em virtude do movimento emergente provocado, por inquietações, dilemas, recalitrâncias afetos e potencialidades autorais e coautorais insurgentes, deslocadoras, que a experiência com a escrita e a avaliação do diário de aula/pesquisa, entre pares, tendo como parâmetro a rubrica de avaliação¹, desencadeadas em docentes e discentes, quer da graduação, quer da pós-graduação.

1 Rubrica de avaliação com os critérios apresentados à turma na segunda aula, junto com os instrumentos avaliativos do semestre e disponibilizada na sala do *Google Classroom* para contribuições do coletivo, após apreciação. Ver: https://drive.google.com/file/d/1CSWX4gRO_hS1z3IEERCdtH-AQl_fYz8s/view?usp=drive_web&authuser=1. Acesso em: 27 out. 2022

Porém, antes de refletirmos sobre as inquietações provocadas pela experiência da escrita e avaliação do diário *on-line* vivenciada no referido componente, abrimos aqui um parêntese para pontuar que o mesmo foi criado em 2016, pelas professoras, Claudia Póns Cardoso, (Zul)Eide Paiva da Silva e Cláudia Andrade, para compor a matriz curricular do curso de Especialização em Gênero, Raça, Etnia, Sexualidade na Formação de Educadoras(es), ofertado gratuitamente em 2017, na modalidade semipresencial, pelo Diadorim-Centro de Estudos de Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade, CEGRES-DIADORIM, órgão suplementar da Universidade do Estado da Bahia-UNEB

A estrutura curricular da Especialização oferecida pelo CEGRES-DIADORIM compreende um conjunto de 12 componentes, totalizando 770h, sendo *Pedagogias feministas e epistemologias Decoloniais*, um componente obrigatório de 60h. Em conjunto os 12 componentes da especialização têm o propósito de:

i) Problematizar e desconstruir os discursos produzidos pela matriz de poder colonial que circulam na sociedade, sobretudo no espaço escolar, e em diferentes práticas sociais, com ênfase nos discursos estéticos e dos corpos, destacando nessas textualidades questões feministas, de gênero, raça/etnia, sexualidades, geração, idade e classe social; ii) refletir sobre as vivências dos sujeitos desde lugares situados marcados por gênero, raça/etnia, sexualidades, classe com vista à formulação epistêmica de pedagogias feministas decoloniais, que produzam processos criativos e outros caminhos para aprender a desaprender e reafirmar novas existências (Cardoso; Silva, 2021, p. 21).

A Especialização do CEGRES-DIADORIM, também vale pontuar, teve como público envolvido prioritário, professoras(es) da Educação Básica e representantes dos movimentos sociais. Essa prioridade levou em conta a importância de potencializar o acesso, por um lado, à informação que permita a desconstrução de precon-

ceitos de gênero, raça/etnia e sexualidade na escola, e por outro, a práticas e materiais pedagógicos que contribuam para isso.

Reconhecendo a potência do componente *Pedagogias feministas e epistemologias Decoloniais* para o exercício de descolonização do pensamento e das práticas pedagógicas, em 2018, o mesmo foi reorganizado pela professora Eide Paiva, proposto e inserido na estrutura curricular do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade -MPED como componente optativo (45h). Em 2019, pela primeira vez, este componente foi ministrado presencialmente no Campus de Conceição do Coité, pela professora Eide Paiva, que trabalhou o seguinte Conteúdo Programático, adotando a roda de conversa como metodologia de ensino e aprendizagem:

1. Pesquisa Aplicada em Educação e os Ateliês de Pesquisa como dispositivo formativo e autoformativo;
2. Escrita criativa;
3. Lugar de fala: Implicações decorrentes de se pensar e educar a partir de uma epistemologia ou de uma teoria feminista;
4. Pedagogias feministas e epistemologias descolonizadoras a partir da perspectiva dos marcadores sociais e ontológicos;
5. Conhecimento situado e produções/posicionamentos decoloniais;
 - 5.1 Pensamento de Mulheres Negras;
 - 5.2 Paradigma de Exú. Interseccionalidade;
 - 5.3 Feminismo angololeiro. Pedagogia da ginga;
 - 5.4 Feminismo Lésbico e as organizações lésbicas;
 - 5.5 Produção escrita de lésbicas;
 - 5.6 Lesbianidades e pedagogia feministas;
 - 5.7 Feminismo periférico;

Como pode ser observado, a escrita criativa está na gênese do componente. Mas, foi na turma de 2022, provocada pela professora Ana Lúcia, que essa escrita emergiu como potência transformadora, inquietação que desloca, em formato de diário virtual.

Feito esse registro, fechamos o parágrafo anteriormente aberto ressaltando que a primeira turma do componente Pedagogias

Feministas e Epistemologias Descoloniais do MPED, oferecida em 2019, foi composta por 14 estudantes, sendo 3 regulares. Dentre as estudantes com matrícula especial, destacamos aqui Daniele Ferreira, egressa da Especialização do CEGRES-DIADORIM e Marilene Queiroz, coautora desse diário, que em 2020 e 2021 ingressaram no MPED como alunas regulares, orientadas pela professora Eide Paiva.

A experiência de vivenciar o Componente Curricular, no referido ano, constituiu-se para mim, Marilene Queiroz, como um divisor de águas no processo formativo acadêmico. Reafirmou a certeza da continuidade pelas tessituras das Pedagogias Feministas, movimento que iniciou na pesquisa e escrita, orientada pela professora Lúcia Barbosa na graduação de Licenciatura em Pedagogia, vivenciada no Departamento de Educação - DEDC *Campi XI* UNEB, bem como a concretude de um sonho, o ingresso enquanto aluna regular do MPED. Naquela experiência o Componente Curricular permitiu, através de sua metodologia circular feminista e decolonial, a amplitude de referências e dialogicidade que auxiliaram na estruturação do pré-projeto de pesquisa para seleção- aprovação no referido programa e hoje, na turma de 2022, o estabelecimento da parceria deslocadora e afetuosa de codocência monitora com as professora Eide Paiva e Ana Lúcia.

A turma de 2022, por sua vez, é constituída por 43 estudantes, matriculados em dois diários de classe, sendo 23 (13 regulares e 10 especiais) no diário de classe da professora Eide Paiva e 20 (entre regulares e especiais) no diário de classe da professora Ana Lúcia. Além de estudantes regulares e especiais, a turma foi constituída por uma professora convidada (Amélia Maraux) e um professor convidado (Joselito Manoel de Jesus) que acompanham/aram as aulas, bem como, pelo público externo e por diferentes convidados/as que participam pontualmente dos encontros *on-line* que ocorreram às segundas-feiras, 19h, via *Google Meet*.

Os encontros *on-lines* foram estruturados por 11 Rodas de Conversas com as presenças das/os/es convidadas/os/es: Laís Abreu, Mestra em Educação e Diversidade; Daniela Auad, profa. Dra. Titular da UFJF e da UFSCar; Vércio Gonçalves, prof. Dr. em UFOP; Ângela Figueiredo, profa. Dra. da PPGCS/UFRB e PPGNEIM/UFBA; Amanda dos Santos, Mestra (MPED/UNEB) e profa. da Educação Básica; Mariana Rodrigues, Doutoranda na Ohio State University e coordenadora do LesboCenso; Dayanna Brunetto, profa. Pós-Doc em UFPR, Ativista LBL e Rede Lesbi; Thiffany Odara, pedagoga Yalorixá Mestranda no PPGEduc; Marcelo Arouca, pedagogo, prof. Mestre e Educador Social; Janja Araújo, Dra. profa. do PPGNEIM/UFBA e do PPG em Difusão do Conhecimento UFBA; Iris Verena Oliveira, profa. do Colegiado de História DEDC-XIV e do MPED/UNEB; Vaneza Oliveira, profa. da Educação Básica, Mestra MPED/UNEB, Coletivo Mãe Marieta; Raphaella Oliveira, Mestra em Crítica Cultural da UNEB, profa. na prefeitura municipal de Salvador.

Dentre as rodas que exalavam ginga, gira e samba em redes feministas, destacamos:

- 1 Prática de Pedagogias Feministas;
- 2 Topografias Feministas;
- 3 Epistemologias Lésbicas;
- 3 Pensamento de Mulheres Negras;
- 4 Pedagogia de Favela e Pedagogia da Desobediência;
- 5 Escrivências como concepção Onto-epistemológica;
- 6 Pedagogia para TransEducar.

Retomando a conversa sobre o movimento emergente em função da escrita criativa que está sendo trabalhada como diário *on-line*, ressaltamos que inicialmente as inquietações acerca do diário reverberaram na turma entre colegas e discentes e dentre estas, destacamos a seguinte provocação, explicitada e narrada no texto intitulado “Diários de Aula Virtual e a (Auto)formação na

pesquisa em redes colaborativas² (Silva A. LG; Abreu L. O; Souza, V.O 2020, p.114), que reflete como as estudantes foram desafiadas e o que sentiram inicialmente com a proposta de escrita dos diários.

Estranhamento decorrente da ousadia das inúmeras proposições. Dentre os novos procedimentos metodológicos propostos para o componente estavam justamente os diários de aula. O cronograma das aulas, detalhado em 10 páginas, trazia estrutura das aulas, critérios de avaliação e logo abaixo dos nove critérios avaliativos constava a seguinte observação: Todas as estudantes elaborarão/entregarão ao final da Unidade I o diário das aulas com a autoavaliação pessoal e do grupo seguindo os critérios registrados no plano do referido componente curricular. Imersas nos modelos formativos experienciados na graduação e cursos de especialização, assim como em nossas práticas profissionais, considerando que nove das treze alunas são professoras da Educação Básica, não estávamos familiarizadas com a proposta, pois até então não era habitual para a grande maioria o uso do diário (Extrato do diário de Laís Abreu).

Decorrente dessa falta da familiarização fomos ao longo do semestre negociando as compreensões acerca do gênero a ser produzido, a criação do *ethos* da confiança, a fim de que o medo de se lançarem na escrita e de se exporem fossem paulatinamente sendo dissipado, conforme relatam as estudantes de modo detalhado. Ao final do semestre, propusemos que narrassem sobre a experiência em um vídeo breve, *Os sentidos do diário de aula/de pesquisa para os sujeitos que vivenciaram esta escrita* – disponível no YouTube, a fim de que pudessem olhar retrospectivamente para a mesma e

2 Ver artigo completo em SILVA, A.L.G.; ABREU, L.O.; Souza, V.O. de. Diários de aula virtual e a (auto)formação na pesquisa em redes colaborativas. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v.10, n. 2, p. 110 – 123, 2020. Número Temático. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8717>. Acesso em: 31 mar. 2022.

refletirem. Nele as mestrandas nos apresentam os sentidos sobre a experiência dessa escrita ao longo do semestre, ao rememorar este gênero textual e nos inspiraram a produzir o nosso em coautoria.

Imagem 1: Os Sentidos do diário de aula/pesquisa virtual para os sujeitos da escrita



Fonte: Os sentidos...(2021).

Ainda como resultado da experiência com o diário de aula/pesquisa, a primeira autora escreveu e apresentou a experiência com a mesma turma do referido programa no II Encontro Regional Norte-Nordeste na ABCiber intitulado: “Ateliês de pesquisa e diário de bordo *on-line* como dispositivos formativos e auto formativos”³

Na experiência com a graduação em Letras, a experiência foi realizada em Estágio Supervisionado I no semestre 2022.1 no curso de licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Literaturas⁴ e teve

3 Artigo apresentado por Ana Lúcia Gomes da Silva no Eixo Temático 1: Educação e Comunicação na Ciberultura, do II Encontro Regional Norte-Nordeste da ABCiber. Aracaju, SE, 21 a 22 de novembro de 2019. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/abciber/article/view/12998>. Acesso em: 3 nov. 2022.

4 As docentes do referido componente foram Ana Lúcia Gomes da Silva e Thais Nascimento Santana, ambas da Uneb, Jacobina. A experiência resultou no artigo intitulado: **Pesquisa-formação no estágio supervisionado: escrita colaborativa do mini glossário pedagógico digital**, apresentado no VI SEMINÁRIO DO FORTEC (Tecnologias, Cultura Digital e Perspectivas para Formação Presencial e a Distância) e o III SEMINÁRIO DE (MULTI)LETRAMENTOS, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS – SEMET, 5 a 7 out. 2022. ANAIS III SEMINÁRIO DE (MULTI)LETRAMENTOS, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS – SEMET Temas emergentes, currículos e práxis de resistência na Educação. Disponível em: Seminário Integrado ForTEC - GEPLET even3.com. Acesso em: 27 nov. 2022.

como centralidade a observação de aulas nas escolas e em espaços educativos não formais, a fim de tematizar a prática pedagógica docente e refletir sobre o ensino com/como pesquisa. A experiência foi desafiadora por razões distintas, mas no geral inferimos que os desafios da escrita colaborativa forjaram a responsabilidade responsiva entre os grupos de trabalho e estudo, além de provocar (des)fazimentos quanto ao ideal de escrever um texto e tê-lo como final, completo e pronto numa única escrita. Emergiram ainda os desafios quanto a: resistências quando as reescritas eram solicitadas, falta de corresponsabilidades com a escrita da/o colega e de outros grupos, provocando reflexões, durante as orientações e as aulas.

De igual modo nas experiências com a Pós-Graduação ao serem convidadas e suscitadas a darem acesso aos seus diários para a leitura entre pares, a apreciação do texto e provocações, contribuições, provocou um alvoroço nas turmas. Sendo bem mais problematizador e delicado, nesta última de epistemologias feministas. Destes episódios podemos inferir diante do alvoroço, que os diários eram concebidos com um texto memorialista fechado para as leituras colaborativas e avaliativas entre pares. Ao propormos que o objetivo central seria conhecer o que cada um/a estava refletindo sobre os temas estudados, para aprendermos colaborativamente, nos aproximarmos da/do colega, dialogar mais e entreter a conversa, fomos criando o *ethos* da confiança ao longo do processo; outro aspecto inferido diz respeito ao convite a outra cultura de avaliação até então não experienciada-experimentada pelas turmas; o diário era visto como um texto íntimo, que guarda em si segredos, e não como uma escrita implicada e autoral, que se abre para expor-se, e dis-por-se a ser lido, comentado, problematizado, provocando abalos em cada um/a através de novos pontos de vistas sobre o que apresentávamos em nossos textos.

O conceito de diário de aula virtual tem sido cunhado como múltiplo pois o percurso inicial de escrita é mais intimista e individual enquanto não é partilhado com o *link* aberto na sala do *Google Classroom* para leitura, comentários, provocações, sugestões,

elogios, acolhimento e estranhamentos. A partir deste momento ele se torna um texto tanto individual quanto coletivo entre pares, que tendo como referência a rubrica de avaliação/barema apresentado no início do semestre para a turma, fica em aberto para contribuições dos/das estudantes. O terceiro movimento de multiplicidade diz respeito a criação do *ethos* da confiança e do processo autoformativo que ele produz em cada sujeito e que trataremos posteriormente neste texto. Esta atitude do terceiro movimento implica tomar a experiência como autoformação que se dá no coletivo tomando como ponto de chegada-partida as discussões como “modos de conhecer radicados na experiência” como nos ensina bell hooks (2017). É sobre esta experiência e seus atravessamentos que as autoras tecerem o diário *on-line* polifônico com suas miradas de olhares plurais para as paisagens-rodas do componente, ao modo escrita-rizoma.

Retornemos, pois, a informação inicial para contextualizar que a terceira autora, além do exercício de codocente atuou também como monitora do componente citado, atuação esta, quase inaugural⁵ no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da Universidade do Estado da Bahia-campus Jacobina e Conceição do Coité, que neste semestre 2022.2, quando do retorno às atividades 100% (cem por cento) presenciais, ofertou totalmente *on-line*, em seu edital para estudante especial, porque o mesmo, aderiu ao Programa Internacional Latino América (PILA), a fim de diversificarmos experiências com estudantes e docentes-pesquisadores dos países latino-americanos e estreitarmos ações de ensino, pesquisa e extensão, a fim de criarmos redes.

Esta ação foi coordenada pela Secretaria Especial de Relações Internacionais da Uneb, (SERINT), mas infelizmente não tivemos inscritos. Por outro lado, o componente teve mais de cinquenta inscritos para dez vagas, vindos de distintos territórios brasileiros

5 Quase inaugural porque nosso primeiro monitor voluntário no referido Programa foi o mestrando Roberto Santos Teixeira Filho, da 1ª turma do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), no componente Pesquisa Aplicada à Educação I (2016), tendo como codocentes Ana Lúcia Gomes da Silva e Jerônimo Jorge Cavalcante Silva, a primeira, orientadora do referido monitor.

e de outro país, como por exemplo, Portugal. Foram aprovados 43, e frequentaram um total de 40 estudantes devidamente matriculados/as, conforme ressaltamos no parêntese anteriormente aberto. Tivemos apenas 3 desistentes. Os 40 estudantes que realizaram o referido componente vieram de distintas regiões brasileiras a saber: São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Paraíba e Piauí.

Concebemos, pois, os diários de aula/pesquisa/bordo/ como dispositivo de pesquisa na produção de dados e também (auto) formativo que toma e experiência como formação na perspectiva de Jorge Larrosa (2017). Nos dedicamos agora a pensar a noção de experiência a partir da ideia defendida por ele, sobretudo, no que diz respeito a compreensão de acontecimentos e afetações que não estão sob o nosso controle. A proposta do diário *on-line* se caracteriza pela formação dialógica, horizontalizada, interrogante e de abertura para debatermos os dilemas, desafios da escrita do gênero diário, da escrita colaborativa, da riqueza que o diário potencializa nos registros do percurso da experiência e no movimento de leitura, releitura, reescrita e finalmente a publicação.

As riquezas e desafios, resistências, aberturas e fechamentos neste processo de escrita, são emergências que não estão sobre nosso controle e por isso mesmo, nos provoca, afeta e desafia a continuar ao invés de desistir nas primeiras recalcitrâncias, reclamações, resistências, e medos por parte da turma, assim como euforia, potencialidades da descoberta da escrita autoral, multimodal e multissemiótica, inventiva e artística. Não podia ser diferente!!!

Segundo a profa. Edméa Santos (2018) com a emergência das práticas de educação *on-line* e dos potenciais dos ambientes virtuais de aprendizagem, os diários *on-line* começam a indicar possibilidades concretas na mediação de processos reflexivos (na ação e sobre a ação) em cenários de ensino e pesquisa-formação. No nosso componente Epistemologias feministas e epistemologias decoloniais, além de ser um instrumento de avaliação de uma das

unidades letivas, a turma propôs que ao invés de um artigo final para a coletânea como resultado do componente, os próprios diários como dispositivo de aula/pesquisa e como gênero textual, fossem os textos para publicação na coletânea. A ideia foi aplaudida e teve acordo de toda turma.

Embora o gênero diário seja considerado uma escrita “intimista”, o tomamos como narrativas de formação, que dispara e provoca sentimentos, críticas autocríticas, como um convite ao nosso processo de autoformação de modo coletivo, bioético, dialógico, nos atos de currículo que acionamos em cada aula, assim como nas atividades assíncronas e síncronas que movimentam as escritas, leituras e reflexões nas Rodas de Conversa, tomando a alteridade e cuidado de si, na perspectiva apresentadas por Geraldi, Fichtner e Benites (2007, p.7), ao nos ensinarem com a humildade intelectual que “[...] um pensar não-estéril implica necessariamente um pensar com os outros. Pensar por si é pensar com os outros”. No que Ailton Krenak – acrescenta acerca da educação e da escola “[...] espaço de pensar por si com o outro, de tornarmo-nos aldeias afetivas e colaborativas, sujeitos coletivos” (Krenak, 2019). Deste modo, a rede colaborativa contará com a efetiva/afetiva participação das/os estudantes, docente e convidados/as tendo como leitura prévia obrigatória os textos indicados para cada encontro.

Os textos referentes a cada aula deveriam ser lidos previamente por todas/os, e objetivava garantir a compreensão do tema e o debate, com qualidade e profundidade que requerem. A conversa foi adotada como dispositivo do referido componente e a Roda de Conversa como procedimento das aulas, haja vista que a conversa é concebida como um espaço de formação, de troca de experiências, de confraternização, de desabafo, de inflexões que mudam caminhos, produz sentidos. Assim a Conversa surge como um dispositivo de acolhimento e empatia, cujo prazer da troca e de produzir dados ricos em conteúdo e sentidos para a pesquisa na área de educação se potencializam (Warschauer, 2001, 2002; Moura; Lima, 2014; Campos, 2000). A Roda de Conversa foi adotada como o procedi-

mento metodológico do componente através das quais as conversas giravam.

Procuramos também explorar o caráter formativo do diário *on-line* a partir do princípio das partilhas dos dilemas docentes, inspiradas em Edméa Santos e Stela Guedes Caputo (2018), na obra intitulada *Diário de pesquisa na cibercultura: narrativas multirreferenciais com os cotidianos*.

Os dilemas são concebidos como situações problemáticas que emergem no decorrer da atividade profissional do professor ou do/da pesquisador/a aprendente, que muitas vezes não aparecem de forma consciente ao pesquisar. Por isso é importante compartilhá-los, problematizá-los e se pôr em análise numa horizontalidade que implica a criação do *ethos* da confiança e princípios éticos da nossa ação docente de ensinar, aprender, pesquisa, escutar, avaliar. Avaliar é uma ação humana que desencadeia múltiplas discussões sobre critérios de avaliação, relações de poder, transparência dos critérios, acolhendo críticas e sugestões. Estas ações ao longo do processo da escrita do diário demandam tempo, paciência, escuta e provocações quanto às nossas concepções do ato de avaliar.

Um dos dilemas mais recorrentes é reduzir a uma nota, e se fechar para as sugestões de reescrita. Se a nota inicial for considerada boa, ou ótima, celebra e não traz para a roda como dilema, somente se for considerada baixa. Outro dilema que emerge de modo reiterado na cultura universitária é a de não avaliar o colega, autoavaliar-se, e realizar a hétero avaliação coautoral e horizontalizada com as docentes e colegas⁶. Este dilema nos suscita várias horas de conversa a cada trio, quarteto ou dupla nos encontros da Roda de Conversa sobre os diários. Desgasta, cansa, mas também,

6 Sobre estas questões e dilemas ver para conhecimento o artigo de autoria das docentes Juliana Cristina Salvadori e Ana Lúcia Gomes da Silva intitulado: DOCÊNCIA-FORMAÇÃO E PROFESSORALIDADE: a conversa estendida nos giros das rotações por estação. In: *Revista Periferia: Educação, Cultura e Comunicação*. ISSN: 1984-9540 Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/69770>. Acesso em 20 nov.2022.

é profundamente produtivo e potente, pois põe-nos em análise na construção da codocência em distintos níveis da Educação Básica e universitária em rede colaborativa.

Este ponto é retomado pelas docentes citadas, nas experiências da escrita do diário através do *ethos* da (con)fiança que implica a presença e ação do outro no ato de fiar, confiar, tecer junto. É da ordem da fiança, fiando juntos e juntas, a fim de afiançar as relações de modo bioético, transparente, sem deixar de trazer à tona as rasuras, fricções, desacordos, pois dialogar não é apenas consenso, é dissenso, pontos de vista distintos que acionam uma aprendizagem do ensino com/como pesquisa que convoca ao que a Virgínia Kastrup (2021)⁷, denomina de “desmanchamento dos egos”. Este é um dos desafios das pesquisas que produzimos e das nossas práticas pedagógicas: sermos mais um dos nós na rede. Na rede as relações quebram a hierarquia, não há centro; todas e todos são agenciados, convocados a entrarem na roda, na rede, para gestarem aprendizagens de ensino-pesquisa-extensão de modo indissociável. Na rede e na roda, as entradas são múltiplas e diversas. Deste modo, convidamos o autor Pedro de Souza (2015) para dialogar com nossos desejos, já que “[...] agenciar remete a um processo de criação, seja artístico ou científico [...]. No agenciar, múltiplos agentes entram em ação. Eles podem ser de natureza humana ou inumana, corpórea ou incorpórea (Souza, 2015, p. 29).

Deste modo, iniciamos as fases de leitura entre pares, agenciando os sujeitos, destacando o acolhimento, comentários, sugestões, provocações nos textos, a fim de que cada autor/a amplie o diálogo com os pares, debatendo, acolhendo, descartando, incorporando, no texto para a rodada de leitura da fase 2 o que julgarem pertinentes, a fim de terem a versão 2 do diário disponível para nova rodada de avaliação entre os pares. Esta rodada vai sendo repetida até que o coletivo valide e considere que o texto

7 Informação verbal de Rafael Salgado, nos estudos dos grupos de pesquisa Difeba/Gepecuc dia 16 ago.2022, sobre os debates nas aulas de Pós-Graduação no componente Cartografia em 2021, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

de acordo com os critérios descritos na rubrica/barema de avaliação, já estão sendo atendidos. Como já sinalizado anteriormente, como o diário é também utilizado como instrumento de avaliação da aprendizagem, passa pelas fases processuais da avaliação e as notas atribuídas pelas docentes e pelos colegas, como pares neste processo dialógico, vão sendo registradas e alteradas a cada rodada e reescrita junto com um parecer síntese.

A avaliação entre pares se constitui, pois, como um processo de aprendizagens e aberturas para acolher o texto do outro, se interrogar, pôr-se em análise, comentar, sugerir etc. O barema descreve bem estes princípios e critérios avaliativos dialógicos horizontalizados e poderão ser feitos em encontros dos trios, quartetos *on-line*, indo ponto a ponto no barema do texto. Dentre os princípios destacamos que para nós o gênero diário como um conceito múltiplo - dispositivo de aula/pesquisa, como instrumento de avaliação inventivo, multimodal e multissemiótico, autoformativo, tomando a experiência como centralidade reflexiva e coautoral em rede colaborativa no coletivo, se traduz em distintos formatos e especificidades, como estratégias para subsidiar a leitura da realidade e os encontros com o outro, dos textos indicados, numa constante postura investigativa “como experimentação do tempo e suas verdades múltiplas; em outras palavras, tal prática, é afecção do pensamento pelo seu fora” (Deleuze, 2013, p.124).

Considerando o que nos afirma Deleuze que o estudo investigativo – *avaliativo* [grifo nosso], fazem parte da atividade humana e nos permite análises sistêmicas de fenômenos distintos, em busca de respostas, in(ter)venções, que alterem de algum modo a realidade educacional analisada em diferentes contextos de aprendizagens, nos movemos na escrita-diário para apontar pistas destas investigações experienciadas, sem pretensão de fechar, nem de apresentar como verdades fixas.

Defendemos a concepção de verdade(s) sempre múltiplas, fabricadas, versões de verdades, que nos forcem a pensar, pois

[...] pensar, é experimentar, é problematizar [...] cujo fora do pensamento nos obriga a sair de si para pensar o impensado, pois um problema é verdadeiro quando ele obriga o pensamento a pensar o seu fora, nos arrastando para um campo de heterogeneidade, desfazendo a imagem tradicional do objeto, que deixa de ser concebido, compreendido, apenas como dado sensível ou diversidade empírica, abrindo-se como multiplicidade (Deleuze, 2013, p. 124-130).

O ato de pensar é arriscado e uma violência que se exerce primeiro sobre si mesmo, inverte rotas previstas, nos desloca, como combate e dá visibilidade às práticas, a fim de fazer com que se atinja seu limite próprio. Se faz no entremeio, no interstício do ver e do falar (Deleuze, 2013, p.124).

O que vemos, falamos, experienciamos e pensamos no componente curricular *Epistemologias feministas e epistemologias decoloniais que nos fez pensar?* O diário sem dúvida, foi um dentre outros, o registro do que elegemos narrar, publicizar, pois das inquietações e desejos vamos com-pondo nossas professoralidades em práticas pedagógicas feministas, sempre em devir.

A escrita do diário tem significado vivenciar a escrita em seu duplo movimento: de quem escuta e propõe a escrita, mas também se olha e se põe em análise na experiência de dentro e por dentro dela com as codocentes, lendo as impressões, desabafos e afetamentos da turma sobre o diário no grupo do *WhatsApp* e me perguntando como esta proposta inquieta a nós porque recebemos os *feedbacks* e percebemos que causou rebuliços, como também está causando na Eide, na Mary e em mim, Ana Lúcia. No meu caso, bem menos, acredito, porque já passei por outras experiências de escrita do diário e ela sempre emerge de modo inquietante quando os comentários começam a aparecer em várias partes do texto, como estranhos navegantes em terras alheias, nos convocando como autores/as a olharmos novamente para o

que escrevemos e também nos colocar no lugar do/da estudante que se sente devassado, invadido.

A tessitura dos diários *on-lines* nos lançou em um desafio, o da escrita. Confesso que para mim, Marilene Queiroz, esse movimento de escrita colaborativa, em rede, através do gênero diário *on-line* é novo, desconcertante e ao mesmo tempo me remete ao preparo da tapioca e do beiju na casa de farinha. Não é fácil, leva tempo, exige cautela, cuidado, escuta e muitas mãos para aprontar, mas o resultado, ele tem gosto e cheiro de cura. Porque a escrita dói, mas ressignifica, desnuda e se põe, em muitos momentos, curativa. De início fiquei apreensiva, não sabia como acessar o outro/a através da escrita sem ser invasiva e talvez ainda não saiba. Será que o que escrevo faz sentido? Como iniciar? Como adentrar a escrita da outra? Como compor esta tessitura escrita em um passeio entre a primeira pessoa do singular e terceira pessoa do plural? Estes e outros questionamentos vão surgindo, e em meio as inquietudes de algumas estudantes percebo que estamos em um movimento de aprendermos juntas em uma relação horizontal que exige confiança.

Outro desafio é construirmos o *ethos* da confiança e perceber que o texto está em construção, que pode ser desorganizado, provocado, como Girleide, Silmária e Larissa estão fazendo ao lerem nosso diário. Acompanhar a escrita e edição dos textos dos/das estudantes tem sido provocativo, e ao mesmo tempo potencializador de aberturas para a escuta do outro, para o jogo de forças das relações de poder e humildade intelectual no encontro ético com o outro. Avaliar e pôr-se em avaliação é tarefa que desafia a educação em todos os seus níveis: Educação Básica e universidade, porque rasura a cultura de avaliar tomando a escuta e crítica do outro, como ponto de partida-chegada, para olhar retrospectivamente e prospectivamente nossas práticas pedagógicas não apenas com os pares docentes, mas como os discentes, para quem dirigimos nossa ação intencional da prática pedagógica.

Por que criamos este apego ao que escrevemos? Por que não gostamos no geral dos desfazimentos e apontamentos que o olhar do outro provoca em nossa escrita? Certamente porque idealizamos um tipo de leitor, de comentários e quando eles não vêm, nos frustramos. E então o que é mesmo ler, comentar, avaliar o texto do outro? É possibilitar outras miradas de olhar, apontar potencialidades, contradições, fissuras, lacunas, a fim de que ganhe em densidade, reflexividade, clareza e tenha inteligibilidade, comunique, afete, convoque o outro para entrar nele e com ele tecer desconfianças, elogios, críticas, estranhamentos. Escrever é realmente ex-por-se e dis-por-se, um desarrumar que dói, mas também alegra, ativa corpo, alma, e se põe vivo e pulsante como a vida, num estado de inacabamento humano.

Achegue-se para o samba, para a gira: vem gingar com a gente!?

*E o samba mandou me chamar
Eu faço o que o samba manda
Eu ando onde o samba andar
Com a força da minha fé
Eu ando em qualquer lugar
Mariene... (2011)*

Peço licença para entrar na roda com o samba “Abre caminhos” de Mariene de Castro, inspirada pelo convite que recebemos da Ana Lúcia em nosso primeiro contato com a turma, no *Google Classroom*: “que tal um samba? não podemos ter rodas de conversa sem samba não é mesmo?” ainda mais em sintonia com Chico Buarque: Que tal puxar um samba? Juntar os cacos e ir à luta? Que tal? Chico Buarque | Que Tal Um Samba?⁸ Hamilton de Holanda. [...] “E a roda de samba começa antes mesmo da gente nela dançar! O batuque se ouve de longe e bota o corpo, pés e quadris, a gingar antes mesmo de chegar”, completou Larissa.

8 Ver: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/2CgrIxhrX1Ee0Kvgn28F5j?si=Gt-HSHvfQyqdGz-zriFxlA>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Pensar-viver as Rodas de Conversa (re)criadas no Componente Curricular Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais a partir/com do/o tripé samba, gira e ginga, que emergiu nos primeiros movimentos de apresentação no *Google Classroom* e se estendeu para os demais espaços de produção de saberes com a turma, nos possibilitou como pesquisadoras, docentes e codocente um mergulho e uma maior compreensão daquilo que consideramos rede feminista colaborativa.

Consideramos um movimento circular e contínuo como as águas de mamãe Oxun, repleta de jogos corporais. Entrar na roda, se jogar e ser jogada de ponta cabeça nos permitiu *perceber-sentir* a *vida-formação* pulsar nos corpos. E quando dizemos pulsar, estamos acionando aquilo que transborda, arrepia e desconcerta nos movimentos assíncronos e síncronos vivenciados no componente curricular. A criação de outros modos de existir, feito por nós e para nós, provocação esta, acionada por Laís Abreu (2022), despertando o olhar atento para outras maneiras de conceber prática/formação docente e pesquisa.

Entre um fiar e outro dessa esteira, que carece de muitas mãos, a gira foi e vai acontecendo, emaranhadas pela compreensão de gira como “*o feminino do giro*, sua feição mulher que, não apenas gira como o giro no sentido de mudar, desviar, promover deslocamentos, mas que também gira como a festa, a roda, o encontro que abre os caminhos e que é marcado pelo termo quimbundo *njira*” (Haddoc-Lobo, 2021, p.3). E nesse clima de encontro, festa, roda, nossa proximidade e diálogo com as autoras Iris Verena Oliveira (2021) em seus escritos, giras de escrevivências: miragens metodológicas para pesquisa pós-estrutural no campo do currículo, ao acionar ‘deixa a gira girar’, canção de os Tingoãs⁹ para dialogar com currículo e formação de professoras, embora com outros modos de pensar a gira a partir/com das/as escrevivências (Evaristo, 2020), nos inspira a perceber a gira como potência que forja os espaços e nos provocando a gingar.

9 Ver em: <https://youtu.be/3xt8Mp8oWzc>

Para encerrarmos esta escrita a 6 (seis) mãos e corpos, deixamos que os trechos das narrativas de nossa convidada Rosângela, mestra Janja, e a segunda coautora deste diário (Zul)Eide), fiquem ressoando em nós.

Através do diálogo e leitura do texto ‘Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra hegemônica’, elas nos convidam a pensar a ginga como um jogo que não se joga sozinho/a necessitando de outros corpos em um movimento de “questionar os postulados, princípios, crenças, valores. Duvidar do instituído, do natural. Visibilizar outras vozes, outros corpos, outras lutas. É produzir outra ciência” (Silva; Araújo, 2021, p.2).

No que eu, Mary, terceira autora, complemento narrando que “O samba de mãos dadas é tão bonito. Girando e gingando vamos aprender juntas!?” (Mary, *no Classroom*) e sou ampliada por Beatriz, estudante também do componente, ao afirmar que, [...] “Começar com samba, é interessante para quem não sabe dançar. No momento um pouco à deriva nesse oceano de aprendizagens com conquistas e lutas epistemológicas feministas, ora pois veja, viajando em águas nunca antes navegadas e ansiosa pela ancoragem no porto seguro” (Beatriz Coutinho, *no Classroom*). Na ginga do samba já acionada, a primeira autora destaca que ao tomarmos a experiência como (auto)formação, não a desperdiçamos, antes, a potencializamos, interrogamos, num movimento com todo o corpo com velocidades, memórias, sentimentos e com-posições singulares na fronteira do próprio conhecimento, na verdade, habitando a fronteira, com sua face por fora e por dentro e no entre também, fazendo rasuras em nossos modos de nos constituir docentes em codocência, aumentando nossa capacidade de agir e sentir.

Enfim, sintetizamos numa trama de afectos e emoções vibrantes em todos os nossos corpos-professoras, dizendo que a experiência da escrita visceral do diário de aula/pesquisa, foi um misto de: Desassossegos. Descobertas. Medos. Afetos. Ten-

sões. Olhares. Lágrimas. Confianças. Deslocamentos. Sorrisos. Abraços. Silêncios. Relatos. Desabafos.... Algumas delas, como gestos corporais são impossíveis de descrever, as palavras não conseguem traduzir, mas sentimos e contemplamos como o processo formativo acontece e se faz devires em inacabamento. Este processo, nos fez enxergar a nós e nossas contradições, raivas, rancores guardados, e que adoecem, fez pulsar falas viscerais das convidadas, também nossas, numa profusão de sentimentos. Aprendemos com os sentimentos, as leituras dos textos indicados, com cada colega e sentimos que cada roda são devires e porvires que marcam corpos e mentes com cada tema, cada gesto verbal, corporal e musical.

Referências

ABREU, Laís Oliveira. **Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil**. 2020. 270 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Programa de Pós- Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina. 2020.

CAMPOS, G. W. S. **Um método para análise e cogestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda**. São Paulo: HUCITEC, 2000.

CARDOSO, C. P.; SILVA, Z. P. Por uma pedagogia feminista decolonial amefricanizada: práticas docentes nas encruzilhadas. *In*: CARDOSO, C.P.; MARTINS, M.A.M. (org.). **Insurgências pedagógicas na educação básica**. Salvador: Devires, 2021, p. 17-34.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013.p. 142.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021

GERALDI, J. F; FICHTNER B; BENITES, M. **Transgressões convergentes: Vigostkyi, Bakhtin, Bateson**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KASTRUP, Virgínia. DESMANCHAMENTOS DE EGOS. *In*: Cartografia (Informação verbal no componente ofertado em 2021, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LARROSA, Jorge. LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6. ed., rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. *In*: Apresentação da coleção (Coordenação de Jorge Larrosa e Walter Kohan)

HADDOC-LOBO, Rafael. A gira macumbística da filosofia. **Revista Cult Dossiê Filosofia e Macumba**. São Paulo, ed. 254, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-gira-macumbistica-da-filosofia/>. Acesso em: 2 mar. 2022.

Mariene de Castro - Abre caminhos. [S. l.: s.n.], 2011. 1 vídeo (2:45). Publicado pelo canal Mariene de Castro. Disponível em: https://youtu.be/n1xj3IsAiOs?si=PCnA86b_GR6KaApH Acesso em: 31 jun. 2022.

MOURA, Maria Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98 - 106, jan./jun.2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em: 31 out. 2022.

OLIVEIRA, Iris Verena. GIRAS DE ESCREVIVÊNCIAS: Miragens metodológicas para pesquisa no campo do currículo. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 14, n. esp, p. 1-20, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v14iEspecial.61164>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/61164>. Acesso em: 9 jun. 2022.

Os sentidos do diário de aula/de pesquisa para os sujeitos que vivenciaram esta escrita. [S. l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (5:58). Publicado pelo canal Grupo de pesquisa DIFEBA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s4UNKNHj5Og> Acesso em: 31 out. 2021.

SANTOS, Edméa; CAPUTO, Stela Guedes. **Diário de pesquisa na cibercultura**: narrativas multirreferenciais com os cotidianos. Rio de Janeiro: Omodê, 2018. 192 p.

SILVA, A.L.G.; ABREU, L.O.; Souza, V.O. de. Diários de aula virtual e a (auto) formação na pesquisa em redes colaborativas. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v.10, n. 2, p. 110 – 123, 2020. Número Temático. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8717>. Acesso em: 31 mar. 2022.

SILVA, Zuleide Paiva; ARAUJO, Rosangela Janja Costa. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e82446, 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2021000300405&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 nov. 2023.

SOUZA, Pedro de. Agenciar. *In*: FONSECA, Tania Mara G; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci. (orgs). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2015.p.29.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001.

2

ENTRE GIROS: ESCRITURAS DOS FEMINISMOS

Ione Araújo dos Santos

Leituras introdutórias

Nosso primeiro convite a pensar sobre o feminismo ocorreu no dia 29 de agosto, nossa primeira aula do semestre. No primeiro dia de aula, a profa. Ana e profa. Eide nos conduziu a uma atividade provocadora e introdutória para conhecer o que sabíamos e pensávamos sobre o feminismo e de alguns outros conceitos, relações com a pesquisa etc.

De cara, uma das primeiras perguntas já me deslocou e me deu um choque. Você é feminista? Essas perguntas causaram muitos deslocamentos em mim [e acredito que na maioria dos colegas] pois nunca tinha parado para pensar se eu seria feminista ou não. Mas o que é ser feminista? eu tinha uma amiga, na graduação, muito envolvida no movimento feminista e ela sempre se reafirmava falando que era feminista e tudo mais, mas para mim, essas “conceituações” ainda eram muito confusas, então pensei: não sou feminista, tendo em vista que não participo do movimento, não discuto as pautas, não milito, então não, não sou.

No entanto, os primeiros textos das aulas nos provocaram muito a pensar no feminismo num sentido muito mais amplo do que estamos acostumados a ouvir [infelizmente ainda há muitas

rotulações e estereótipos envoltos no movimento]. Chimamanda Ngozi Adichie, em *Sejamos todos feministas* (2015), traz algumas reflexões acerca da palavra *feminismo*. Em um dos trechos ela exemplifica bem essa minha última fala quando pontua que:

[...] a palavra feminismo tem um peso negativo: a feminista odeia os homens, odeia sutiã, odeia a cultura africana, acham que as mulheres devem mandar nos homens; ela não se pinta, não se depila, está sempre zangada, não tem senso de humor, não usa desodorante (Adichie, 2015, p.14-15).

De fato, acho que essa foi uma das primeiras visões sobre o movimento pela qual eu tive contato na graduação, nas minhas andanças estudantis. Lembro que minha amiga (amada Jaïne) sempre ia tirando umas dúvidas que iam surgindo, porque eu não compreendia que o movimento poderia ser assim [COMO NÃO É]. Depois de um tempo, tomei contato com esse livro de Chimamanda, quando uma outra amiga minha, que foi minha professora, debateu sobre ele numa das rodas do clube de leitura, achei fantástico. A escrita de Chimamanda nos conduz a descobrir junto com ela o que é ser feminista, quando até ela mesma vai tomando consciência disso ao expor suas vivências. A segunda vez que tomei contato com o texto foi nas referências da disciplina, mas dessa vez preferi assistir ao vídeo da palestra no TEDxEuston que deu origem ao livro. Em um dos trechos, reconheci a voz da autora que aparecia numa música de Beyoncé [**Flawless**], cantora que mantenho admiração e que ouço bastante. Fiquei surpresa e achei o máximo! Beyoncé defende muito as questões feministas, a representatividade da mulher negra e seu lugar na sociedade, isso é muito evidente nas letras das suas canções. Então, automaticamente, a voz de Chimamanda me deu um “estalo” que me conduziu a ir longe e pensar no trecho da palestra inserido na canção:

Ensinamos as meninas a se encolherem / Para se tornarem ainda mais pequenas / Dizemos para meninas / 'Você pode ter ambição / Mas não muita / Você deve ansiar para ser bem sucedida / Mas não muito bem sucedida / Caso contrário, você vai ameaçar o homem' / Porque sou do sexo feminino / Esperam que eu almeje o casamento / Esperam que eu faça as escolhas da minha vida / Sempre tenha em mente que / O casamento é o mais importante / Agora o casamento pode ser uma fonte de / Alegria, amor e apoio mútuo / Mas por que ensinamos meninas a ansiar ao casamento / E não ensinamos a mesma coisa para os meninos? / Criamos as meninas para serem concorrentes / Não para piadas ou para realizações / Mas, para a atenção dos homens / Ensinamos as meninas que não podem ser seres sexuais / Da mesma forma que os meninos são. / Feminista – a pessoa que acredita na igualdade social, / política e econômica entre os sexos. (Beyonce; Adichie, 2013, tradução nossa)

Apenas com esse trecho, inúmeras reflexões e problematizações poderiam ser feitas. Podemos ver as questões de imposição, de expectativas, de diferenças entre gênero etc. Mas, chamo atenção para o trecho final em que a autora apresenta uma definição do que seria ser feminista: *a pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos*, nessa concepção, Chimamanda torna o conceito mais abrangente, sem estereótipos. Assim, o feminismo, diante do que estamos discutindo no componente, perpassa por muitos lugares como as práticas que realizamos, epistemologia de pesquisa, campo teórico, movimento social, atitudes etc.

Pensando em uma dessas abrangências, uma outra perspectiva do que seria o feminismo é a exposta por Marcia Tiburi em *Feminismo em comum para todas, todes e todos*, segundo ela:

O feminismo nos leva à luta por direitos de todas, todes e todos. Todas porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. Todes porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero - e de sexualidade - e isso veio interferir no todo da vida. Todos porque luta por certa ideia de humanidade (que não é um humanismo, pois o humanismo também pode ser um operador ideológico que privilegia o homem em detrimento das mulheres, dos outros gêneros e, até mesmo, das outras espécies) e, por isso mesmo, considera que aquelas pessoas definidas como homens também devem ser incluídas em um realmente democrático, coisa que o mundo machista - que conferiu aos homens privilégios, mas os abandonou a uma profunda miséria espiritual - nunca pretendeu realmente levar à realização (Tiburi, 2018, p.6).

Essa concepção de Tiburi é interessante pois ela engloba vários grupos na discussão feminista, inclusive os homens. Mas por que os homens? O que eles têm a ver com isso? são perguntas que podem pairar sobre o assunto e que eu nunca tinha parado para pensar. Isso acabou expandindo um pouco o meu pensar sobre tudo. Ao realizar algumas leituras sobre o assunto, algumas ampliações foram surgindo. Compreendo agora que a incorporação dos homens ao movimento é algo que traz debates e argumentações de que uma vez que se busca um enfrentamento das desigualdades de gênero, os homens poderiam ser uma das peças na construção de masculinidades não violentas, e também contribuiriam para diminuição do machismo com sua participação, uma vez que isso traz efeitos negativos para a sociedade.

Ainda no nosso primeiro encontro, a Profa. Eide teceu um comentário “o feminismo é um processo educativo, é estudando, lendo e nas trocas que nos tornamos feministas”, ou seja, é dentro do processo que vamos ampliando nossas visões acerca do movi-

mento e de suas práticas. Na atividade proposta eu tinha colocado a minha concepção de feminismo que dizia: “é um movimento social protagonizado por mulheres em busca de igualdade social e de direitos e libertação dos modelos patriarcais”, hoje, após um certo distanciamento e das formações e informações construídas pelas várias vozes que participavam das nossas rodas de conversa, questiono a minha perspectiva antiga: é só isso mesmo? o movimento alcança todo mundo? é hegemônico ou heterogêneo? só mulheres podem fazer parte dele? É só a igualdade social que se busca? é só um movimento social? Que bom que podemos pensar, questionar, deslocar, se incomodar e reconstruir dando uma dimensão, outra para nossos conhecimentos!

Feminismos outros: giros epistemológicos

Tomando como metodologia as rodas de conversa, nossos encontros no componente sempre foram cheios de escutas, diálogos e trocas, como propõe o dispositivo. Pensando nessa dimensão de ampliar nossos conhecimentos, acredito que os giros nos permitiram/permitem conhecer, através das lentes dos/as convidados/as outras “faces” do movimento.

Um fator interessante da oferta desse componente foi a possibilidade de ser feito no movimento do ciberespaço, *on-line*. Edméa Santos (2019), ao falar sobre a formação docente na cibercultura, evidencia o fator da educação *on-line* e do ciberespaço como um lugar que pode potencializar as práticas presenciais. E de fato, acredito que esse movimento *on-line* possibilitou a grande pluralidade de brasis que compõe nossa turma, uma vez que temos colegas de vários cantos do país e até mesmo de fora dele [caso da nossa colega Kenia, que está conosco lá de Portugal] é fantástico cruzar as fronteiras assim!.

Outra potencialidade existente foi a de possibilitar que tivéssemos encontros com vários/as convidados/as. Às vezes por conta do deslocamento, dos choques de agenda, encontros assim

deixam de acontecer, dessa forma, a riqueza dos olhares e vivências dos/as que estiveram conosco foi muito rica. Vamos aos giros.

Figura 1- Gingando com as práticas de pedagogias feministas - Laís Abreu



Fonte: Arquivo da turma (2022)

Nessa gira, tivemos como convidada a Laís Abreu para falar acerca das experiências resultantes da sua dissertação de mestrado no formato de cartografias de afetos.

Ao falar e ler acerca das práticas de pedagogias feministas, percebe-se que algumas já vem sendo realizadas por muitos/as de nós, mas que às vezes não nos damos conta ou até mesmo não sabemos nomeá-las como práticas feministas. Acerca disso, Laís fez uma fala que pontuou sobre essa questão em relação a uma certa dificuldade de discussões existentes sobre o assunto e registros dessas práticas, fazendo-se necessária a ampliação da discussão sobre a temática. Em sua dissertação, Laís Abreu (2020) aponta algumas considerações de caracterização dessas práticas para podermos entendê-las melhor. Segundo ela as pedagogias feministas não possuem modelos e exigem estratégias, são, portanto, *caminhos em construção que vão se constituindo em meio aos paradigmas socio-*

culturais que fazem rizoma no desenvolvimento das sociedades e vão exigindo tomada de consciência e intervenções (Abreu, 2020, p. 200).

Numa discussão inicial, a professora Eide pontuou que as pedagogias feministas não mantêm o foco apenas nas mulheres, mas em todos os corpos não reconhecidos, isto porque há uma pluralidade de práticas e de concepções que compõem [como já dito] o feminismo. Sardenberg (2011) citado por Abreu (2020) em seu texto, amplia essa definição apontando que as pedagogias feministas são um conjunto de práticas e princípios que possuem o objetivo de conscientizar indivíduos, homens e mulheres, da ordem patriarcal visando uma superação desse modelo existente na sociedade, dando instrumentos para construção de uma equidade entre os sexos.

Figura 2- Gíngando no pensamento das Mulheres Negras

O cartão de divulgação apresenta o logo do MPED (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) no topo, com o texto 'Mestrado Profissional em Educação e Diversidade'. Abaixo, o componente curricular é listado como 'Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais'. O tema da reunião é 'VEM GINGAR COM A GENTE?!' e o foco é 'PENSAMENTO DE MULHERES NEGRAS'. Duas convidadas são apresentadas: Angela Figueiredo, Professora Doutora (PPCCS/UFRB), (PPCNEIM e POS AFRO/UFBA) e Coletivo Angela Davis (UFRB); e Amanda dos Santos, Profª da educação básica/feminista negra e Mestra (MPED /UNEB). O evento ocorrerá em 19.09 19H na Plataforma Google meet, com o link <https://meet.google.com/esk-weqj-ifr>. O logo da UNEB é visível no canto inferior direito.

Fonte: Arquivo da turma (2022)

Para melhor compreensão acerca do movimento feminista negro, nosso diálogo foi enriquecido com as falas das convidadas Profa. Angela Figueiredo e da Profa. Amanda dos Santos. Saí dessa Roda de Conversa atônita diante da potência das falas e das situações expostas. O Movimento Feminista Negro é um movimento contra hegemônico que questiona exatamente essa homogeneidade do movimento

feminista, na qual tinha como pauta a reivindicação dos direitos civis protagonizado por mulheres brancas em relação aos homens também brancos. Nesse caso, o movimento feminista desconsiderava essa minoria, dentro do próprio grupo minoritário e não se atenta as especificidades dos demais, omitindo outros grupos. Nesse sentido, a articulação de mulheres negras nos anos 1970, iniciaram diferentes mobilizações acadêmicas e militantes para inserção dessa discussão na sociedade, uma vez que além do quesito gênero, as mulheres negras ainda tinham outra condição, que era o fato dos problemas enfrentados por conta do racismo.

Um aspecto da fala de Ângela que me chamou atenção foi ao falar sobre a relação entre o pesquisador e a militância. Segundo ela, inicialmente, essas duas personalidades eram tidas de modo separado, pois a academia ainda tinha uma perspectiva muito fechada e de neutralidade. Mas como dissociar o pessoal do político? Há como fazer isso? É a partir daí que as discussões e as mudanças sociais vão impactando e rasurando os modelos estabelecidos e ela percebe que há como ser as duas coisas ao mesmo tempo, pois as discussões da academia embasam as do movimento e vice-versa. Em seu texto, intitulado *Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial*, Ângela Figueiredo (2020, p.9) afirma que a experiência é um conceito de fundamental importância dentro do feminismo negro, pois “[...] ‘O pessoal é político’, uma das importantes contribuições do feminismo revela o elo entre a experiência pessoal, individual e coletiva. De acordo com Collins (2000), a experiência é a base fundamental da epistemologia feminista negra”.

Amanda dos Santos entrou na Roda de Conversa nos abrilhantando com sua voz ao cantar algumas músicas. Ela compartilhou conosco acerca do seu trabalho de dissertação sobre educação antirracista e feminista, pontuando como essas discussões a atravessaram, no contexto da escola em que trabalha. Tanto em seu texto quanto na sua fala, a autora expõe as violências que presenciou na escola e na academia, dos aspectos racistas observados na escola

sobre o corpo e das práticas racistas que emergiram lá. Ancorada em bell hooks, na discussão sobre os corpos, Amanda dos Santos (2019) chama atenção para o estar inteiro/a na sala de aula com seu corpo e mente e que isso constitui um dos princípios da pedagogia crítica feminista. De acordo com a autora, a união da teoria e prática feita com paixão [já que considera a educação e prática feminista como um ato de amor] torna a sala de aula um lugar mais dinâmico e propício a inspirar outros com as ideias que acredita, tornando também um espaço onde as transformações das relações sociais se atualizam (SANTOS, A. dos, 2019).

Figura 3 -Gingando na Escrivência como concepção onto-epistemológica



Fonte: Arquivo da turma (2022)

Nossa terceira Roda de Conversa foi abrilhantada pelas presenças das profas. Iris Verena, Vaneza Oliveira e Raphaella Oliveira para falar acerca da epistemologia da escrevivência.

Meu contato inicial com a temática se deu logo ao ingressar no curso do MPED, numa mesa de abertura do semestre, na semana de integração na qual a profa. Iris discutiu sobre as escrevivências com a convidada Fátima Lima, que falou da desobediência acadêmica, da desobediência epistemológica e metodológica eurocêntrica.

Interessante pensar no movimento de rasura que acontece dentro da universidade, principalmente dentro do MPED. A fala de Veneza me lembrou muito a da profa. Ângela [da roda anterior] acerca de achar que dentro da academia não cabia ser pesquisador e militante e que as experiências e vivências pessoais teriam de se distanciar da escrita. No decorrer da pesquisa e dos caminhos na universidade, elas descobriram que esse movimento era possível e que haviam fazeres que deveriam ser levados em consideração, numa espécie de como a profa. Fátima utilizou na palestra de teimosia, desobediência e rasuras. Que bom que isso existe, que essas vozes ganham ouvidos nessa caminhada.

Ancoradas nas ideias de Conceição Evaristo, quem primeiro trás e cunha o termo da escrevivência como um ato da escrita de mulheres negras “[...] como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. [...]” (Evaristo, 2020, p. 30) ficou evidente no percurso da construção das pesquisas de Raphaella e de Veneza o quanto essa escrita permeada de vivências, histórias, marcas, poesia as atravessaram e como às vezes não sabemos dar nome aos nossos conhecimentos ou achar que eles não se adequam a academia.

A fala da profa. Iris posteriormente me deixou silenciada. Fiquei atônita. Nossas rodas de conversa são assim, como fala a profa. Eide, cheia de emotividade e formações. Trabalhar com esses conceitos da escrevivência, no pensamento de Iris Verena, possibilitam teorizar com mulheres negras entendendo que esse mundo como foi concebido não dá para escrever as histórias como se quer, fazendo remendos, mas precisa-se pensar outra agenda, no outro modo de intervir. Nas giras epistemológicas da academia, Iris toma como posicionamento o fato de que há uma procura por espaço nesse meio, através da escrevivência, e que não concorda com pessoas brancas fazerem esse tipo de escrita.

Figura 4 - Gingando nas epistemologias lésbicas



Fonte: Arquivo da turma (2022)

Nosso bate papo do dia 03/10 foi potente e internacional! [rsrs] Recebemos para o diálogo a Mariana Rodrigues, que mora nos Estados Unidos e a profa. Dayana Brunetto. Volto a chamar atenção das potencialidades do encontro *on-line* pois nos possibilita romper as barreiras geográficas que nos separam das pessoas.

Nesse encontro, a discussão pairou sobre o pensamento e as epistemologias lésbicas. De novo a minha memória aciona alguns momentos em que eu tive um contato inicial do ouvir a temática, coincidentemente, fui apresentada ao pensamento lésbico na mesma semana de integração do semestre 2022.1, em que a profa. Eide fez uma fala sobre o assunto. Aqui, novamente, tenho a possibilidade de retornar ao debate e aprofundar meus conhecimentos.

Mariana é coordenadora do LesboCenso e integrante da Liga Brasileira de Lésbicas e falou um pouquinho sobre o que seriam esses movimentos. A proposta inicial do Lesbocenso, segundo ela, era ter uma visão geral das experiências lésbicas no entorno do Distrito Federal, ampliando posteriormente para o país inteiro e também configurou-se importante para suprir a ausência de dados sobre

essas identidades lésbicas. Parte do movimento social e articula a academia. A profa. Dayana colocou algo muito pertinente ao dizer que há uma intencionalidade nessa ausência de dados oficiais, uma vez que quando não há dados, não há demanda e não há políticas públicas. O que é um absurdo, a invisibilidade que acontece no Brasil, por isso, é muito importante esses movimentos acontecerem para romper as dificuldades existentes na sociedade.

Quanto mais discutimos os movimentos minoritários nas nossas aulas, mais vejo a importância e a dura luta das pessoas pelo seu lugar, os enfrentamentos no apagamento e invisibilidade das lésbicas, por exemplo. E isso é algo sempre muito carregado de dores e anseios. A profa. Zuleide Silva e Janja Araújo (2021) em *Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra hegemônica*, além de colocar o pensamento lésbico como uma forma de resistência e que vai contra a hegemonia do próprio movimento feminista, destaca que a lesbianidade como campo teórico do feminismo surge inicialmente na segunda onda do feminismo quando as mulheres buscaram compreender a opressão feminina com a experiência lésbica (Silva; Araújo, 2021) fazendo surgir algumas correntes de pensamento como o lesbofeminismo cultural, lesbofeminismo radical, lesbofeminismo separatista, lesbofeminismo interseccional e o Lesbitransinter feminismo.

Os termos são muitos novos e complexos para mim, vou aprendendo aos poucos nessas gingas entre uma roda e outra. Na minha concepção, os termos lésbica e sapatão por exemplo, eram “sinônimos” só que o sapatão com uma carga mais preconceituosa e pejorativa. O que é ser sapatão e o que é ser lésbica? são sinônimos mesmo? são diferentes? complementares? Mariana comentou que esta é uma disputa que está longe de terminar e que o LesboCenso tem mostrado que não existe uma forma de se nomear e explicar a existência.

Figura 5 - Gingando nas epistemologias lésbicas



Fonte: Arquivo da turma (2022)

Na Roda de Conversa 5, continuamos a nossa discussão sobre o pensamento lésbico com a Profa e Mestre Gersier Ribeiro e Profa. Dra Janja Araújo.

Dentre os vários aspectos que a colonização trouxe, como o patriarcado, as questões de raça e de gênero, há também um fator que se encontrou/encontra em desafios e lutas, que é o campo da sexualidade. A norma instituída na sociedade é que as pessoas [homens e mulheres] sejam héteros. Para além de uma normatização, a heterossexualidade é também um jogo que envolve poder e opressão. O pensamento do movimento lésbico então luta pelo reconhecimento de si, das dores, “pela liberdade sexual, contra o racismo, pelos direitos das mulheres, bem como na esfera artística e nas lutas pela descolonização” (Silva; Araujo, 2021, p.2).

Como pontuei na discussão da roda anterior acerca das correntes do lesbofeminismos, a discussão realizada nesta data caminhou, acredito eu, para o lesbofeminismo interseccional que “[...] aponta o apagamento da produção textual das lésbicas negras no campo feminista [...]” (Silva; Araujo, 2021, p.7), e reconhece essas ações como racistas dentro do movimento. Mestre Janja comentou

acerca dessas questões em relação à capoeira, na qual ela é Mestreira e tocou no ponto dos desafios, do lugar das mulheres no interior da capoeira, ausentes de prestígio e muito subjugadas. Falou também sobre a importância do reconhecimento da luta das pessoas negras, tanto no fortalecimento das lutas das mulheres das américas, primeiramente na conquista pelos direitos civis e posteriormente na luta LGBTQIAPN +.

Figura 6- Gingando nas Topografias Feministas



Fonte: Arquivo da turma (2022)

Nesta Roda de Conversa, conversamos sobre as topografias feministas. Fiquei me questionando acerca do tema desde quando foi disponibilizado o *card* de divulgação na sala do *Classroom*. O que são topografias feministas?

Para dialogar sobre o assunto, tivemos a presença da profa. Daniela Auad da UFJF e UFSCar. As topografias feministas, denominação usada pela profa. em sua pesquisa de doutorado, fala de uma teoria de mulheres que estão em movimento e que compartilham nas suas andanças e deslocamentos de caminhos, é preciso estar em movimento para sobreviver e viver.

Em seu texto, “*Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação*”, Auad (2021) pontua que:

ao se recusarem a ocupar o lugar que foi pensado para elas, muitas mulheres vivenciam a interdição de lugares que são por elas – por nós – desejados. Em razão de não nos mantermos onde inicialmente nos imaginaram, somos conduzidas a ter práticas e elaborar o que denomino como ‘teorias de localização de mulheres que não se localizam (Auaad, 2021, p.8).

Auaad nos conta acerca das experiências das professoras lésbicas de Juiz de Fora, que precisavam viajar para trabalhar, para estudar etc. Essas andanças acabavam por constituir a identidade docente dessas mulheres lésbicas feministas em várias dimensões. A autora pontua também sobre o dossiê temático “*Feminismos e Lesbianidades em Movimento: a visibilidade como lugar*” e o “caracteriza” de três formas: a primeira como sendo uma topografia feminista, uma vez que é composto por escritas de mulheres feministas lésbicas de várias localidades do país, a segunda como uma justiça científica, pois coloca mulheres negras para a produção de conhecimento no interior da universidade pública e a terceira, ampliada pela profa. Zuleide Paiva, uma justiça epistêmica, pois traz saberes da lesbianidade historicamente apagados.

Figura 7- Gingando nas pedagogias da favela e da desobediência



Fonte: Arquivo da turma (2022)

Gingamos nessa Roda de Conversa nas vozes de Tiffany Odara, acerca da pedagogia da desobediência, e de Marcelo Rouca sobre a pedagogia da favela. Os pormenores da discussão não puderam ser explicados pois tive dificuldade de encontrar a gravação para retomar o que foi dito neste dia.

Tiffany Odara aponta como pedagogia da desobediência como a ousadia das travestis de confrontar o sistema, tomando essa desobediência como lema, debatendo o lugar socioexistencial das travestis. O modelo social que temos em vigência, deixa de fora muitos corpos e os seus atravessamentos e não contempla as múltiplas vivências dos sujeitos na sociedade, como pontua Odara e Cardoso (2021). Dentro desse contexto, inúmeros desafios são colocados à vários corpos que subvertem o sistema imposto, de reconhecimento, de espaço, de lutas pela sua existência. No tocante a transexualidade, Odara e Cardoso (2021, p.35) diz que esta, de modo geral, “[...] é invisibilizada, silenciada, ocultada e totalmente marginalizada, porque as pessoas trans não fazem parte do contexto social cisheteronormativo”. Para além das discussões da transexualidade expostas por Tiffany no nosso encontro, ver a sua história me fez lembrar da das primeiras vezes que tomei contato com essa discussão. Venho de um lugar muito pequeno e com pessoas de cabeça muito fechada, a entrada na universidade me fez ver e pensar os lugares de modo muito diferentes. As discussões acerca da transexualidade surgiram muito perto de mim com uma amiga. Vi de perto todas as suas dores, seu processo de reconhecimento, seu processo de mudança física, seu processo para trocar o nome, sua vida. Ela me fez ver o mundo com outros olhos e compreender vidas outras. Vi o quanto militava nas pautas, na própria universidade em um curso elitizado e com alguns problemas como é o espaço do Direito na UNEB. Lembro de uma de nossas discussões quando ela comentou que uma trans no Brasil só vive até os 35 anos e isso me deixou profundamente triste. Não é nada fácil. Mas, ver ela e tantas outras subvertendo algumas lógicas, é uma grande desobediência ao sistema que insiste em oprimir. Sobre isso, Odara coloca sobre a necessidade de

desobedecer o “cis”tema” de exclusão e transvestilizar o processo social e educacional. Nesse sentido, a pedagogia da desobediência, em suas palavras, diz respeito

a um processo desobediente que promove perspectivas educacionais sob a luz da organicidade insurgente das travestis. Logo, toda essa bagagem vem acompanhada da estratégia de travestilizar as normas vigentes de políticas educacionais, assim como currículos excludentes que dialogam diretamente com os conhecidos e chamados padrões dominantes (Odara; Cardoso, 2021, p. 44).

Uma outra forma de pedagogia explanada na nossa conversa foi a colocada pelo Marcelo Arouca, a Pedagogia da Favela. Arouca propõe em seus estudos pensar perspectivas pedagógicas que nasçam no chão da favela, as demandas dela e seus potenciais. De modo mais consistente as pedagogias de favela, segundo o autor, “[...] devem estar comprometidas com a luta pela equidade social, combatendo todo e qualquer processo de pressão e discriminação, se posicionando na luta antirracista e antissexista” (Arouca; Ribeiro; Rodrigues, 2019, p.357).

Figura 8- Gingando na pedagogia para transe educar o pensamento



Fonte:.. Arquivo da turma, 2022.

Seguindo a discussão sobre o pensamento trans, iniciado com Tiffany no nosso encontro anterior, neste tivemos como convidado o Vércio Gonçalves Conceição.

Numa perspectiva de homem trans negro, Vércio fala sobre a identidade trans com uma linguagem acessível e que as pessoas compreendem. Em “*Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro: As transmasculinidades negras e movimento trans no Brasil*” (2021) Vércio Conceição chama atenção para a fragilidade que ainda cerca o movimento e da ausência de homens trans/transmasculinos, ou quando havia, era geralmente branco e de origem não periférica. Com diversas falas de exclusão e poucos espaços de visibilidade, Vércio entendeu que era preciso conhecer o contexto e reconhecer historicamente o movimento de homens trans no Brasil.

Em sua fala na Roda de Conversa, Vércio tencionou algumas questões como o fato da omissão dos dados reais sobre homicídios dos corpos negros, principalmente os corpos trans e da questão do suicídio que é comum entre os homens trans negros. Fiquei chocada com o relato, de fato, se essas discussões não forem visibilizadas, muitas pessoas ficarão apagadas e silenciadas [o que é bem intencional]. Dessa forma, segundo o autor, a ausência do movimento de homens trans/transmasculinos, principalmente dos negros,” é uma produção que precisa ser substituída por uma ativa produção da presença” (Conceição, 2021, p. 33).

Nesse diálogo foi preciso compreender que as pautas colocadas pelos diversos movimentos, não se configuram como algo que atinge a todos. Vercio deixa bem “negro” que as pautas da comunidade *gay* não atende às das transmasculinidades, assim como acontece com a comunidade transfeminina e a transmasculina branca. Cada um reivindica questões próprias de seus modos de existência.

Segundo Edméa Santos e Aline Weber (2018):

O diário de campo é um dispositivo de caráter pessoal que permite refletir e registrar o ocorrido, impulsionando

nando o pesquisador a investigar a própria ação por meio do registro e análises sistemáticas de suas ações e reações, bem como seus sentimentos, impressões, interpretações, explicações, atos falhos, hipóteses e preocupações envolvidas nessas ações (Santos; Weber, 2018, p. 6).

Nesse sentido e nesse movimento de narrar as experiências e as vivências, a escrita do diário promove a autoformação nos meus lugares de pesquisadora, profissional e também de maneira pessoal. Nesses movimentos que fiz de intinerância, ora em Jacobina, ora em Várzea do Poço, ora em Salvador, o diário me acompanhou na reflexão das aprendizagens que construí, desconstruí e posteriormente reconstruí. Aqui, através das rodas de conversa, pude ver perspectivas que até então eram bem distantes de mim e que me ajudaram a perceber o feminismo como algo macro, que abarca vários conceitos, que é questionado, necessário.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ABREU, Laís Oliveira. **Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil**. 2020. 270 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Programa de Pós- Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina. 2020.

ABREU, Laís. **As práticas de Pedagogias Feministas** [Card de divulgação-Roda de Conversa]. 2022.

AUAD, Daniela. **Topografias Feministas** [Card de divulgação-Roda de Conversa]. 2022.

AROUCA, Marcelo de Jesus; RIBEIRO, Ana Cristina Leal; RODRIGUES, Nivia Bomfim Queiroz. A Lei 10.639/03 nas Pedagogias de Favelas: Perspectivas da Educação em Direitos Humanos. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E GEOTECNOLOGIAS, 2019, Salvador. **Anais**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia. 2019, p.355-359.

AUAD, Daniela. Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e82528, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82528> Acesso em 08 de nov. de 2023.

BEYONCÉ. **Flawless ft. Chimamanda Ngozi Adichie**. Columbia Records e Parkwood Entertainment. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IyuUWOnS9BY> Acesso em 08 de nov. de 2023.

CONCEIÇÃO, Vércio Gonçalves. Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro. As transmasculinidades negras e movimento trans no Brasil. *In*: SANTANA, Bruno; PEÇANHA, Leonardo L. M. B. **CONCEIÇÃO, Vércio Gonçalves. Transmasculinidades negras: narrativas plurais em primeira pessoa**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial. 2021, p. 21-24

COLLINS, Patricia Hill. **The black feminist thought**. Londres: Routledge, 2000.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). **Escrivivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FIGUEIREDO, Ângela. Epistemologia insubmissa negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102> Acesso em 08 de nov. de 2023.

FIGUEIREDO, Angela; SANTOS, Amanda dos. **Pensamento de Mulheres Negras** [Card de divulgação-Roda de Conversa]. 2022.

GONÇALVES, Vércio. **Pedagogia para transeducar o pensamento** [Card de divulgação-Roda de Conversa]. 2022.

ODARA, Thiffany; AROUCA, Marcelo. **Pedagogia da Favela e da Desobediência** [Card de divulgação-Roda de Conversa]. 2022.

ODARA, Thyffany; CARDOSO, Cláudia Pons. Linguagens Socioeducativas e Práticas Pedagógicas Desobedientes: Narrativa insurgente de uma Yalorixá Negra na Educação. *In*: CARDOSO C. P., MARTINS, M. A. M. (org.). **Insurgências Pedagógicas na Educação Básica**. 1.ed. Simões Filho: Devires, 2021, p. 35-47.

OLIVEIRA, Iris Verena; OLIVEIRA, Vaneza; OLIVEIRA, Raphaella. **Escrivivência como concepção onto-epistemológica** [Card de divulgação-Roda de Conversa]. 2022.

RIBEIRO, Djamilá. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Gersier; ARAÚJO, Janja. **Epistemologias Lésbicas** [Card de divulgação-Roda de Conversa]. 2022.

RODRIGUES, Mariana; BRUNETTO, Dayana. **Epistemologias Lésbicas** [Card de divulgação-Roda de Conversa]. 2022.

SANTOS, Amanda Oliveira dos. **Educação antirracista e feminista**: narrativas de estudantes negras em Mirangaba-Ba. 177 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Profissional em Educação e Diversidade)= Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Jacobina, 2019.

SANTOS, E.; WEBER, A. Diários online, cibercultura e pesquisa-formação multirreferencial. In: SANTOS, E.; CAPUTO, S. G. **Diário de pesquisa na cibercultura**: narrativas multirreferenciais com os cotidianos. Rio de Janeiro: Omodê, 2018.

SILVA, Zuleide Paiva; ARAUJO, Rosangela Janja Costa. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e82446, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82446> Acesso em 08 de nov. de 2023

3

RASURAS FEMINISTAS EM RACHADURAS DECOLONIAIS

Marihen de Souza Nogueira

Figura 1-Vagina em flor



Fonte: Arquivo pessoal da autora (out. 2022).

Vivências

“Eu vim para a disciplina como aluna ouvinte, pelo despertar provocado pelo título Pedagogias feministas e decoloniais e pela dinâmica de ser ofertada na modalidade *on-line* tornando-se possível

estar presente ao mesmo tempo na aula e em casa, cuidando dos filhos, das tarefas cotidianas. Muitas vezes assisti a aula enquanto lavava louça na cozinha, ensinava tarefa escolar ou cuidava da janta. A espuma do detergente neutro nas mãos escorria enquanto refletia a não existência de neutralidade e a necessidade constante de se posicionar. Nesse fazer-se várias as discussões da aula ecoavam na minha realidade naquele momento fazendo ser verdade o sistema patriarcal na qual estamos inseridas. Foi no movimento da primeira aula, das primeiras inquietudes, que o chiado do cuscuzeiro foi silenciado pelo barulho dos meus questionamentos.

Quem meu feminismo está abarcando? Ele ultrapassa os muros acadêmicos? Ele insere camadas populares, mulheres negras ou indígenas, ciganas, aquelas sem acesso às produções acadêmicas? Nesse processo constante de reflexão e ação da minha atuação pedagógica peço licença para contar como percebi a força do discurso opressor e a necessidade constante de estar atenta e forte permanentemente diante das armadilhas da reprodução dos discursos patriarcais, machistas e sexistas.

Nos últimos dias do ano letivo de 2017, meu terceiro ano no Colégio Estadual de Ourolândia-Bahia, depois da remoção de tatuagem Umburanas-Bahia para onde fui lotada pelo concurso público como professora de História, concurso que fiz grávida de 8 meses de meu primeiro filho, Arthur de Souza Figueiredo, e primeira vez lecionando a disciplina de filosofia na mesma turma desde o primeiro ano deles, primeira vez do contato deles com a disciplina de filosofia, eu havia arriscado tudo em metodologias discursivas sobre machismo, empoderamento, violência, eram debates riquíssimos e eu ia pra sala de aula segura de que estava dando o melhor de mim e aprendendo sempre com esse processo de trocas. Era uma formação no coletivo da sala de aula, da sala dos professores, das conversas infinitas transitando entre Jacobina e Ourolândia. Eu estudava com dedicação, enquanto dividia os olhares com os cuidados do meu segundo filho Lucas de Souza Figueiredo. Inclusive cursei uma segunda graduação em Filosofia pela identificação

com as possibilidades da disciplina que me restava ensinar na rede estadual, já que a disciplina da primeira formação, História, já era ocupada por um professor efetivo.

Durante uma autoavaliação sobre a disciplina de filosofia, já que era a primeira vez que eu trabalhava com essa disciplina e queria saber como eu tinha sido nessa trajetória, e a autoavaliação já era uma prática incorporada em meu exercício profissional desde seu início, na oportunidade eu citei uma questão do ENEM¹ sobre Simone de Beauvoir, filósofa francesa, existencialista e feminista, que escreveu o *Segundo Sexo* em 1949, que tinha gerado uma movimentação em torno das discussões sobre ser mulher ao citar na referida questão da prova a frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. A intenção era demonstrar como a filosofia é uma disciplina cobrada nos exames, avaliações e processos seletivos, dando um mérito a disciplina. Daí que uma aluna, surpresa, perguntou se Beauvoir era mulher, por que não sabia que tinha mulheres filósofas.

Eu, engoli a seco o misto de vergonha e pavor que senti. A percepção ao me deparar com o fato de que durante todo o ano letivo eu anulei as mulheres da filosofia, eu ocultei um legado da humanidade importantíssimo, eu reproduzi o machismo, o patriarcado e ideia de supremacia masculina de tão forte e subliminar o discurso que coloca o homem no centro do mundo e eu estava reproduzindo em grande escala na sala de aula de uma escola pública. Não, as mulheres filósofas não estavam nos livros didáticos usados em sala de aula daquele ano letivo e eu não li o silêncio e o apagamento, eu apenas o perpetuei compactuando com uma hierarquia de ordem patriarcal que rege as leis do mundo desde muitos séculos. Diante do susto inicial, eu respondi trêmula que sim, Beauvoir foi uma mulher, e que mulher, contei um pouco de sua história enquanto corria o suor frio no meu rosto, sobre seu livro o *Segundo Sexo* e de como ela é significativa ao pensar sobre ser mulher como uma construção social indo além da ideia de determinismo do sexo biológico, por isso a frase: não nasce mulher, torna-se mulher.

1 Exame Nacional do Ensino Médio, 2015. Prova de Ciências Humanas

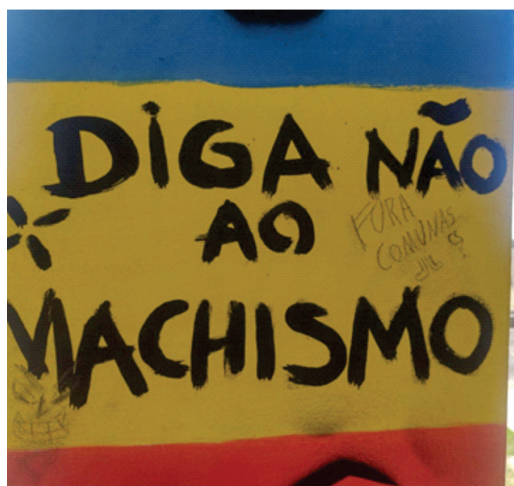
Foi uma autoavaliação mesmo, daquelas que nos jogam na parede e quebram todos os nossos conceitos concretos, triturando nossa prática em pedacinhos impossíveis de rejuntar. Fiquei dias e noites pensando sobre isso, após conseguir sair daquela aula que seria um marco temporal em minha vida, eu estava na minha formação feminista, lendo várias coisas, postando posicionamentos, discutindo com os estudantes em sala de aula, mas sem nunca citar mulheres como filósofas nas aulas de filosofia. Ou sem nem mesmo falar que eu era feminista, eu não me considerava feminista ou tinha algo ali no feminismo ou em mim que me impedia de dizer com todas as letras: sou feminista.

Eu, entre muitas coisas, transmiti a falsa ideia de que não existem ou existiram mulheres filósofas, de que a produção do pensamento não é coisa de mulher, sendo que elas existiram em todos os períodos da história e atualmente existem, ativas e atuantes. Me debrucei na busca, pesquisei nomes, referências e encontrei o livro: *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia* (Pacheco, 2016), foi como encontrar um tesouro. Esse episódio marcou profundamente minha atuação profissional e minha visão de mundo. Como educadora vamos rasurando um pouco a cada ação consciente e feminista as estruturas do colonialismo e do patriarcado, essas fissuras do sexismo tão presentes e condensadas no espaço escolar. A escola é um lugar de disputa, de conflito, de permanências e rupturas.

O que ser feminista? Por que ser feminista? Diante da população mundial somos 52%, carregamos no nosso corpo a vida, parimos a humanidade e embora isso, somos alvo constante de violência de gênero pautadas no sexo biológico. As diferenças biológicas existem, alguns homens são fisicamente mais fortes, mas a força não é um atributo para ocupar lugares na sociedade, não mais, a capacidade de exercer um lugar não pode ser medido pela quantidade de peso que alguém pode levantar. Segundo Chimamanda Adichie (2014), às ideias de gênero não evoluíram o suficiente e desse modo que ainda a maioria das sociedades se organizam tendo o gênero masculino e feminino como norteador das relações. A palavra feminista limitada

por tantos reducionismos e relacionada pejorativamente a mulheres com raiva, mas a raiva para Chimamanda é um impulsionador de mudanças. Feminismos são diversas correntes de pensamento, os feminismos variam de tempo e espaço. Pensar em feminismo negro, decolonial, com diferentes opressões que as mulheres sofrem e atravessamentos como raça e cor, marcadas no Brasil pelo colonialismo que estimulou e o patriarcado. Eu acredito que ser feminista é acreditar e lutar por uma igualdade, e a maternidade aflorou nos meus dias o abismo entre homens e mulheres que eu não via antes.

Figura 2 - Diga não ao machismo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022)

Inquietudes

O mundo ainda é um lugar perigoso para ser mulher. A cada 7 minutos uma mulher é vítima de violência e 1 mulher é assassinada a cada 2 horas, sendo 58% dessas negras.

Não tem como não se sentir afetada pelo que acontece no mundo político, ainda mais quando as declarações do presidente da república afetam diretamente as relações de gênero e a luta das

mulheres pelo direito de existir no mundo machista, heteronormativo e sexista.

Não tem como não se sentir indignada pelos absurdos contidos nessa pergunta que desconsidera a violência dentro dos lares, estampada nos números alarmantes de feminicídio do Brasil, palavra introduzida apenas em 2015, anterior a isso a morte de mulheres por serem mulheres era considerado como um crime comum.

Não tem como não se sentir revoltada por declarações como essa, que minimizam a importância histórica da lei Maria da Penha, conquista de mulheres que antes de nós sofriam caladas, a lei além de considerar a violência contra as mulheres uma violência, puni o agressor e garante proteção a vítima adentrando o espaço doméstico tido como lugar privado e mete uma lei onde só cabia silêncio e agressões diversas.

Não tem como não perceber que a luta das mulheres por direitos básicos é uma luta cotidiana atravessada por questões de raça, etnia e econômicas.

Não tem como não sentir o peso cruel de tais declarações, que caminham com a ausência de políticas públicas para as mulheres e do ataque ao ensino de educação sexual nas escolas, orquestrado por setores tradicionais em nome do Evangelho, que são marcas desse governo.

A violência contra as mulheres resiste ao tempo e ao espaço, afeta todas nós em diferentes momentos de nossa existência, converte os discursos em práticas e existe um perigo real em normalizar a violência expressa, como disse Grada Kilomba em seu discurso na Flip-Feira Literária Internacional de Paraty no ano 2019, conforme gravação disponível no youtube, ao encerrar sua participação na mesa 12: “O pior de isso tudo é normalizar a violência de se normalizar a violência”.

Figura 3: Meu corpo minhas regras



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022)

Provocações

“O pensamento dicotômico e heteronormativo tão presentes na sociedade e por consequência no ambiente escolar ainda nos dias de hoje, são visíveis na organização espaço-tempo, em aspectos como filas de merenda divididas por gênero, banheiro feminino e masculino na maioria das escolas. São aspectos hierarquizados dos gêneros, porque convenhamos, escola sem gênero não dá né, não existe, afinal somos constituídos de gênero, a sociedade que vivemos é organizada pautada em marcadores de gênero, o que não podemos aceitar e baixar a cabeça é que o gênero seja um marcador de segregação.

Nesse movimento, Laís Abreu, convidada dessa Roda, trouxe experiências acadêmicas do mestrado e chamou atenção para as práticas pedagógicas feministas sem registros, pelo menos não com esse título, as práticas feministas existem com objetivos e metodologias, sendo fundamental reconhecer sua importância no contexto de retrocessos e resistências em relação às questões de gênero e de como as pedagogias feministas precisam fazer a ação de reflexão e ação, identificando as potências e fragilidades da prática.

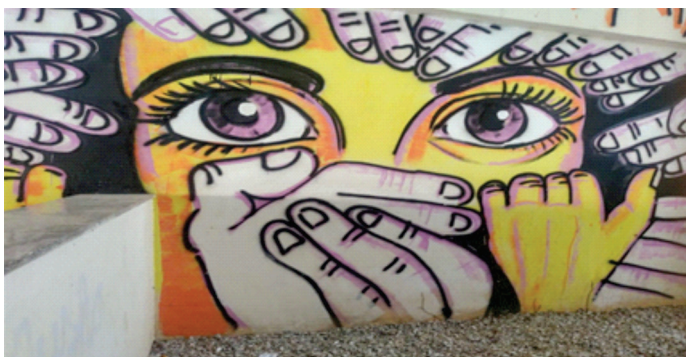
Eu confesso que em meus 15 anos de docência nunca tinha ouvido falar sobre pedagogia feminista. Já havia reparado como a docência é feminina, de como a presença de professores homens principalmente no ensino primário é visto com certa desconfiança e descrença na capacidade de cuidar, pois a associação entre educar e cuidado tem tradições históricas. Nesse momento da Roda de Conversa emergiram lembranças de discussões feitas em sala de aula nesta pauta, mas sem a devida nomeação. Quantas vezes discutimos nas aulas de história e filosofia sobre o lugar dos homens e das mulheres, quantos debates sobre aborto, sexualidade, feminicídio adentraram os intervalos e se estendiam num debate de ideias muito formativo. De como esses momentos causavam desconfortos, incômodos, resistências, por que sair do lugar-comum dói, em tempo que esses momentos geram reflexões e ações.

Essas práticas já caracterizavam práticas pedagógicas feministas? As práticas pedagógicas têm intencionalidade e nomear é ressaltar essa intencionalidade. Eu partilho da mesma ideia de Ferreira, 2022, p.07, em sua dissertação de mestrado ao falar de Pedagogias Feministas Sertanejas e descrever que considera ser pedagogias feministas “...são estratégias que expõem as construções de raça, gênero, sexualidade, classe, territorialidade como forma de hierarquização das/os sujeitas e sujeitos. São todas e quaisquer metodologias que miram um mundo de bem viver para as mulheres...”. Todas as ações propostas visando construir um lugar onde nós mulheres possamos exercer livremente nossa existência. E isso envolve fortemente a educação escolar, a escola é o lugar por onde muitos de nós passamos boa parte de nossa existência e esse espaço contribui para nossa formação enquanto cidadãos do mundo. E no mundo, não existirá paz nem desenvolvimento enquanto mulheres forem oprimidas ou reprimidas.

Esse movimento de rasgar as estruturas heteronormativas e sexistas que sustentam a sociedade são movimentos com caráter humanitário, de tecer novas possibilidades à existência da diversidade, afinal as “As pedagogias feministas são caminhos em construção

que vão se constituindo em meio aos paradigmas socioculturais que fazem rizoma no desenvolvimento das sociedades e vão exigindo tomada de consciência e intervenções” (Abreu, 2020, p. 200), é um movimento a passos curtos, mas com firmeza e potência.”

Figura 4-Silêncios



Fonte: Arquivo pessoal da autora (out. 2022)

Andanças

Eu já me perguntei tantas vezes por que o feminismo enquanto corrente teórica que foi me apresentado na academia não me encantava, nem causava orgulho e nem certeza da importância do movimento feminista. Ele me afugentava. Eu me esquivava das pautas e movimentos, talvez por não me ver ali. Eu virava a cara sempre que se falava em feministas, eu entendi que eram mulheres brancas e ricas querendo ocupar seu tempo ocioso, foi o recorte do feminismo que havia me apresentado ou a maneira como eu tinha compreendido e apreendido. E eu já era uma mulher que estava trabalhando desde a infância, que circulava em lugares predominantemente masculinos, como bares, torneios de futebol, sentia o peso de ser mulher nas piadas e olhares, mas não reconhecia a força da luta coletiva e de como esse afetamento era constante e comum a todas nós. Minha resistência em assumir a feminista que mora em mim tem certa “culpa” nessa resistência. Não é fácil, não é um

percurso tranquilo tomar partido das coisas do mundo, perceber como as sociedades patriarcais se organizaram em torno do gênero e estabelecem relações de poder pontuadas nessa dinâmica, mas questionar esse modelo que oprime, julga e minimiza é um ato de resistência significativo.

Foi quando conheci o feminismo negro, lendo *Quem tem medo do feminismo?* de Djamilia Ribeiro, lendo nas publicações da rede social *Facebook* e depois o livro físico, acompanhando algumas páginas nessa mesma rede social que discutiam a interseccionalidade de raça, cor, classe e gênero. Essa vertente do feminismo foi a que me proporcionou afetividade com a corrente teórica e política do feminismo, que me fez reconhecer como ser mulher sempre esteve determinando lugares e funções, espaços e ocupações, possíveis e permitidas. É desse lugar de mãe e mulher que eu escrevo e subverto.

Referências

ABREU, Laís Oliveira. **Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil**. 2020. 270 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina. 2020.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BEAUVOIR, S (1949). **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

CARDOSO, C. P.; SILVA, Z. P. Por uma pedagogia feminista decolonial amefricanizada: práticas docentes nas encruzilhadas. *In: CARDOSO, C.P.; MARTINS, M.A.M. (org.). Insurgências pedagógicas na educação básica*. Salvador: Devires, 2021, p. 17-34.

FERREIRA, DANIELE LOPES. **QUEM VÊ OS FLASHES NÃO VÊ OS CORRES: PRÁTICAS EDUCATIVAS ATRAVESSADAS PELAS PEDAGOGIAS FEMINISTAS SERTANEJAS NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE CONCEIÇÃO DO COITÉ – BA.** 27/02/2022 142 f. Mestrado Profissional em Educação e Diversidade Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Jacobina Biblioteca Depositária: Sistema de Biblioteca da UNEB

PACHECO, Juliana (org.) **Filósofas**: a presença das mulheres na filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Sites:

KILOMBA, Granda. Mesa Redonda - Mata da Corda. **Flip - Festa Literária Internacional de Paraty**. *YouTube*. 13 jul. 2019. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=NgCIPHZDUkI> Acesso em: 13 dez. 2022.

IPEA- Instituto de Ciência Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2021**. Daniel Cerqueira *et al.* São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes> Acesso em: 13 dez. 2022.

STEFANI, Franceli. Prefere sacar a Lei Maria da Penha ou uma pistola? Diz Bolsonaro no RS. **UOL**, Novo Hamburgo, 3. set. 2022. Política. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/09/03/prefere-sacar-a-lei-maria-da-penha-ou-uma-pistola-diz-bolsonaro-no-rs.htm> Acesso em: 13 dez. 2022.

4

DESASSOSSEGOS E ECOS DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM PEDAGOGIAS FEMINISTAS E DECOLONIAIS

Girleide de Jesus Almeida
Larissa Carolina Barbosa Aliberti
Silmária Ribeiro

Neste diário virtual de aulas, temos como objetivo registrar um percurso vivenciado durante a realização do componente “Pedagogias feministas e epistemologias decoloniais”, realizado no formato *on-line*, do programa de Mestrado em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, no segundo semestre de 2022. Procuramos desenvolver uma escrita colaborativa para integrar nossas perspectivas, estabelecendo, ao mesmo tempo, pontos de contato entre o que foi destacado por cada autora do diário, buscando evidenciar os desassossegos e ecos desse processo em nosso entendimento sobre práticas pedagógicas feministas.

Diante do desafio da escrita colaborativa, gradual e assíncrona, definimos que seria favorável fazer um recorte para aprofundar nossas reflexões, favorecendo a interlocução e a articulação entre as contribuições de cada uma. Optamos em focalizar as perspectivas que fundamentam concepções e práticas pedagógicas feministas com especial atenção às que foram desenvolvidas pelas professoras do componente como estratégias educacionais no contexto das atividades acadêmicas.

Começamos com considerações sobre a construção de um marco conceitual sobre feminismos, posteriormente, apresentamos pontos destacados nos encontros em articulação com as leituras realizadas e seguimos compartilhando percepções sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no próprio componente.

Práticas pedagógicas feministas: pesquisas, relatos e experiências

A Roda de Conversa foi a forma central de organização dos encontros, que, em geral, começavam com uma breve fala de convidadas e convidados para seguir com as questões, comentários, reflexões de todas e todos presentes. Nesse momento, eram citadas as leituras indicadas que haviam sido lidas, dando destaque a alguns pontos. Dentre as dez rodas que foram realizadas durante o componente, resgatamos para neste registro de percurso aquelas que ecoaram fortemente em nossas vivências e reflexões.

O componente curricular “Pedagogias feministas e epistemologias decoloniais”, tem na sua nomeação uma afirmação, a existência das pedagogias feministas. Para aprofundar estudos sobre essas pedagogias é preciso reconhecer o que se entende por feminismo. Parece necessário explorar os sentidos atribuídos a esse termo e seus significados para que se possa, de fato, ampliar o entendimento desse conceito.

Com o intuito de mapear as ideias sobre feminismos que circulavam no grupo, foi realizado um levantamento de inicial das concepções, realizado por meio de um instrumento denominado pelas docentes do componente como avaliação provocadora de conhecimentos prévios. Esse instrumento foi encaminhado em um arquivo colaborativo em que fomos, a partir de perguntas norteadoras, registrando individualmente as definições, incertezas, afirmações que foram um disparador de conversa e uma convocação ao estudo e reflexão. Nesse momento inicial, nos sentimos como águas de um mar em revolta, e que vão e que vem e, sentimos como é estar debaixo d’água, nos tantos movimentos, na fluidez, na vida

plural e inquieta. Para seguir com essas idas e vindas, esse movimento de aprendizagem, buscamos e nos alimentamos de leituras apaixonantes que nos envolvem e nos fazem refletir nossas práticas.

Como os conceitos trazidos pela bell hooks (2018) e Marcia Tiburi (2018) que colaboraram com nossa ampliação do entendimento sobre o que é o feminismo. Com as leituras indicadas para discussão de concepções de feminismo, pudemos dar um passo importante de aprofundamento do que havíamos levantado como conhecimento prévio anteriormente. Esse processo nos parece um ato fundamental para o conhecimento de definições que sejam mais claras, já que, como alerta bell hooks: “As políticas feministas estão perdendo o *momentum* porque o movimento feminista perdeu suas definições claras. Temos essas definições. Vamos recuperá-las” (hooks, 2018, p. 23).

Na ciranda que girava, ouvíamos o que das leituras propostas movimentou de alguma forma a cada um(a) de nós. E sobre as concepções de feminismo Márcia Tiburi (2018) afirma:

Mas o feminismo é ainda mais do que elucidação, crítica e luta. É também a conquista do direito de ser quem se é. Uma conquista comemorada a cada dia por quem se sente comprometido, em sua vida, com aqueles que não puderam ser aquilo que poderiam ter sido em função de preconceitos de gênero e sexualidade, de raça e classe. É o feminismo que alerta para a forma de sujeição inscrita no gênero e na sexualidade. Pensar o que chamamos de gênero e pensar também a sexualidade como mecanismo de opressão: eis o que o feminismo busca (Tiburi, 2018, p. 34).

Em meio a muitas colocações que nos faziam refletir, principalmente, sobre qual o nosso papel diante das pedagogias feministas e em qual momento em nossas práticas elas ficam evidentes. Acreditamos que estudar esse componente acaba sendo

descobrir nosso eu e como somos esse transparecer na sua prática pedagógica.

Para além das definições que foram sendo apresentadas e discutidas, foram nas práticas pedagógicas compartilhadas, nas rodas de conversa, nas leituras indicadas, nos materiais audiovisuais que também foi possível ampliar essas perspectivas. Reconhecendo essas práticas como feministas, a construção do conceito passa a ser um processo que não é só de uma definição de termos, mas de uma ampliação do que se entende por práticas feministas.

Quando nos movemos a dialogar sobre concepções de feminismos e buscamos ampliar o entendimento do que são as práticas pedagógicas feministas, tornar visível o que nos acorrenta, nos possibilita reconhecer pares de lutas para dar voz a quem ainda precisa ser ouvido e respeitado. Propicia-nos uma formação para dentro e fora da escola, numa perspectiva de mudança e transformação de uma sociedade.

No decorrer dos encontros, as leituras, as reflexões e provocações surtiam efeito no cotidiano. Porque por mais que antes de estudar o componente, já vivia submergida às temáticas que as interseccionam, agora tenho mais consciência e propriedade para argumentar e contra argumentar ideais aos temas discutidos nas rodas até então. Em razão das leituras realizadas, das rodas promovidas e todas as reflexões feitas, posso defender e estar do lado daqueles e daquelas que são silenciados, silenciadas, violentados e violentadas diariamente.

Em se tratando desta afirmativa pessoal, gostaria de relatar um momento. Um dia destes, ouvi a indignação de meu colega de trabalho, pois se recusava em chamar uma aluna pelo seu nome social, pelo simples fato deste não o ter regularizado perante a lei. Quando o professor, em meio a sua indignação, me deu abertura para opinar sobre o seu comportamento, não hesitei em falar que mesmo não tendo legalmente constituído seu nome social, deveríamos assim

chamar, pois era como gostaria de ser chamado, e era o gênero que se identificava. Meu colega se silenciou e ficou a refletir.

Para adentrar o espaço das práticas pedagógicas reconhecidas como feministas, a proposta que nos foi feita foi conhecer, por meio da leitura de dissertações de pesquisadoras contemporâneas brasileiras, pesquisas em educação construídas com uma abordagem feminista. A primeira Roda de Conversa, teve como foco as Pedagogias feministas propositivas nas pesquisas em educação. Por meio das colocações e comentários despertados pela leitura da dissertação de mestrado de Laís Abreu (2020), pudemos identificar que toda prática pedagógica tem intencionalidade política, epistêmica, filosófica e que práticas pedagógicas feministas são construídas coletivamente, projetos tecidos com e não para outras e outros. Na Roda de Conversa, Laís Abreu compartilhou o atravessamento do seu tema da pesquisa, dizendo “esses rasgos me atravessaram antes, me cortaram durante” “quem faz pedagogia feminista, não pode ficar no isolamento (...) a reflexão sobre as práticas pedagógicas mostra nossas contradições” (Abreu, 2022)¹.

A roda nos acolhe. Temas e vivências difíceis são compartilhados e a reflexão sobre nossa atuação nas escolas. Laís Abreu traz a essa roda a potência de sua pesquisa e por vezes nos faz perceber o quanto foi atravessada pela mesma. Isso também está muito evidente em sua escrita:

Quando realizei o Ateliê de Pesquisa de caráter exploratório para fins de apresentar a pesquisa e me aproximar do território escolar, ao falar da minha implicação com o objeto de pesquisa, uma das professoras desabafou: [...] Então assim, eu não minto, eu falo. Com 17 anos eu fui abusada por uma pessoa de confiança da minha família, pra você ver que era uma pessoa que trabalhava com meu pai. É um trauma que você tem que saber trabalhar [...] (Participante, 2019).

1 Fala de Laís Abreu durante a Roda de Conversa, on-line, em 12 set. 2022.

Aprendi que quando uma vítima fala as demais se encorajam. Evidencia-se isso na narrativa da professora acima (Abreu, 2020, p. 45).

Laís Abreu com sua pesquisa, sua escrita, busca quebrar o silêncio adocedor da violência sexual na infância através da pedagogia feminista. E compartilhar essa abordagem na nossa Roda certamente irá também nos inquietar a pensar sobre nossas práticas e pedagogias. E até que ponto estamos colaborando para a expansão e aplicação das pedagogias feministas e/ou até mesmo estamos contribuindo pela permanência da cultura patriarcal.

No processo de compreensão de práticas pedagógicas feministas, Daniele Ferreira (2022) amplia o entendimento para uma diversidade dessas perspectivas que vão sendo pensadas e construídas de forma contextualizada e em ação com todas e todos que são parte de um coletivo, como, por exemplo, as escolas e os coletivos das salas de aula na sua inscrição em um dado espaço geográfico e de suas culturas singulares. A dissertação de Daniele Ferreira (2022) nos apresenta o termo pedagogias feministas sertanejas:

[...] penso as pedagogias feministas sertanejas como estratégias que se confabulam como uma postura ética, poética e engajada de descortinar práticas racistas, sexistas, LGBTTFóbicas, assim como estereótipos negativados sobre os sertões. Pedagogias, que, do meu ponto de vista, provocam dentro e fora da escola, modos outros de convivência em sociedade, a do bem querer (Ferreira, 2022, p. 17-18).

As pesquisas citadas de Laís Abreu e de Daniele Ferreira e a Roda de Conversa sobre elas, deu início a uma percepção de que tanto para a constituição de práticas pedagógicas feministas, quanto para a pesquisa em educação construída por pesquisadoras feministas é preciso repensar e inventar as formas de fazer, as

metodologias em um processo de desconfiança e desnaturalização de práticas hegemônicas tidas como legítimas tanto nos ambientes escolares quanto nos espaços acadêmicos.

O questionamento e esse processo de criação de novas práticas pedagógicas e de pesquisa explicita-se também nas contribuições e diálogos de outras rodas que contaram com a presença de professoras e pesquisadoras que nos provocam a refletir sobre as vozes silenciadas pelos mecanismos do machismo, do racismo, da lesbofobia, da transfobia, das opressões de classe social entre outras que atuam na manutenção de uma hegemonia do conhecimento. Essas contribuições mostram como a negação das formas hegemônicas de produzir conhecimento é uma disputa que vai se fazendo gradativamente para se tirar do status de normalidade, ideias, conceitos, valores e cultura de sujeitos alienados por uma sociedade patriarcal.

No encontro sobre Pensamento de Mulheres Negras, tivemos a presença de Angela Figueiredo e Amanda dos Santos. A Roda foi sendo tecida, inicialmente, com as falas das convidadas, cada uma trazendo fios e tramas para nossa composição. Ambas implicadas nos mostrando um compromisso com o que estava sendo discutido, um dos pontos centrais dessa conversa foi a questão da utilização ou não de perspectivas teóricas de autoras e autores não brancos para construção de conhecimento e fundamentação das produções acadêmicas tratando de vivências e pautas políticas e sociais de pessoas historicamente racializadas. A discussão transcorria com argumentos convincentes de ambas, todavia em lados antagônicos. Por algum motivo, de repente nos calamos.

A Roda está lá ativa com Angela Figueiredo e Amanda dos Santos. Porém, ficamos vidradas e inquietas devido a tantas provocações nas falas. Ambas transpiravam propriedade em cada palavra, frase que diziam e sentimos o silêncio de uma sala. E logo, nos calamos. Realmente, não sei se ficamos sem palavras diante da musicalidade da Roda, ou de tantas verdades que foram ditas nela. Acredito que não falamos receosas(os) do que poderiam dizer, porque cada

afirmativa dessas mulheres palestrantes e negras tinha força, poder de nos silenciar. Porém, dentro de nós estávamos inquietas. Pois era visível que são mulheres de resistência, que lutam para mudar o sistema, o mundo que ainda é patriarcal/colonial. Para nós, essa divergência se constitui em complementaridade, pois os argumentos de cada uma nos pareceram pontos de reflexão valiosa sobre uma mesma questão e que favoreceram nosso entendimento de que a definição de nossas perspectivas teóricas é um ato político.

Ângela Figueiredo trouxe para Roda muito de seu conhecimento e de suas vivências enquanto mulher, acadêmica e militante. Também abordou fatos sobre sua formação, e do quanto a mesma havia sido pautada em classe e gênero. E de como demorou a entender que era possível ser acadêmica e militante. Segundo Ângela Figueiredo, após o encontro com Ângela Davis isso ficou muito forte: “eu não tenho que escolher um lado, eu posso fazer as duas coisas.” (Figueiredo, 2022)². Para ela a geração pós-cota precisa pautar o que é militância e o que é academia. Amanda dos Santos, ao entrar na Roda, afirma: “Eu sou do candomblé. E o que é ebó? Um trabalho, e a escola estava precisando de um trabalho. Por isso ebó pedagógico” (Santos, 2022)³. Amanda nos encantou com seu canto, sua fala cheia de emoção. Ela nos trouxe a reflexão sobre o corpo. Citou bell hooks dizendo que é preciso entrar na sala de aula com o corpo, e não com um espírito desencarnado.

Essas rodas nos mostraram que há na produção acadêmica um movimento que corresponde às transformações de um tempo. Na nossa Roda de Conversa que tinha como eixo as Escrivências como concepção onto-epistemológica estávamos na sala com a presença das convidadas Raphaella Silva Pereira de Oliveira, Iris Verena Oliveira e Vaneza Oliveira de Souza. Nesta noite, tivemos uma Roda inicialmente tensa e depois muito intensa. A Roda não girava com tanto dinamismo como anteriormente. Creio que os discursos, com propriedade, nos deixavam quietas e silenciosas,

2 Fala de Ângela Figueiredo durante a Roda de Conversa, *on-line*, em 19 set. 2022.

3 Fala de Amanda dos Santos durante a Roda de Conversa, *on-line*, em 19 set. 2022.

mas refletindo muito sobre tudo que ouvíamos. Conceição Evaristo também sustenta a ideia que a escrevivência está para retratar as experiências das mulheres negras, da mesma forma que retrata na sua escrita e é apreciada por tantos e tantas. Ainda sobre o ato de praticar a escrevivência foi levantada a assertiva que era preciso quebrar o tempo linear. E nesse processo o tempo se dobra, e temos a possibilidade de ir para trás, para frente, pelos lados, sempre a girar, a variar.

Afirmo, porém, que foi dado o tempo espaço que aprendi desde criança as palavras, ainda dito. E no círculo no chão, minha mãe colocava o sol para que astro se engrandecesse no infinito, e se materializasse em nossos dias. A chuva continua, retarda o trabalho e pouco dinheiro advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis amarrados um a um nos varais na corda bamba da vida (Evaristo, 2020, p. 49).

Logo, escrevivência está para o povo negro, para a mulher negra, está para a coletividade negra. Raphaela Oliveira, trouxe a abordagem da etnoescrevivência. Seria a escrita relacionando a epistemologias do continente africano. Ela afirma que a escrevivência diz respeito a uma ancestralidade que se senta à mesa.

A Roda que teve como tema central o Pensamento Lésbico com a presença das professoras Dayana Brunetto e Mariana Rodrigues, ambas do projeto LesboCenso. As professoras trouxeram suas experiências dentro do projeto e, principalmente, mostraram para todas(os) nós a importância do mesmo para se pensar políticas públicas para mulheres lésbicas. “Se não tem dados, não têm demandas.” (Brunetto, 2022)⁴. No girar da Roda, colegas foram tocadas a compartilhar suas experiências enquanto mulheres lésbicas, da rejeição da família de amigos. “Eu não exercia a performatividade

4 Fala de Dayana Barreto durante a Roda de Conversa, *on-line*, em 3 out. 2022.

lésbica por proteção. Eu vi colegas se afastando. Quanto mais lésbica, mas eu me via sozinha” (Fran, 2022)⁵

Eu sentia um certo preconceito de como eu exercia minha lesbindade. Eu conseguia uma fuga nas discussões com os próprios alunos que se identificavam com a temática. Teve um professor evangélico que fez uma reunião para dizer que eu não poderia ficar na escola porque além de ser macumbeira, eu era sapatão” (Santana, 2022)⁶.

Foi uma Roda que tocou em questões às quais eu ainda não havia pensado. Nunca tive professoras lésbicas e nem sapatão, mas isso não serve para dizer que as questões de gênero não devem permear as nossas práticas. O conhecimento adquirido aqui, servirá de suporte e subsídio para o trabalho na escola com nossos pares, até mesmo naquilo que se chama de currículo oculto.

Na que teve como convidada a Mestre Janja Araújo, professora da UFBA, a mesma mostrou-se na Roda com uma característica particular. Gingava e nos gingava com leveza, com movimentos suaves e bem compreensíveis. Começou a falar sobre as mulheres negras na capoeira. Colocou em evidência a existência da Pedagogia, que fez e faz possível o ingresso e permanência de mulheres na capoeira. Elucidou o quanto o heteronormativismo é predatório e evidência exclusivamente a masculinidade, seus fatores negativos, a exemplo a violência contra a mulher. Além de falar dos desafios cravados pela redemocratização do Brasil através da reestruturação dos movimentos sociais.

Porém, enquanto a Roda girava com a Mestre Janja Araújo, com sua ginga peculiar, algo me chamou a atenção. Na parede da casa dela, que servia de painel aos nossos olhos durante a escuta, vi um quadro em que estava escrito: *BLACK lives matter*.

5 Depoimento de Fran durante a Roda de Conversa, *on-line*, em 3 out. 2022.

6 Depoimento de Sueli Santana, durante a Roda de Conversa, *on-line*, em 3 out. 2022.

Por alguns segundos ou talvez minutos, fitei meus olhos nele. Provavelmente, procurando sentido a tudo já dito naquela noite a partir dele. Logo, concluí *BLACK lives matter*, no seu lar, no lar de Janja, expressava a importância do povo negro, não havia incoerência de pele e de discurso. O modo de vida dela estava estampado em um quadro de sua casa. Talvez, tão sucinto e com clareza quanto a oratória de Mestre. *BLACK lives matter* - Vidas negras importam.

A convidada continuou a falar. Falou que na capoeira a mulher também é objetificada. A mulher na capoeira já serviu como status constitutivo para os grandes mestres. Entretanto, salientou também que alguns mestres já sabiam e sabem em que lugar a mulher deveria/deve ocupar que é ainda muito dessa luta travada. A importância da capoeira para as pedagogias feministas se dá com mais evidência desde 1998, quando se começou a formação das mulheres no interior da capoeira realizando eventos com os desafios de trazer pautas feministas para o interior da capoeira; formar uma geração que não tivesse medo se ser feminista no interior da capoeira; inserir nos movimentos feministas recentes essa categoria de ser mulher capoeirista. Mestre Janja conclui, “A capoeira é um espaço constituído de LGBT.” “A arte tem uma potência infinitamente maior do que os tratados.” “As expressões de todos os corpos e todas as gentes.” (Mestra Janja, 2022)⁷

Janja nos trouxe uma Roda muito rica de conceitos, de ideias. Ela nos fez girar na capoeira, na tecnologia, nas pedagogias feministas. E para não nos estendermos demasiadamente nessa roda, nos propomos a mostrar o movimento através de uma chuva de ideias.

7 Fala de Mestre Janja, durante a Roda de Conversa, *on-line*, em 10 out. 2022.

Figura 1: Nuvem de palavras construída com termos citados pela Mestra Janja Araújo durante Roda de Conversa e que destacamos como centrais para nosso entendimento da ginga oriunda da capoeira como teoria e metodologia



Fonte: elaborada pelas autoras (2022)

Mestra Janja fala da cumplicidade das causas, em favor de movimentos sociais, de sermos por nós e pelos outros. Ela diz,

Se você não joga bem, eu não quero lhe destruir porque o jogo não pode acabar. É preciso que você se fortaleça, é preciso que você se mantenha. E mais ainda, pra que eu seja forte, pra que eu jogue bem com você, é importante que você jogue bem também. Porque se você não jogar bem, não posso jogar bem. (Mestra Janja, 2022)⁸

Por fim, revela que temos seis movimentos (para frente, para trás, para o lado, para o outro, para cima e para baixo). Porém, quando vamos para a capoeira temos o sétimo movimento, em que vamos sempre, em toda a nossa vida, buscar por ele. O sétimo movimento é a liberdade.

8 Fala de Mestra Janja Araújo, durante a Roda de Conversa, *on-line*, em 10 out. 2022.

Práticas pedagógicas feministas: vivências no componente

Uma abordagem que pretendemos dar a este diário é o reconhecimento e a análise das práticas pedagógicas que, para além de apresentadas ou enunciadas, estão sendo colocadas em ação pelas professoras do componente, Ana Lúcia Gomes Silva e Zuleide Paiva Silva e monitora Mary Queiroz.

Consideramos que mirar essas práticas do ponto de vista de estudantes que integram esse coletivo favorece a percepção da coerência entre as perspectivas que estão sendo colocadas em foco, feministas e decoloniais, e as práticas educacionais. Por isso, na elaboração gradativa do diário, procuramos, entre outros aspectos, identificar as práticas pedagógicas das aulas ou rodas de conversa, como definido pelas professoras do componente, analisando de que forma essas práticas se constituem como deslocamentos potentes para criar outros modos construir percursos de aprendizagem no espaço acadêmico.

As primeiras boas-vindas foram dadas em uma sala de aula virtual, nomeada por Ana Lúcia como uma “Roda de Conversa estendida”. Nossas palavras chegaram de forma assíncrona, ora acompanhadas de uma pequena imagem nossa, uma foto de perfil visível na sala de aula virtual. O convite para integrar o espaço e a leitura das mensagens iniciais foram dando som e movimento para um grupo que ali começava a se compor. Essa forma de iniciar as aulas mostrou-se uma interessante prática que colocava estudantes e docentes a eleger o que sobre si seria parte desse primeiro momento de chegada no grupo. Nas apresentações de várias e vários participantes, foi possível identificar diferentes locais em que estão, suas atuações profissionais, suas identidades de gênero, sua autodefinição racial, entre outros aspectos. O que favorece um mapeamento do grupo que explora muitos marcadores sociais e oferece informações que podem colaborar com essa caracterização inicial que quem compõe esse coletivo.

Poemas, músicas e mensagens, publicados pelas professoras, foram os convites para que cada estudante se apresentasse nesse ambiente agora nosso. E o convite foi rapidamente aceito. Com essas aberturas, as apresentações foram cheias de entusiasmo, pegando a “deixa” dada pela imagem da roda de samba, da gira e alimentando o mural da sala virtual com outras imagens que cada uma e cada um trouxe de si. Como esse convite foi feito deu leveza e beleza para que se pudesse escolher o que dizer sobre quem se é e permitiu um encontro horizontal, ou melhor dizendo, em forma de Roda em que se pode ver a todas.

A antecipação da realização das rodas de conversa com essas professoras e pesquisadoras, bem como os temas já previstos desde o início de nossos encontros no componente no cronograma disponibilizado, gerou em nós expectativas. Como cada uma esperava por cada roda? De que forma nos preparávamos para os temas que seriam dialogados? De que maneira nos implicamos com cada uma delas revelando os atravessamentos da singularidade na trajetória de cada uma de nós? Rememorar esse movimento de preparação para as rodas e também como nossos corpos se disponibilizavam para elas - antes, durante e depois de cada encontro - nos dava mais informações sobre quem somos e sobre nosso processo de aprendizagem.

Nas aulas realizadas via plataforma *Google Meet*, o espaço para a fala era aberto tanto por meio da fala quanto da escrita, que vemos serem compartilhadas pelo *chat* disponível na plataforma. Vê-se que essa “conversa paralela”, a do *chat*, de paralela não tinha nada. Foi totalmente integrada ao movimento da Roda falada. Por lá circulam reflexões, perguntas, ampliações das falas, indicações de leitura complementares.

O funcionamento do *chat* evidencia que esse espaço que é a aula e as interações que nela se dão podem ser potencializados por meio dos diferentes recursos utilizados por quem faz parte desse coletivo de estudo, sejam as palavras ditas ou escritas. Em meio a efetivação

de nossa roda, no *chat*, nossas colegas também se pronunciavam. Imaginei: seria uma sala de aula com conversas paralelas, que na condição de professoras condenamos tanto? Mas, entendemos que no mundo cibernético nos acostumamos a conectar e desconectar, e vamos alinhando nossos conceitos e dando sentido a tudo como também desfazendo e fazendo novamente.

Apesar de ocorrer sem que estivéssemos realmente com o corpo fisicamente em roda, como quando colocamos as cadeiras em círculo ou nos sentamos no chão podendo olhar umas às outras, todas e todos presentes, a Roda de Conversa virtual pode acontecer de forma horizontal, com abertura para quem quisesse participar. Porém, as muitas câmeras fechadas impediam que se pudesse ver a todas e todos. Além disso, percebemos que com esse convite aberto à participação nem todas as pessoas presentes trouxeram suas contribuições, muitas vezes eram as mesmas vozes que se colocavam nas rodas. Isso nos traz um questionamento e nos leva a perguntar: como integrar mais essas e esses participantes? Será que basta um convite e o espaço para falar? Por que houve quem pouco se manifestasse? Talvez, precisavam de tempo para maturar ou até mesmo tempo suficiente para dar voz a todos na fala.

Um ponto de destaque da organização das rodas é que havia um grupo estável de participantes do componente, mas a cada encontro havia pessoas convidadas. Com a presença das pesquisadoras e pesquisadores, educadoras e educadores, militantes e as conversas que pudemos tecer com elas a partir das experiências de pesquisa e estudo foi uma troca enriquecedora e que nos mostra como é potente o encontro em uma perspectiva de formação horizontal. As discussões dos trabalhos feitos por essas convidadas e esses convidados e o diálogo, permitiu que as cenas das ações educacionais e as intervenções pautadas nas perspectivas feministas revisitassem. Nessas trocas, também foi possível ampliar nossa compreensão sobre as maneiras de se fazer pesquisa, já que pudemos conhecer as metodologias e refletir o quanto é preciso instaurar outros modos

de pesquisar. Isso colaborou com a ampliação de possibilidades para elaborar nossos projetos como futuras pesquisadoras.

A escrita do diário virtual como uma prática proposta pelas professoras do componente foi um desafio para nós. A experiência do uso do diário de aulas virtuais mostra-se um procedimento que colabora com a produção de outros espaços formativos e relações de aprendizagem pautadas pela construção colaborativa de conhecimento (Silva; Abreu; Souza, 2020).

Tecer registros durante a realização de um componente que nos possibilita tantas aberturas de aspectos a serem tematizado, como, para citar alguns: as perspectivas dos feminismos, as práticas pedagógicas feministas, as pesquisas feministas contemporâneas em educação, a invisibilidades de corpos, patriarcado e as epistemologias que foram sendo apresentadas, como a lésbica e trans, por exemplo. Poderíamos seguir por muitos caminhos e focalizar muitos aspectos do que foi sendo discutido nas rodas de conversa e do que foi sendo refletido nas leituras e nas nossas experiências pessoais. Por isso, parece-nos que ter um elo para essa escrita pode ser favorável. Além disso, tivemos que nos articular usando os recursos possíveis como mensagens em *WhatsApp*, encontros via *Google Meet*, comentários no documento de escrita compartilhado, para costurar nossas ideias nessa paisagem que é o diário colaborativo feito a várias mãos.

Sendo essa produção feita por nós, três profissionais que atuam na educação, para as quais a reflexão, o questionamento e a construção de práticas pedagógicas é companhia cotidiana, o recorte citado contribui fortemente com nossa formação. O foco que buscamos estabelecer em nossa escrita deste diário possibilitou o reconhecimento de outras experiências que dialogam com nossas reflexões ao mesmo tempo, em que ampliam as possibilidades de construção de outras práticas mais engajadas, insubmissas, fortalecidas por potentes produções de pesquisa em educação de professoras-pesquisadoras.

Escrever um diário em trio foi sem dúvidas desafiador, porém nos possibilitou a abertura de tecer juntas, compartilhar e adquirir saberes, quebrar paradigmas da escrita. Construimos para além do diário, uma relação de afeto e empatia, que nos possibilitou ir percebendo e sentindo o processo de cada uma. Certamente, nesse processo de fluidez, houve um movimento transformador em cada uma de nós.

Referências

ABREU, Laís Oliveira. **Pedagogia feminista no território escolar**: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil. 2020. 270 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina. 2020

ADICHIE, Chimamanda N. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ARAÚJO, Rosangela Janja Costa. Mulheres Negras e Culturas Tradicionais: memória e resistência. **Currículo sem fronteiras**, v. 19, p. 553-565, 2019. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss2articles/araujo.pdf>. Acesso em: 09 de nov. de 2023.

BRUNETTO, Dayana. **A narrativa sapatão em disputa**: identidade e atitude sapatão. Relatório Final de Pós-doutoramento em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabella R. (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustração: Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 48-57.

FERREIRA, Daniele Lopes; Silva, Zuleide Paiva da. Pedagogias feministas no Sertão da Bahia: experiências sobre o programa novo mais educação no Colégio Estadual Antônio Bahia In: MACEDO, A. C. de; OLIVEIRA, I. G. de; BARBOSA, J. A. (org.). **Práticas pedagógicas de resistência**: a escola como lugar da diversidade. Porto Alegre: Fi, 2022, v.2, p. 142-168 [recurso eletrônico].

hooks, bell. **Feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

OLIVEIRA, Iris Verena. Giras de escrevivências: miragens metodológicas para pesquisa pós-estrutural no campo do currículo. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 14 [Especial], p. 12-32, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/61164>. Acesso em: 09 de nov. de 2023.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; ABREU, Laís Oliveira; SOUZA, Vaneza Oliveira de. Diários de aula virtual e a (auto)formação na pesquisa em redes colaborativas. **Revista Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v.10, n.2, p. 110–123, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8717>. Acesso em: 09 de nov. de 2023.

SILVA, Zuleide Paiva; ARAUJO, Rosângela Janja Costa. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e82446, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82446>. Acesso em: 09 de nov. 2023.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.

5

EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS EM UM DIÁRIO COM OLHAR DECOLONIAL

Ana Lúcia dos Santos
Luane Rios dos Santos Mota

Quando a Roda começou a girar pelo feminismo que arde em nossas veias (29/08/2022)

Inciamos essa breve introdução diário para falar sobre o feminismo, esse movimento que toca muitas mulheres intimamente, pois, possui sua própria teoria e reflexão crítica sobre a realidade que nós, mulheres, guerreiras “arretadas” somos inseridas, afetadas há anos para conquistar nosso lugar de fala, nossa autonomia e o respeito que merecemos. Enquanto, mulheres “teimosas” que discordam do machismo impregnado na sociedade, em busca de igualdade e nos direitos.

O feminismo é um conceito que emergiu no século XIX enquanto um movimento filosófico, social e político, na luta pela igualdade de gêneros e a participação da mulher na nossa sociedade culturalmente alicerçada na dominação masculina, extremamente patriarcal. Colocando o homem, desde muito tempo, enquanto foco principal, com mais privilégios que as mulheres, consideradas enquanto o “sexo frágil”.

Hoje falamos dos feminismos, pois somos plurais, o que um único feminismo não dá conta de cada grupo com as intersecções

de raça, classe, geração e sexualidade. Vamos também falar de nós, enquanto mulheres feministas, que desde pequenas seguindo as mulheres fortes acreditamos na igualdade entre homens e mulheres, que nunca se limitou a ser “recatada e do lar”, mas sempre foi do fazer, do lutar e do se posicionar! Estamos inteiramente ligadas às lutas dos femininos, mais uma motivação para cursar a disciplina de Epistemologias Feministas, movidas pelo desejo de conhecer mais sobre o movimento e nos envolver pelas mulheres “empoderadas”. E hoje especialmente na nossa primeira aula percebi que nós mulheres nos sentimos abraçadas pelas colocações dos colegas e nas falas das professoras Ana Lúcia e Zuleide que nos fizeram repensar os nossos feminismos, até quando somos feministas? Realmente conhecemos os feminismos? Tudo isso nos instigou a querer participar mais e fazer mais leituras para conhecer de fato os pressupostos em torno desses movimentos revolucionários que crescem cada vez mais para que atendam todas as mulheres com suas especificidades.

Devido a algumas conquistas, como votar, divorciar, adquirir bens sem precisar de fiadores, entre outras inúmeras e mudanças de costumes, para muitas mulheres, foi possível o empoderamento e a tomada de decisão para viverem e serem agentes de suas vidas. Mas ainda assim, dentro de uma cultura em processo de transformação e que ainda tem base patriarcal, as mulheres acabam sendo subjugadas socialmente por não cumprirem os papéis impostos à elas, como o de reprodutoras, esposa e cuidadoras.

Esse, empoderamento ainda que em construção nos tira da subalternização que sempre nos foi imposta, quando diziam que as meninas eram educadas apenas para os trabalhos domésticos, casamento e criação dos filhos, não podiam trabalhar fora de casa, não tinham acesso a assuntos com política, não tinham o direito de pensar e intervir na sociedade ficando restritas ao espaço privado. Como citado no livro “*Sejamos todas feministas*”, quando a autora fala: “o problema da questão de gênero é que ele prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos” (Adichie, 2014:41).

Porém, mediante muita luta e discriminação muita coisa tem mudado, quando falamos, por exemplo, da Revolução Francesa (1789) quando existia a chamada “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, que foi escrito no ano da Revolução, foi arduamente combatida até que conquistamos a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, feito pela feminista francesa Olympe de Gouges no ano de 1791.

Nesse sentido, nos encantamos ao estudar como os movimentos feministas que pelo mundo foram cada vez mais conquistando diversos direitos para as mulheres, como é o caso principalmente do direito à educação e ao voto, que na nossa concepção são os direitos mais importantes para irmos em busca dos tantos outros que almejamos. Assim, somos motivadas a conhecer mais sobre os feminismos, precisamos cada vez mais ir em busca dos nossos direitos na sociedade em busca de igualdade! Somos arretadas! Vamos à luta!

Figura 1 - Símbolo do feminismo



Fonte: Gerado com IA (Bing Creator) - 06/12/2023 às 10:04 AM

Feministas e suas afetações (05/09/2022)

Mais um dia nos deleitamos no diário para pensar o feminismo na construção enquanto mulheres pesquisadoras na sociedade masculinizada e hierárquica que vivemos. Como mencionamos no relato anterior, os feminismos nos afetam profundamente nas suas lutas e ideologias e nos instiga a pensar cada vez mais como nós mulheres somos “postas” na sociedade

e como ainda temos muito a fazer em busca de nosso lugar de fala, de igualdade e de independência.

As leituras que temos feito, principalmente do livro: “*Sejamos todas feministas*” tem nos encantado nos relatos e histórias que a autora descreve, ela nos traz reflexões muito importantes de sentimentos que temos intimamente e muitas vezes são reprimidos pelo medo da não aceitação do outro, pois, temos dentro de nós um certo medo da rejeição e a incompreensão do outro! Nos vemos muitas vezes no texto, principalmente quando ela cita: “Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero” (Adichie, 2014:41).

Se reconhecer enquanto feminista é ter a convicção que os homens e as mulheres tem direitos iguais e que o gênero não pode nos limitar, na luta para sermos vistas como cidadãs e portadoras de direitos igualmente aos homens brancos e heterossexuais. No entanto, nos mantermos firmes na luta para ter valor em uma sociedade estruturalmente desigual é árduo.

Nós, enquanto feministas, temos plena convicção de que para tornar o mundo um lugar mais justo é um constante processo, e a mudança de uma cultura que não ocorre da noite para o dia e mesmo assim seguimos lutando por essa sonhada igualdade de gênero. Já que, somos violentadas psicologicamente, fisicamente e até mesmo institucionalmente por defender a igualdade de gênero e ainda seguimos pois, temos um motivo claro para lutar.

Nós questionamos muito se vale a pena continuar falando e debatendo sobre os feminismos com tantas mentiras e boatos de incitação ao ódio e misoginia nesse momento de retrocesso político que estamos vivendo com o atual presidente Bolsonaro que prega o ódio e a perseguição às discussões de gênero. Mas, temos que ser conscientes de que conviver com o diferente não é nada fácil.

Assim, enquanto feministas buscamos recorrer às raízes do movimento se inspirando nas mulheres que foram e são resistência frente ao ódio. Pois, se hoje é difícil assumir uma postura de mulher

feminista, imagina como eram nos anos anteriores. Ao mergulharmos no passado trazemos uma motivação:” elas não desistiram, não podemos desistir também”, avante!

Figura 2 - Mulher escrevendo no quadro



Fonte: Gerado com IA (Bing Creator) - 06/12/2023 às 10:04 AM

Práticas de Pedagogias feministas propositivas nas pesquisas em educação (12/09/2022)

A escola é o lugar onde nós passamos boa parte de nossas vidas, onde criamos laços afetivos, adquirimos conhecimentos e dialogamos constantemente. No entanto, do ponto de vista das discussões que envolvem os feminismos e as lutas por direitos muito pouco tem sido discutido, somos reprimidas por um sistema que nos limita, que tenta nos cegar sobre assuntos importantes e que fazem parte das vidas dos/as educandos/as. Por que não nos importar e discutir sobre as nossas crianças? principalmente as meninas que sofrem abusos sexuais e não sabem nem explicar o que aquele ato significa, pois são naturalizados pelo fato dos autores serem homens, mas são despedaçadas interiormente?

Como falar dos feminismos e não nos recordar que desde muito cedo nós, principalmente as mulheres, meninas somos violentadas muitas vezes por palavras que nos menosprezam em relação aos meninos e outras vezes infelizmente atos físicos que tiram de nossos corpos proveito e deixam um vazio sem tamanho?

Ao fazer a leitura da dissertação de Laís Abreu sentimo-nos muito deslocadas pelos seus relatos, ao falar dos abusos que sofreu ainda menina e sobre o silêncio que perdurou por anos, nessa luta pela reconstrução da dignidade enquanto sujeito. Particularmente, não passamos por tal situação, porém, quando uma menina/mulher é abusada, ou sofre qualquer tipo de violação nos mulheres sofremos juntas nessa corrente que nos fortalece, pois, algo parece nos consumir internamente e podemos sentir a dor de outras mulheres em nós, é um sentimento de sororidade que nos invade.

Esses relatos nos incomodam muito e nos motivam a continuar lutando pelos feminismos, a cada texto e relato que lemos nos sentimos tocadas a lutar ainda mais enquanto mulheres, sertanejas, pesquisadoras e profissionais, mas também movidas a tentar fazer algo por nós mulheres que foram e somos silenciadas nesse sistema, principalmente aquelas meninas que até mesmo na escola, que muitas vezes é o seu refúgio dos abusos, não tem voz.

No decorrer das leituras e discussões nas aulas começamos a discutir sobre a escola onde (eu, Luane) sou gestora, da comunidade pobre e marginalizada que ali se encontra e de tantos “supostos abusos” que muitas vezes somos notificados. Meu lugar de fala me permite relatar superficialmente casos de meninas, em sua maioria negras que convivem com a sexualidade precoce, com seus corpos sexualizados pela herança dos colonizadores com as mulheres negras escravizadas, com abusos de supostos tios e padrastos, casos como citei “supostos” não temos provas concretas, e meninas silenciadas pelos familiares que fazem pouco caso desses fatos, pois ainda somos colocadas no lugar de culpadas.

Não podemos mais tolerar esse silêncio, essa demora na resolução dos problemas, precisamos dar ouvidos às nossas crianças e mulheres que constantemente são desrespeitadas. Se faz necessário ouvir mais, dar voz, principalmente nas nossas escolas que são espaços onde as crianças passam parte do seu tempo e por isso precisam se sentir acolhidas e orientadas, pois, recuperar a dignidade humana é um processo complexo e que demanda muito cuidado e atenção.

Feminismo Negro (19/09/2022)

O feminismo na sua origem não atendia as pautas das mulheres negras, pois as mesmas sofriam por serem mulheres e negras fazendo-se necessário um movimento específico com reivindicações específicas que atendessem suas demandas.

Com o gingado e o som do berimbau vamos falar do jogo do preconceito de gênero impregnado na sociedade branca, machista e excludente, que na roda de luta da capoeira revela as mesmas dificuldades e preconceitos que nós mulheres sofremos na sociedade, pois, existem características que socialmente dizem respeito a identidade masculina como a exemplo da virilidade, força e até mesmo a agressividade, as quais são geralmente valorizadas na capoeira. Em contrapartida, existem características idealizadas pela sociedade para a identidade feminina que são desvalorizadas dentro desse contexto, como a fragilidade, submissão, suavidade de discursos, mas a fragilidade e suavidade é só um pretexto para discriminação já que a agressividade, a falta de sensibilidade foram características dadas para mulheres negras sendo essas a maioria que surgiu nesse espaço, então a discriminação está simplesmente na participação, mas sim na ocupação desse espaço como lideras (mestras). Infelizmente a sociedade ainda menospreza a presença das mulheres até nos esportes que foram ao longo dos anos “masculinizados”. Até quando? Somos resistência, precisamos reagir.

Pensando em resistência, nos recordamos das discussões da aula, dos relatos de Janja sobre as dificuldades das mulheres na sociedade e na capoeira, principalmente as mulheres negras que já sofrem um preconceito na sociedade que separa pela cor, gênero, sexualidade e classe e na capoeira não é diferente. A sua história de vida e luta enquanto mulher feminista, nos motiva a continuar em busca do nosso lugar de fala, de vida e de igualdade.

Essa concepção historicamente construída sobre o que é um comportamento, ou atributo dos homens e das mulheres condicionou a maneira pela qual os homens e as mulheres vieram a participar da capoeira, o que ocasionou uma marginalização e exclusão da participação feminina no esporte. Assim, acreditava-se que a mulher por natureza não fazia parte daquele espaço hegemonicamente masculino, com atribuídos apenas aos homens. Ser mulher e capoeirista era incoerente com os atributos considerados pela sociedade para uma mulher, pois, elas não podiam ser agressivas uma vez que, isso é “coisa de homem”, por isso as capoeiristas eram tão mal vistas.

Além disso, a capoeira é luta, mesmo sendo composta de elementos como religiosos e dançantes, com cunho machista, onde os meninos são incentivados ao esporte, simbolicamente demonstram força e virilidade, diferentemente das mulheres taxadas como ‘frágeis’. Acho muito “interessante” como a educação entre meninos e meninas é muito diferente, pois os meninos são construídos para o os esportes, ao contrário, das garotas que são desestimuladas a participarem.

Assim, o preconceito enraizado na sociedade contra as mulheres que querem seu espaço na sociedade é resultado de uma concepção historicamente construída sobre os atributos que devem ser dos homens em contrapartida com os atributos das mulheres. Infelizmente vivemos em uma sociedade extremamente machista e precisamos estar constantemente lutando pelos nossos espaços, unidas, independente da raça, geração, sexualidade e classe social. E as mulheres capoeiristas e negras, nossa inspiração na luta da capoeira que se incorpora a nossa luta feminista.

Figura 3 - Mulher digitando em uma máquina de escrever



Fonte: Gerado com IA (Bing Creator) - 06/12/2023 às 10:04 AM

O Feminismo e nossas escrituras (26/09/2022)

Ao escrever...

Ao escrever a fome
com as palmas das mãos vazias
quando o buraco-estômago
expele famélicos desejos
há neste demente movimento
o sonho-esperança
de alguma migalha alimento.

Ao escrever o frio
com a ponta de meus ossos
e tendo no corpo o tremor
da dor e do desabrigo,
há neste tenso movimento
o calor-esperança
de alguma mísera veste.

Ao escrever a dor,
sozinha,
buscando a ressonância
do outro em mim
há neste constante movimento
a ilusão-esperança
da dupla sonância nossa.
Ao escrever a vida
no tubo de ensaio da partida
esmaecida nadando,
há neste inútil movimento
a enganosa-esperança
de laçar o tempo
e afagar o eterno.

(Evaristo, 2017, p. 90-91)

Hoje viemos falar das escrevivências, falar do ato de nós colocarmos na escrita dos nossos textos, pois, como foi citada pela convidada da aula de hoje Vaneza: ¹“Não há texto bom somente neutro, colocamos um pouco de si”. Não existe uma neutralidade na nossa escrita, estamos diretamente ou indiretamente colocando nossos posicionamentos, nossas sensibilidades e subjetividades.

Na escrita acadêmica nos sentimos muitas vezes presos às normas que a academia nos impõe, tentamos escrever sempre em terceira pessoa, como se fossemos afastados de nossas escritas. No entanto, não tem como escrever de forma totalmente neutra, somos únicos/as e temos nossa escrita própria e nossa forma de falar e pensar.

Nesse sentido, nas discussões que ocorreram na aula de hoje falamos muito sobre o processo da nossa escrevivência, de como ela é um processo de construção que nos abre caminhos, ao falarmos de Conceição Evaristo compreendemos a escrevivência como um

1 Fala de Vaneza Oliveira, durante a Roda de Conversa, on-line em 26/09/2022

termo para sua literatura, alicerçada na condição de uma mulher negra na sociedade preconceituosa. O conceito traz a ideia de que a vida que se escreve na vivência dos indivíduos e cada um escreve o que vive e enfrenta.

A escrita deve ser lugar de liberdade, de cura e luta, isso é perceptível quando lemos Conceição Evaristo, no poema: “*ao escrever*”, quando ela se posiciona, relatando a sua vivência e denuncia a situação precária e complexa que boa parte da população negra brasileira vive, em condição de grande miséria.

Denúncia não somente porque a observa e a descreve, mas porque, sobretudo, soma-se à condição dessa população e lhe empresta a voz em diferentes movimentos, com a esperança que esse gesto ecoe e seja sentido pelos seus leitores, certamente pessoas que vivem em condição diferente. Além disso, enuncia em seus versos no presente, a poeta recupera uma memória social e suas diferentes formações discursivas localizadas.

O Feminismo e o Pensamento Lésbico (03/10/2022)

Ao falar de mulheres falamos também da invisibilidade lésbica que está intrinsecamente ligada ao machismo e a uma sociedade preconceituosa heteronormativa. Considerando o gênero enquanto uma construção histórica em meio às relações sociais, é notório a enorme violência contra aquelas que rompem com os papéis de gênero e suas regras de normalização, onde a liberdade de viver a sexualidade é vista como fora do padrão. Pois, a posição da mulher em meio a sociedade é vista como inferior.

Desde muitos anos a sexualidade da mulher e sua reprodução, são “controladas”, por instituições a exemplo do Estado e igreja, ou conjuntura social, como o patriarcado, nesse sentido a primeira opressão de classes foi a do homem pela mulher. Começa a ser condenada a sexualidade que não tenha uma sucessão das propriedades. E as relações homossexuais ficam taxadas de “impuras”, sem

função, o que para a heteronormatividade patriarcal, deveria servir exclusivamente para a reprodução.

Em torno desse contexto caótico se encontram as mulheres lésbicas em uma intersecção de opressões, pois, ser mulher em si já traz uma inferiorização criada pelo machismo. Assim, expor a sua sexualidade aumenta a opressão, e em casos de raça, classe, geração, além de desvalorizada é julgada socialmente, oriundas de um sistema.

Lésbica e feminista é uma denominação da segunda onda do feminismo, quando lésbicas tentaram entender a opressão feminina com a experiência lésbica. Como discutido na aula de hoje é necessário ²“Lesbianar o pensamento”, pois como a convidada Dayana Brunetto as pessoas apagam as lésbicas, declaradas “sapatão” e isso é um sofrimento muito antigo que era escondido pelas mulheres que tinham o desejo por outras mulheres e só com o passar do tempo a partir dos movimentos feministas começaram a mostrar socialmente a sua sexualidade. O que desencadeou a lesbofobia, LGBTfobia, exclusão e violências até mesmo no ambiente escolar, onde deveriam ser acolhidas e respeitadas.

Assim, existe uma aversão ao ser lésbica impregnado pela sociedade heteronormativa que prega o sexualismo para a reprodução humana, onde o homem tem o domínio da mulher. Nesse sentido, ser lésbica feminista hoje é enfrentar o preconceito enraizado na sociedade patriarcal, levando muitas a sofrerem violências, físicas e verbais, na luta pelo seu lugar de voz e respeito.

2 Fala de Dayane Brunetto durante a Roda de Conversa, on-line em 03/10/2022

Figura 4 - Corpo feminino em movimento



Fonte: Gerado com IA (Bing Creator) - 06/12/2023 às 10:04 AM

O feminismo das mulheres em movimento (10/10/2022)

Falar da roda de capoeira é falar sobre um ambiente de apropriação, um legado milenar do povo negro, revividos a cada roda que acontece. Na capoeira, sempre é trazida a ancestralidade dos mestres, vivem na prática e na tradição sem possibilidade de mudança, mesmo quando vai de encontro aos princípios éticos da capoeira, como músicas contra as mulheres, que ainda são cantadas na atualidade, em meio aos avanços e medidas protetivas e punitivas que existem atualmente.

A capoeira se torna nesse contexto um movimento social de mulheres com orientações sexuais diferentes, lésbicas, bissexuais e heterossexuais como foi enfatizado por Janja na aula de hoje quando ela argumentou que a capoeira é resistência, luta e ativismo contra o preconceito que existe com as mulheres na sociedade e na capoeira, principalmente quando a mulher além de capoeirista é negra e lésbica.

A mulher na capoeira foi muito perseguida ao longo dos anos, pois a ideia de capoeira era masculinizada e por isso fugia dos padrões “normais” que uma mulher deveria seguir. No entanto,

em meio ao preconceito contra as mulheres impregnado, muitas feministas, principalmente as negras, encontraram força nesses movimentos da capoeira para expressar sua revolta contra o machismo e seguirem esse caminho, se tornando como a exemplo de Janja, mestra da capoeira e inspiração para outras mulheres.

Acredito (Ana Lúcia) que o preconceito está mais relacionado a conquista de espaço, pois, participei de um grupo de capoeira na minha juventude e até período de convivência nunca sofri discriminação com relação ao gênero, penso que isso ocorre quando a mulher se destaca e começa ocupar lugar de poder e decisão como qualquer outro seguimento da sociedade. Assim, é perceptível que as lutas contra o preconceito em torno das mulheres, principalmente negras, capoeiristas e lésbicas ainda está muito presente na sociedade, mesmo diante dos movimentos feministas que lutam pela igualdade de gênero e pelo respeito à sexualidade. No entanto, é preciso lutar, não podemos desistir em meio às dificuldades que a sociedade nos impõe, vamos lutar como Janja fez ao longo de sua vida por meio da capoeira, vamos continuar sendo resistência em busca dos nossos direitos.

Cartografias Feministas (17/10/2022)

Hoje falamos sobre as professoras, mulheres arretadas que são “sapatonas”, entendendo o conceito teórico prático em movimento das topografias feministas. Deleuze (1992, p. 25) fala que todo conceito remete a um problema, e os problemas sem os quais não teria sentido e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução.

Os conceitos são polissêmicos, possuem disputas de narrativas e pedem que seja um território epistêmico para se ancorar deixando cada vez mais explicitado de onde se fala suas fontes. Todo conceito tem uma história e componentes que podem ser tomados também enquanto conceitos, que vem de determinados problemas e situações, como citado pela professora Ana Lúcia na aula de hoje.

Nesse sentido, considerar as falas das mulheres na sociedade brasileira é falar de uma história de narrativas silenciadas e submissas, essas vozes são pedidos e gritos de guerreiras que se articulam de forma independente, cada uma se enunciando de um ponto de vista diferente. Ao nos aproximar das inúmeras falas que constroem as múltiplas identidades das mulheres na sociedade, ao longo do tempo a presença das mulheres foi adentrando diversos espaços na sociedade configurando uma nova ordem social a partir dos direitos conquistados e participação política, mas ainda assim não atendem às nossas necessidades e não temos a visibilidade e representatividade que desejamos.

Faço um breve relato (Ana Lúcia) da minha experiência como mulher negra disputando uma eleição. Mesmo com a lei dos 30% do Fundo Especial de Financiamento de Campanha os partidos por serem presididos por homens a lei não é cumprida na sua totalidade ficando as mulheres com uma parcela muito pequena e com a cota para pessoas negras ainda assim é uma disputa desigual, não só pela sociedade, mas também pelos espaços que dizem nos apoiar, mas que na verdade só abrem esse espaço por conta da legislação que obriga os 30% de mulheres na legenda, isso é bem visível quando observamos o parlamento. Somos maioria quanto mulheres e negras e não nos vemos nesses espaços

No entanto, mesmo diante de inúmeras conquistas, os movimentos feministas nos levaram a discussões sobre a subalternidade das mulheres que ainda existe de forma mais discreta, principalmente se esta mulher tem uma escolha sexual diferente da sociedade machista que vivemos que tenta silenciar sua voz.

Mais discussões Feministas e as Pedagogias das favelas (24/10/2022)

Nas discussões da aula de hoje falamos muitos dos movimentos LGBTs, com os relatos da colega Tiffany Lima ³que é uma mulher travesti, negra e profissional, fomos deslocados pela colocação da

3 Depoimento de Tiffany Lima, durante a Roda de Conversa, *on-line*, em 24/10/2022

colega ao falar das dificuldades das pessoas LGBTQs na sociedade preconceituosa que vivemos. Discutimos sobre as perseguições que ocorreram nos anos de 1980 e 1990, com a lesbofobia consciente e inconscientemente impregnada na sociedade.

Em seguida discutimos um tema selecionado para o dia que está intrinsecamente relacionado às minorias e a diversidade que é discussão em torno das favelas, onde se encontram as pessoas negras de classe popular de sexualidades diversas. O colega Marcelo de Jesus apresenta o seu trabalho nas pedagogias da favela apresentando enquanto territórios marcados pela negação de direitos, mas, também como *local* de rica diversidade sociocultural. Assim, ele vai trazendo a necessidade de reconhecimento da favela como *lugar* de estudo das diversidades, pois lá nós temos uma.

Transeducar (31/10/2022)

Hoje voltamos à escrita do diário para falar sobre as colocações do convidado da do dia que foi Vercio Gonçalves⁴. Posso dizer que essa Roda foi uma revolução para nós? Quantas discussões tivemos, mas só agora ouvimos falar de transeducar pela versão masculina?

Vercio conseguiu nos fazer olhar por uma outra perspectiva, conduziu-nos a refletir sobre as lutas da transmaculindade, a pensar, poxa! Como eles também são marginalizados pela sociedade e vivem como foi dito na aula anterior pela colega Tiffany, sendo silenciados e movidos pela desobediência de ser quem realmente são e fazer o que realmente proporciona alegria!

Será que quando falamos em lutas e no feminismo lembramos também das dificuldades vivenciadas por esses sujeitos? O que vemos sobre isso? Estamos atentos ao que acontece ao nosso redor? Quantos e quantos casos desses estão à nossa volta e simplesmente nos cegamos para não ver as desobediências do outro, a não ser com o olhar de julgamento?

4 Fala de Vercio Gonçalves durante a Roda de Conversa, *on-line*, em 24/10/2022

Assim, após as discussões trazidas por Vercio, nos deslocaram e nos permitiram ver por um outro ângulo a realidade das “pessoas desobedientes ao sistema patriarcal” que vivenciamos, refletindo sobre qual o nosso papel enquanto pesquisadoras e feministas mediante essas situações.

Referências

ABREU, Laís Oliveira. **Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil**. 2020. 270 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina. 2020

ADICHIE, Chimamanda N. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AUAD, Daniela. Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e82528, 2021, Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n382528>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

AUAD, Daniela; LAHNI, Cláudia Regina. Topografias Feministas: uma teoria das mulheres em movimento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e82526, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/8x9gpFVvDHSsst8p7Gdnbjg/>. Acesso em: 10 julho de 2022.

DELEUZE, G. **Conversações: 1972-1990**. São Paulo: Ed. 34, 1992

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas. 2017

SILVA, Zuleide Paiva; ARAUJO, Rosângela Janja Costa. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e82446, 2021. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=21b233020e458830JmltdHM9MTY2MDY4ODYwNCZpZ3VpZD1kMjlmOWIxMS1kN2U2LTQ1ZDI0OGZiMS00OWIzOWVjZW50MjMwQmaW5zaWQ9NTE4NA&pptn=3&hsh=3&fclid=0ac31608-1db2-11ed-9697b1299db5f5bea&u=a1aHR0cHM6Ly9wZXJpb2RyY29zLnVmc2MuYnIvaW5kZXgucGhwL3JlZi9hcnRyY2xlL3ZpZXCvODI0NDY&ntb=1>Acesso em 18 de nov. de 2022.

6

UM DIÁRIO DA FORMAÇÃO DE UM VIADO PROFESSOR-PESQUISADOR

André Luiz Souza-Silva

Durante o segundo semestre de 2022, ao ingressar como aluno especial da disciplina de Epistemologias Decoloniais e Pedagogias Feministas – no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade, na Universidade do Estado da Bahia (MPED/UNEB) – eu me vi na responsabilidade saborosa de tecer reflexões teóricas, analíticas e críticas mediante as discussões dos textos sugeridos e das práticas de estudo em contexto de aula. A partir disso, as ideias aqui circunscritas serão atravessadas por dizeres teóricos, conflitos cotidianos e relatos da vida (docente ou não), as quais resultam de minhas experiências acadêmica, profissional e pessoal marcada como homem *gay*, criado no Nordeste, filho de mãe divorciada, irmão mais velho de uma mulher e duas meninas, tio de uma bebê linda e neto de duas idosas criadas na zona rural. Isso é relevante ao passo que compõe minha identidade – de diferentes maneiras – e forja minha masculinidade. Logo, o reconhecimento da(s) mulheridade(s) e da(s) feminilidade(s) que me cercam revela minha percepção da realidade justaposta, sendo, pois, sujeito de uma estrutura patriarcal.

Na primeira semana de aula, em meio às apresentações, informei à turma que sou discente de curso de doutoramento em

Linguística (PROLING/UFPB), trabalhando com Sociolinguística (cf. Hora, 2021) e sua aplicabilidade aos marcadores sociais da diferença, especialmente gênero e sexualidade (Borba, 2020; Nascimento, 2021; Butler, 2022), então, disse para a turma que minha proposta de tese se concentraria em problematizar como travestis agem com e pela linguagem na manutenção e performance de suas mulheridades, considerando o papel da variação linguística a fim de compreender as atitudes e identidades linguísticas que permeiam suas noções sobre um “falar feminino”. Além disso, o primeiro encontro foi marcado pela ação de “se definir”.

Então, a partir de questões provocativas lançadas pelas professoras Zuleide Paiva e Ana Gomes, pude materializar algumas ideias, no contexto do primeiro encontro. A primeira questão foi sobre o que compreenderíamos sobre feminismo e para tal indagação respondi o seguinte: o feminismo é Filosofia, teoria e prática, uma vez que encaminha reflexões sobre o patriarcado; como teoria sistematiza saberes; e na prática é um modo de ser e agir, sendo algo que potencializa a transformação social, educacional e pessoal. Junto à minha compreensão do que venha a ser feminismo, concordo com o que afirma Tiburi (2018):

O patriarcado sempre legislou sobre as mulheres, sempre quis dizer o que era melhor para elas - assim como o sistema faz com pessoas marcadas como negras, pobres ou diferentes em geral. O feminismo nos convida a deixar que as pessoas oprimidas, coagidas e humilhadas possam falar por si mesmas e sejam ouvidas (Tiburi, 2018, n.p.).

Diante da ideia de “diferentes em geral”, como homem *gay*, trago à baila minha resposta à segunda pergunta das professoras: você é feminista? Compreendo-me como integrante, porque passei a entender minha masculinidade como feminista. Afinal, o(s) Movimento(s) Feminista(s) possibilitou pensar, além de femini-

lidades e mulheridades, outras masculinidades, outros modos de ser homem, e como homem *gay* é algo positivo. Logo, o movimento encaminha, permite, autoriza e legitima minha identidade para além da heteroconstrução masculina. E, a partir de hooks (2018), compreendo que o movimento feminista precisa que homens de todas as idades e ambientes resistam ao sexismo de modo que isso seja valorizado. Afinal, “sem ter homens como aliados na luta, o movimento feminista não vai progredir” (hooks, 2018, n.p.).

Nesse sentido, já argumentei que a descentralização da figura masculina, como razão e única engrenagem de controle, possibilitou questionar a existência de outras masculinidades e como essas masculinidades performam diferentes identidades sexuais e de gênero, o que também acarreta em novos desdobramentos sobre a diversidade desses marcadores, garantindo renovação na agenda dos mais diversos movimentos sociais (cf. Souza-Silva, 2022). Logo, por ser *gay*, entendo como minha sexualidade é um movimento distinto em meio aos arranjos sociais que padronizam nossos comportamentos e atitudes no seio da sociedade.

Por fim, Zuleide e Ana questionam como o feminismo é recorrente em nosso fazer profissional e de pesquisa, então, como professor, isso ocorre ao defender uma agenda anti-hegemônica, por meio da qual compreendo a diversidade como espaço da pluralidade social; e como pesquisador, entendo que meu fazer científico clama por uma hermenêutica que questiona a cisheteronormatividade. Exposto isso, vejo como tenho me apoderado de conhecimentos feministas ao longo da minha caminhada, isso me torna questionador, atrevido, compreensivo e, sempre, muito dissidente. Essas ideias finalizaram o segundo encontro.

Na dinâmica da disciplina, as aulas são chamadas de “rodas”, a princípio, em conversa com meu orientador, eu me recordo bem de dizer a ele: “as aulas são pouco acadêmicas”. Contudo, logo me corriji, pois as aulas em formato de Roda, em que as Artes são instrumentos e objetos de agir, não são pouco acadêmicas, são um

“outro acadêmico”, isto é, outra forma de produzir conhecimento e compartilhar saberes, compondo uma agenda decolonial que escape de modelos mais autoritários, especialmente por dar espaço para outras vozes não pré-determinadas pelos arranjos do formato educacional.

Para tal, as professoras cedem seu lugar de vozes unívocas e autoridades o saber para ocuparem, junto aos/às discentes e seus/suas convidados/as, o papel de coadjuvantes, apontando para uma sala de aula horizontalizada e marcada pela troca de experiências. Essa ação me oportuniza enxergar a prática de pedagogia dos (multi) letramentos, a qual se dá por meio da linguagem e é mediada por diferentes agentes sociais colaborativos, os quais são constituídos por saberes sociais, culturais e políticos diversos.

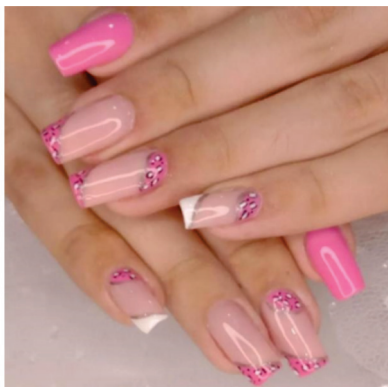
Em nossa Roda de Conversa três, fomos atravessados pelos saberes da professora Laís Abreu. Laís conversou conosco sobre “Pedagogias Feministas”. E o que seria uma pedagogia assim rotulada? Conforme, Daniele Ferreira (2022), trata-se de uma pedagogia de engajamento político com a finalidade de movimentar o processo de ensino/aprendizagem ao trazer à tona os problemas de sujeitos/as marcados/as socialmente, assim, “denuncia as violências que cortam a carne, que sagram corpos dissidentes” (Ferreira, 2022, p. 92). Ao compreender essas ideias, acabo por conceber que a pedagogia feminista não se trata de um conjunto de metodologias, mas de uma postura diante de contextos que segregam, desumanizam, excluem e/ou inferiorizam quaisquer que sejam os/as sujeitos/as envolvidos/as nos processos de ensino/aprendizagem.

E, ao pensar nessa postura, recordo-me de um episódio não escolar, mas que poderia estar permeado por um ato de educar. Tenho o costume de pintar as unhas de diferentes cores, tal dia estava com elas pintadas de preto e, ao ir ao treino de musculação, uma garotinha me questionou o motivo de minhas unhas estarem pintadas – afinal, numa lógica ocidental e colonial, como pode um

homem estar de unhas pintadas? –, então, antes que eu pudesse respondê-la, sua mãe interveio dizendo que eu seria um roqueiro, atribuindo a mim uma identidade nada próxima de minhas subjetividades e garantindo que eu não fosse “exposto”, mas me privando de um ato de educar para além das salas de aula. Então, o que eu poderia ter dito? Bem, pinto as unhas pelo motivo de gostar – também para incomodar, mas antes de tudo por me sentir bem – e meu desejo e intenção foram mascarados, a performatividade de minha identidade foi terceirizada. Queria ter dito àquela criança que pinto as unhas porque gosto, me sinto bem, me acho mais bonito, arrumado, poderoso e perguntar se ela tem vontade de também pintar as unhas.

Nesse intento, o que se problematiza é a atribuição de papéis sociais e seus acessórios, pois o ato de pintar a unha é socialmente posto para mulheres no ocidente, mas essa atribuição não sustenta validade que não seja cultural, assim, parece-me mais fácil continuar com o movimento de engrenagens que perpetuam práticas machistas em vez de questionar tal movimento e seus dissabores. Desse modo, enxergo minha experiência cotidiana como homem *gay* afeminado pauta de uma pedagogia feminista, uma vez que galgamos “[...] caminhos em construção que vão se constituindo em meio aos paradigmas socioculturais que fazem rizoma no desenvolvimento das sociedades e vão exigindo tomada de consciência e intervenções” (Abreu, 2020, p. 200). Isso posto, acho importante acrescentar que roqueiro não me representa, mas Penélope Chamosa eu concordaria mais, como a imagem abaixo me projeta:

Figura 1 – Minhas unhas pintadas de cor-de-rosa, bem dissidente(zinha)



Fonte: arquivo próprio (2022)

Em nossa quarta Roda de Conversa sobre o pensamento de mulheres negras, com as professoras Angela Figueiredo e Amanda Santos, foi possível refletir sobre a experiência da mulher negra atravessada no fazer acadêmico e pedagógico. Logo, esse movimento coloca em tensão questões teóricas e metodológicas, sejam elas de pesquisa ou de ensino/aprendizagem, afinal, junto a outras questões, “essas mudanças formaram o amálgama necessário para eclodir um movimento de mulheres negras, plural e diverso” (Figueiredo, 2020, p. 04). Frente a isso, considero importante pensar como minha formação universitária, por exemplo, me possibilitou o contato com as Literaturas Africana e Afro-brasileira, lembro-me de uma avaliação em que propus a análise do seguinte poema de Cristiane Sobral:

Alguns homens sonham com meu corpo
Entre os seus lençóis
Eles desejam desesperadamente
Consumir meu sexo
Mas não suportariam meu banzo
Meu clamor
Não aguentariam vestir a minha pele negra
Nem por um segundo

Essa estrofe de Sobral é do poema intitulado *Black Friday* (2017 *apud* MULHERES QUE ESCREVEM), o qual sempre nos encaminha para a lembrança de Elza Soares: a carne mais barata do mercado é a carne negra. Afinal, os versos indicam a hipersexualização do corpo da mulher negra, o qual é desejado para o sexo, mas é abnegado como sujeito que tem em sua pele negra um manto de coragem, como já disse Linn da Quebrada (2017). A partir disso, é valioso compreender que “[...] mulheres negras, muitas vezes, se encontram nas mesmas encruzilhadas, se banham nas águas do mesmo rio e se abrigam no parapeito das mesmas trincheiras” (Santos, 2019, p. 134). E, como homem branco, cabe a mim o lugar da escuta que aprende e se revigora; bem como da fala em meus contextos familiar e profissional, uma vez que me reconheço como um agente social colaborativo.

Em nossa quinta roda, em diálogo direto com a anterior, tratamos da escritivência, tema contextualizado ao objeto “literatura”. E, ao ler Oliveira, Lima e Santos (2022, p. 16), em um relato sobre experiências com a escritivência no contexto escolar, considero que o “[...] exercício de escrever se vendo provocou mudanças nas relações entre profissionais da educação das duas instituições, que, partindo do afeto, se envolveram em agenciamentos coletivos”. Nesse ínterim, recordo-me de uma das primeiras orientações de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) supervisionada por mim. Tratou-se de uma proposta de letramento(s), a partir do gênero conto, com intenção de promover uma educação antirracista na Educação Básica.

Na época, fiquei receoso em orientar um trabalho que tivesse o texto literário como objeto de leitura na escola, pois venho de um alinhamento teórico-metodológico com foco na Teoria e Análise Linguística. Contudo, como professor de Língua Portuguesa, forjado no trabalho com a linguagem e defensor da promoção dos letramentos, aceitei a orientação e produzimos a proposta pedagógica a partir de dois contos de autoras negras brasileiras, na intenção de auxiliar os/as professores/as da Educação Básica no trato da pluralidade cultural, contextualizada à raça, possibilitando nas salas de

aula de língua portuguesa o diálogo sobre racismo, considerando práticas de leitura, escrita e análise do gênero conto (cf. Silva, 2021).

Em nosso sexto encontro fomos convidados/as a “gingar”, e você leitor lembra-se daquele momento em que questionei o fazer acadêmico encaminhado na disciplina? Pois bem, no sexto encontro minhas impressões são atravessadas pela experiência preta, cisgênero, sapatão e pedagógica da professora Janja Araújo, convidada do encontro sobre pensamento lésbico. Então, gingar é colocar em xeque, conforme Silva e Araújo (2021), os fundamentos que constituem o conhecimento da ciência moderna, abrindo espaço para o manuseio de elementos e a tomada de atitudes que possibilitem a construção de saberes não hegemônicos. Dito isso, o pensamento lésbico galga “[...] visibilizar outras vozes, outros corpos, outras lutas. É produzir outra ciência” (Silva; Araújo, 2021, p. 2).

No dia desse encontro, fiquei “afetado”, como bem dizem as professoras Zuleide e Ana, pois fiquei me questionando se poderíamos todes, enquanto professores, gingarmos em nossas aulas. No meu caso, o que seria fazer uma aula de língua portuguesa aberta para a ginga, aberta para incomodar o sistema social, linguístico e institucional? Afinal, penso eu que isso já faço, estaria eu gingando sem saber? Era o que me parecia mais provável. Amei!

Assim, acredito que no momento em que um aluno meu, como outrora, já ocorrera, pergunta, durante uma aula de pronomes, como lidar na redação do Enem com o uso de “a gente” vs. “nós” e eu lhe questiono: a) o que a competência gramatical avalia? b) como você acredita que esse uso linguístico será avaliado? c) está consciente das penalidades mediante a avaliação dos/as professores/as avaliadores/as? E, a partir dessas questões, lhe dou a possibilidade de refletir, tensionar e subverter pensamentos hegemônicos, estou gingando com ele e com a turma, uma vez que minha atitude ultrapassa uma ação prescritiva, puramente baseada em regras.

Nesse sentido, também posso mencionar minha decisão de trabalhar com temas sociais tidos como transversais, como da vez em que trabalhei “respeito à diversidade sexual e de gênero” (cf.

Souza-Silva; Coppi, 2020, 2021, 2022), favorecendo a promoção de multiletramentos. E, ainda que, institucionalmente, eu sentisse um certo incômodo, não deixei de realizar um trabalho de leitura e escrita contextualizado a uma demanda social relevante, mais uma vez ginguei com meus alunos? Acredito que sim e afirmo isso por concordar que a produção de novas práxis pedagógicas é um movimento para além de didático, e digo isso pelo seguinte:

Os movimentos de lésbicas são aqui reconhecidos como as expressões mais radicais das lutas feministas, uma vanguarda da luta sexo-política contra o patriarcado, instâncias onde se busca construir com outros segmentos sociais oprimidos as bases de uma sociedade justa, onde não haja opressão social sexista, racista, clasista, imperialista, dentre outras formas de opressão sintetizadas pelo sistema econômico, político e social patriarcal sexual capitalista (Silva; Araújo, 2021, p. 11).

Mediante o exposto, compreendo que o anseio por currículos progressistas, multiculturais e críticos são possíveis a partir, também, do desenvolvimento de um pensamento feminista, o qual coloca em tensão aparatos hegemônicos e torna o espaço escolar o lugar da pluralidade social e o “ensaio” para a vida dinâmica e desconhecida de todes que por ela passam. Enfim, tão produtiva a discussão sobre epistemologias lésbicas que foram dois encontros em debate profícuo e com outros afetamentos.

Em nossa ginga seguinte, oitavo encontro do semestre, dialogamos com a professora Daniela Auad. Conversamos sobre topografias feministas, a fim de refletirmos sobre as possibilidades e encaminhamentos de uma teoria de mulheres, não apenas sobre mulheres. Momento este que também discutimos sobre feminismos, lesbianidades e pesquisas na área da Educação. Então, foi possível dialogarmos sobre as ideias de uma pesquisa feita **sobre** mulheres e a pesquisa feita **por** mulheres, bem como o encontro dessas duas possibilidades. Nessa aula, como pesquisador, fiquei afetado por ter

optado por trabalhar com sociolinguística aplicada ao falar de travestis, mas, na verdade, ainda que eu saiba meu lugar nesse debate, sempre me questiono se serei eu alguém a dar uma contribuição valorosa para pautas desse grupo social tão marginalizado.

Durante a aula, me inquietei e entrei na roda, então, a professora Daniela disse que eu ficasse tranquilo com a feitura da pesquisa, mas sempre garantindo o atravessamento de pensamentos transexuais e de travestis em minha produção de conhecimento. Afinal, ainda que eu não seja uma mulher transexual/travesti, minha pesquisa e produção de conhecimento expressam e potencializam pesquisa, docência, extensão, militância, ativismo e variadas ações, disposições e propósitos no intercruzamento de diferentes campos, conforme defendem Auad e Lahni (2021).

Nesse movimento, e na ventania dos pensamentos produzidos, espero lá na frente ter contribuído para que se tenha consciência de que minha produção, sobre algum aspecto da travestilidade, “trata-se de lembrar para poder ressignificar vivências, reconciliar memórias, indagar saberes e, com isso, gestar conhecimento” (Auad, 2021, 04), assim como as memórias da professora Daniela, em seu artigo sobre topografias feministas, endossam a potência da produção da categoria gênero no campo educacional, considerando a difusão do conhecimento feminista e de saberes lésbicos.

Adiante, em mais uma ginga de potencialidades, somos apresentados/as com a partilha de Thiffany Odara e Marcelo Arouca. Cada um apresentou um modo de enxergar a prática pedagógica, a primeira trabalha na produção de conhecimentos que possibilitem construir uma pedagogia da desobediência; o segundo propõe uma pedagogia de favela. E o que essas proposições têm em comum? Bem, ambas são, como se defende junto a Paulo Freire: emancipatórias!

O mais interessante – e irônico de tudo – é que as propostas de Odara e Arouca são aquilo que qualquer cidadão consciente e emancipado defenderia como uma educação positiva e necessária. Conforme Odara e Cardoso (2021), não há uma valorização da di-

versidade no ambiente escolar, logo, compreendo que uma pedagogia da desobediência é um fazer marcado pela multiplicidade de identidades, as quais são constitutivas de marcadores como gênero, sexualidade, etnia, raça, origem, os quais são conhecidos como “diferentes”, pois escapam a um modelo social que vigora até a atualidade. Já, conforme Arouca e Cardoso (2022), a pedagogia de favela é forjada no seio da comunidade, em contato com os conhecimentos locais e com a finalidade de colocar em evidência as potencialidades dos sujeitos socialmente marcados e desacreditados.

Ora, pois, não deveria ser toda pedagogia desobediente e de favela? Acreditar nisso pode ser utópico, mas há utopias necessárias, devemos acreditar em algo, alguém, abaixo à desesperança. Ao ter contato com os saberes de Odara e Arouca e por me identificar como um professor *gay*, vejo como fui um aluno desobediente, não no sentido de indisciplinado, mas por ser atrevido, acho que agora poderei pensar numa pedagogia do atrevimento? Não sei! Questionar o porquê das ações, das escolhas, das ordens; o que não mudou quando me tornei professor, pois sou inquieto, persuasivo e continuo atrevido, a diferença é que agora tenho bagagem teórica. Sejamos desobedientes a fim de sobrevivermos!

Por fim, tivemos as duas últimas gingas das quais não pude participar e que trataram de temas relacionados ao campo da transgeneridade. Não considero justo tampouco viável apenas cumprir o requisito de soltar uma citação ou outra por aqui a fim de tratar do assunto. Afinal, toda a disciplina foi guiada pela noção de afetamento, é injusto comigo, com o processo e com você leitor/a alinhar afetos não compartilhados e experienciados.

Apesar disso, desejo registrar uma experiência docente que tive com uma aluna transexual. No começo do período letivo, na época “ele”, sempre demonstrou uma personalidade introspectiva durante as aulas remotas na pandemia, mas também utilizava imagens engraçadas em seu perfil que apareciam na tela do computador. Isso me fazia comentar sobre e me tirava risos abertos em meio à aula.

Então, depois da metade do semestre, aquele aluno me pediu, em meio à turma, que o chamasse a partir daquele momento, por um nome feminino. Postura essa que me deixou muito confortável, mas também reflexivo sobre minha postura docente, afinal, agora minha aluna, não me pediu uma conversa ao fim da aula, ou enviou *e-mail*, ou solicitou meu *WhatsApp*. Ela se sentiu confiante em dizer isso em meio aos/às colegas, desvelando sua identidade, se expondo, mas também acredito que crente. Crente no meu agir docente e na minha proteção enquanto professor. Que responsabilidade bonita, gigante e temerosa, não é? Enfim, tudo ocorreu tranquilamente, mas reflito sempre como eu teria lidado com a interposição de alguém naquele momento. Seria eu um alicerce forte? Teria eu a desenvoltura necessária? Os aportes teóricos me sustentariam?

Traçado este caminho, concluo meus devaneios com alegria, pois aprendi muito. Como professor a contribuição de cada convidada/o só confirmou como estou trilhando uma prática pedagógica da felicidade e do bom combate; como pesquisador fiquei inquietado, pois quero criar uma tensão dentro da Teoria e Análise Linguística, a partir de meu lugar epistemológico, a fim de alinhar um trabalho sociolinguístico contextualizado aos marcadores sociais da diferença; como homem fico grato pela partilha de tantas histórias de mulheres professoras/pesquisadoras; como aluno, feliz por tantas leituras de autoria feminina e; como *gay*, revigorado por todo meu empoderamento como sujeito.

Referências

ABREU, Laís Oliveira. **Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil**. 2020. 270 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina. 2020

AROUCA, M. de J.; CARDOSO, C. P. Pedagogias de favelas: educação popular, emancipação e descolonização. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade** - REED, Itapetinga, v. 3, n.7, p. 1-19, jan./mar. 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/10289>. Acesso em: 04 de jun. 2023.

AUAD, D. Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n.3, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82528>

AUAD, D.; LAHNI, C. R. Topografias Feministas: uma teoria das mulheres em movimento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, p. 1-6, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82526>. Acesso em: 04 de jun. 2023.

BORBA, R. (org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2020.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

DA QUEBRADA, L. **Bixa Preta**. YouTube, 24 de fev. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>. Acesso em: 03 de nov. 2023.

FERREIRA, D. L. **Quem vê os flashes não vê os corres: práticas educativas atravessadas pelas pedagogias feministas sertanejas nas escolas estaduais de Conceição do Coité**. 2022. 142 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, 2022.

FIGUEIREDO, Â. Epistemologia insubmissa negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102>. Acesso em: 04 de jun. 2023.

hooks, b. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. [recurso eletrônico].

HORA, D. Sociolinguística(s)? In: MATZENAUER, C. L. B.; HORA, D. (org.). **Linguagem: variação e estrutura da língua**. Campinas: Pontes, 2021. p. 15-34.

NASCIMENTO, L. C. P. do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ODARA, T.; CARDOSO, C. P. Linguagens Socioeducativa e Práticas Pedagógicas Desobedientes: Narrativas Insurgente de uma Yalorixá Negra na Educação. In: CARDOSO, C. P.; MARTINS, M. A. M. (org.). **Insurgências Pedagógicas na Educação Básica**. Simões Filho: Devires, 2021, p. 35-47.

OLIVEIRA, I. V.; LIMA, J. M. A.; DOS SANTOS, G. L. “Escrevivências” e afectos literários entre universidade e escola. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/18362>. Acesso em: 04 de jun. 2023.

SANTOS, A. **Educação antirracista e feminista**: narrativas de estudantes negras em Mirangaba-Ba. 2020. 177 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina. 2020.

SILVA, P. F. J. S. da. **Um olhar antirracista nas aulas de língua(gem)**: uma proposta de letramento(s) a partir do gênero conto. 2021. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2021.

SILVA, Z. P.; ARAÚJO, R. J. C. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 29, n. 3, e82446, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82446/47871>. Acesso em: 04 de jul. de 2023.

SOBRAL, C. Black Friday. 2017. *In*: MULHERES QUE ESCREVEM. **Três poemas de Cristiane Sobral**: meu corpo nunca estará em liquidação. Disponível em: <https://medium.com/mulheres-que-escrevem/tres-poemas-de-cristiane-sobral-80533a80496c>. Acesso em: 03 de nov. 2023.

SOUZA-SILVA, André Luiz. **Sociolinguística com foco na comunidade LGBTQIA+**: atitude, identidade e estigma. 2022. 191f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SOUZA-SILVA, André Luiz; COPPI, D. dos S. M. A escrita em um projeto de letramento na educação básica: produção textual sobre respeito à diversidade LGBTQIA+. **Revista do Bui**, Campina Grande, v. 2, n. 1, jan./jun. 2022, p. 82-98. Disponível em: <https://www.revistadobui.org/publicações/v-2-n-2-2022>. Acesso em: 04 de abr. 2023.

SOUZA-SILVA, A. L.; COPPI, D. S. M. Respeito à diversidade sexual: práticas em aulas de língua portuguesa. **Letra Magna**, Cubatão, v. 16, p. 193-213, 2020. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/issue/view/162/214>. Acesso em: 04 de abr. 2023.

SOUZA-SILVA, A. L.; COPPI, D. S. M. Uma proposta de letramento social para aulas de língua portuguesa: respeito à diversidade sexual. *In*: ÁVILA-NÓBREGA, P. V.;

MANGUEIRA, J. V. (org.). **Estudos sobre línguas e literaturas na educação básica**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, p. 238-268.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, [recurso eletrônico]. Acesso em: 05 de mai. 2023.

7

“EXPOR-SE E DIS-POR-SE”: NOTAS DECOLONIAIS DAS ESCRITAS DE SI

André Luiz de Araújo Lima
Josianne Pereira Pinto do Zaco
Marciene da Silva Vieira

Este artigo parte da escrita do diário proposto pelas docentes Ana Lúcia Gomes Silva e (Zul)Eide Paiva da Silva, do componente *Pedagogias feministas e epistemologias Decoloniais*, é um diário colaborativo, escrito a muitas mãos e com muitas vozes, além dos autores André Lima, Josianne Pereira Pinto do Zaco e Marci(ene) Vieira, esta escrita que escolhemos publicizar surgiu após as leituras, apontamentos, provocações, afetações de nossos colegas do componente.

Antes de iniciarmos as aulas via *Google Meet*, a proposta da professora Ana Lúcia já se fez presente no *Classroom* a nos convidar para gingar em uma roda de samba ou numa roda de capoeira. A proposta foi a mesma em nossos encontros, onde discutimos os temas com os professores, colegas e convidados de cada Roda, depois com as leituras dos textos indicados. “Desassossego. Descobertas. Medos. Afetos. Tensões. Olhares. Lágrimas. Confiança. Deslocamentos. Sorrisos. Abraços. Silêncios. Relatos. Desabafos....” (Eide Paiva, 2022), nos lançamos à escrita dos diários. Escrita que, como afirma a Ana Lúcia Gomes Silva, tem

um “duplo movimento: de quem escuta e propõe a escrita, mas também se olha e se põe em análise na experiência de dentro e por dentro dela...”¹.

Angela Figueiredo (2022) afirma que a entrada de homens e mulheres negros(as), homossexuais, lésbicas, transexuais, travestis..., ajudou que houvesse uma ampliação de estudos sobre temas que sejam significativos para ess@s sujeito@s. Para a autora, “a nossa realidade desafia qualquer perspectiva de ciência conservadora neutra” (Figueiredo, 2022). Reproduzir conceitos e teorias que não ajudam a pensar uma ciência comprometida com a transformação dessa realidade se tornou uma necessidade, pois não se deseja perpetuar as desigualdades e privilégios de um determinado grupo.

Em um movimento para popularizar os temas considerados “clássicos” na academia, Djamilia Ribeiro lançou a coleção “*Feminismos Plurais*” (2017). O conceito de Gayatri Spivak (2010), em *Pode o subalterno falar?*, ficou popularmente conhecido nos últimos anos como “Lugar de fala” (Ribeiro, 2017). A discussão sobre posicionalidade no discurso acadêmico aparece também em contribuições de outras autoras negras, como Donna Haraway (1995) e sua importante contribuição ao falar de “conhecimento situado”, pois, a autora destaca que falamos sempre de um lugar nas relações sociais de poder; e Patricia Hill Collins com sua “teoria do ponto de vista”, pois considera que o sujeito que produz o conhecimento é antes constituído.

O aspecto prioritário presente no debate sobre posicionalidade, e sobre o lugar do sujeit@ na produção do conhecimento, é o lugar da enunciação, isto é, a localização de nacionalidade, étnica ou racial, de classe e de gênero do sujeito que enuncia. Nas epistemologias ocidentais, o sujeito que falava estava sempre encoberto, pois isso assegurava o suposto mito da neutralidade (Figueiredo, 2022, p. 8).

1 Depoimento de Zuleide Paiva, durante a Roda de Conversa *on-line* em 29 de agosto de 2022.

Eide Paiva² (2022) afirma que o lugar de fala nunca pode ser confundido com falar sobre algo e se colocar no lugar do outro. É falar do seu lugar, politicamente situado”. Desse olhar e dessa análise surgiu antes de tudo o desejo de nos posicionar, pois assim também posicionamos a nossa escrita.

1.1 Notas de uma mulher branca estudando hierarquias raciais

Há muito não escrevo diários, não foi uma experiência que tive na infância e adolescência, mas era um estilo de literatura que eu gostava, ler diários era assim, o meu único ponto de contato com essa escrita, por isso a proposta das discentes Ana Lúcia e Eide Paiva me pegou desprevenida, foi com receio que comecei a escrever, esse é um movimento de coragem e de cura, de transformação, mas para cicatrizar as feridas primeiro sangram.

Para posicionar a minha escrita, é necessário antes de tudo me posicionar, sou mulher, branca, cisgênero e heterossexual. A fala da professora Daniela Auad na Roda “Topografias feministas” ao comentar sobre a aluna que pesquisou experiências de mulheres lésbicas, apesar de não o ser, me fez repensar o meu posicionamento, neste “apesar”.

Eu sou mineira, do sul de Minas, mas moro no Rio Grande do Sul, faço Mestrado em Educação na UFSM, em Santa Maria. Iniciei o mestrado em meio à pandemia de COVID-19, entre as aulas, conversas com meu orientador, com os colegas, mudei o foco de minha pesquisa, estudando as hierarquias raciais na sociedade brasileira, resolvi não estudar os processos de racismo e a negritude, mas a racialização da branquitude. Robin Diangelo (2018, n.p.) inicia seu livro “*Não basta não ser racista: sejamos antirracistas*” com a epígrafe de Lillian Smith: “Esses rituais em louvor da supremacia branca, praticados desde a infância, deslizam da mente consciente para dentro dos músculos... e se tornam duros de extirpar”. Diangelo

2 Depoimento de Zuleide Paiva, durante a Roda de Conversa *on-line* em 19 de setembro de 2022.

(2018, p. 13-14) afirma que a branquitude “é uma categoria identitária ainda mais útil quando sua própria existência é negada”, por isso, a pesquisa se tornou necessária, para “... afastar os estereótipos racistas e invocar uma rica história de combate à supremacia branca, aos privilégios brancos, às mentiras brancas – uma história frequentemente enterrada bem fundo no escuro, rico, negro solo da história” (Diangelo, 2018, p. 14). Entretanto, o alerta da autora com a epígrafe de Smith tornou a ginga na Roda, ainda mais desafiadora, descortinar essas práticas, não praticar esses rituais, tornou necessário retirar de dentro dos músculos algumas crenças, que bom, não eram inabaláveis, e com a escuta e amor, começaram a me curar.

1.2 Notas de um professor hétero sobre epistemologias feministas

Por que entrei nessa ‘Roda’? Eu, homem branco e hétero, não tinha percebido durante as rodas que eu já estava dentro e falando de dentro da dobra dos estudos sobre metodologias feministas. O que pretendia encontrar? Algo me incomodava, me sentia pressionado a falar coisas que pudessem somar ao debate. Depois de algumas semanas percebi que eu já estava dentro, e de alguma forma provocando microrrupturas. Longe de ter uma resposta, mas a pergunta que abre essa gira por si só já se colocava como uma ranhura que interfere no real.

Esses foram passos, descaminhos que foram me levando para um outro modo de ver e sentir os processos de formação do professor de arte e de me posicionar diante da educação para interrogá-la: não é estranho que a educação tenha se tornado uma unanimidade homogênea que apenas tolera as diferenças? Esse risco que assumo me revigora ao me ver no contexto da educação básica no ensino da arte. As rodas de conversa de PFED me interpelaram a pensar estratégias para me reinventar como professor, mas para além de uma reinvenção solitária, penso que só posso criar estratégias numa perspectiva feminista junto com estudantes, na potência dos acontecimentos que emergem na sala de aula. Como criar essas

estratégias decoloniais a partir de epistemologias feministas como homem branco hétero? Talvez esse esforço de escrever sobre estes deslocamentos das rodas do componente PFED seja uma primeira experiência de disrupção nesse sentido.

Meu combate com a escrita vai na direção de uma desconstrução de mim mesmo, percebendo as paranoias impostas pelo patriarcado pelas vias da psicologia e tentar quebrar os espelhos de fixação de identidades heteronormativas a partir de uma esquizoanálise. Essas são as primeiras pistas diante das inquietações que me pressionaram sobre como me colocar nesta paisagem epistemológica feminista. Antes de tentar pensar ideias que me permitam caminhar na tentativa de produção de ações, projetos, intervenções, desejo experienciar, como um caminhante nômade, a escrita e os esboços precários de percepções, memórias e deslocamentos, e alçar um feminismo porvir.

1.3 Notas de uma mulher que não desejava levantar bandeiras, mas que aprendeu a ser Lésbica.

Minha memória é bem seletiva. Muitas recordações são borradas ou não existem para mim. Exemplos de minha infância, lembro pouco ou quase nenhuma memória. Antigamente eu ficava horas pensando, fazendo um esforço grande para tentar lembrar, olhar fotos, ouvir histórias familiares e muito pouco submergir. Anos depois, descobri que minha bipolaridade afetiva era a culpada destas ausências, mas nesta mesma época soube que era um processo em que a mente apagava para nos proteger de tristes recordações (possíveis traumas). Nasci em uma pequena cidade da Bahia, sei que meu nome foi dado por uma irmã que viu na embalagem de um sabonete francês gravado: Josianne.

Meu nascimento foi doloroso para minha mãe, pois eu era um bebê grande e fui ‘puxada’ por uma pinça chamada ‘fórceps’, esse procedimento creio que não exista mais. Era uma bebê gordinha e as pessoas gostavam de apertar minhas bochechas. Meus pais já

estavam com uma idade tardia para filhos e estiveram comigo até a fase adulta. Fui alfabetizada duas vezes aos 6 anos aqui na Bahia com abecedário dos sons das letras e depois em São Paulo e a segunda alfabetização ocorreu. Uma das memórias que tenho fortes em mim, eram as cartas que escrevia para minhas sobrinhas durante o ano, momento em que estavam ausentes seguindo minha irmã e o meu cunhado que era caminhoneiro.

Então as cartas eram datilografadas em uma máquina de escrever portátil verde em que passava horas construindo minha escrita, era uma felicidade escrever e receber as respostas, também datilografadas, delas. Lembro ainda, do ensino fundamental I, as dolorosas aulas de matemática em que eu nada compreendia e que me levaram a ser reprovada naquele ano. No sétimo e oitavo anos, nasce a paixão pelo inglês e pela escrita de poemas, a coleção de papéis de carta decorados e pelos livros, amava a biblioteca municipal e frequentava sempre que possível. Cheguei ao ensino médio com uma rotina de 5 horas de estudos e foi com muito esforço que cheguei em 1998 à Universidade do Estado da Bahia-UNEB no curso de Letras com Inglês, me graduei em 2003.

A pós-graduação foi na UnB na área de Educação, Arte e Tecnologias, E aí estava com muitas expectativas para o Mestrado, mas a vida não quis e deixei os estudos para unicamente me dedicar à docência. Em meados de julho deste ano o edital de aluno especial foi publicado e querida professora Ana Lúcia mandou-me, para minha felicidade fui selecionada e comecei o componente sobre *Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais*, em cada 'Roda' uma ampliação no olhar e a certeza que precisamos lapidar nossos pensamentos e ações para que possamos possibilitar vivemos em um mundo melhor.

Jacobina, 26 de outubro de 2022.

Chuvoso. Aquele dia molhado e frio. Vontade de não estar. Como iniciar um texto que deve relatar tantos encontros vivenciados

em formato de roda em que o autor ou autores conversavam sobre suas experiências de escrita através das rupturas que sofreram ao longo do caminhar. Tantas fraturas que o corpo já não consegue esquecer. Dores das palavras ditas, das não-ditas, dos olhares-palavras, da verbalização e da significação de gestos, expressões que foram fraturando cotidianamente a estes seres...Eu queria chorar e chorei, muito por sinal, pois percebi que meus esforços não foram suficientes para alcançar o lugar que tanto sonhei. Fato: Desde 2003, quando concluí a graduação que sonhava em continuar os estudos, chegar ao mestrado, no entanto, não me foi possível. Muitas pedras atravessadas em meu caminho e por mais que as quebrassem ainda assim empilhavam em todos os lugares. E não conseguia alcançar o sonho.

Quando entrei para este componente vi uma possibilidade de adentrar neste espaço tão distante da minha realidade. Edital publicado para aluno regular. Fiz a inscrição, preparei os documentos e projeto solicitados. Esperei o dia da prova, fui até a unidade em um bairro distante do centro da cidade e ao chegar para minha surpresa havia sido prorrogada a prova. Chuva, vontade de chorar, as fichas começaram a cair. Percebi que não haverá possibilidade de cursar, ainda que passasse na prova, não haverá condição financeira para sustentar a estrutura necessária para a realização do mestrado. Então, é hora de entender que nem sempre as coisas correm como queremos, é preciso ser forte e continuar sorrindo. Agora me sinto como um cachorro que persegue seu próprio rabo. Tudo em vão.

Inquietações que foram trazidas pelas professoras:

1. Quais originalidades nos tocam nestas leituras sobre os femininos e que nos encantam e mobilizam;

Quero tentar responder a esta inquietação, como eu Josianne havia tido uma educação familiar muito machista, faltava-me o despertar do sono da unitariedade e em todas as rodas participantes tudo ter visões sobre o ser feminino que não pertence a um gênero,

ele vai nos tecendo de dentro para fora. O discurso feminista refaz caminhos, às vezes, até os cria; empondera e permite a libertação de amarras sociais e religiosas: Contemplação!

2. Quais encantamentos mais combinam com as minhas, nossas experiências;

De tudo que li e ouvi nas rodas e nas leituras sugeridas para a rodas, pedaços fragmentados foram tocados a superfície de meu eu e pude ver nascer confirmações, atitudes, '(des)cortinamentos', chegadas e partidas e, nunca mais serei aquela dos tempos idos de minhas memórias (pó de memórias).

3. Quais desafios do cotidiano estão sendo exercitados através da minha escutatória;

Não tenho sido mais a mesma, percebo a necessidade de imersões. Busco palavras que melhor expliquem as teorias que preciso trazer à tona, desaparecem... Estou caindo, é um poço... Vejo livros... Uma luz... A fagulha querendo virar labareda; Luz! Recálculo das rotas e vou me formar no chão da sala de aula com alunos mestres.

Que temos que revisitar nossos saberes, excluir práticas antigas; que as bancas devem ser menos inquisidoras, que a ABNT deve ser requalificada para o despertar de escritas feministas, possibilitando destacar o pensamento aguçado de mulheres revolucionárias, que estão em todas as partes.

4. Como estão produzindo alegrias na vida;

Sempre me movia lentamente como que pisando em ovos, tinha medo, o medo me silenciava, seria desrespeitada? As aflições que rasgaram minha pele para poder trocar a pele, na dor de ser mulher em um tempo que sê-la ainda são fragilidades. Depois do despertar ao feminismo através deste componente sinto-me alegre por tudo que conquistei e ainda vou alcançar metas.

5. Vale o risco, vale mover-se na escrita embrenhando-se nela de modo fecundo. Viver como escrever é se permitir. Vamos exercitar a escrita autoral e colaborativa.

Vale sim. Os grilhões caem. Agora sua voz é escutada, mesmo quando tentam calar, ela não mais permite silenciamentos.

Foi sem dúvida alguma uma forma potencializadora de ampliar o entendimento do movimento feminista e todas aqueles que foram afetados por este.

2. Feminismos

Os primeiros textos propostos foram: “*Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*” de bell hooks (2018), “Nós deveríamos ser todos feministas” de Chimamanda Ngozi Adichie (2015) e “*Feminismo em comum: para todas, todes e todos*” (2018) de Márcia Tiburi.

Abaixo tecemos alguns comentários após a leitura dos livros e complementamos com pensamentos provocados por outras leituras que se entrecruzaram com essas e com as discussões propostas pela Roda.

Em “*O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*” bell hooks fala de duas questões fundamentais, a sororidade e sobre o sexismo interno. Com o título “A sororidade é poderosa”, hooks afirma que o pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras. O controle patriarcal sobre nossas consciências fez com que aprendêssemos uma consciência de auto-ódio, que precisa ser desaprendido. Por isso, é necessário confrontar o sexismo internalizado, “transformar o inimigo interno antes que possamos confrontar o inimigo externo” (hooks, 2018, p. 17). Assim, “enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo” (hooks, 2018, p. 19). A professora Ana Lúcia deixa bem claro quando exprime o lema feminista “Ou nos salvamos todas juntas, ou nenhuma de nós se salva”.³

3 Depoimento de Ana Lúcia Gomes, durante a Roda de Conversa *on-line* em 29 de agosto de 2022.

No capítulo “Luta de classes feminista” hooks analisa como a forma mais explícita de separação das mulheres era por classes. Citando Betty Friedan (1971) em *A Mística Feminina* que falou do “problema que não tem nome” como a insatisfação que mulheres sentiam com o fato de serem confinadas e subordinadas ao lar como donas de casa. Para Margareth Rago (2004) a grande questão do feminismo se expressa quando as mulheres questionam a maternidade, o casamento, o lar, a casa e isso significa uma explosão porque as mulheres começam a se dar conta de que não tem espaços de interpretação, de linguagem, de significação e de construção de sentidos. Uma das primeiras lutas das mulheres é para sair do espaço privado e poderem se inserir no mercado de trabalho.

Segundo hooks essa era uma crise somente para um grupo pequeno de mulheres brancas com alto nível de educação, “a maioria das mulheres era da classe trabalhadora e se dedicavam a longas jornadas de trabalho, com baixos salários, e ainda faziam todo o trabalho doméstico” (hooks, 2018, p. 33).

Sueli Carneiro (2011) pensa a realidade das mulheres negras no Brasil em consonância com o pensamento de hooks, esse é um discurso sobre as mulheres, que a maioria delas não reconhecia. A maioria dessas mulheres teriam enxergado o direito de ficar em casa como “liberdade” (Carneiro, 2011, p. 33).

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada

quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! (Carneiro, 2011, p. 1).

Resumidamente, pode-se afirmar que no caso de mulheres negras, a batalha é dupla, contra o machismo e o preconceito racial.

As mulheres estão sujeitas a situações diversas de opressão, dependendo do grupo social ao qual pertencem. Para as mulheres negras, o racismo é visto como uma estrutura de dominação e exclusão que marca profundamente suas vidas e, desta forma, a experiência com a intersecção das opressões racial e de gênero será a base para a produção de conhecimento, logo, as desigualdades raciais, conjuntamente com as desigualdades de gênero, definem a elaboração de uma epistemologia (Cardoso, 2012, p. 72).

3. Pedagogias Feministas no girar das giras

No dia 12 de setembro recebemos a mestre e colega na disciplina a professora Laís Abreu para discutir “Pedagogias Feministas”. Um dos textos lidos para as discussões da roda foi “Pedagogias feministas no combate ao racismo e as desigualdades de gênero” de Cláudia Pons Cardoso e Zuleide Paiva da Silva.

Um dos aspectos importantes considerados pelas autoras foi o processo colonial e como ele estabeleceu a definição do que seria “humano”. O processo de colonização “essencializou, classificou e inventou corpos colonizados, transformando-os em alvos de estereótipos e representações racializadas” (Cardoso, 2018, p. 318). O resultado do projeto colonial europeu, impôs uma série de distinções dicotômicas e hierárquicas sobre os colonizados racialmente discriminados a serviço do homem branco ocidental.

As autoras nos ajudam a entender o que são pedagogias decoloniais. Pedagogia é entendida através da concepção de Maria Amélia Franco (2016, p. 538 *apud* Cardoso, Silva, 2011): “uma prática

social conduzida por um pensamento reflexivo sobre o que ocorre nas práticas educativas, bem como por um pensamento crítico do que pode ser a prática educativa”. Decolonial é entendido à luz de Lélia Gonzáles (1988), Ochy Curiel (2020) e Ramon Grosfoguel (2010), como um projeto político-acadêmico de intervenção sobre a realidade, inscrito na histórica luta das populações africanas, da diáspora negra e dos povos indígenas.

Práticas pedagógicas feministas, o que pode ser colocado em prática no âmbito da escola? Como borrar um currículo hegemônico na contemporaneidade? A profa. Eide apresenta possibilidades para pensar estratégias que tentem diluir a dimensão hegemônica em questão. Importa trazer para a discussão de qual conceito de pedagogia feminista estamos nos referindo, pois, vários temas atravessam este escopo, como gênero, raça, classe social, entre outros. Quais são estes fios teóricos que tecem uma dimensão de uma pedagogia feminista? Podemos iniciar com o pensamento de bell hooks, onde a autora identifica práticas de resistência em escolas americanas na contramão frente a imposição de uma cultura branca e elitista nos Estados Unidos.

As falas dos sujeitos na pesquisa de Laís Abreu (2020) reverberam a realidade que muitas vezes é invisibilizada no contexto do cotidiano das escolas, desse modo, abrir o diálogo e a escuta sensível através de sua pesquisa pôde proporcionar uma perspectiva que desmascara os meandros das práticas de violência sexual nas escolas de educação básica no interior da Bahia. O que a escola pode fazer quando ocorrem atos de violência sexual contra crianças? Diante dos atravessamentos que obliteram a discussão sobre gênero e sexualidade nestes espaços, a escola tem se articulado pouco para fazer resistências a estas práticas.

Se a escola e a educação devem ser espaços de transgressão, por quê há uma resistência por parte dos profissionais da educação em se falar sobre gênero e sexualidade? Como afirma a professora Ana Lúcia, é papel da escola e da sociedade pautar este debate e

convertê-lo em ações efetivas de combate às práticas de violência nestes espaços. As pesquisas também apontam que as professoras lésbicas também, em suas singularidades, são agredidas nas mais diversas fobias nos contextos nos espaços escolares. Os afetamentos tornam-se princípios metodológicos, na visão da professora Eide, que provocam possibilidades de cuidar de si e do outro, uma prática insurgente que também rasura currículos, formatos molares e endurecidos da escola.

Ainda pensando as possibilidades das pedagogias feministas, na perspectiva de uma ampliação epistemológica de seus sentidos, e transgredindo o padrão acadêmico de esperar o esperado de uma pesquisa científica tradicional, interrogamos de que modo produzir sentidos outros a partir de uma epistemologia em aberto e na insurgência dos corpos no contexto da escola? Se falamos de uma pedagogia insubordinada, então é preciso considerar o imponderável, o assombroso na contorção comunicativa dos corpos. Uma passagem do livro *Arte, Gênero e Sexualidade e Educação: saberes e práticas de equidade na escola*, Catarina de Cássia Moreira (2020) nos traz uma reflexão potente para pensarmos em possibilidades de rasurar o padrão hegemônico de um modelo pedagógico para além do seu discurso:

[...] na pesquisa, estamos traçando rotas prevendo encontrar apenas o esperado? Permanecemos com a tradição de supor e prever os caminhos seguros e estáveis? Estaríamos dispostos a sermos defrontados com o que vai além ou aquém de nossas expectativas? Deve ser um difícil exercício, descentrar nossas expectativas e ir de encontro com as criaturas marinhas, desligar os motores de nossas intenções e deixar com que as correntes marítimas nos levem aos lugares mais inesperados. Frustrar nossos desejos, colocando em xeque as antigas experiências e os modelos identitários (Moreira, 2020, p.19).

Cardoso e Silva (2011) pensam a necessidade de projetar novas relações sociais e educacionais, em que desaprendemos e deixamos de ensinar o racismo, o sexismo, a cisheterossexualidade compulsória. As autoras sinalizam as pedagogias feministas como alternativa para a capacitação do corpo docente no que diz respeito às questões de gênero, raça e sexualidade, pondo em evidência saberes historicamente silenciados. As autoras encerram o texto “Pedagogias no combate ao racismo e as desigualdades de gênero” com a epígrafe:

Que pode fazer um só indivíduo, de efeito, na história? Pode realizar alguma coisa importante com sua maneira de viver? Pode indubitavelmente. Vós e eu não podemos, é verdade, sustar as guerras imediatas ou criar uma instantânea compreensão entre as nações; mas pelo menos podemos suscitar, no mundo de nossas relações diárias, uma básica e efetiva transformação (Krishnamurti, 1994 *apud* Cardoso; Silva, 2011, p. 65).

A ‘Roda’ de hoje nos fez pensar nessa citação, como a prática dos professorxs pode realizar uma transformação na vida dos nossos alunos, a maneira como produzimos acolhimento, afeto ou silenciamento das suas dores. Afetou-nos a fala da colega Karole, que ao se despedir de sua turma pediu “Que fiquem vivos”, como o ato de sobreviver é resistência.

3.1. Pensamento de Mulheres Negras

Na ‘Roda’ “Pensamento de mulheres negras” recebemos as professoras Ângela Figueiredo e Amanda dos Santos. Foi a primeira ‘Roda’ onde quase toda a turma se manteve em silêncio, mas não foi porque não desejávamos participar, era por encantamento, eu quase “não conseguia falar” diante da potência das vozes das convidadas, não só em suas discussões, mas também no canto de Amanda.

Em carta de uma ex-mulata à Judith Butler, Angela Figueiredo pensa as relações entre o movimento negro no Brasil e o movimento queer nos Estados Unidos e como os estudos sobre relações sociais, ou como defendido pela autora, estudos das hierarquias raciais no Brasil foram construídos em comparação com os Estados Unidos. Ao final do texto a autora explica o provocante título de sua carta, ao se assumir uma mulher negra, ela rompeu com um ciclo em que sua identificação passava pela aprovação do outro.

Um dos pontos mais destacados da comparação entre os Estados Unidos e o Brasil no que se refere aos estudos das hierarquias raciais foi a existência de uma escala classificatória da cor, enquanto no Brasil as primeiras pesquisas e censos para a autoclassificação encontraram mais de 300 termos, os Estados Unidos apresentavam um sistema binário, entre brancos e não-brancos (classificados como negros). Avtar Brah apresenta uma realidade semelhante em seu texto *Diferença, Diversidade, Diferenciação* (2006) pensando as hierarquias raciais e as questões identitárias no Reino Unido, nesse contexto os grupos africanos-caribenhos e do sul da Ásia experimentaram a racialização de sua posição de classe e gênero através de um racismo que punha em primeiro plano sua “não-brancura”. O “negro” aí aparece com um termo especificamente político, constituindo um sujeito político que inscreve a política de resistência contra racismos centrados na cor. A autora argumenta contra o essencialismo, mas compreende que grupos dominados muitas vezes utilizam a experiência cultural comum a fim de mobilizar mudanças políticas, o que Spivak (2010) chama de essencialismo estratégico, se posicionar, não como uma identidade, mas como um posicionamento político.

Para Ângela Figueiredo (2020, p. 161) a homogeneização dos discursos que determinam identidades oprime os indivíduos porque eles precisam se adequar à coletividade. Ao mesmo tempo que o discurso precisa reconhecer os indivíduos e muitos precisam se colocar em determinados lugares (uma posição política), as singularidades/particularidades são subsumidas.

As identidades são dinâmicas, são reinventadas, são discursivamente construídas em contextos históricos sociais específicos. Além disso, os discursos coletivos permitem retirar os sujeitos discriminados do isolamento a que foram submetidos historicamente (Figueiredo, 2020, p. 162-163).

Identidade pode ser entendida como o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como o “eu” (Brah, 2006, p. 371).

Neusa Santos (1990, p. 163) descreveu o processo de tornar-se negro como um processo lento de busca por uma autodefinição perpassado por contextos históricos e políticos, por tensões e descobertas, por histórias familiares e pela subjetividade.

Avtar Brah (2006) compreende que negros e brancos experimentam seu gênero, classe e sexualidade através da raça. Entretanto, a racialização da subjetividade branca não é manifestada claramente para os grupos brancos, porque “branco” é um significante de dominância, mas isso não torna o processo de racialização menos significativo. Cida Bento (2022, p. 103) cita Roediger ao afirmar que: “as identidades raciais não são apenas negra, latina, asiática, índia norte-americana e assim por diante; são também brancas. Ignorar a etnicidade branca é redobrar sua hegemonia, tornando-a natural.”

3.2. Resignificações na gira sapatão

A discussão parte de uma grande inquietação pensada no contexto político no país: o que é ser lésbica no Brasil? O que é ser sapatão? As convidadas da desta ‘Roda’, Mariana Rodrigues e Dayana Brunetto, tensionam os conceitos a partir de suas pesquisas.

Ressignificar o xingamento para compor uma nova transgressão. Há uma disputa na compreensão das nomeações dos movimentos sobre uma diversidade de pontos de vista, o que a princípio é algo que potencializa e dá destaque às reivindicações dos grupos e movimentos que lutam por direitos e visibilidade.

Dayana explica que sapatão não é um gênero, explora o conceito como uma autoidentificação, é importante a ressignificação a partir das histórias de patologização do termo. A vivência na carne trabalhando com estes conceitos dentro da universidade, na perspectiva de Mariana, é uma batalha muito difícil e desgastante. A pauta deve estar implicada na vida para além da academia, implicações éticas e estéticas que atravessam o corpo e seus afetos.

A resistência, nesse sentido para Dayana, deve ser feita por dentro dos espaços e das normatizações acadêmicas, que ainda preserva uma estrutura patriarcal. A imposição pelo medo diante da realidade vivida nos espaços escolares, a perversidade e o silenciamento imposto para as professoras lésbicas revelam a importância da abertura ao diálogo sobre o tema e o amplo debate sobre a existência lésbicas de professoras nas escolas e universidades. Afeto e luta permitindo a produção das diferenças no contexto do pensamento lésbico como um bem público, como fala a professora Eide Paiva.

3.3. A gira da Capoeira lésbica

O que está em jogo na capoeira lésbica? Será a capoeira lésbica um devir menor diante da cultura hegemônica que pretende fazer da capoeira uma ação esportiva, militarizada? O fazer pedagógico da capoeira, segundo a professora Janja, nos faz pensar sobre possibilidades de um fazer uma desconstrução decolonial no espaço social, especialmente no contexto da cultura escolar. A capoeira nesse sentido é o jogo pela liberdade. Esporte e desporto têm concepções diferentes, nesse contexto a capoeira parte de um princípio de exploração da criatividade e do corpo. Pela rasura epistemológica

a capoeira lésbica propõe uma gira para repensar o humano na prática pedagógica, talvez nesse aspecto a capoeira tencione uma dimensão que se aproxima de uma dimensão pós-humana, contra-hegemônica e insurgente.

3.4. Gira das Topografias feministas

A ideia de topografia feminista para Daniela Auad⁴ é a possibilidade de formar uma outra epistemologia sobre a noção de feminismo, pois importa nesse contexto pensar a lesbianidade como ação política que intervém contra a decolonialidade e contra o patriarcado, sobretudo no meio acadêmico, ainda cercado de moralismos rígidos que interferem no fazer científico de docentes e discentes. Deslocamentos feministas e justiça acadêmica contra os feminicídios que incidem nos corpos lésbicos na academia.

O lugar de onde nos colocamos na leitura e conhecimento sobre as epistemologias feministas, é um deslocamento que abala a forma como é percebido o estudo a ação política do feminismo, pois é uma desconstrução do modelo patriarcal de entender a complexidade e a ambivalência de certos conceitos. Nesse sentido, percebemos os corpos como dissidentes que procuram subverter concepções rígidas sobre gênero e sexualidade. A urgência política da discussão sobre o tema no campo da Educação Básica é voltar-se para uma perspectiva que amplia o campo epistêmico sobre feminismo.

Importa também pensar sobre as armadilhas da política de citações que não alcançam a concretização das ações em torno da luta por justiça epistêmica. Diante disso, a professora Eide Paiva questiona: de onde você fala para se apropriar do seu discurso, para ter propriedade sobre o que se fala?

4 Depoimento de Daniela Auad, durante a Roda de Conversa *on-line* em 17 de outubro de 2022.

Considerações finais

Acreditamos que as afetações trazidas por este componente estarão sempre nos nossos pensamentos e no nosso fazer pedagógico, pois encontramos lacunas a serem preenchidas pelos conhecimentos trazidos por todas/os as/os mestras/es que rodaram e gingaram conosco.

A escrita potente daqueles que colocam na vitrine todas suas faces, permitindo ser analisados, julgados, não compreendidos, nos permitiu sonhar, chorar, reconstruir, repensar modos de viver e de ser. Que não resolve todas as injustiças do mundo, no entanto, nos possibilita falar e sermos escutados e sem dúvida traz rupturas e descobertas. Rasgar e remendar nosso eu.

Referências

ABREU, Laís Oliveira. **Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil**. 2020. 270 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina. 2020

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, v. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006. Disponível em: <<https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020/01112009-095143bra.pdf>>. Acesso em 20 de set. 2022.

CARDOSO, Claudia P. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. 2012. 383 f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CARDOSO, C. P.; SILVA, Z. P. Por uma pedagogia feminista decolonial amefricanizada: práticas docentes nas encruzilhadas *In*: CARDOSO, C.P.; MARTINS, M.A.M. (org.). **Insurgências pedagógicas na educação básica**.

Salvador: Devires, 2011, p. 17-34.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo**: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero (2011). Disponível em: https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/?amp=1&gclid=Cj0KCCQjwJKqBhCaARIsAN_yS_l-rjs3oDVPd4IGCZKRMn8InBziTttoNullbgD2iT3vnLqQRnaq5AkaAp8SEALw_wcB. Acesso em 13 nov. 2018.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologia feminista a partir do feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, Heloísa B. de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectiva decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo. 2020. p. 120- 140.

DIANGELO, Robin J. **Não basta não ser racista**: sejamos antirracistas. Tradução de Marcos Marcinolo. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. **Periódicus**, Salvador, n. 1, v. 3, p. 152-169, mai./out. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i3.1426>. Acesso em 10 de out. 2022.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102>. Acesso em 10 de out. de 2022.

FRIEDAN, Betty. **A Mística feminina**. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis – RJ: Editora Vozes Ltda, 1971.

GONZALEZ, Lélia. Por un feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis International**. Santiago, v. IX, p. 133-141, junio1988. [MUDAR/DAWN]

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 383-417.

HARAWAY, D. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em 15 out. 2022.

hooks, bell. **Feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luísa Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. *In*: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos** – novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002,

p. 133-160.

MOREIRA, Catarina de Cássia. Currículos ao avesso: experiências de uma professora travesti na educação infantil. In.: Fernando Augusto do Nascimento, Tânia Cristina Costa Ribeiro, Fernanda Areias de Oliveira (Orgs.). **Arte, Gênero, Sexualidade e Educação** [recurso eletrônico]: saberes e práticas de equidade na escola. São Luís: EDUFMA, 2020.

RAGO, Margareth. Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos. In.: LIMA, C.C; SCHIMIDT, S.P. (orgs). **Poéticas e Políticas Feministas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando. 2017.

SOUZA, Neusa S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

8

**DIÁRIO DE BORDO COLABORATIVO:
EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS E
EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS**

Érica da Silva Oliveira
Gercilene Meireles
Larissa Leslie Sena Fiuza Bispo
Marceli Cedraz da Silva

“Caminho se conhece andando”¹

Muitos são os caminhos, escolhas e percursos, diferentes, pedregosos, lineares, confusos... mas, que só se conhece caminhando e vivenciando. E assim, iniciamos essa escrita de um diário de bordo, caminhando através do componente curricular Epistemologias Feministas e Epistemologias Decoloniais do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) Universidade Estadual da Bahia – UNEB, *Campi* XIV-Conceição do Coité e IV-Jacobina, sob a regência das professoras Ana Lúcia Gomes e Zuleide Paiva.

Caminhos decorrem de pessoas diferentes, que mesmo estando em espaços semelhantes trazem bagagens singulares que podem haver aproximações, mas, jamais simetria. É nesse contexto de caminhos diferentes e singularidades que nos apresentamos e celebra-

1 Título inspirado no trecho da canção Deus Me Proteja, de Chico César.

mos esse encontro que deu origem à uma escrita colaborativa sobre nossas afetações, aprendizagens, inquietações, dúvidas e demais movimentos desse processo de discussão, de rodas de conversa e, de forma muito enfática como ouvimos nos nossos encontros: giras.

Fazendo a gira girar²...

Érica da Silva Oliveira, nascida e residindo em Conceição do Coité, graduada em Matemática pela UNEB de Senhor do Bonfim, atuou como professora de Matemática e Física na rede estadual de ensino, feminista desde a infância, questionadora e militante dos direitos da mulher negra.

Gercilene Meireles, residente em uma pequena comunidade rural do município de Biritinga-Ba, licenciada em geografia pela UNEB, atuou como agente comunitária de saúde em uma comunidade rural do município de Biritinga-BA e hoje estou mestrandando do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED). Deste modo, teço minha história enquanto mulher, negra, nordestina e camponesa.

Larissa Leslie Sena Fiuza Bispo, filha única, nascida e criada em Salvador-BA com andanças pela região do Sisal e da Chapada Diamantina, e atualmente residindo em Catu-BA. Pedagoga por formação, atuou como coordenadora pedagógica de um Centro Estadual de Educação Profissional e é mestrandando do MPED pesquisando os movimentos de professoralidades em professores/as de componentes curriculares de formação técnica específica da Educação Profissional e Tecnológica.

Marceli Cedraz da Silva, cursei Geografia na UFBA, sou uma mulher preta, sertaneja da roça, atravessada por esses elementos chego ao MPED, cheia de dúvidas de qual caminho trilhar, são

2 Atravessamento entendido como um movimento que se realiza e se retorna, passagem de fala de um para outro, discussão e permanência de debate durante as rodas de conversas, sem rupturas ou paradas, cíclico, referenciado nos princípios das religiões afro-brasileiras.

tantas dúvidas e incertezas, mas também de muitas possibilidades, vivências, conhecimentos, amizades. Preciso encontrar o meu caminho, me achar. Sou professora nas redes Estadual e Municipal em Conceição do Coité onde nasci e moro atualmente, tudo que tenho passado tem reverberado em quem sou e conseqüentemente na minha prática, pois ela sou eu.

As andanças...

Diante do cenário machista, misógino e sexista que estamos expostas, nos deparamos com o componente curricular ***Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais*** nesse lindo programa que é o MPED. E dentre vários questionamentos, fomos atravessadas pela curiosidade de compreender como essas pedagogias e metodologias poderiam abrir/expandir/iluminar as nossas próprias práticas enquanto educadoras da Educação Básica, já que viver na sociedade expondo nossos pensamentos e nossos pontos de vista ainda é bem complexo.

No nosso primeiro encontro, em 29 de agosto de 2022, a gira girou, uma roda de conversa, primeiramente com as apresentações das docentes Zuleide Paiva e Ana Lúcia Gomes as quais expuseram seus currículos, bem como um pouco do componente que vão ministrar em dupla. Após, abriram espaço para que pudéssemos nos apresentar e falarmos um pouco sobre nossas pesquisas dentro do tema diversidade, foi um momento muito interessante, pois por ser um componente curricular no sistema à distância, temos colegas de vários outros estados.

Um questionário compartilhado nos foi apresentado, para que pudéssemos escrever um texto baseado nas perguntas que ali estavam e pudesse ser apresentado no próximo encontro.

Algumas leituras e atividades antecedem/antecederam os nossos encontros e como um convite à caminhar e solidificar nossos passos fomos impulsionadas a “Sejamos todas feministas” sem

distinção de gênero e reconhecendo a ancestralidade através das avós, bisavós... (ADICHIE, 2014).

Cursar o componente curricular *Pedagogias Feministas e Epistemologias Decolônias*, nos fornece a possibilidade de empoderamento epistemológico sobre algo que sempre foi muito importante em nossas vidas, questões de raça e gênero.

Depoimento de Erica³: Naquele momento me senti invadida por questionamentos que, de verdade, nunca havia me feito, e percebi a importância de refletir sobre esse tema, fazer leituras referentes com certa frequência para que o propósito do feminismo seja latente nos meus dias e nas minhas ações.

Práticas educacionais antirracistas

Nesse encontro no dia 05/09, debruçamo-nos, nessa Roda de Conversa sob a perspectiva de uma pedagogia feminista negra e um currículo antirracista. A partir desse encontro dialógico em uma sala virtual, fomos provocados pelas professoras Ana Lúcia e Eide Paiva a rasurar nossa prática, pensar em práticas educacionais antirracistas e transgressoras. “A maioria dos professores têm de treinar para estarem abertos em sala de aula, estarem totalmente presentes em mente, corpo e espírito” (hooks, 2018, p, 36), portanto, podemos assim, concluir que os saberes que afloram eles atravessam o nosso corpo.

A educação é parte importante nesse contexto, no entanto, sabemos que esse processo de aprendizagem não acontece apenas em ambientes formais de educação, ele extrapola os muros das escolas e das universidades e ganha outras dimensões, a exemplo disso, temos os movimentos sociais de mulheres negras ativistas que lutam para levar formação política e pedagógica a espaços educativos formais e não forma. Por isso a importância de primeiro anular todos os pensamentos e atitudes racistas que estão impregnadas

3 Depoimento de Érica da Silva Oliveira, durante a aula *on-line* de 29 ago. 2022.

nas nossas vidas - treinadas pela educação e sociedade que repete ensinamentos coloniais- para que nos tornemos aptos a mergulhar em todo conhecimento que a disciplina traz para refletirmos.

O caminho se faz caminhando

O encontro sobre Práticas de Pedagogias feministas propositivas nas pesquisas em educação, em 12 de setembro, discutiu justamente as pedagogias feministas, utilizando para embasamento da discussão de alguns textos, incluído o texto da mestra Laís Oliveira Abreu, *Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil*. Os/as participantes trouxeram em suas falas relatos muito fortes e que acabaram nos levando para momentos vividos por mim, por nós, nas escolas onde sou/somos professoras e educadoras.

Em sua fala, Laís Oliveira relata um “acontecimento” que ocorreu na *locus* de sua pesquisa, foi uma tentativa de feminicídio que aconteceu dentro da escola, fica evidente em seu relato como isso afetou toda comunidade escolar, a maneira como fato foi tratado não é peculiar, pelo contrário é bem corriqueiro, é geralmente dessa maneira que “acontecimentos” são tratados nos espaços escolares, ocorreu uma palestra que tratou do assunto e pronto, apenas um momento estanque, pontualmente e nada mais.

Depoimento de Marceli Cedraz⁴: Essa fala me levou, imediatamente, ao fato que marcou muito minha vida, e que acabou sendo citado pela professora Eide, o suicídio de uma aluna muito querida. Ela era lésbica, uma pessoa incrível, generosa, inteligente, talentosa, amorosa, linda, era difícil não amá-la. Não tive estrutura emocional pra ir me despedir dela, me vesti, mas não consegui, deitei e chorei, como faço agora. Isso aconteceu no recesso junino, sei que não adianta, mas fico pensando, se tivéssemos na escola, tendo aulas, acho que não teria acontecido, a escola era um lugar de acolhimento

4 Depoimento de Marceli Cedraz da Silva, durante Roda de Conversa, *on-line*, de 12 set. 2022

para ela, muitos professores eram seus amigos e confidentes, sem falar em seus amigos e colegas.

Outros pontos que nos afetaram grandemente foram as falas sobre transgênero, e quanto às resistências negativas afetam vidas, a presença de um estudante trans é uma postura de resistência, de luta em todos os dias, para reafirmar a necessidade de utilização do nome social e, para além de utilização, o acolhimento da sua subjetividade.

Em nossos espaços escolares temos a presença de crianças, jovens e adultos com as mais diversas identificações de gênero, é doloroso ver o sofrimento deles, o preconceito sofrido por parte de colegas e de muitas professoras que os recriminam, a resistência de muitos familiares que não permitem sequer uma consulta com psicólogos para que eles consigam entender o que está acontecendo, e quem realmente são, torna mais difícil a compreensão de quem são e a autoaceitação.

A escola e grande parte das famílias não sabem lidar com situações como essas, são poucos os professores com conhecimento e sensibilidade para ajudar nesse processo e por conta dessa conjuntura, tragédias acabam acontecendo. Incluir as práticas pedagógicas feministas nas escolas é urgente, uma escola mais justa, menos desigual e mais acolhedora é imprescindível.

Sáímos desse encontro afetadas por vários questionamentos e compreendendo que a prática pedagógica é e deve ser intencional, e que o currículo deve oportunizar práticas de empoderamento de homens e mulheres, nosso desafio constante e cotidiano enquanto professores e/ou educadoras.

Desta maneira, compreendemos a importância da discussão desta temática dentro e fora do ambiente escolar, pois as teorias e práticas feministas é um movimento desenvolvido para pôr fim no sexismo, da exploração sexista e da opressão (hooks, 2018, p.7).

Assim, o encontro com a teoria feminista, de maneira mais crítica e reflexiva, acontece/aconteceu ao adentrar o MPED, tornando-se mais intenso com as leituras e rodas de conversas do componente curricular. Provoações essas que vêm atravessando o meu/nossos corpo/s de mulher/es e contribuindo para uma reinvenção de leitura de mundo.

Pensamento de mulheres negras

Esse encontro foi sobre Pensamento de Mulheres Negras, realizado em 19 de setembro. Nessa ginga, chegamos ao quarto encontro com a presença marcante de duas mulheres: Ângela Figueiredo e Amanda Santos. Nesse momento, fomos atravessadas por suas falas que nos levaram a uma ação-crítica-reflexiva sobre um novo âmbito de pesquisa acadêmica que acontece através de uma relação dinâmica entre academia e movimentos sociais. Para nós um dos pontos centrais dessa roda e que nos deixou bastante afetadas foi perceber o quanto que nos espaços acadêmicos a escrita é fragmentada e empobrecida. Fazemos pesquisa sempre guiados por um protocolo rígido, referenciados por uma receita pronta, desconectando nosso corpo daquele contexto.

Fato este, responsável por tornar a escrita acadêmica, dolorosa e sofrida, sob isso, Ângela Figueiredo em sua fala, ressalta a importância de tirar esse deslocamento do trabalho acadêmico como dor e colocar em um lugar de desafios, pois tudo que é desafiador tem prazer. Portanto, a escrita deve ser assumida como um ato de manifesto político que não provoca dor e sim, é capaz de provocar mudanças sociais.

Com o seu jeito diferente de fazer pesquisa científica as convidadas dessa Roda, conseguem apresentar o ambiente escolar como um espaço politizado e para isso, torna-se necessário que o professor ressignifique sua prática e assuma uma postura antirracista e decolonial.

Com isso, notamos uma nova configuração política que está provocando deslocamentos no cotidiano acadêmico e alcançando outras dimensões. Deste modo, situações antes naturalizadas passam a ser observadas e problematizadas de modo diferentes.

Por isso a necessidade do estudo e formação docente em políticas/práticas/pedagogias que alicerces seus conhecimentos na diversidade e assim, conseguir levar a clientela posturas e conhecimentos com visão decolonial, antirracista e feminista.

Escrevendo as Escrevivências...

Ansiosas para o encontro Escrevivências como concepção onto-epistemológica, em 26 de setembro, que teve presença da Profa. Iris Verena (com a qual partilhamos aprendizagens nos componentes curriculares Educação e Diversidade em 2022.1 e Pesquisa Aplicada à Educação II em 2022.2, como alunas regulares) e Vaneza Souza (egressa do MPED) para partilhar sobre Escrevivências.

Ouvir sobre a escrevivência é abrir os olhos para outras formas de se fazer pesquisa e múltiplas possibilidades para afetações literárias entre o fazer da Universidade e o fazer na escola; é trazer a voz que ecoa do corpo que é potência, atravessado por vivências singulares e que se defendem a cada novo dia do racismo, do feminicídio, do machismo, da homofobia e de tantos outros modos de silenciamento. Entendemos que escrever é agenciar a palavra como ato provocativo, um singular que se torna coletivo.

Muitas contribuições e aprendizados aconteceram nesse dia, as professoras nos apresentaram uma nova metodologia para as bases epistemológicas da pesquisa em educação que deriva a partir do compartilhamento da “escrevivência” (EVARISTO, 2007), permitindo com isso, romper com a neutralidade na pesquisa acadêmica que coloca pesquisador e pesquisando em polos opostos (distantes um do outro). Assim, por meio da escrita de si, podemos trazer experiências coletivizadas de corpos atravessados pela opressão de

raça, classe social, gênero, dentre outras..., mas que mesmo diante desses marcadores sociais criam estratégias de enfrentamento e sobrevivência.

Tivemos contato com a escrevivência pela primeira vez na aula da disciplina de Docência e Diversidade ministrada pela Prof^a. Iris Verena, foi uma surpresa muito grande descobrir essa escrita, tão rica, cheia de vivências, uma escrita feita pelo corpo, tratando das experiências de mulheres pretas, aspectos que ficaram muito evidentes na fala das convidadas Rafhaella Oliveira e Vanessa Oliveira, mostrando o caminho percorrido por elas até acharem o seu jeito de escrever, encontrando a escrevivência. Esse foi um encontro muito significativo, ele mostrou a nossa condição de resistir, a roda girou cheia de amor, aprendizado, experiências e vivências que só enriquecem a nossa caminhada como mulheres pretas, que sentimos na pele literalmente, o impacto que isso tem.

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (EVARISTO, 2007, p.21)

Numa das falas na Roda, alguém falou sobre a fala corporal, em como nosso corpo físico se manifesta e traz com ele as vivências, sentimentos e expectativas, por isso que é tão lindo ver o quanto é significativo e tocante às manifestações culturais, os corpos flutuam ao som dos atabaques e podemos lê-los, conectá-los em cada movimento, pois o corpo fala. É a hora de narrar tudo o que se sente, narrar de dentro e por dentro, os movimentos trazidos aos grupos são lidos, precisamos estar sensíveis a essa movimentação para que possamos compreendê-los.

As nossas ações precisam ser para abalar as estruturas brancas já instituídas, é necessário que nos façamos presentes e ativos nessa luta diária sobre o combate ao racismo e todas as questões trazidas desse tema, por isso não há motivos para que brancos sejam escrevíveis, eles não têm do que apresentar, estamos falando de algo que somente quem teve seus ancestrais sequestrados e feitos de reféns, na mais absurda forma de cárcere é que tem poder de fala, porque vivenciaram e vivem na pele dores que ainda ressoam em nós do que nos foi tirado, roubado, podado. Toda essa estrutura de ódio, menosprezo e escravidão só quem é preto pode falar, e ser mulher preta na atual conjuntura é saber que tem lutas diárias para travar que uma mulher de pele branca nunca saberá o que é.

Giras Lésbicas

O encontro realizado no dia 03/10 tratou das Epistemologias Lésbicas, contou com a presença de Mariana Rodrigues, Doutoranda na Ohio State University no Departamento de estudos de gênero e sexualidade. Coordenadora Nacional do LesboCenso e integrante da Liga Brasileira de Lésbicas, RedeLesbi e Coalizão LGBTQI e de Dayana Brunetto, Profa. da Universidade Federal do Paraná com pós-doutorado em Educação (PPGE-UFPR). Coordenadora do NGDS-SIPAD-UFPR. Ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e pesquisadora na RedeLesbi.

As convidadas fazem parte de um projeto muito importante, o LesboCenso, uma pesquisa ativista acadêmica que busca mapear aspectos e experiências da vivência de lésbicas e sapatão no Brasil, analisando vários eixos: educação, saúde, trabalho, violência, das redes e das relações das quais fazem parte, uma pesquisa que já conseguiu quase 22 mil respostas válidas, gerando uma grande quantidade de dados sobre a lesbianidade.

A importância desse projeto se justifica pela necessidade da existência desses dados, visto que passamos por um processo de

destruição de dados no atual governo Bolsonaro. A fala de Dayana Brunetto mostra que a inexistência de dados é intencional, sem dados os problemas são invisíveis, não existindo a necessidade de geração de políticas públicas. O mapeamento dos dados, cria demandas que precisam de políticas públicas para serem solucionados, os dados são muito relevantes, eles chocam e escancaram a realidade, como por exemplo a informação exposta por Mariana Rodrigues, onde 8 em cada 10 mulheres entrevistadas já sofreram lesbofobia.

Durante a Roda surge o questionamento em relação aos termos lésbica e sapatão, qual dos dois utilizar? Ficou evidente na gira que os dois são termos de (re)significação, ao se autoidentificar com um termo ou com o outro, essa ação vem carregada por questões específicas, é um posicionamento político de enfrentamento, então, cada uma escolhe usar o termo que tenha significado para sua trajetória.

A Roda girou com o relato de algumas professoras da turma que são lésbicas, em seus fortes depoimentos, elas relatam sobre as dificuldades e preconceitos que sofrem em seus espaços de trabalho e familiares, em maior ou menor graus todas já sofreram por conta da lesbianidade e muitas vezes interseccionado a outros tipos de preconceito, como o geracional, religioso e de raça.

Houve também o depoimento de uma estudante da UNEB de Serrinha que ao iniciar o estágio numa escola do município, não houve nenhum tipo de rejeição ao seu trabalho e nem a sua postura profissional, porém quando a mesma foi vista com a sua companheira, imediatamente foi desligada da escola, mesmo sendo irregular esse desligamento, já que é obrigação das escolas públicas aceitarem os estagiários de educação em qualquer época ou turma, se houver essa disponibilidade. A escola não deu nenhuma justificativa plausível, mostrando o preconceito estrutural, escancarado em relação à orientação sexual da estagiária e estudante, o que é um absurdo.

O acalento em suas falas vem no momento que contam sobre a relação com seus alunos, geralmente de muito afeto, mostrando como são vistas como referência e ponto de acolhimento, sabemos das dificuldades e danos emocionais que toda essa situação causa, mas elas precisam enxergar-se como norte para seus alunos.

Então, faz-se necessário que sejam denunciadas situações de preconceito e exclusão, especialmente em lugares públicos, pois todos temos os mesmos direitos e as diferenças devem ser aceitas.

A ginga da capoeira

Fazendo a gira girar, chegamos ao encontro que continua tratando de Epistemologias lésbicas, em 10 de outubro, com a presença da mestra Janja. A abertura do encontro com a leitura de um poema de Vange Leonel pela Profa. Zuleide Paiva, nos introduz a pensar sobre O que é lésbica? A leitura por deleite sem pretensões interpretativas para o momento transpõe um momento de chegada e acolhida para a produção de afetações e construção de conhecimentos afetivos e, principalmente, de resistência.

Para além disso, Janja nos contextualiza sobre a pedagogia da ginga, reforçando a presença da mulher na capoeira como um movimento de resistência e o corpo como espaço de territorialização da capoeira. A travessia se dá na presença da mulher para acionar a presença de outras realidades na capoeira, como as pessoas LGBTQIA+ em quantidade expressiva, antes invisibilizadas e violentadas.

A fala da mestra Janja questiona os espaços tradicionais e as formas de organização hierarquizada e autoritária, e nos mostra o espaço da capoeira como possibilidade para construção de práticas feministas, antirracistas e, principalmente, um espaço misto, a valorização da expressão de todos os corpos. Conseguindo com muita ginga nos levar a refletir e repensar os corpos de mulheres negras pelos caminhos da arte nas redes de capoeira. Ou seja, pensar o feminino nos espaços de luta como forma de combater os desmandos machista e patriarcal.

Topografias feministas

Seguimos para mais um encontro, o oitavo momento, em 17 de outubro, que abordou sobre Topografias Feministas com a presença da professora Daniela Auad. O convite para o evento transpõe uma curiosidade e desejo de compreender o que são essas Topografias Feministas. A convidada adiantou logo no início do encontro que Topografias Feministas relaciona-se a teoria das mulheres em movimento que contém outros conceitos, exemplificando que em seu doutorado, ela elaborou o conceito de coeducação diferente de escola mista, sustentado em vários outros conceitos a partir de outros autores e suas definições, a partir das diferentes abordagens.

Diante disso, iniciou-se o delineamento dessa perspectiva através da narrativa sobre sua pesquisa com professoras lésbicas que se deslocam da sua região de trabalho/moradia para estudar e como esse dado é importante para compreensão dos processos formativos, de identidade e de posicionamento.

Já que os estudos e escritos de pesquisadores, mesmo para revistas feministas, por exemplo, deixava a desejar quanto a abordagem as estudos de igualdade de gênero na educação, focando nos temas apenas direcionados a educação da mulher, é perceptível a necessidade da pesquisa com a presença de gênero de forma consistente é quando a professora Daniela Auad nos desmonta e nos faz ressurgir com as topografias feministas, que ressignificam as ancestralidades, origens, localização como território, caminhos e andanças de mulheres, que ao se mostrarem em seus espaços, existindo, compartilham as justiça que necessitamos.

Desobediências...

Esse foi um encontro muito rico, cheio de trocas e aprendizados, a Roda começou a girar com a fala de Thyffany Odara, uma mulher que fez história ao se tornar a primeira mulher trans a entrar no

mestrado em Educação e Contemporaneidade (UNEB) pelas cotas, ela também é pedagoga, Yalorixá e mãe.

Em sua fala potente, Thyffany narra suas vivências desobedientes, começando pelo fato de ser travesti, algo que já é considerado uma desobediência, como ela diz: Desobedecer ao “cis-tema” é o lema.⁵

São desobediências que surgem em corpos considerados marginalizados, sem direitos, mas ao transgredirem, revolucionam e conseguem potencializar práticas pedagógicas, como mostrado no texto Cláudia Cardoso e Zuleide Paiva da Silva. “As experiências de luta empreendidas por estes corpos femininos, feminilizados e racialmente marcados contra o seu apagamento e aniquilamento são processos de ensino aprendizagem” (CARDOSO; SILVA, 2021, p. 23).

A Pedagogia da desobediência é uma prática pedagógica carregada por dores ancestrais. Thyffany aborda as desobediências como necessidades impostas pela ausência do Estado, sendo assim, não é atitude apenas dos travestis ou pessoas trans, mas de todos os corpos “matáveis”, “descartáveis”, que sofrem as discriminações de gênero, raça, social, de classe, religiosa, etc., mas articulam-se na desobediência para continuarem vivos e terem acesso ao que é seu por direito, mas é sempre negado, como por exemplo a educação, que não é um privilégio, e sim um direito de todos, inclusive dos “diferentes” que não podem ser vistos como inferiores, mas acabam sendo.

A Roda gira com Marcelo Arouca, Educador Social e Pedagogo, Mestre em Educação e Contemporaneidade pela UNEB e Professor na Rede Municipal de Educação em Salvador-BA. Sua mãe era empregada doméstica em casas de classe média alta, Marcelo morava com ela nos quatinhos dos fundos, por isso cresceu nos bairros nobres de Salvador, mas sempre visitava seus parentes nas favelas. Só passou a morar definitivamente nesses espaços aos 19 anos, lá construiu sua identidade.

5 Fala de Thyffany Odara durante Roda de Conversa *on-line* em 24 out. 2022.

Ele traz a incrível Pedagogia de Favela, representando um espaço com múltiplas identidades, formado majoritariamente por pessoas pretas, repleto de cultura e diversidade, mas negligenciada de forma intencional pelo Estado que faz questão de não estar ali, o espaço vazio acaba sendo ocupado por outros segmentos, e outras relações de poder se estabelecendo.

Durante o debate, algumas colegas relataram que não concordavam com a fala de Arouca, pois ele tratava a favela de uma maneira romantizada, como se ele não conhecesse realmente aquele espaço. Mas conseguimos entender o ponto de vista do convidado, a favela já é tão discriminada, são tantas dores que existem ali, todos conhecem o seu lado ruim, Marcelo Arouca mostra as coisas boas que existem naquele espaço, a sua potência que precisa ser mostrada, a favela não é apenas coisas ruins, existe ali uma força transformadora que necessita de evidência.

Arouca deixa claro em sua fala a importância da identidade que emana da favela, para ele, a Favela é como uma construção identitária que surge por uma violência do Estado, um espaço interseccional, onde os marcadores sociais da diferença vão se entrelaçando como marcadores para morrer, um espaço aquilombado.

O sentimento de pertencimento é nítido na fala de Marcelo Arouca, demonstrando a importância disso, ele cita a linguagem própria da favela, e mostra como a sua utilização na escola possibilita uma aproximação com os estudantes, a cultura da favela deve ser apropriada pela escola.

A Pedagogia de Favela traz a escola como um centro de acolhimento e transformação, fazendo brotar nos estudantes o sentimento de pertencimento, estudar o seu lugar, seus problemas, encontrar as soluções para esses problemas, motiva, não deixar evadir, reconstrói vidas, viver o que se estuda tem significado. Um exemplo potente de como podemos transformar nossas práticas pedagógicas.

Tanto a Pedagogia da Desobediência, quanto a Pedagogia de Favela são contra-hegemônicas, vivas, buscam caminhos para

resistir, mostrando a potência dos oprimidos e tornando visível os invisibilizados, afinal essa é umas funções da educação.

TransEducar

Chegamos ao encontro 10 - Pedagogias para TransEducar o Pensamento, em 31 de outubro. A Roda se abriu com a fala de Cláudia Vasconcelos, professora de História da UNEB, campus Jacobina, trazendo um questionamento inicial: Quem somos nós? A partir disso ela tece suas inquietações implicadas no seu fazer docente e da pesquisa no Sertão - “arribando o céu” em uma perspectiva metafórica e de reconstrução coletiva do Brasil e na beleza como potência, que culminou na criação do projeto Arribar o céu: arte, saberes e histórias dos sertões indígenas e afrobrasileiros que tem como intencionalidade trabalhar com a Lei 10.639/2003 e a Lei 11.645/2008 em diálogo com a escola.

Girando a Roda, a fala voltou-se para Vércio Gonçalves, também conhecido artisticamente como Seu Vérciah. A pauta discutida nesse momento estava voltada para a transgeneridade e a masculinidade trans, a partir de vozes que transicionam e o corpo totalmente antagônico ao corpo que está no poder. Vércio discute também que denominações como TRANS é deixar a sociedade te lembrar que você é trans de forma negativa e uma determinação da identidade do outro. Discussões essenciais para chegar a reflexão da necessidade de produzir narrativas que afirmam a presença dos trans, ou seja, a problematização das existências, que não obstante, está presente na escola, cabendo ao questionamento: Como a escola pode ser um espaço de desconstrução da violência com meninos/as trans?

Referências

ABREU, Laís Oliveira. **Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil**. 2020. 270 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina. 2020

ADICHIE, Chimamanda N. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AUAD, D.; LAHNI, C. R. Topografias Feministas: uma teoria das mulheres em movimento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, p. 1-6, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82526>. Acesso em: 17 dez. 2022.

CARDOSO, C. P.; SILVA, Z. P. Por uma pedagogia feminista decolonial amefricanizada: práticas docentes nas encruzilhadas *In*: CARDOSO, C.P.; MARTINS, M.A.M. (org.). **Insurgências pedagógicas na educação básica**. Salvador: Devires, 2021, p. 17-34

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Representações performáticas brasileiras. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EVARISTO, Conceição.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebadoras**. Tradução Bhuvi Libanio. 9. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; ABREU, Laís Oliveira; SOUSA, Vaneza Oliveira. (2020). Diários de aula virtual e a (auto)formação na pesquisa em redes colaborativas. **Revista Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v.10, n.2, p. 110-123, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8717>. Acesso em: 10 dez. 2022.

9

DIÁRIO DE BORDO-PESQUISA COLABORATIVO: PAUTAS FEMINISTAS EM DEBATE

Ariane Confessor de Carvalho Ribeiro
Nayara Cunha da Silva
Suzane Sales de Souza

Como alunas do componente Epistemologias feministas e epistemologias decoloniais, componente ofertado pelo Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, da Universidade do Estado da Bahia, escrevemos esse diário com o objetivo de apresentar nosso percurso ao longo dos encontros promovidos no componente. Nossos encontros se deram de forma *on-line*, nos quais recebemos diversos(as) convidados(as) para discutirmos sobre diferentes temáticas que dialogam com aquilo que propões o componente (as epistemologias feministas e as epistemologias decoloniais). Aqui, trazemos considerações sobre os textos, os debates, as questões que emergiram nos debates, assim como os afetamentos que nos ocorreram mediante essas discussões. Nesse diário apresentamos as temáticas debatidas em cada encontro, os materiais sugeridos para cada Roda de Conversa e as convidadas e convidados de cada uma delas.

1ª Roda de Conversa 29/08

Nesta Roda, realizamos uma avaliação provocadora dos conhecimentos prévios da turma (APCP) para revisitarmos nossas escritas.

Nela, levantamos os conhecimentos prévios acerca do feminismo e mencionamos as informações básicas para a composição do quadro teórico de nossos estudos/ pesquisas.

Considerações sobre a primeira Roda

Começamos atendendo ao propósito inicial da avaliação provocadora, nos apresentar e falar sobre como chegamos ao MPED. A partir dessas apresentações, notamos que os alunos e alunas do componente *Pedagogias feministas* formam uma turma bastante diversa; as aulas do componente alcançam territórios para além da Bahia, sendo frequentada por alunos e alunas de diversas regiões do país, e até mesmo alunas que vivem no exterior, que encontraram o MPED por acaso, e se interessaram pelo componente por entenderem que este os proporcionaria a oportunidade de se aprofundarem em suas pesquisas e em seus estudos. Essa diversidade também se revela nas múltiplas áreas de formação e atuação dos integrantes do componente e nas variadas temáticas sobre as quais versam seus estudos e pesquisas, como também nos variados programas de pós-graduação e grupos de pesquisa, dentre outros. Embora o grupo tenha se revelado bastante diverso, uma coisa é notável que há em comum entre integrantes: o desejo e a disposição em querer promover melhorias no cenário educacional, tendo em vista um sistema de educação que se opõe à ideais e práticas sexistas e misóginas, um modelo educacional pautado numa perspectiva decolonial.

Também discutimos sobre outras questões apresentadas na avaliação provocadora. Assim, foi possível, por exemplo, refletir sobre o que nos possibilitou nos aproximar das pautas feministas, destacar as questões que nos afetaram diretamente, falar sobre como nos constituímos feministas, discutir sobre certas questões que nos atravessam.

Ao explorar e compartilhar na aula o documento construído coletivamente (texto da avaliação provocadora), começamos co-

nhecendo as diferentes concepções de feminismo apresentadas nas respostas dadas pelos colegas, pessoas com distintas perspectivas e distintas filiações teóricas. Esse diálogo serviu para começar o primeiro movimento de debate, o qual é justamente o aprofundamento das leituras das referências sugeridas para a primeira Roda de leitura.

As discussões sobre as concepções de feminismo não se encerraram na primeira Roda, visto que o objetivo era que os/as estudantes saíssem das duas primeiras rodas de leitura com, no mínimo, uma ideia, mesmo que não conclusiva, sobre o feminismo e as práticas pedagógicas feministas, pois, assim, nas próximas rodas, nas quais receberemos convidadas feministas e que adotam práticas feministas, poderemos nos engajar melhor nas discussões e compreender melhor as ideias trazidas por elas. De acordo com as observações da professora Zuleide Paiva, demonstrando ter uma compreensão elementar de feminismo e práticas feministas, poderemos pensar a decolonialidade a partir do nosso fazer, isto é, nos compreender como feministas decoloniais a partir das nossas práticas.

2ª Roda de Conversa

Fizemos uma leitura de algumas referências básicas para estudo prévio, a fim de ampliarmos com outras referências.

As referências sugeridas foram:

1- Texto de bell hooks “*O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*”. https://drive.google.com/file/d/1RyHNOSzPYW-WRff6slTVxJFSEH9Xm7Gl/view?usp=drive_web&authuser=0

2- Texto “*Sejamos todos feministas*”, de Chimamanda Ngozi Adichie, tradução de Christina Baum.

https://drive.google.com/file/d/14WdAqXpaCm2LRcSbGzkRBLtWlFzmL95T/view?usp=drive_web&authuser=0

3- Texto “*Feminismo em comum - para todas, todes e todos*”, de Marcia Tiburi https://drive.google.com/file/d/10Atkn4l5fc51x2B01mrE8MDC47Nq1EZx/view?usp=drive_web&authuser=0

4- “*O sujeito no feminismo*”, de Claudia de Lima Costa https://drive.google.com/file/d/1yLsY2Y18tFvpvBDy12NGfLtxDCJsIU5a/view?usp=drive_web&authuser=0

5- vídeo “*Travessia*”, de Suede Nunes https://www.youtube.com/watch?v=a0P_4wmLXlw

Nesta Roda, a avaliação provocadora solicitada na primeira Roda foi socializada, com uma síntese de cada questão.

Considerações sobre a segunda Roda

Figura 1: capa do livro de bell hooks



Fonte: site da Amazon

Iniciar falando sobre bell que é uma escritora incrível e os textos dela sempre me remetem a um lugar muito especial. Refleti muito

nesse texto de hooks (2018) “*O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*” inclusive tem um trecho que fala o seguinte: “Feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter nascido do sexo feminino”. Feministas são formadas e o que é esse processo essa Roda de Conversas senão a formação desse feminino, mas não somos feministas porque somos mulheres que nascemos mulheres, aliás, somos criadas para não sermos feministas porque o patriarcado vê o feminismo como uma briga de poderes entre sexo e para nós mulheres negras ainda muito mais latente, e digo isso com tranquilidade porque sei do enfrentamento diário de ser uma mulher negra no processo de identificação de trabalho, de vida de maternidade, enfim mas nas discussões do texto e nas discussões em que a gente vai seguindo do conhecimento, a gente se forma mulher a gente se forma defensora dessas políticas femininas, quantas de nós mulheres em algum momento da vida não fomos levados a julgar outras mulheres justamente por ser criadas como mulheres machistas, criadas para falar sobre a roupa, o sapato, o tipo de relacionamento que essa mulher tem, a forma como ela permeia a maternidade ou a questão feminista na vida pessoal quantas vezes somos colocadas a ver mulheres nesses espaços de diferentes, justamente porque fomos criadas para ser mulheres machistas.

“Eu tendo a cometer o erro de achar que uma coisa óbvia para mim também é óbvia para todo mundo”. Citação de Chimamanda usada no livro de bell já citada acima, que como o que é tão óbvio para gente são tão despercebidas pelos homens, ou outras mulheres, vivemos tempos preocupantes, onde o nosso direito é colocado em prova o tempo todo avançamos com políticas públicas tão eficazes e nós vemos o governo atual regredir em discussões tão óbvias, nesta Roda de Conversa falamos sobre essas pautas tão desumanas sobre nós mulheres.

Entendemos e concordamos com bell hooks quando ela diz que o feminismo é para todos, defendendo que qualquer um pode ser feminista, inclusive os homens; não é por que um problema não os

afeta diretamente como categoria que não lhes convém se engajar nesses debates. Há de se considerar que existe sim um lugar de fala que é das mulheres diretamente afetadas pelos mecanismos de opressão implementados e executados pela sociedade, a perspectiva de uma mulher feminista nunca vai ser igual a de um homem feminista, por exemplo. Um homem feminista pode ter uma noção e compreender as situações às quais as mulheres estão sujeitas, mas como não as vivenciam em suas vidas, tem apenas uma perspectiva de observador, no entanto, isso não os impede de se engajar na luta contra o sistema misógino e antropocêntrico.

3ª Roda de Conversa (com as convidadas Laís Abreu e Daniele Ferreira) - Roda de Conversa com as práticas de pedagogias feministas

As referências sugeridas foram:

1- ABREU, Laís Oliveira. *Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil*. Da página 190 a 205.

2- CARDOSO, C. P., SILVA, Z. P. *Pedagogias Feministas no combate ao Racismo e às desigualdades de Gênero: uma abordagem perspectivista*. In: COSTA, Ana Alice A.; RODRIGUES, A. T.; PASSOS, E. S. **Gênero e Diversidades na gestão educacional**. Salvador: UFBA/NEIM, 2011, p. 59-74.

3- CARDOSO, C. P.; SILVA, Z. P. *Por uma pedagogia feminista decolonial amefricanizada: práticas docentes nas encruzilhadas* In: **Insurgências pedagógicas na Educação Básica**. Salvador: Devires, 2021, p. 17-34.

4- FERREIRA, Daniele. *Quem vê os flashes não vê os corres: práticas educativas atravessadas pelas pedagogias feministas sertanejas nas escolas estaduais de Conceição do Coité – Ba*. Dissertação. [Mestrado Profissional em Educação e Diversidade], UNEB, Conceição do Coité, 142 f., 2022. **LER CAPÍTULO 4**.

5- FERREIRA, Daniele. Lopes.; Silva, Z. P. *Pedagogias feministas no Sertão da Bahia: experiências sobre o programa novo mais educação no Colégio Estadual Antônio Bahia* in: **Práticas pedagógicas de resistência**. Porto Alegre: Fi, 2022, v.2, p. 142-168.

6- JESUS, J. M.; SILVA, A. L.G.; SILVA, Z. P. *Práxis na cibercultura: dialógica entre a pedagogia freiriana e as pedagogias feministas*. **Revista Docência e Cibercultura**. v.5, p.53 - 83, 2021.

Considerações sobre a Roda 3:

Como podemos reconhecer as práticas pedagógicas feministas? Quais são suas especificidades? O que as diferenciam de outras práticas?

Começamos a fazer a Roda girar refletindo e discutindo sobre essas questões, algo que na verdade já tínhamos começado a fazer desde o primeiro encontro. A professora Zuleide Paiva começou fazendo considerações sobre o processo de construção do texto ‘Pedagogias Feministas no combate ao Racismo e às desigualdades de Gênero: uma abordagem perspectivista’, e sobre os caminhos que levaram à construção desse componente. Os textos selecionados para essa Roda de leitura mostram a importância das práticas pedagógicas feministas, as quais se opõem aos currículos hegemônicos, oferecendo uma alternativa que valoriza, reconhece as pessoas e o conhecimento localizado.

Na fala da convidada Laís, a qual desenvolveu um estudo sobre pedagogia feminista no território escolar, nos atentamos ao fato de que, no âmbito educacional, embora possamos encontrar muitas discussões sobre gênero, muitas práticas pedagógicas feministas construídas pelos profissionais, não são, em muitos casos, reconhecidas e/ou registradas. Em sua pesquisa, Laís Abreu utiliza as concepções de bell hooks para analisar essas práticas e construir um argumento mais consistente a respeito das pedagogias feministas.

Após a fala das professoras e da primeira convidada (Laís Abreu), fomos chamadas a caracterizar e cartografar as práticas pedagógicas feministas.

Características das pedagogias feministas mencionadas:

- feitas colaborativamente;
- para o conhecimento útil, para oportunizar o conhecimento dos sujeitos;
- desmanchamento dos egos;
- construídas e performadas em momentos oportunos, entre as brechas e interstícios do currículo hegemônico;
- desconstroem os processos hegemônicos da educação
- não acontecem só na escola e nem são performadas exclusivamente por professores e professoras.
- acontecimentos do agora.

Refletimos e discutimos sobre a resistência que há, por parte da comunidade escolar, em refletir sobre as práticas pedagógicas, pois isso aponta as contradições, inconsistências, incoerências e falhas no sistema vigente. E essa é a razão pela qual, na maioria das vezes, a reflexão sobre situações de agressão ao gênero na escola é evitada; essa agressão muitas vezes se revela quando os(as) professores(as) presenciavam situações de exclusão, discriminação e as ignoram por acharem que isso não compete a eles/elas ou por não saber como lidar com elas.

A resistência que notamos por parte da comunidade escolar em refletir sobre práticas pedagógicas alternativas, que transgridem o currículo engessado que normalmente temos nas escolas, está possivelmente vinculada à ignorância, ao desconhecimento principalmente do corpo docente em relação a como desenvolver um trabalho voltado para a questão da pluralidade. Acreditamos que isso faz com que a comunidade escolar veja esses debates sobre reflexão de práticas pedagógicas como algo irrelevante, principalmente quando se refere a considerar nessas práticas as questões relacionadas à diversidade. Essa ignorância, por sua vez, podemos associar aos cursos de formação e capacitação de professores(as) que muito se discute a teoria, mas não mostra de fato como fazer, não capacita os(as) professores(as) para aderirem a essas práticas no seu fazer pedagógico.

Nós, no nosso cotidiano de professora, evidenciamos e chamamos a atenção da escola para essa resistência, por exemplo, ao não deixar passar despercebidas situações de desrespeito e intolerância que são por muitas vezes tratadas como brincadeiras, propomos numa relação dialógica o tratamento dessas questões partindo da problematização e da reflexão sobre elas.

Em sua fala, a convidada nos convoca a percorrer mentalmente com ela o trajeto percorrido ao longo do processo cartográfico, a conhecer a implicação com sua temática de pesquisa, saber dos seus percalços e infortúnios enfrentados no trajeto da pesquisa, como também nos fez saber de suas descobertas e encantamentos nesse seu curso. Foi possível acompanhá-la nesse percurso mental, conseguimos em muitos momentos fazer conexões com a nossas trajetórias como pesquisadoras, um percurso com trechos de descobertas, outros de dor e dificuldade, outros de entusiasmo, outros de desapontamento, outros de regozijo por ter desempenhado ou superado o que previmos inicialmente para a pesquisa.

4ª Roda de Conversa (com as convidadas professoras Ângela Figueiredo e Amanda Oliveira)

As referências sugeridas foram:

Textos de Ângela Figueiredo

- 1- 'Carta de uma ex-mulata à Judith Butler', de Ângela Figueiredo
- 2- Epistemologia insubmissa negra decolonial, também de Ângela Figueiredo

Texto de Amanda Santos

- 3- Ebó pedagógico. Texto que compõe o terceiro capítulo da dissertação de mestrado intitulada Educação antirracista e feminista: narrativas de estudantes negras em Mirangaba-Ba. Programa de Pós- Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus IV/Jacobina.

Observações sobre a 4ª Roda:

Embora Ângela Figueiredo, a primeira convidada, não discuta pedagogias feministas, a sua práxis como professora da Educação Básica evidencia a sua familiarização com essas práticas e a adoção delas no cotidiano da sua sala de aula. Angela Figueiredo inicia destacando as dinâmicas na experiência no coletivo; faz um resgate das memórias de sua formação que segundo ela, tinha debates focados em raça e classe, e destaca que escreve em diálogo com os movimentos sociais tendo os resultados de seus trabalhos focado na escuta. A partir da fala de Ângela, conseguimos compreender o coletivo como um fenômeno de resistência e permanência dos sujeitos em diferentes meios, considerando os diferentes tipos de coletivos. No cenário educacional, mais especificamente, o coletivo é um meio de praticar a solidariedade em diferentes aspectos, como, por exemplo, uma contribuição com uma leitura e crítica à pesquisa de um colega na pós-graduação e graduação, coletivo como instrumento que possibilita a sobrevivência no meio universitário e/ou escolar.

Além de trazer importantes considerações sobre o coletivo, Angela enfatiza alguns pontos sobre o fazer pesquisa na atualidade:

- Pesquisas ativistas feitas no coletivo;
- Que apresentam emergências de novos sujeitos políticos e novas sensibilidades;
- Há relação entre produção acadêmica e movimento sociais;
- discutem a estrutura e reestruturação do racismo;
- escala classificatória da cor, que hoje chamamos de colorismo;
- Trazem identidade racial, gênero, sexualidade, identidades interseccionadas;
- Apontam caráter de urgência nas temáticas de pesquisas na atualidade, incentivada pela política de cotas;
- Sugerem pensar uma escrita acadêmica que parta de um lugar sem sofrimento

As características do modo de fazer pesquisa destacadas pela convidada nos remetem aos estilos de escritas que vemos nas produções do MPED. Produções já defendidas e produções em andamento como as nossas e de nossos colegas de turma, pesquisas provocadoras, sempre inacabadas, que contrapõe aquilo que está estabelecido.

Amanda Oliveira Santos, a segunda convidada, enfatiza a importância da leitura de mulheres como bell hooks e Patrícia Hills Collins para pensar uma pedagogia feminista antirracista, fala sobre a necessidade de “levar para sala de aula o corpo”, como pensa bell hooks. Enfatiza a importância da aproximação com os alunos e alunas, a não aversão ao corpo desses sujeitos, do permitir tocar e ser tocada, de se evitar o distanciamento que é fundamentado e justificado pelo racismo e pelo preconceito velado. Ela ainda lembra da invisibilização dos corpos no espaço escolar. Lembra que essa invisibilização se dá não pela inexistência, mas por que esses corpos são expulsos desses espaços. A partir dessas observações, passamos a pensar o corpo como texto e como instrumento que nos permite expressar nossas práticas feministas, no fazer docente, no fazer de pesquisador e pesquisadora e nos meios pelos quais transitamos, além de ser aquilo que carrega nossas experiências e marcas. Como a própria Amanda diz em seu texto intitulado “Ebó pedagógico, vida”, alinhada ao pensamento de bell hooks, ao defender o movimento de levar o corpo para a sala de aula,

essas experiências não estão desassociadas das marcas raciais, sexuais e de gênero inscritas no nosso corpo, é preciso pensarmos numa educação que seja capaz de levar alunas e alunos a reflexões voltadas para a consciência de raça, gênero, sexo e classe, associando-as à disciplina oferecida (Santos, 2019, p. 13).

Para nós, a importância de se pensar uma pedagogia feminista antirracista está na possibilidade de transgredir o currículo hege-

mônico que temos hoje, em que não se valoriza e não se reconhece e não se potencializa a existência dos corpos como uma ferramenta de conexão com o outro, de conexão com o mundo e de construção de experiências e aprendizagem. Essa Roda trouxe o feminismo negro para refletirmos sobre nossas práticas, pois antes não percebíamos o corpo como uma potência, apenas como parte que nos compõe, sendo a consciência a protagonista e o corpo ficando num plano inferior, sem destaque, cuja existência nem sempre precisaria estar no centro das discussões.

Com a compreensão da potencialidade do corpo, reconhecemos e damos visibilidade aos corpos dos/o nosso estudante através da valorização das diferenças e de suas identidades, deixando-os livres, dentro do possível, para expressar quem eles são no mundo.

5º Roda de Conversa “vamos *lesbianizar nosso pensamento*, trazendo para o centro da ginga o pensamento lésbico, nosso bem público”.

Convidadas:

Dayana Brunetto, Profa. da Universidade Federal do Paraná com pós-doutorado em Educação (PPGE-UFPR). Coordenadora do NGDS-SIPAD-UFPR. Ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e pesquisadora na RedeLesbi.

Mariana Rodrigues, Doutoranda na *Ohio State University* no departamento de estudos de gênero e sexualidade. Coordenadora Nacional do LesboCenso e integrante da Liga Brasileira de Lésbicas, RedeLesbi e Coalizão LGBTQI.

A professora Dayana iniciou a fala tratando sobre posicionamento lésbico, dizendo que ele não se trata apenas do enfrentamento, da luta diárias, mas que está presente em todo lugar como experiência de vida o tempo todo. Após a fala de Dayana, a professora Mariana Rodrigues se apresentou, apresentou sua história e quanto às experiências na educação a formaram enquanto profissional, o trabalho da pesquisa dela é entender a posição política de lésbicas

nos Estados Unidos, citou seu trabalho sobre o mapeamento de lésbicas no Brasil e que após aplicar um questionário de mapeamento o LesboCenso e como essas informações chegaram em grande volume, o seu trabalho de pesquisa está mudando.

Na gira da Roda falamos sobre a inexistência dos dados da temática lésbica, fiz um questionamento sobre as secretarias estaduais ou municipais sobre a pesquisa e foi respondido que apenas Secretaria de Estado da Educação do Paraná aceitou divulgar sim, principalmente nas escolas de EJA, foi falado por Mariana que sem dados não existe políticas públicas.

Ser que transcende as normatizações

Ser que luta pelos ideais de equidade de gênero, raça e classe.

É assim que te vejo: articulada, movimentos livres, corpos que falam e usam o megafone quando necessário. Corpos feministas que vão além da visão de mundo pós-estruturalista em utopias.

Te vejo dentre as revolucionárias de plantão, poesia em versos cortantes e revolucionários dos feminismos.

Te vejo tecendo teias de sororidade.

Te vejo tecer costuras políticas, inovadoras dentre os corpos lésbicos que transcendem e não aceitam as normatizações.

Te vejo neste retrato preto e branco, desbotado, mas também colorido, em cinzas, além da Fênix.

Te vejo no retrato histórico político, nossos nomes escritos nas tábuas revolucionárias.

Não sei se posso nos denominar como mulher, por todas as construções sociais mesquinhas que deram a este nome, mas te vejo SER. SER que transcende, SER no mais amplo sentido da palavra.

(Te vejo, Ana Carla Lemos, 2014)

No nosso entendimento, esse “ser que transcende” ao qual a autora se refere vem a ser, na nossa realidade, os sujeitos e sujeitas que se arriscam a desobedecer aquilo que é imposto que aquilo que nos é dado como certo a ser seguido. Na universidade é mais fácil perceber esses que estão num movimento de desobediência, pois a academia é um ambiente em que se promovem debates que trazem uma nova perspectiva em relação às grandes questões da vida; na escola, isso é mais difícil de se ver. A escola ainda é um ambiente que demonstra apatia em relação a muitas questões e relativiza muita as situações problemáticas, evitando dar muita abertura para aquilo que aparentemente vai contra o que está estabelecido na sociedade como normal, habitual, ou aceitável, muitas vezes não promovendo ações que favoreçam essa “transcendência do ser”.

6º Roda de Leitura

Sim, sou chicana, mas isso não define quem eu sou.
Sim, sou mulher, mas isso também não define quem eu sou.
Sim, sou lésbica, mas isso não define tudo que sou.
Sim, venho da classe proletária, mas não sou mais da classe proletária.
Sim, venho de uma mestiçagem, mas quais são as partes dessa mestiçagem que se tornam privilegiadas?
Só a parte espanhola, não a indígena ou negra. O que acontece com gente como eu que está ali no entre-lugar de todas essas categorias diferentes?
O que é que isso faz com nossos conceitos de nacionalismo, de raça, de etnia, e mesmo de gênero?
Eu estava tentando articular e criar uma teoria de existência nas fronteiras [...]
Eu precisava, por conta própria, achar algum outro termo que pudesse descrever um nacionalismo mais poroso, aberto a outras categorias de identidade.
(Glória Anzaldúa, 2009)

7ª Roda de 10/10/2022 - vem gingar com a gente?!: epistemologias lésbicas

Material sugerido para essa Roda:

1-Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica, de Zuleide Paiva da Silva e Janja Araújo;

2- Dissertação de Gersier Ribeiro: Escrivências de professoras-negras-lésbicas: práticas educativas e produções de intelectualidades

Convidadas:

Gersier Ribeiro, professora e Mestra em Educação e Diversidade, MPED /UNEB.

Mestra Janja Araújo, professora do PPG NEIM/UFBA e do PPG em Difusão do Conhecimento-UFBA-UNEB-IFBA-

UEFS-LNCC-SENAI-CIMATEC.

Considerações sobre a sétima Roda

Iniciamos a aula com a fala da professora Zuleide Paiva. Ela nos apresentou um ensaio “Nossa língua lesbianesa”, de Vange Leonel, texto que traz as raízes etimológicas do léxico que as pessoas geralmente usam, na maioria das vezes, com conotações pejorativas.

Nesse texto aparecem termos como, sapata, racha, entendida etc. Muitos desses termos eram desconhecidos para nós e para outros colegas de turma. Uma informação que muito nos chamou a atenção foi a origem do termo lésbica, termo que surgiu, segundo o poema, na ilha de Lesbos, ilha grega que se encontra no nordeste do mar Egeu.

É a terceira maior ilha grega e a sétima maior do Mediterrâneo. Foi muito satisfatório saber que o termo ‘lésbica’ deriva dos

poemas de Safo, que nasceu em Lesbos e escreveu textos poemas de cunho emocional dedicado a outras mulheres. Essa informação nos instigou a pesquisar e conhecer mais profundamente sobre essa ilha e a origem desse termo.

Na busca que fizemos, logo após a aula, no intuito de explorar mais o conteúdo e saciar nossa curiosidade, descobrimos que devido a associação entre a ilha e o termo lésbica, Lesbos, e em especial a cidade de Eresos, é frequentemente visitada por turistas que se reconhecem como LGBT.

Após a acolhida da professora Zuleide com esse poema, a professora Mestra Janja Araújo inicia sua fala explorando as questões que aborda em seu texto. Introduz a sua fala trazendo considerações sobre a presença da mulher na capoeira, esporte historicamente tido como uma prática primordialmente masculina, sustentado num universo representado pela violência pela virilidade, pela força, características essencialmente tidas como masculinas. A professora também faz relação entre as ideias de Foucault, (a ideia de biopoder) e a quebra de paradigmas que vem sendo estabelecida na capoeira em instituições que não mais são controladas por homens. Segundo a professora, vem sendo feito um trabalho numa organização que desde a sua atuação formativa declara intolerância zero a qualquer tipo de discriminação e exclusão. A capoeira vem permitindo desenvolver um movimento feminista, antilgbtfóbico, movimento em que um grupo tenta pensar os espaços tradicionais e se engaja numa tarefa de fazer aquilo que é, nas palavras da professora Janja a antilgbtfobia. Isso nos permite entender que a capoeira demonstra um comprometimento com as lutas sociais. Discutimos a capoeira como potencial para estar na escola como esporte, atividade pedagógica que está para além de manifestações culturais em homenagem ao dia do folclore, como costumeiramente fazem nas escolas no mês de agosto.

A partir dessas discussões desenroladas na Roda de Conversa, entendemos a importância que há em se repensar os saberes cultu-

rais no ambiente escolar para além das datas comemorativas. Uma estratégia viável para promover essa transgressão seria promover debates, projetos e outras atividades pedagógicas que dialoguem com essas manifestações culturais a partir de uma perspectiva interdisciplinar, trazendo as discussões sobre essas práticas culturais para o dia a dia da sala de aula, assim, não sendo algo apenas trabalhado eventualmente.

Discutimos sobre a ginga como instrumento teórico-metodológico na pesquisa, ideia trazida no texto de Zuleide e Janja ‘Pensamento lébico: uma ginga epistemológica contra hegemônica’. Em seu texto as autoras nos mostram que a ideia de ginga, que vem da capoeira e caracteriza-se na pesquisa, nas palavras delas, como “uma metalinguagem dotada de recursividade e deslocamentos.” Assim, gingar pressupõe um deslocamento num ‘pseudoconflito’, pressupõe um movimento de jogar com um outro, não apenas com um adversário, mas com um complemento, pois a ginga diz respeito a um movimento que necessita do outro para ser. Ao gingar, diferentes elementos são acionados, por exemplo, o medo a repulsa euforia etc. Gingar, portanto, podemos compreender como um processo em que se busca não necessariamente eliminar um oponente, mas de dialogar e negociar com o outro. Assim, a ginga com uma epistemologia dissidente e decolonial mostra-se como uma alternativa bastante frutífera na pesquisa.

A professora Janja traz uma reflexão sobre como as crianças se desenvolvem nos grupos de capoeiras, como o conceito de Roda agrega e permite a produção de conhecimento e as vivências desse momento levam a uma verdadeira terapia de aceitação, fazendo com que as produções que ali acontecem permeiam a aprendizagem. O aluno André citou a importância dessas discussões. Refletindo sobre isso, pensamos que a compreensão da dinâmica da ginga e a Roda de Conversa nos permite estabelecer uma analogia com roda de capoeira aqui apontada; ao rodar, ao gingar a dança dos corpos, as rodas nos levam a produzir novas ciências, e ao falar sobre como na Educação Básica podemos gingar, fazemos a seguinte reflexão:

aqui não somos nós capoeiristas na nossa sala? Entendemos que sim, uma vez que gingamos nossos corpos o tempo todo, quando colocamos nosso querer ainda mais para o outro do que para nós mesmos. Muitas vezes na nossa realidade de sala de aula tomamos decisões que não são aquelas que nós gostaríamos ou que não são tão convenientes para nós, mas que diante da realidade e do contexto nos quais estão inseridos nossos alunos e alunas, percebemos que nem sempre o que conta é a nossa vontade como profissional ou o que diz a teoria e os documentos norteadores, mas a demanda que se apresenta naquela conjuntura. Quantas vezes nós abandonamos ou substituímos alguns tópicos apresentados no livro didático que usamos nas aulas por não trazer representações autênticas das realidades nas quais nossos alunos e alunas estão inseridas? Quantas vezes trouxemos para a sala de aula discussões que não estão necessariamente previstas no currículo, como as discussões que envolvem as especificidades das demandas da diversidade? São nessas pequenas manobras que fazemos no cotidiano de nossa prática que entendemos como gingar se torna uma ação extremamente potente na educação básica.

8ª Roda- 17/10- vem gingar com a gente: topografias feministas

Entre o material sugerido estava:

- 1- Vídeo da sobre formação e feminismo e o memorial da professora Daniela Auad;
- 2- O texto Topografias Feministas: uma teoria das mulheres em movimento, de Daniela Auad e Cláudia Regina Lahni;
- 3- O texto Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação, também de Daniela Auad;
- 4- O vídeo com a resenha do livro Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola;
- 5- O videoclipe da música “Pés no chão”, de Marcia Castro.

Considerações sobre a oitava roda

Na 8º Roda dia 17/10, às 19h, nós, da turma do componente curricular *Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais*, juntamente com as/os professoras/es Ana Lúcia, Zuleide Paiva, Amélia Maraux, Joselito Manoel e a monitora Marilene Queiroz, nos reuniremos pelo direito de ser, estar e amar” * em conexão com a *Roda de Conversa: Topografias Feministas. Com Daniela Auad, Professora Doutora Titular da UFJF e UFSCar; Coordenadora do Flores Raras; Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos.

Sim, eu sou um deles
E gosto muito muito de sê-lo
Porque faço coleção
De lacinhos cor-de-rosa
E também de sapatão

Mas o que eu quero mesmo
É por os meus pés no chão
É só questão de gosto
Lacinhos cor-de-rosa ficam bem
Num sapatão, uh yeah?

Eu nasci descalça
Pra que tanta pergunta?
Mas o que eu quero mesmo
É por os meus pés no chão
É só questão de gosto
Lacinhos cor-de-rosa ficam bem
Num sapatão, uh yeah?

(De Pés no Chão - Rita Lee, por Márcia Castro)

Esse poema nos leva à primeira reflexão nesse trecho particularmente, afinal a figura típica e tradicional do sapatão é a figura masculinizada e nunca feminina, já fui pra Roda pensando porque

esse poema, quais ideologias e preconceitos estabelecidos queríamos quebrar ou retorcer nessa roda.

A Professora Dani Auad citou sobre como suas viagens tem pesado para construção dos saberes, a professora citou a importância de citar suas fontes e de falar sobre tudo que se afirma em pesquisa precisa explicitar, o conceito vai ter vários desdobramentos ele nunca está só, o texto é sempre interdisciplinar, produzir um texto tem a ver com o movimento da pesquisa e de tudo que está ao redor.

Pró Dani trouxe a importância da escrita, e ao nos colocarmos neste diário, falamos da ideia que sempre temos ao ler um texto sobre o qual pensamos a respeito da forma como nos afeta, porque não é sobre como o texto nos afeta, mas sobre como ele em algum momento, em algum trecho, vai alterar nosso conteúdo. Essa escrita sobre as topografias feministas nos leva a um lugar de insubordinação, mas ao mesmo tempo a um lugar de aconchego, onde podemos ver e ouvir relatos que nos tocam tão singularmente. É realmente a ideia de topografia que nos toma, a certeza de que em algum lugar, em algum canto que não esse, que não o nosso, há outra mulher pensando como nós, sofrendo como nós, sentindo e passando pelas singularidades que outrora pensamos ser só nossas.

9ª Roda - 24/10/2022

Entre os materiais sugeridos previamente para essa roda estavam:

- 1- Vídeos sobre a pedagogia da desobediência;
- 2- O vídeo “Papo pedagógico com os professores Marcelo Arouca e Marcelo Saback (Pedagogia de favela: dialogando com os saberes de sempre e os saberes de hoje);
- 3- O texto Contos & Encantos da EJA: antologia, de Marcelo de Jesus Arouca e Ana Cristina Leal Ribeiro;
- 4- O texto de Cláudia Pons Cardoso e Marco Antônio Matos Martins “insurgências pedagógicas na educação básica

5- o texto de Thiffany Odara “Pedagogia da Desobediência: Travestilizando a Educação”

Recebemos Marcelo Arouca e Thiffany Odara para discutir pedagogias de favela e pedagogias da desobediência.

Marcelo é Educador Social e Pedagogo, Mestre em Educação e Contemporaneidade pela UNEB e Professor na Rede Municipal de Educação em Salvador-BA. Thyffane Odara também é pedagoga, egressa da UNEB, Yalorixá. Hoje está no mestrado em Educação e Contemporaneidade (UNEB).

Considerações sobre a 9ª Roda

O diálogo iniciou com uma fala extremamente potente de Thiffany Odara acerca da pedagogia da desobediência. O próprio termo “pedagogia da desobediência” já é bem sugestivo. Thiffany relata os desafios enfrentados de forma histórica no reconhecimento do transvestir no Brasil, e por consequência os desafios vividos dentro da própria universidade, exercitando a desobediência na implementação de experiências voltadas para o fortalecimento das lutas e classe social desse público.

Nessa perspectiva, discutimos sobre a necessidade de repensar o currículo, de considerar as diferentes nuances que se apresentam no mundo globalizado, assim, havendo a necessidade de, numa realidade local que se insere num mundo globalizado, se pensar e defender uma pedagogia feminista e/ou pedagogias de favela numa perspectiva globalizada, pedagogias que relacionam as realidades dos contextos em que as escolas estão inseridas com a realidade global.

O professor Marcelo relata a sua experiência de vivência na pedagogia da favela, revelando a necessidade de discutir e pautar o dia-a-dia das famílias, dos meninos e meninas, dos desafios vividos neste espaço geográfico organizado, mas muito pouco valorizado no

Brasil. Marcelo nos desafia a pensar sobre as pautas atuais podem e devem ser dialogadas com os alunos a partir das provocações feitas pelos próprios estudantes.

O professor ainda chama a atenção para a sua tentativa de aproximar a sua linguagem da linguagem dos alunos(as) na sala de aula. No seu entendimento, o uso de uma linguagem próxima daquelas utilizadas pelos(as) alunos(as) em contextos de favela, por exemplo, ajuda a desenvolver nesses sujeitos um senso de pertencimento e valorização de sua cultura e identidade.

Girando a Roda, os participantes puderam expor suas visões acerca de ambas as pedagogias. Em uma provocação do que há de comum entre ambas, os participantes expuseram exatamente a “ousadia” e a própria desobediência para desaprender o que foi construído para se refazer valorizando as vivências e experiências. É sair do que é normal, é um currículo vivo, de materializar na educação a realidade vivida em comunidade e em temáticas específicas. De fato, é perceber que todas as instâncias da escola perpassam o currículo, desde a portaria da escola, a merenda, a fila para usar o banheiro ou o momento de adentrar a quadra, as discussões que ocorrem nos processos naturais e que permeiam esse tão famoso e oculto currículo vivo. É importante lembrar e citar Anísio Teixeira que foi um grande idealizador de um currículo em suas etapas de evolução, com os ideais do movimento escolanovista, Teixeira traz a ideia de que cada criança é individual, atenta aos interesses, pressupondo os limites impostos pela escola tradicional. Teixeira diz : “Sou contra a educação como processo exclusivo de formação de uma elite, mantendo a grande maioria da população em estado de analfabetismo e ignorância.”

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza** San Francisco: Aunt Lute Books, 2009.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

SANTOS, Amanda Oliveira. **Educação antirracista e feminista: narrativas de estudantes negras em Mirangaba-Ba**. 2020. 177 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina. 2020

10

ENTRE OLHARES DECOLONIAIS E ESCRITAS FEMINISTAS: REFLEXÕES SOBRE PEDAGOGIAS E EPISTEMOLOGIAS EM CONTEXTO ACADÊMICO- SOCIAL

Karine de Assis Oliveira Soares
Kenia Adriana Reis e Silva
Maria Beatriz Dias Coutinho

Notas iniciais: entre escrita e movimentos

Inciamos as primeiras linhas desse diário nos questionando como fazê-lo. Ao refletir sobre como escrever, pensamos no próprio ato da escrita enquanto registro de uma história, que crava um tempo e um espaço (Kilomba, 2019). O tempo registrado nessa escrita poderia ser demarcado como o período do segundo semestre do ano de 2022, e o espaço como as aulas da disciplina Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais. Porém, é algo muito mais transcendental, pois entramos em contato com a linha temporal que demarca as consequências coloniais que atingiram os/as nossos/as ancestrais e que permanecem até os dias de hoje, a partir das violências que ainda sofremos.

Dessa forma, diferente dos diários que tivemos em outros tempos e espaços, o propósito deste é não guardar segredos, pelo contrário, tem o propósito de revelar as verdades, que durante tanto tempo foram negadas devido a colonialidade. E nesse processo de

reflexão e empoderamento a partir dessa escrita, nos engajamos na luta por um mundo mais igualitário e justo, ou seja: por uma pedagogia feminista e por uma epistemologia decolonial.

Nesse sentido, primeiro precisamos relatar como chegamos nessa disciplina: com uma forte necessidade de mudar o mundo, cansadas do fascismo que assolou o país nos últimos anos, cansadas do racismo estrutural e sistêmico, cansadas do machismo e do patriarcado colonial. Podemos, por assim dizer, nas palavras de bell hooks (2017) que chegamos nessa disciplina/teoria.

porque estava machucada - a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender - aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura, contudo, a teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária, só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim (Hooks, 2017, p. 83).

Assim, com os afetamentos, com as reflexões durante todo esse período, pudemos compartilhar os nossos afetos, viabilizando uma narrativa a partir dos desejos reprimidos historicamente, permitindo a potência do movimento e da resistência, a partir da união por um objetivo comum (Lorde, 1984). Dessa forma, esse diário é escrito por três mulheres, três histórias diferentes, três espaços e três tempos, apresentadas nos parágrafos seguintes.

Sou Karine, mulher, goiana, branca, feminista e professora temporária contratada. Moro no sudoeste de Goiás, numa região dominada pelo agronegócio e pelo conservadorismo político. Optei por partir do meu trabalho docente, a partir do chão da escola, o ambiente que faço parte diariamente há mais de dez anos. Enquanto professora e feminista busco interseccionar essa trajetória, na

prática em sala de aula [e no convívio com minhas e meus colegas professores]. Todo e qualquer posicionamento meu contra o sexismo, o racismo, a violência sexual, e entendido como ‘militância feminista’, quanto desgaste. Outro dia escutei de uma colega que ‘escola não é lugar de militar’. Período violento no Brasil, o fascismo foi perpetrando o cotidiano escolar. E cá estamos, resistindo.

Sou Kenia, uma mulher racializada, parda, antirracista, antifascista, antigbtzfóbica, que luta contra o patriarcado e todas as formas de discriminação e subalternização. Sou uma mulher em diáspora, já morei em tantos lugares que não sei onde exatamente eu pertenço. Nasci em Minas Gerais, passei parte da minha infância em Goiânia, morei durante algum tempo em Salvador, mas agora moro há cinco anos em Portugal. Resido na ‘metrópole’ devido a construção da minha carreira científica, porém ainda é muito difícil as relações coloniais ainda presentes no contexto Norte e Sul Global.

Hoje, inclusive, é o meu aniversário, não no Brasil, mas aqui em Portugal, pois já passa da meia-noite. Hoje, sendo um dia reflexivo, questiono sobre a minha posição na disciplina. Sou uma mulher racializada, parda, com miscigenação europeia, indígena e africana... porém, muitas vezes não me sinto à vontade em falar nas rodas e giras, pois, mesmo sendo parda, possuo privilégios da branquitude, os quais preciso reconhecer para lutar por um mundo mais justo e inclusivo. Meu esposo que assiste às aulas comigo, questiona porque eu fico tão calada nessa disciplina, sendo que em outras eu sou tão participativa. Eu respondo que não me sinto bem em ocupar o tempo de fala das outras pessoas, e nesse espaço eu preciso escutar e aprender, mais do que falar, sendo esse o meu lugar de escuta.

Sou Beatriz, mulher, parda, mãe, professora, pesquisadora e discuto sobre as relações de gênero e visibilidade de mulheres nas Ciências na Educação Básica. Sigo pesquisando sobre relações de gênero no doutorado, com o compromisso de contribuir para uma educação mais inclusiva e igualitária. Minha jornada acadêmica é marcada pela paixão pela Educação em Ciências e pelo feminismo,

buscando destacar a importância da representatividade feminina no campo científico. Com dedicação e determinação, continuo a trilhar o caminho da pesquisa e do ensino, inspirando outras mulheres a seguir seus sonhos e acreditar em seu potencial na busca do conhecimento e da equidade de gênero.

No entanto, eu, um corpo corporificado e situado em um contexto pouco conhecido e explorado por mim, às vezes me sinto à deriva. Me sinto uma neófito e sendo uma neófito me faço entender que, o recente batismo em águas do feminismo, me leva a correntezas de lutas e conquistas, onde se busca não só desconstruir uma imagem do reinado patriarcal, como também conhecer como imagem de gênero construída ao longo de séculos, tem tantos afeitos hoje sobre mim e sobre nós. Portanto, tomo emprestado parte do pensamento de Sardenberg, ao falar que a crítica feminista precisa avançar da mera denúncia da exclusão e invisibilidade das mulheres no mundo da ciência para o questionamento dos próprios pressupostos básicos da Ciência Moderna (Sardenberg, 2007).

Utilizamos a primeira pessoa do plural para essa escrita: nós. Pois, como nos fala Audre Lorde (1984), nosso lugar de fala, mesmo sendo de reflexão, não é terapêutico, mas é um lugar de sujeito, que reivindica a sua existência. Assim, em ciranda, tecemos esse texto nas nossas pluralidades, nos unindo no fortalecimento contra as dores históricas e sociais da dominação, e visamos romper essas múltiplas formas de violência a partir da nossa linguagem, pela construção de narrativas e pela legitimação destas.

Assim, este diário escrito a três mãos, numa grande ciranda, vamos girando, alinhavando, costurando e tecendo uma linda colcha de retalhos. Cada retalho, cortado de diversas maneiras, que mesmo com tantas diferenças os encaixes são possíveis. Enquanto a colcha vai se configurando numa verdadeira manta aconchegante, se nota na fala dos/as nossos/as colegas a paixão e o amor em falar de pedagogias feministas.

Figura 1 A cocha de retalho feminista¹



Fonte: imagem criada pela IA Big Creator, 2023.

Entre agulhas, linhas e alinhavos: tecendo as rodas de conversas

Acreditando que precisamos nos movimentar por caminhos que me ajude a ter olhares desconstrucionista do gênero, é que caminho essa jornada com todos que fazem a disciplina Pedagogia feministas. Ao longo deste trajeto de aluna, mulher e pesquisadora, me desnudo de conhecimentos pré-existentes sobre gênero e me torno aprendiz no Doutorado Educação em Ciências, com os colegas de jornada do programa de Mestrado em Educação e Diversidade (MPED) como aluna especial, nesse emaranhado de aprendizagens.

Beatriz Coutinho

Como contextualizado no tópico anterior, esse texto é fruto do entrelaçamento de ideias, reflexões e afetamentos vividos durante

¹ O título “A colcha de retalhos feministas” é uma interpretação do contexto fornecido. O texto descreve o diário como uma “colcha de retalhos”, composta por histórias e experiências de diferentes pessoas. O título sugere que a colcha é um símbolo da diversidade e da inclusão. As três mulheres na imagem estão segurando a colcha juntas, como se estivessem celebrando a diversidade das vozes feministas. A colcha é um símbolo da união e da solidariedade entre as mulheres.

o componente curricular Epistemologias Decoloniais e Pedagogias Feministas, ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia. Nosso objetivo é apresentar reflexões sobre epistemologias emergentes a partir dos entrelaçamentos das rodas gíngadas por nós e por todas nós.

Cabe mencionar que as aulas por si só tinham uma estrutura contra-hegemônica, uma vez que eram realizadas a partir de uma grande Roda de Conversa, onde éramos envolvidas a entrar e a girar. Mas, o que é roda de conversa? É um método de ressonância coletiva que consiste na criação de espaços de diálogo, onde as pessoas se expressam, escutam os outros e a si mesmas, estimulando assim a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, do compartilhamento de informações e da reflexão para a ação (Adamy *et al.* 2018).

Neste constructo, as aulas começavam com rodas de conversa bem interessantes e com temas previamente escolhidos. Assim, os diálogos se configurava como espaço aberto e desconstruído de ideias prontas e já formadas sobre um todo. Apoiado nas ideias de Warschauer (2018), os relatos das rodas de conversas foram registrados, usando o diário. Os registros nos permitiram visualizar a historicidade do processo de construção dos conhecimentos, iluminando a história vivida e auxiliando na criação do novo a partir do velho. Oferecendo, assim, segurança, uma vez que podemos relembrar as dificuldades anteriores e a sua superação, dando coragem para enfrentar novos desafios e dificuldades, que, como as anteriores, poderão ser superadas.

Entender o percurso formativo docente por meio das tramas de desejos e aprendizados sobre pedagogias feministas em rodas de conversas, nos fez perceber que essa trama tecida faz parte de um processo maior que gera desconfortos dentre os envolvidos em diversas situações onde as rodas se sucederam.

Neste sentido, Brito e Santana (2014) afirmam que as rodas de conversa têm, como ponto de partida, narrativas produzidas pelos

participantes sobre o objeto estudado. Os discursos começam com calorosos embates em querer saber em aspecto conceitual o que é o feminismo ou feminismos. Nesse sentido, a roda gira em cada estudante e suas contribuições começam a fluir. Apresentamos na sequência alguns desses movimentos e os afetamentos que nos provocaram.

Fazendo uma roda feminista: mas o que é o feminismo?

Me posiciono a partir dos feminismos da terceira onda: do feminismo interseccional, do feminismo negro e do feminismo decolonial e reivindico que o movimento feminista se constitua enquanto espaços educativos, uma vez que a educação é um ato político. Assim, penso em realizar pesquisas que vão a lugares onde não são bem-vindas, para que possam confrontar o sistema.

Kenia Silva

Logo nos primeiros encontros, foi proposto pensarmos sobre o que é feminismo, acompanhado da provocação: somos feministas? Para esse movimento, tivemos como bases teóricas os textos de bell hooks (2018), Chimamanda Ngozi (2014) e Márcia Tiburi (2018). A leitura dessas autoras nos convidaram a olhar para dentro de nós mesmas, nossas ações, nosso modo de viver e nos fez problematizar as seguintes questões: quando me afirmo feminista, qual o significado que isso carrega? Não posso controlar os significados de quem recebe a sentença: feminista? Quem tem medo do feminismo?

Tiburi aponta alguns caminhos para iniciar uma reflexão sobre o feminismo

Podemos defini-lo como o desejo por democracia radical voltado à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado. Nesse processo de subjugação, incluímos todos os seres cujos corpos são medidos por

seu valor de uso: corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e a manutenção da vida, para a produção do prazer alheio, que também compõe a ampla esfera do trabalho no qual está em jogo o que se faz para o outro por necessidade de sobrevivência (Tiburi, 2018, p. 12).

Quando pensamos em nossas posições enquanto mulheres feministas, pensamos na pluralidade desse termo sócio-histórico-político, na necessidade da reivindicação interseccional, dos diferentes tipos de vivências e confrontos ao patriarcado e à colonialidade. Por isso, emerge em nós a necessidade de pensar em feminismos, no plural.

Os estudos sobre feminismos nos remota a um início localizado numa Europa da regulação/emancipação (Santos, 2007) do século XVIII, diferente da apropriação/violência (Santos, 2007) vivenciado pelo Sul Global, pelos territórios colonizados. Durante a aula, relembramos das lutas das nossas ancestrais diante do engendramento da colonialidade de gênero (além da colonialidade do ser, do saber e do poder) e da impossibilidade de uma luta feminista, quando nem mesmo as mulheres do território colonial eram reconhecidas como seres humanos.

Acreditamos que por ser uma disciplina que trata sobre Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais, este poderia ser um grande disparador: a histórias dos feminismos e o confronto ao patriarcado colonial nos dias de hoje.

As primeiras ideias sobre o feminismo surgiram no século XVII², na Europa Ocidental e Grã-Bretanha, com preocupações “principalmente com a educação, a moralidade e as boas maneiras, e as participantes frequentemente baseiam os seus argumentos em interpretações da Bíblia” (Brysson, 2003, p. 6). Tais reivindicações e/ou a aplicação das teorias feministas nos territórios coloniais seriam

2 Há registros históricos que apontam práticas que hoje identificamos como feministas datam do século VI ou VII a.C., na Grécia, como a poeta Safos de Lesbos. Contudo, apenas no século XVII houve uma maior organização a partir dessa questão.

impensáveis, pois nesse lado da linha abissal estava havendo uma imposição opressiva do sistema (Lugones, 2020) e “se constatava a pressão exercida pelas normas e as ameaças punitivas introduzidas com o objetivo de fixar as práticas na matriz heterossexual binária do conquistador” (Segato, 2012, p. 126). Dessa forma, lutar por igualdade educacional, como era a principal pauta das primeiras feministas no território europeu, era algo inaplicável nos territórios coloniais, pois as mulheres nestes espaços estavam lutando para sobreviver diante da apropriação e violência impostas pelo patriarcado colonial.

Assim, refletimos sobre a construção do feminismo dentro do território de Pindorama, ou Brasil, como atualmente é conhecido, pois a nossa história é carregada de violências contra as mulheres e suas interseccionalidades, por conta da racialização e da territorialidade. Pois, enquanto as mulheres na Europa lutavam por trabalhar fora e o direito do planejamento familiar, nesta mesma época nos espaços coloniais nunca seria uma reivindicação feminista o direito a trabalhar fora, pois as mulheres escravizadas eram obrigadas a trabalhar muitas vezes até a morte. Essas violências desumanas contra as mulheres escravizadas são relatadas por Angela Davis no livro *Mulheres, raça e classe* (2016), e neste contexto, as mulheres negras não podiam ocupar o lugar de donas de casa, e os homens negros não tinham a possibilidade de serem chefes de família, pois tanto os homens, como as mulheres e as crianças eram propriedades dos senhores coloniais.

Dessa forma, as mulheres trabalhavam com a mesma força que um homem, exaustivamente, mesmo que isso resultasse em sua morte. Além disso, eram expostas a diferentes tipos de violência, desde o estupro “que era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras”, à impossibilidade de exercer a maternidade pois “suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerros separados das vacas” (Davis, 2016, p. 26).

Escrever e viver: as nossas experiências como potências teóricas

Cheguei na roda cansada. Maratona intensa de correção de provas mais prova de concurso no final de semana. Hoje refleti: terei que desistir de alguma coisa, estou exausta. Não posso desistir dessa disciplina! Pensei comigo mesma. Essa tem sido a minha comunidade. Esse movimento de poder dialogar com as autoras de textos que estou lendo. Algumas falas vão surgindo na roda e me dando energia ativa: ‘a escrita como lugar da liberdade, insubordinação. Ato político’. Quem sou eu na minha pesquisa? Ela está vinculada a mim, a minha vivência? Será esse o sentido da escrevivência, tema da aula de hoje?

Karine Oliveira

Para entender o que é escrevivência, primeiro precisamos desaprender para aprender (Informação verbal), frase anunciada pela convidada Raphaella Oliveira³. Desaprender as teorias ocidentais e hegemônicas e reaprender teorias africanas. Percebo bem, pois isso é o que temos buscado na nossa trajetória acadêmica e científica: reivindicar saberes outros e confrontar os epistemicídios ocorridos durante toda a nossa história.

Ao ouvir as palestrantes a discursar, nos questionamos sobre como teria sido a construção da ciência se a produção dos saberes dos povos dominados, colonizados e assassinados tivesse sido considerada válida. Mas, como nos diz Boaventura de Sousa Santos, esses dois mundos, a colônia e a metrópole, não podiam cruzar dentro do conceito da emancipação e regulação, pois é impossível a “co-presença dos dois lados da linha” (Santos, 2007, p. 71), pelo contrário, o outro lado, a colonizada, desaparecia como realidade,

3 Fala da professora Raphaella Oliveira na roda de conversa do dia 26 de setembro de 2022 no componente curricular de Epistemologias Decoloniais e Pedagogias Feministas. Nesse encontro foi sugerido para leitura o texto de autoria da professora: OLIVEIRA, Raphaella Silva Pereira de; Alice Walker; Zora Neale Hurston: resgate e circulação de escritos invisibilizados. **Revista PINDORAMA**, v. 6, p. 72, 2016.

tornando-se e sendo produzido como inexistente. Neste sentido, inexistência significa “não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível” (Santos, 2007, p. 71), pois, para haver a emancipação do pensamento e a regulação do estado moderno no contexto europeu, o Sul Global tinha que sofrer com as consequências da apropriação e violência, por isso autores como Mignolo (2004) e Quijano (1992) defendem que não haveria modernidade sem a colonialidade.

Nesse processo, construímos a nossa escrevivência: corpos racializados, confrontando as teorias hegemônicas. Enquanto doutorandas, percebemos que estamos a partir da escrevivência, confrontando a subalternidade que foi imposta à nós, povos pertencentes ao Sul Global.

O conceito de escrevivência foi feito pela Conceição Evaristo, das terras das Minas Gerais. Nascida em 1946, em uma favela na cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, Maria da Conceição Evaristo, filha de mãe lavadeira e herdeira de uma tradição de subalternidade e trabalhos femininos domésticos, precisou mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro, em 1970, para poder ingressar no magistério público. Evaristo justifica sua mudança de cidade pelo fato de já ter reservado para si, em Belo Horizonte, destino semelhante ao das mulheres de sua família: o trabalho doméstico “Entrar para a carreira de magistério, naquela época, dependia de ser indicado por alguém e as nossas relações com as famílias importantes de Belo Horizonte estavam marcadas pela nossa condição de subalternidade” (Evaristo, 2009, n.p.).

Evaristo escreve de um lugar, o qual evidencia o atravessamento de sua condição de mulher negra nascida em uma favela. Demonstra, nas suas escrevivências, a dificuldade enfrentada por ela e por sua família ao longo da vida, lançando um olhar para a condição da pessoa negra na sociedade brasileira, marcada pela escravidão, exclusão, preconceito e exploração por meio do trabalho subalterno, fruto da colonização e escravização. Mas o que é escrevivência? É

nesse contexto que ela conceitua o termo, para nomear uma escrita que se mescla com a sua vivência, com o relato das suas memórias e das de seu povo.

A convidada, Rafaela Oliveira, pontua um importante conceitos da escrevivência: a ancestralidade - que não é dos que morreram, mas dos que permanecem conosco sentados/as à mesa, como um acúmulo de conhecimentos. A palestrante também nos fala sobre a questão do tempo, na obra de Evaristo. Lembro de um poema da Evaristo que, de forma tão linda, conta de outras formas o conceito da ancestralidade e do tempo:

Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.

Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.
A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.
(Evaristo, 2017, p. 17).

É assim que nos vemos, no meu tempo e espaço, dialogando com as nossas ancestrais, num processo de escrevivência, na busca da resistência da nossa história e dos conhecimentos da nossa ancestralidade. Mesmo da metrópole, busca-se o lugar da enunciação da colônia, das ancestrais, subalternizadas por tanto tempo. Lutamos para que as memórias das nossas ancestrais se tornem lugar de enunciações epistêmicas, a partir da nossa escrevivência.

Arremate: uma colcha de afeto, potência acadêmica e ativismo

Nas linhas tecidas nesse processo o produto final é o afeto. Nos reconhecemos enquanto acadêmicas e militantes, como nos disse Ângela Figueiredo durante a roda, sobre o encontro que teve com a Angela Davis, no qual compreendeu a possibilidade de podermos ser e estar nos dois lugares: nos centros de pesquisas e nos movimentos sociais.

Estar nesses dois lugares nos permite fazer muitas reflexões, trazendo confortos para *escrever de dentro*⁴ (informação verbal), além da potência de escrever em diálogo com os movimentos sociais. Tais questões abordadas por Ângela Figueiredo, entram em consonância com a ecologia dos saberes (Santos, 2007; Gomes, 2017), que é justamente a atuação, nesse caso de mulheres, nos contextos acadêmicos como nos coletivos feministas, onde há uma ampliação da “consistência epistemológica ao pensamento pluralista e propositivo” (Santos, 2007, p. 27). Isso porque os movimentos sociais produzem conhecimentos que causam efeitos nos processos educacionais “na tensa relação entre o conhecimento científico e as outras formas de conhecer que extrapola o mundo da ciência e atinge a sociedade de um modo geral” (Gomes, 2017, p.53).

Ou seja, a partir da ecologia dos saberes (atuação nesses dois campos, acadêmico e social) há uma maior construção do conhecimento na sociedade em todo o seu conjunto, pois são oportunizadas novas configurações cognitivas e políticas, evidenciados pelo movimento feminista negro. Assim, ao ocupar esse lugar, tornam-se sistematizadores de conhecimentos e, dessa forma, constroem saberes contrários aos da hegemonia, formando uma relação política, social e educacional, capaz de realizar articulações entre o campo acadêmico e o campo não acadêmico,

4 Fala da professora Ângela Figueiredo durante a roda de conversa do componente Epistemologias Decoloniais e Epistemologias feministas no dia 19 de setembro de 2022.

permitindo discussões que confrontam a colonialidade, o racismo e o patriarcado, abrindo possibilidades para produções teóricas e epistemológicas (Silva, 2020).

Neste contexto, Ângela Figueiredo (2020) propõe no seu artigo “Pedagogia Insubmissa Feminista Negra Decolonial”, uma revisão (e também uma análise) das abordagens teórico-metodológicas do feminismo nos últimos anos, destacando que:

a epistemologia feminista negra articula teoria, metodologia e prática política com vistas à transformação social. A análise realizada revela um diálogo constante entre o feminismo negro brasileiro e o feminismo afro-americano (...) A popularização do conceito de interseccionalidade no Brasil é relativamente recente para um conceito que fez 30 anos, sendo atualmente o mais utilizado aqui para analisar as relações e as interconexões possíveis entre as categorias de gênero, raça, classe, sexualidade, geração, etc. É importante destacar o significativo crescimento das pesquisas, livros e artigos acadêmicos produzidos por mulheres negras, bem como a divulgação de ideias e reflexões políticas através do uso das plataformas digitais, tais como sites, blogs, facebook, Instagram e YouTube. Este movimento, que algumas autoras têm definido como a quarta onda feminista, mas que algumas mulheres negras preferem chamar de maré feminista negra, ampliou o referencial teórico, incluindo as contribuições de autoras africanas e afrodiáspóricas, como, por exemplo, Oyèrónk Oyèwùmí (2017) e Grada Kilomba (2019), e recuperou contribuições negras, notadamente femininas negras que foram historicamente silenciadas, através de práticas epistemicidas, construindo desse modo uma nova epistemologia feminista negra (Figueiredo, 2020, p. 2).

Na excelente aula que tivemos na disciplina, Figueiredo contextualiza que o feminismo negro não começou a partir do ano 2000, mas como grande parte das ativistas negras estavam fora da academia, pouco se conhecia sobre tais questões anteriormente a essa data. Vale destacar que as razões se deve às consequências coloniais que não permitiram que corpos negros ocupassem o lugar acadêmico, situação que apenas começou a ser modificada em 2002, com a política de cotas raciais no Brasil, permitindo uma maior inclusão de pessoas negras no ensino superior.

Este aspecto também foi refletido pela Figueiredo ao falar que a geração pós-cotas raciais tem um papel muito importante que é o de diluir a fronteira entre o pensamento acadêmico e o pensamento militante, havendo uma redefinição do que é militância que transita também na academia, fazendo esse intercâmbio de conhecimentos. Portanto, essa ecologia dos saberes (Santos, 2007; Gomes, 2017) revela a possibilidade da mudança das estruturas sociais e educacionais, como por exemplo a própria lei 10.639/03 e 11.645/08 que foram reivindicações de dentro do movimento para dentro das instituições educacionais e acadêmicas. Ou seja,

ainda que reconheçamos que para o feminismo negro e para a comunidade negra o conhecimento não é só produzido na academia, o ingresso de estudantes negras e negros, de estudantes de comunidades tradicionais e de camadas populares nas universidades tem alterado as agendas de investigação/pesquisa, uma vez que a maioria d@s estudantes elege temas próximos, muitas vezes relacionados ao próprio cotidiano (Figueiredo, 2020, p. 10)

Os temas trabalhados por esses/as estudantes são de urgência sociológica, uma vez que pregam o fim do genocídio, da violência policial, da violência contra as mulheres, então não são mais as pesquisas historicamente hegemônicas, canônicas, que vinham de

cima para baixo. Isso significa dizer que o enriquecimento cognitivo da sociedade deve ocorrer por duas vias definidas por Santos (2002): pela sociologia das ausências, a partir da revelação-denúncia da realidade e atores/as sociais silenciados/as e ignorados/as; e pela sociologia das emergências, substituindo o vazio do futuro, e revelando a potência de novos conhecimentos, de outras formas de emancipação e da libertação, de novas e ancestrais identidades, formas de luta e ação política (Gomes, 2017; Santos, 2002). Isso é possível a partir da entrada de estudantes quilombolas, negros/as, indígenas na universidade.

Assim, destacando a evidência da importância da construção do conhecimento nos movimentos feministas negros e a reivindicação desse conhecimento enquanto ciência, percebemos a necessidade da ecologia de saberes e da atuação de mulheres como ativistas e como acadêmicas. Dessa forma, inspiradas na Ângela Figueiredo quando nos fala que *o coletivo tem sido uma escola, ao mesmo tempo que eu sou formada pelo coletivo, a gente forma o coletivo*⁵ (informação verbal) concordamos que essa dupla atuação nos dá força e disposição para enfrentar a luta, buscando a construção de um mundo mais justo e igualitário, com reparação social, histórica e política.

Portanto, dizemos que, ao final dessa caminhada, é urgente seguir caminhos que dê visibilidade ao que foi negligenciado durante tanto tempo. É tempo de revelar verdades, revelar segredos, são tempos de insubmissão e de construção de alternativas que confrontam as formas de opressão colonial, racial e patriarcal. Para isso, precisamos olhar de outras formas para a pedagogia e a própria epistemologia, para podermos mudar as formas que nós, pessoas racializadas e subalternizadas, fomos vistas ao longo dos séculos.

E, graças aos esforços das acadêmicas e ativistas, como essas que convivemos ao longo do segundo semestre de 2022, podemos

5 Fala da professora Ângela Figueiredo durante a roda de conversa do componente Epistemologias Decoloniais e Epistemologias feministas no dia 19 de setembro de 2022.

enfim reivindicar uma pedagogia feminista e uma epistemologia decolonial.

Concluimos que as rodas foram suleadoras no sentido de oportunizar um maior entrelaçamento em tramas formativas. Continuaremos com um grande desafio: atuar nos diferentes espaços, para possibilitar a construção de conhecimentos feministas interseccionais, com novas perspectivas epistemológicas. Desse modo, nosso papel continuará a ser o de compreender as diferentes práticas sociais, buscando a possibilidade de uma transformação nos modos de organizar a sociedade.

Terminamos este diário não da forma como começamos, pois já não somos mais as mesmas. Porém, continuaremos sempre a refletir sobre o ato da escrita enquanto força reivindicatória. Ou nas palavras da Grada Kilomba:

Enquanto eu escrevo
Grada Kilomba ⁶

Às vezes eu temo escrever.
A escrita adentra o medo
Para que eu não possa escapar de tantas
Construções coloniais
Nesse mundo
Eu sou vista como um corpo que
Não pode produzir conhecimento
Como um corpo fora do lugar
Eu que, enquanto escrevo.
Cada palavra escolhida por mim
Será examinada
E, provavelmente, deslegitimada.
Então, por que eu escrevo?
Eu tenho que fazê-lo

6 Tradução livre do texto “WHILE I WRITE” de Grada Kilomba, feito por Anne Caroline Quiangala (UNB). Disponível em: www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w; Acesso em 7 nov. 2023.

Eu estou incrustada numa história
De silêncios impostos,
De vozes torturadas,
De línguas interrompidas por
Idiomas forçados e
Interrompidas falas
E eu estou rodeada por
Espaços brancos,
Onde dificilmente eu posso adentrar e permanecer.
Então, por que eu escrevo?
Escrevo, quase como na obrigação
Para encontrar a mim mesma
Enquanto eu escrevo
Eu não sou o Outro
Mas a própria voz
Não o objeto
Mas o sujeito.
Torno-me aquela que descreve
E não a que é descrita
Eu me torno autora,
E a autoridade
Em minha própria história
Eu me torno a oposição absoluta
Ao que o projeto colonial predeterminou
Eu retorno a mim mesma
Eu me torno.

Referências

ADAMY, E. K. *et al.* Validation in grounded theory: conversation circles as a methodological strategy. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 6, p. 3121–3126, dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0488>. Acesso em: 7 nov. 2023.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BRITO, A.E; SANTANA, M. C. A roda de conversa na pesquisa em educação: quais possibilidades? In: CABRAL, C. L. de O.; MELO, P. S. L.; NASCIMENTO, E. F. (org.). **As trajetórias de pesquisa em educação**: pressupostos formativos do professor pesquisador. Teresina: EDUFPI, 2014, v. 1, p. 129-146.

BRYSON, Valerie. **Feminist political theory**: an introduction. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2003.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Depoimento cedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. **Literafro – Portal da literatura afro-brasileira**. Belo Horizonte, maio 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 4 dez. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FIGUEIREDO, Ângela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102>. Acesso em: 06 nov. 2023.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. *While I Write*. Tradução livre de Anne Caroline Quiangala. **32 Bienal de São Paulo**, 2016. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w. Acesso em: 6 nov. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

LORDE, Audre. *The Transformation of Silence into Language and Action*. In: **Sister Outsider**. Trumansburg, NY: Crossing Press, 1984.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: Hollanda, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais (59-93)**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

OLIVEIRA, Raphaella Silva Pereira de. Alice Walker e Zora Neale Hurston: resgate e circulação de escritos invisibilizados. **Revista PINDORAMA**, v. 6, p. 72, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.ifba.edu.br/Pindorama/article/view/421>. Acesso em: 06 nov. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, p. 3-46, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/753>. Acesso em: 4 dez. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.63, p.237-280, 2002. Disponível em: https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF. Acesso em: 4 nov. 2023.

SARDENBERG, C. M. B. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? *In: ENCONTRO DA REDOR*, 10., 2001, Salvador. Anais [...]. Salvador: Repositório Institucional da UFBA, 2007. p. 1-35. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6875>. Acesso em: 25 jan. 2022.

SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES**, v. 18, p. 106-131, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: 20 out. 2022.

SILVA, Kenia Adriana Reis e. **Agência política das mulheres para confrontar o patriarcado colonial**: os coletivos feministas como um espaço de emancipação do conhecimento. 2020. 103f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Mestrado em Ciências da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto, Porto. 2020. Acesso em: 30 out. 2023.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas e registro**: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2017.

11

**EXPERIÊNCIAS DIARIZADAS - UM GIRO PELAS
RODAS DE CONVERSA COM AS PEDAGOGIAS
FEMINISTAS E AS EPISTEMOLOGIAS
DECOLONIAIS**

Laís Oliveira Abreu
Ivan Vilaça Santos
Luna Layse Almeida da Silva

Se não trabalharmos para criar um movimento de massa que oferece educação feminista para todo mundo, mulheres e homens, teoria e prática feministas serão sempre enfraquecidas pela informação negativa produzida na maioria das mídias convencionais [...]. Compartilhar pensamentos e práticas feministas sustenta o movimento feminista. O conhecimento sobre o feminismo é para todo mundo (hooks, 2018, p. 24).

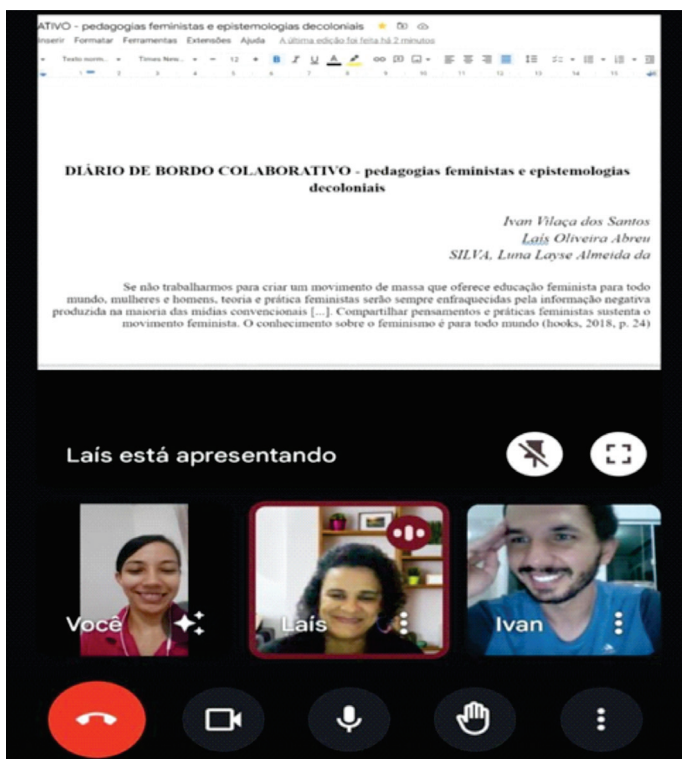
Dialogando com bell hooks¹, iniciamos a nossa escrita diarizada para partilhar nossos pensamentos e práticas produzidos ao longo do componente *Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais*. Somos o trio de construção de experiência formado por Laís Abreu, Luna Layse e Ivan Vilaça, de lugares, sotaques, experiências e histórias distintas.

1 bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana nascida em 25 de setembro de 1952, no Kentucky – EUA. A grafia em letra minúscula respeita ao posicionamento político da própria autora, que homenageia a sua avó, e opta por dar enfoque maior à sua obra que a sua pessoa.

Em razão da própria decolonialidade na produção do conhecimento proposta pelo componente, que tem a subjetividade, as histórias de vida e as vivências cotidianas como aliadas da ciência, diferente do que propõe os paradigmas da ciência cartesiana, buscamos trazer “o nós”, falar das nossas vivências para perceber como esse “feminismo para todo mundo” nos atravessa e fortalecer a máxima de que é necessário que *sejamos todas, todos e todes feministas*, além de fazer a reflexão sobre os afetamentos das rodas de conversa, das leituras indicadas e de outros textos que são citados ao longo do diário.

Esse tipo de escrita é fácil? Nada disso, é desafiadora e inquietante, mexe nas entranhas, corta por dentro, por um tempo incomoda e nos paralisa, não sabemos por onde começar e duvidamos que escrever falando de nós é relevante, mas, ao lermos em conjunto todo esse texto em reunião *on-line* que realizamos no dia 30.11.2022, após nos afastarmos por um tempo e voltar a ele nesta leitura conjunta, percebemos que foi produzido um encantamento singular em razão da nossa produção conjunta. E porque não dizê-la que é bela, potente e capaz de agenciar ressonâncias de desejo em outros corpos?

Imagem 1: Reunião on-line do trio em 30.11.2022



Fonte: arquivo pessoal (2022)

Com essa imagem cuja marca são os risos de Luna, Laís e Ivan, damos continuidade ao diário, nossa experiência de escrita coletiva, feita por dentro, com os nós do quem somos na experiência com o/a outro/a. Vamos entrar na Roda? Para iniciar as gingas, partimos dos eus, com as narrativas de si que trazem passos e ritmos das trajetórias de cada um de nós - Luna, Laís e Ivan - com os feminismos. Fazemos pousos nas marcas que trazemos nos corpos e memórias a constituírem nossas danças ou paradas nos movimentos.

Chegança de Laís Abreu na Roda - vivências e experiências feministas

Pensar sobre pedagogias feministas lendo as obras *Sejamos todos feministas* (2014), de Chimamanda Adichie, *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (2018) de Márcia Tiburi e *O Feminismo é para todo mundo* (2018) de bell hooks rememora as minhas vivências como mulher da infância até aqui. Lembrar das ancestrais e honrar os seus ensinamentos aponta algo sobre um feminismo entranhado, encarnado na experiência de existir neste mundo, no “desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças” (Tiburi, 2018, p. 6).

De casa, a primeira organização institucional da sociedade civil que me aproximo foi uma associação de mulheres (da cidade de São Gabriel-BA, fundada no final da década de 80), da qual faziam parte a minha avó, Hosana Ribeiro, e a minha mãe, Maria de Fátima. Viver ao lado da minha mãe e da minha avó são os maiores exemplos de protagonismo feminino, transgressão da ordem e rompimento com opressões machistas. Minha avó, mulher negra do sertão baiano, tinha uma solidariedade forjada nas suas vivências e construções da vida social e a capacidade entranhada de articular pessoas a se ajudarem mutuamente.

Eu testemunhei minha avó - diante da situação da sua vizinha (outra mulher negra) que estava com a sua casa desabando, bater de porta em porta, conseguir material e organizar mutirões para reconstrução da casa da sua vizinha. Minha avó não tinha a melhor das casas, penava para garantir a sobrevivência da sua prole e agregados/as, mas sabia que precisava olhar para os arredores e naquele momento a situação da sua vizinha era mais urgente. Mulheres são alicerces para reconstrução da vida de outras mulheres.

As primeiras marchas e movimentos para discutir e enfrentar a violência contra as mulheres eu participei e ajudei a construir ao lado da minha mãe e da minha avó. Por essas e muitas outras não tive qualquer dificuldade diante da pergunta “você é feminis-

ta?” levantada pelas nossas docentes do componente na atividade provocadora e debatida em nossas duas primeiras aulas/rodas de conversa, pois, para mim, ser feminista é condição para a permanência, resistência e reexistência na vida em sociedade, a partir das vivências e experiências construídas com mulheres inspiradoras. Um feminismo autocrítico, que foge dos modismos, que não se deixa ser apropriado pelos mercados, que não se reduz “à discussão de gênero e sexualidade sem uma ligação direta com a questão das classes sociais - também a da raça e, [...] da plasticidade, no qual se inserem as questões das chamadas “deficiências”, das aparências e da idade, que afetam várias minorias” (Tiburi, 2018, p. 13). E como diz e repete bell hooks (2018, p. 11), o feminismo como “um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”.

Ser aluna e também uma das convidadas para a Roda do dia 12 de setembro de 2022 deixou-me apreensiva. Apesar de ser autora de uma pesquisa atravessada pelas pedagogias feministas, a baixa autoestima me colocou em um lugar de não merecimento do título de convidada. Quando soube que a outra convidada, a colega Danielle Ferreira, não marcaria presença na Roda, o medo cresceu. Danielle é egressa do Programa em Educação e Diversidade (campus Conceição do Coité) e suas produções científicas, inclusive a dissertação de mestrado, tem como centralidade as pedagogias feministas sertanejas. Uma encantaria de saberes localizados produzidos pela autora.

No processo de preparação da Roda e de leitura dos textos indicados, me deparei com a generosidade de ter sido citada no texto da dissertação da Danielle, que é, na verdade, a política feminista de citação debatida ao longo das rodas e apontada por Eide Paiva na leitura deste diário. Partilhei o trecho citado com a Professora Ana Lúcia, uma das docentes do componente e a minha orientadora no mestrado. Nesse movimento fui percebendo a potência da nossa escrita, comentei com Ana: *engraçado esse negócio de enxergar um sentido maior na sua escrita a partir do momento que a outra faz uso do que você escreveu. Gostei disso. Passo a ver a escrita de um outro modo.*

Escrevi, ainda, que o registro das práticas feita por mulheres é importante sobretudo para encorajar outras mulheres. Entendo que esse é o nosso papel, encorajamento, a mesma coragem da minha ancestral citada aqui, a avó Hosana, a coragem de todas as mulheres, a coragem de quem “ousa criar teoria a partir da dor e da luta”. A coragem de diarizar aqui, compartilhada com a colega Luna e o colega Ivan, que abaixo escrevem suas experiências.

Como a coragem das mulheres que *Escrevivem*, como Conceição Evaristo, e respondendo ao generoso colega de turma, André Lima, que pergunta se “Seria a escrita uma forma de catarse individual para alçar a catálise de forças de encorajamento ancestrais e coletivas?”, digo que sim. Por mais que a ideia eurocêntrica de “que narciso acha feio o que não é espelho” ainda reverbere em nós, desapegando dessas amarras coloniais, as filosofias decoloniais desconstroem essa percepção da autoimagem como ego. A própria Conceição Evaristo em entrevista concedida ao Roda Viva em 10 de setembro de 2021, respondendo a uma pergunta da atriz Elisa Lucinda, diz que o “espelho de narciso não reflete o nosso rosto”. Ela usa os mitos africanos de Oxum e Iemanjá, dizendo que o espelho dessas mães ancestrais revela a beleza negra que coloca a nossa autodignidade em evidência e permite que nos reconheçamos como belos e, ao mesmo tempo em que acolhe a comunidade, cuida da sua gente e reflete a história de uma coletividade.

E agora vamos girar a Roda? Vem pra Roda, Ivan Vilaça!

Giros de Ivan Vilaça - escutas e aprendizagens

Essa vai, pra todas as mulheres
Marianas, índias, brancas, negras, pardas, indianas.
Essa vai pra você que sentiu aí no peito
O quanto é essencial ter no mínimo respeito
Essa dor é secular e em algum momento há de curar
Diga sim, para o fim, de uma era irracional, patriarcal
(*Pra Todas As Mulheres - Mariana Nolasco*)

Começo a minha escrita com esta “Poemúsica”, que me coloca numa imersão de sentimentos. Meu nome é Ivan Vilaça dos Santos. Apesar de ter nascido em 21/10/1991, na cidade de Cajuru/SP, me considero um mineiro de São Sebastião do Paraíso, cidade na qual resido atualmente. Sou professor do quadro efetivo da Secretaria de Estado de Minas Gerais. Graduado em Licenciatura em Educação Física, especialista em Educação Especial e Inclusiva e mestrando em Educação pela Universidade Federal de Alfenas.

Desde a minha infância fui criado com mulheres maravilhosas. Eu sou o irmão mais novo, e tenho mais três irmãs, são Janaina, Iara e Michelle. Minha mãe, Leontina, que tanto amo, trabalhou muito para nossa criação, além dos afazeres domésticos, trabalhava como doméstica e diarista. Não posso deixar de citar meu pai, Gilmar, negro, pedreiro, que não mediu esforços para educar os filhos.

Com as mais doces recordações, lembro-me dos meus avós, pois estiveram presentes durante toda a minha infância. Meu avô, Waldomiro (*in memoriam*) foi um homem que demonstrou-se ser gentil, engraçado e me ensinou a tratar as outras pessoas com respeito. Minha avó, Maria Helena (*in memoriam*) foi uma mulher que transbordava amor, e com a força do clichê, foi mãe duas vezes, minha segunda mãe.

Tenho um filho, Henzo, que foi a personificação do amor de Deus por mim. Ele tem 10 anos, e possui inúmeras qualidades como generosidade, criatividade, carinhoso, entre outras. O “ser humaninho” que eu mais amo neste mundo. Embora existam outras pessoas que eu gostaria de nomear, como meus sobrinhos, sobrinhas, tias e primos, agora vou nomear minha esposa, Daiane, que é uma mulher de fibra, trabalhadora, organizada, sincera, destemida, e busca enfrentar qualquer tipo de adversidade. Eu poderia ter apontado alguns sentimentos mais afetivos aqui, mas as características que mencionei acima mostram o quão grande ela é.

E não foi por acaso que escolhi essa música para começar a escrever. Tem toda uma sonoridade para me apresentar e para iniciar

a disciplina *Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais*, da UNEB. No primeiro encontro, ao responder à Avaliação Provocativa dos conhecimentos prévios do grupo, percebi minha fragilidade em escrever sobre feminismo, até tive dificuldade em me expressar como homem, cisgênero, pardo, católico, privilegiado, para que eu não cruzasse a posição das mulheres nos círculos, então preferi ficar em posição de escuta ativa.

Refiro-me à escuta ativa, ao posicionamento de reflexão sobre os temas, bem como à reflexão de algumas indagações apontadas pela professora Eide (Zuleide Paiva da Silva): O feminismo restringe apenas o direito de ser mulher? O feminismo não cruza o direito de ser homem? De ser criança? Assim, percebo o quanto preciso avançar nas leituras das teorias feministas, de forma insurgente, e não deixar que as visões reducionistas façam parte do meu posicionamento.

Essas visões reducionistas estão presentes em diversos discursos na sociedade, assim, podemos exemplificar a fala de um dos candidatos à Presidência da República em 2022, o Padre Kelmon, do PTB, ao questionar a candidata Simone Tebet, do MDB, se ela se declarava “abortista” pelo puro e simples fato de declarar-se feminista.

Importante demarcar que a disciplina *Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais* contribuiu substancialmente na composição teórica da minha dissertação, isso porque, as rodas forneceram uma abordagem eficaz dos estudos feministas. Nessa perspectiva, embora o tema central não seja o feminismo, almejo desenvolver uma pesquisa em que umas das categorias de análise, dispõe-se como foco, a abordagem das vivências e vulnerabilidades que afetam as mulheres com deficiência, assim como as suas singularidades. Além disso, investigar como as categorias conceituais da inflexão decolonial (colonialidade do ser, do saber e do poder) podem ajudar a construir outro olhar com o sujeito da educação especial.

Mas agora é hora de fazer a Roda girar novamente, para Luna se chegar nessa Roda.

Chegança de Luna na Ginga: giros e pousos nas insurgências

As minhas construções feministas emergem da inserção nas militâncias das lutas pela agroecologia, com as graduais tomadas de consciência política desde que começo a fazer parte de uma cooperativa² - sediada no município de Jacobina/BA. Organização que está integrada aos movimentos da agricultura familiar, como também nos debates político-sociais que refletem estruturas históricas:

“ (...) Cansei de ser domesticada
Quero andar com os próprios pés
Organizar a rebeldia
E assim deixar de ser refém (...)”

*Música - Eulapaula Martins, Maria Monte e Marli Fagundes /
Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)*

Essa é uma das canções que mais me afetam nos espaços em que, a partir de metodologias participativas, fazemos debates para refletir os papéis sociais atribuídos às mulheres. Essas vivências militantes remontam a um período recente de minha trajetória, a me fazer pensar se houve momento ou situação tênue em que passei a me reconhecer feminista. Não me recordo. Mas a descoberta deste conceito, me fez sentir algum alívio ou respiro de quem encontra respaldo para validar os meus posicionamentos em inúmeras situações ao longo dos (des)caminhos.

Eu não nasci feminista, mas desde cedo já sentia as marcas dos machismos e, por vezes, produzia feminismos, reagindo de distintas formas: nos gritos, lágrimas, silêncios, angústias, sensações de injustiça ou posturas de reivindicação.

2 Cooperativa de Trabalho e Assistência à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte (COFASPI).

Hoje reconheço que em todas as instituições sociais há marcas da estrutura patriarcal, com as rasuras que irrompem das transformações movidas no cotidiano. Em casa, na escola e em outros diversos lugares esses conflitos estão presentes, movendo emoções e afetamentos múltiplos.

O que me faz lembrar algumas marcas da adolescência. Sou a mais velha dentre os três irmãos e única mulher, meu pai costumava dizer que atividade doméstica era coisa de menina. E eu teimava em contestar, ganhando geralmente a anuência da minha mãe. Em meio às tensões, eu ia criando as minhas estratégias de reivindicar, por vezes escapulia de ter que lavar os pratos ou arrumar a casa, ou então dizia que só faria se as tarefas fossem divididas igualmente.

Esta narrativa é só um dos fragmentos de memórias que me fazem refletir as construções sociais. Me aproxima das minhas teimosias insurgentes a anunciar pistas das desigualdades, a partir de marcadores como gêneros e sexualidades.

Me toma a refletir que mesmo antes de entender o que é feminismo ou o que são feminismos, eu já problematizava as vivências mulheres na sociedade cisheteropatriarcal, que tem tratamento distintos às pessoas e esse tratamento também muda conforme se observa as interseccionalidades ou os marcadores sociais.

Essas inquietudes me moveram a imergir na pesquisa com/nas “Diversidades e diferenças no território escolar: cartografias iniciais”, resultado do Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas da UNEB, que foi orientado pelas professoras Dr^a Ana Lúcia Gomes e Ma. Crizeide Miranda Freire. Me conduzindo a (auto)cartografar pistas e construção de conceitos, também com as contribuições da banca examinadora deste trabalho, que contou com a participação da professora Dr^a Juliana Salvadori e da M^a Laís, colega com quem agora compartilho este diário.

Essa experiência e os movimentos nos encontros do grupo de pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e

Superior (DIFEBA) me lançaram nos giros da disciplina *Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais*, em que sou aluna especial e passo a conhecer também o colega Ivan, que comigo e Laís formam o trio a narrar as experiências ao longo do componente.

É com essas aproximações e trocas coletivas com todas, todos e todes das rodas e giros que produzimos aprendizagens. As minhas entradas e saídas nas rodas constituíram, assim, os passos para ampliar ainda mais as trocas e (des)construção de saberes, para fazer ver que as diversidades (r)existem, fazendo ver a diferença que está em cada um/a de nós e dos nós.

Giros na gira: desterritorializações nas Rodas de Conversa

Como na dança, nossa ginga a partir daqui narra a experiência coletiva. Com vozes que são de Luna, Laís e Ivan, mas também resultado das relações com os/as outros/as, produzindo os “nós” e os giros.

A partir das vivências individuais e coletivas, as atividades *on-line* propiciaram aproximações e giros com pessoas de lugares distintos. Juntas entramos nas rodas de conversa, trazendo as múltiplas falas, silenciamentos, corpos e afetos para os debates temáticos.

As primeiras rodas nos convocaram a pensar sobre as pedagogias feministas. Para tanto, a estratégia de refletir sobre os feminismos, conhecer experiências de pesquisa no campo das pedagogias feministas provocadas sabiamente pelas professoras Ana Lúcia e Eide Paiva serviram de mote balizador de múltiplas e potentes arguições na turma.

Por que é tão escassa a literatura sobre o tema? A literatura é escassa ou, devido às interdições do tema, há uma certa estratégia de não indicar o termo Pedagogias Feministas para fazer referência a ações, práticas pedagógicas e/ou educativas que visam a ação-reflexão-ação acerca do machismo-racismo-cisheteropatriarcado dentro dos espaços educacionais, em especial na escola?

Como apontado nas pesquisas, as Pedagogias Feministas têm papel fundamental na desconstrução de estigmas, preconceitos e desigualdades fundadas nas discriminações de gênero, etnia, classe, orientação sexual, deficiências e outras. Observa-se que muitos espaços educacionais, sobretudo a escola, tem desenvolvido práticas pedagógicas voltadas à reflexão sobre essas discriminações, práticas essas muitas vezes demandadas pelos/as próprios/as estudantes, no entanto, estas práticas não vem sendo registradas ou sequer nomeadas como ferramentas/estratégias pedagógicas pautadas na ação-reflexão-ação que trazem como centralidade o questionamento sobre os processos desiguais de educação de meninos e meninas (machista, racista, lesbofóbico, homofóbico, transfóbico, sexista etc.) que se reproduzem nos espaços educacionais.

São as práticas pedagógicas feministas que vão questionar os modos instituídos de educação de meninos e meninas, homens e mulheres, que apagam e/ou reproduzem machismo, racismo, lesbofobia, homofobia, transfobia, sexismo, capacitismo etc. As práticas pedagógicas feministas permitem que percebamos as engrenagens e contradições que atravessam as nossas práticas e discursos dentro e fora do ambiente educacional, e assim, criamos possibilidades outras de educação para a inclusão de todos e todas com e a partir de lentes feministas.

Nesse sentido, a pesquisa “Pedagogia Feminista no Território Escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil” percebeu que a escola pesquisada já desenvolvia práticas pedagógicas com forte viés feminista, mas não se dava conta disso. Ao refletir sobre ações pedagógicas para se pensar no enfrentamento da violência sexual infantil a partir das pedagogias feministas foram as próprias práticas já desenvolvidas pela escola que ganharam centralidade.

Neste sentido, o texto “O sujeito no feminismo” de Cláudia de Lima Costa traz à tona a discussão de conceitos importantes no

campo dos feminismos, a saber: identidade, diferença, essencialismo e não essencialismo, posição de sujeito. Ao decorrer da escrita ela faz provocações fundamentais para pensar nos feminismos e suas ressonâncias sociais e políticas. Como essas discussões ressoam no campo das pedagogias feministas? Essa questão dá margem ao aprofundamento do debate e estudo e a partir de alguns fundamentos trazidos pela autora, nos leva a um campo fundamental para a intervenção em campos interditados, a construção das estratégias, exemplo disso é o componente Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais.

É belo e rico observar o processo de desterritorialização de colegas que não se reconheciam como feministas mas que, a partir dos exemplos didáticos trazidos nos textos conseguiram trazer as suas experiências tanto de vida pessoal quanto da docência, e assim, perceberam que na verdade não se davam conta de se enxergarem como feministas. Como diz Ana Lúcia, as fichas caem, daí a potência de um componente como esse em um momento tão conturbado para os direitos humanos no contexto brasileiro, com tantos ataques às políticas sociais e às pessoas.

Ataques esses vindos de diversos modos, exemplo disso foi a invasão de grupos de extrema direita que sofremos em nossa aula de 26 de setembro de 2022. Esses ataques mandam um recado claro para todos/as, o do aniquilamento e apagamento das diferenças perpetrado por grupos neonazistas que se fortalecem dentro de um governo de ultradireita, fascista e conservador. De imediato, o medo se instala. No mesmo instante, a reflexão e estratégia o desestabiliza, cria-se outra sala virtual. A construção de estratégias e a ruptura dos medos são dispositivos das pedagogias feministas.

Mas, voltando a falar das fichas que caem: haja ficha pra cair!

A multiplicidade de temas e a potencialidade das convidadas para as rodas de conversa nos afeta de modo singular. Na simplicidade e disponibilidade da Mestra Janja em partilhar suas sabedorias

com a turma, mesmo após um dia de tantos compromissos, é um grande exemplo de generosidade e Afeto Feminista, afeto esse tão bem poetizado por Salete Maria³:

Aquela ação concreta
Real e coletivista
Que a teoria completa
De forma não dualista
Capaz de ter sobrenome
A isto damos o nome
De afeto feminista

A ginga angoleira de capoeira da Mestre Janja, a real ação concreta real e coletivista, como no trecho da poesia de Salete Maria, nos inspira a pensar outros modos de “habitar a docência” numa perspectiva ancestral, preta, de resistência e sem hierarquizações. Trazemos a imagem abaixo para dialogar com a Mestre Janja: os movimentos do corpo, as várias gerações, a mãe com a criança no colo, gente em pé, gente sentada, em suas múltiplas gingas.

Figura 1 - Capoeira - Carybé



Fonte: *Jogo da Vida* (2017)

3 Para acessar o cordel completo: http://cordelirando.blogspot.com/2018/01/blog-post_15.html

Bebendo da fonte da cartografia, Daniela Auad e sua professoralidade lésbica desmonta as nossas certezas e constrói Topografias feministas, que ressignificam elementos de localização como território, ancestralidade, origem, deslocando-os politicamente haja vista os “trânsitos, andanças e caminhos de mulheres que, ao existirem em suas espacialidades, promovem justiça epistêmicas e acadêmicas” (Auad; Lahni, 2021, p. 2).

Essas topografias servem para pensarmos outros deslocamentos, como a Pedagogia da Desobediência, debatida na Roda 9, com Marcelo Arouca e Thifany Odara. Thifany⁴ esclarece sobre a nomenclatura: não existe “o travesti”, e sim “a travesti” e assim afirma que o próprio termo travesti já é uma desobediência à norma, o que já dá corpo à pedagogia da desobediência.

Em outro momento, Marcelo Arouca⁵, ao falar com encantamento que “Minha identidade é a favela”, destaca que a favela tem uma organização de construção identitária pluriversal, traz códigos próprios que as outras partes das cidades não querem entender: a gíria, a roupa. Compreender os sujeitos, de onde vem, os sujeitos da favela são parte da construção de alternativas para os problemas e para as contradições que vêm de fora e de dentro da favela.

Na Roda 10 - *Pedagogia para transeducar o pensamento*, que aconteceu em 31 de outubro de 2022, dia histórico para a democracia brasileira após a eleição de Luís Inácio Lula da Silva à Presidência da República, o convidado é professor Vércio Gonçalves, que é artisticamente conhecido como Seu Vérciah.

Vércio veio debater *As transmasculinidades negras e movimento trans no Brasil*, tema de um dos textos de sua autoria indicado para estudo. Vércio⁶ agradece ao convite para a Roda e já destaca que “homens trans negros, gordos e da periferia são poucos, por isso não tem o direito de recusar convites para falar do tema”. Nesse mesmo sentido, aponta que o envolvimento com a militância se

4 Fala de Thifany Odara na Roda de Conversa *on-line* em 24 out. 2022.

5 Fala de Marcelo Arouca na Roda de Conversa *on-line* em 24 out. 2022.

6 Fala de Vércio Gonçalves na Roda de Conversa *on-line* em 31 out. 2022.

fortalece quando percebe as ausências de pessoas negras trans nos espaços de poder. Das muitas coisas importantes e fortes que Vércio nos brinda, ao ser indagado sobre a masculinidade do homem trans, argumenta que homens trans têm a “liberdade de ser homem sem precisar performar violências. A masculinidade do homem trans é menos frágil, é mais segura... A negação da masculinidade é certa, somos homens sem pênis”.

A roda 6, no dia 3 de outubro de 2022, nos possibilitou a pensar a epistemologia lésbica como um pensar outro, um fazer outro e uma epistemologia outra. Dessa forma, a Roda girou com a presença de Mariana Meriqui Rodrigues e Dayana Brunetto, que compõem a Liga Brasileira de Lésbica e trouxeram para o centro da ginga o LesboCenso.

O LesboCenso tem como objetivo de aprofundar o conhecimento sobre as diversas vivências lésbicas e sapatão de todo o Brasil, assim como levantamento sociodemográfico e informações sobre trabalho, educação, violências, saúde, relacionamentos, relações familiares e redes de apoio de lésbicas residentes no Brasil.

Assim, o LesboCenso possibilita coletar dados que o censo do IBGE e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua não coletam como a orientação sexual ou a identidade de gênero das pessoas (Tagliamento; Brunetto; Almeida, 2022). O I LesboCenso Nacional atingiu um número significativo do público alvo elegível (21.656), tornando-se assim o primeiro mapeamento nacional do mundo dedicado exclusivamente às vivências lésbicas e sapatão.

Na Roda, a convidada Dayana Brunetto aponta que a inexistência de dados oficiais ocorre de forma intencional, pois com a ausência desses dados, não é necessário criar políticas públicas direcionadas às lésbicas e sapatão, isentando o Estado a financiar e direcionar recursos à demanda.

Já na Roda em que o Feminismo Negro se floresceu, com as convidadas Ângela Figueiredo e Amanda dos Santos, a ginga fluiu com arte e cantos, emergindo a potencialidade de escutar as narrativas

de duas mulheres negras que rompem fronteiras e não se aquietam perante o patriarcado e nem somente na denúncia epistêmica, mas também, promovendo a educação antirracista. Assim, Santos (2019) aponta que as pedagogias feministas nos permitem tensionar no ambiente escolar, junto aos alunos e alunas, imagens estereotipadas de mulheres negras veiculadas ao longo da história, por meio da literatura, da música, da arte, da mídia e da própria escola.

A professora Angela Figueiredo (2020, p. 20) aponta a necessidade de uma “[...] epistemologia insubmissa feminista negra decolonial é aquela que se rebela frente às normas previamente estabelecidas, rompendo fronteiras e colocando os sujeitos que historicamente estiveram à margem no centro da produção do conhecimento”.

Nessa perspectiva, o relato da convidada Amanda Santos, mostra também a tentativa de silenciamento das mulheres negras nas universidades, uma vez que esses espaços, não foram preparados para receber essas alunas.

Com todas essas reflexões das/nas rodas, recorreremos ainda a outros espaços para trocar e reverberar esses debates coletivos, que se ramificaram como em um rizoma, a produzir distintas entradas e saídas nos nossos giros. Dentre eles, o grupo de *WhatsApp* da turma e a plataforma *Google Classroom* foram outros potencializadores para aquecer os movimentos. Em ambos, seguimos aprendendo que a escuta é um movimento de atenção com todo o corpo, de estar sensível a ver e sentir o/a outro/a. Um desafiar-se constante na tentativa de refutar as verdades instituídas, romper gradualmente estruturas e produzir insurgências, fazendo outros compassos na dança.

(In)conclusões

Chegamos à reta final das atividades, com o sentimento de que o feminismo ou os feminismos é para todas, todos e todes. Portanto, como pesquisadores/as ou docentes em formação, produzimos nos-

soos giros e gingas nos processos de aprendizagem das *Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais*. Isso significa se desafiar constantemente, mas também ter coragem e o esperar de quem se levanta, constrói, reconstrói.

Um dos exemplos, é a escrita deste diário, que nos move às inquietudes e (des)construção coletiva de conhecimentos. Escrever um diário é um ato de reflexão e ação, com o efeito de interpelar. Nos colocamos em um singelo ato de fazer perguntas a nós mesmos, e de pedirmos explicações para que possamos adentrar na nossa inquietação, assumir uma dose de riscos, porém necessários.

Assumindo esse risco, afirmamos que todas as rodas contribuíram para desmistificar (in)certezas sobre os feminismos e revisitarmos as nossas próprias experiências, ideias preconcebidas ou distorcidas sobre as nossas existências no mundo. E muito mais do que produzir respostas prontas, instalaram-se perguntas, dúvidas.

Dúvidas essas que fazem parte do próprio modo como emergem as pedagogias feministas. As pedagogias feministas não são estanques, são moventes, fluem entre os córregos da pluralidade de epistemes que, demarcadas as suas especificidades, dialogam entre si. As pedagogias feministas sertanejas, o feminismo negro, os transfeminismos, as lesbianidades, as escrevivências, as topografias feministas, as pedagogias para transeducar o pensamento, as pedagogias de favela e muitas outras singularidades pedagógicas com viés feminista que são forjadas por sujeitos que se dispõem a enfrentarem os sistemas racistas, sexistas, transfóbicos, misóginos, classistas, capacitistas etc. são máquinas de fazer guerra, modos de educação menor, nas perspectivas de Deleuze e Guattari (1995) e Silvio Gallo (2017). Uma guerra contra a opressão e pela inclusão.

Por isso, o papel de todes nós é de fazer essas rodas das *Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais* seguirem girando. Pois este componente irá continuar a produzir ressonâncias em nossos corpos e vidas, partilhando saberes, produzindo escutas sensíveis e construindo experiências em busca da equidade. Saben-

do que, enquanto for necessário falar de inclusão social, é porque a exclusão ainda existe e é preciso juntas construir pedagogias contra-hegemônicas.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AUAD, D.; LAHNI, C. R. Topografias Feministas: uma teoria das mulheres em movimento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, p. 1-6, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82526>. Acesso em 01 ago. 2022.

CARDOSO, Cláudia Pons; SILVA, Zuleide Paiva da. Pedagogias feministas no combate ao racismo e às desigualdades de gênero: uma abordagem perspectivista. *In*: COSTA, Ana Alice Alcantara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; PASSOS, Elizete Silva (org.). **Gênero e diversidades na gestão educacional**. Salvador: UFBA-NEIM, 2011, p. 55-68.

COSTA, Ana Alice Alcantara; TEIXEIRA, Alexnaldo; VANIN, Iole Macedo (org.). **Ensino e Gênero: perspectivas transversais**. Salvador: UFBA - NEIM, 2011.

COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 59, p. 59-90, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000200004>. Acesso em 01 ago. 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra. São Paulo: Editora 34, v.1, 1995.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102>. Acesso em 01 ago. 2022.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rosa dos Tempos, 2018.

JOGO DA VIDA -CAPOEIRAGEM. **Carybé, o grande Artista Plástico do século XX**. Disponível em: <https://jogodavidaweb.wordpress.com/2017/02/07/carybe-o-grande-artista-plastico-do-seculo-xx/>. Acesso em: set. 2022.

NOLASCO, Mariana. **Pra todas as mulheres**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mariana-nolasco/pras-todas-as-mulheres/>. Acesso em 01 ago. 2023.

SANTOS, Amanda Oliveira dos. **Educação Feminista e Antirracista: Narrativas de estudantes negras em Mirangaba-BA**. 2019. 177f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina. 2019

TAGLIAMENTO, Grazielle; BRUNETTO, Dayana; ALMEIDA, Raquel Mesquita (org.). **I LesboCenso Nacional**. Mapeamento de Vivências Lésbicas no Brasil – Relatório Descritivo 1. Etapa (2021-2022). Brasília: Liga Brasileira de Lésbicas (LBL) e Associação Lésbica Feminista de Brasília, 2022. Disponível em: <https://lesbocenso.com.br/relatorio-primeira-etapa>. Acesso em: 5 dez. 2022.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Editora Record, 2018.

VIVA, Roda. Conceição Evaristo. YouTube, 06 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk>. Acesso em: 01 ago. 2022.

12

MULHER, CAMPO, AGROECOLOGIA: TESSITURAS DE SOBRE(VIVÊNCIAS)

Ivanete Araújo Silva

Karole Pereira Silva

Sirlei Aparecida de Almeida Ribeiro

[...] a libertação das mulheres trabalhadoras de qualquer tipo de opressão e discriminação. Isso se concretiza na organização, na formação e na implementação de experiências de resistência popular, onde as mulheres sejam protagonistas de sua história. Nossa luta é pela construção de uma sociedade baseada em novas relações sociais entre os seres humanos e destes com a natureza. (Movimento de Mulheres Camponesas, 2004, p. 5)

Tecendo os primeiros fios...

Ao demarcar o tema: Mulher, campo, agroecologia: tessituras de sobre(vivências), nós: escritoras desse diário estaremos impregnando as labutas da mulher, enfatizando, principalmente, as mulheres do campo que arduamente (sobre)vivem em meio aos percalços e desafios impostos no transcorrer de uma trajetória, uma labuta histórica... , porém, não caduca, haja a vista as lutas intrínsecas ao cotidiano que impregna as marcas tecidas pelas agruras e (sobre)vivências da mulher camponesa.

Para tanto, compartilharemos aqui, as impressões, diálogos travados, construções, afetamentos, a trajetória de um percurso; o referido percurso diz respeito às rodas, giro de conversas fundamentadas nos estudos e, principalmente, nas vivências de autoras e autores, estudantes e professoras do Componente Curricular Pedagogias Feministas e Epistemologias Decolônias - pertencente ao Programa de Pós Graduação - Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia - Campus IV e Campus XIV, no segundo semestre de 2022.

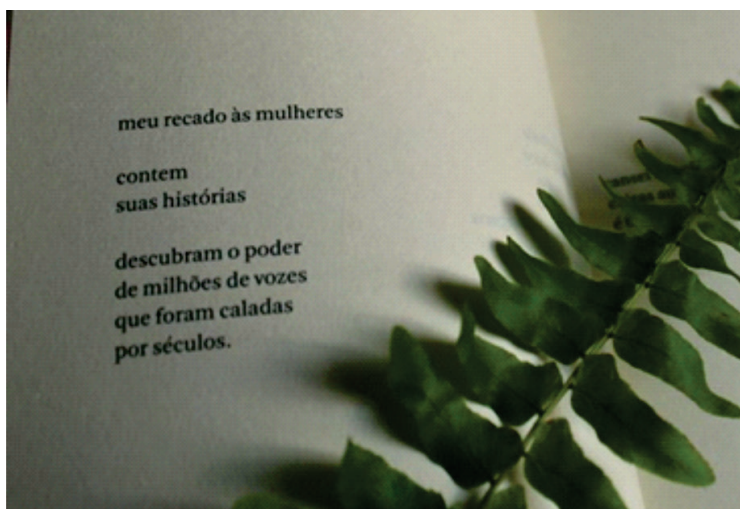
Impregnamos o que “de mais forte” afetou, os pontos demarcados pelos atravessamentos, sendo, pois, importante disseminar as epistemologias decolônias, haja a vista as amarras que ainda prendem os fazeres pedagógicos em um campo tão carregado de estereótipos e estigmas.

Assim sendo, este diário colaborativo tecido a seis mãos impregnadas de vivências e experiências particulares que se encontram, desencontram, mas se conectaram por diversas vezes ao longo dessa trajetória, além de todos os atravessamentos decorrentes das rodas de conversas, as aulas, realizadas durante a realização deste componente, somadas aos diálogos, discussões, inquietações, leituras. Portanto, estas escrevivências apresentam com base na abordagem das giras que ao nosso ver se enlaçam no recorte de algumas rodas com os seguintes focos temáticos: **Concepções Feministas e Práticas Pedagógicas em Educação, Pressupostos do Feminismo Negro e Escrevivências, e por fim Topografias Feministas e Pedagogia da Desobediência.**

Para o delineamento metodológico deste estudo, a escrita refletida dá corporeidade e sentido aos diários por meio da sistematização da experiência formativa e (auto)formativa, vivenciada em colaboração, que ganha visibilidade nas ambiências de compartilhamento das narrativas. Nesta perspectiva, compreende-se a relevância emergencial de novos espaços de compartilhamento a partir da ampliação de práticas educativas on-line, dos ambien-

tes virtuais de aprendizagem e do acesso a dispositivos digitais, alargando-se as possibilidades de interações formativas ao romper restrições espaço-temporais. Além disso, a mediação por tecnologias em rede no ciberespaço marcou a transição dos diários materiais e de acesso restrito para os diários on-line que podem ser acessados e comentados, potencializando a interação com/entre autores/as e leitores/as.

Concepções Feministas: Fios embebidos em muitos devires



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/769904498789908162/>

O convite expresso afetuosamente em forma de poesia conclama as mulheres a contar suas histórias após séculos de silenciamento. A fala, escrita, ação, o corpo e movimento expressam o poder que rompe o silêncio incabível em qualquer lugar. Assim, a gira é iniciada em um movimento natural, fluido e dialógico, pautando-se no convite a refletir e partilhar os conhecimentos prévios sobre feminismo em uma perspectiva individual, porém não individualizada dinamizada pela fala-escrita-ação-reflexão.

A mediação das docentes na análise das questões norteadoras fez a gira girar perpassada pelas partilhas conceituais sobre o

feminismo, suas práticas, além dos projetos em andamento e em construção, mobilizando e “atravessando” os corpos. Em uma turma majoritariamente feminina no seu cerne biológico, mas identidades e gêneros acolhidos no cirandar e nas rodas, o lugar de fala e de escuta, as experiências, escrevivências e potências, o tecemos “juntas”, juntos, “jntes” foi crucial para percebermos o rompimento dos ditames científicos modernos forjando outros métodos e práticas outras de pesquisas.

Bell Hooks (2018) afirma que as feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino. Assim como a todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação. De acordo com a autora, os vários feminismos que surgem por diversos cantos do planeta é para enfrentar o sexismo e as opressões contra as mulheres, logo, a percepção sobre o feminismo perpassa pelo entendimento do sexismo, bem como os sistemas de opressão e de discriminação com base no sexo, gênero ou ainda na raça, e agregamos o também a classe social. Assim, faz-se necessária a conscientização ampla e uma mudança constante de opinião no que tange as vertentes feministas, seus pontos de convergências e divergências, pois entendemos que assim o caminhar desta compressão se fará para todos, todas e todos, parafraseando a filósofa e escritora Márcia Tiburi.

Em consonância com Tiburi (2018), o feminismo deve ser avistado como filosofia, como teoria e prática, que deve ser retirado da seara dos assuntos polêmicos e deve ser enfrentado, com urgência, como a potência transformadora que é. O movimento reflexivo no qual feminismo é muito mais do que simplesmente deixar-se levar por um impulso indignado, um modismo atual, ele precisa ser pensado e retirado do plano teórico, transformando-se em ações concretas. Ainda em acordo com Tiburi (2018), o feminismo é garantia de luta por direitos para todas as pessoas. ‘Todas’, que se refere às mulheres, que são as atrizes que dão continuidade à essa luta. ‘Todes’ em relação às pessoas que foram libertas pelo

feminismo e não se identificam nem precisam se identificar com um gênero específico, havendo espaços para o reconhecimento de novas expressões no que tange gênero e sexualidade. E todos, pois o movimento abarcando a ideia de humanidade, diferente da teoria humanista e as ideologias patriarcais que perpetuam, as desigualdades fundamentadas no machismo.

Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar (Adichie, 2015, p.21). Intrínseco ao que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie escreveu em seu livro está o bojo de toda uma discussão que pauta a luta para que mulheres sejam reconhecidas, respeitadas e encaradas para além de um gênero meramente descrito em uma certidão de nascimento, sendo que junto com ele (gênero feminino) provém todos os estereótipos que o mesmo carrega consigo, atributos prescritos por uma sociedade forjada pelo modelo patriarcal de criação das meninas para serem “boas mulheres”, conforme modelo: mulheres precisam aprender a cozinhar, cuidar do lar eximamente, caso escolham uma profissão, que seja uma profissão “para mulheres”, não pode vestir roupas curtas, não pode andar sozinha em determinados lugares, procriar é tida como uma missão predestinada, enfim, a lista do modelo forjado por uma sociedade colonial é extensa, quanto maior a lista, mais evidencia-se o fosso existencial entre a natureza da pessoa humana e o que se propõe que ela atenda conforme a sociedade preconiza, assim perdura um modelo de exclusão e por que não dizer opressão? Sim! Opressão!

Os feminismos que nos atravessam seguem o movimento das rodas-giras e se reconhecem, desconhecem e aprendem em novas gingas, pois a cada encontro, estudo, leitura, inquietação, escrita, relato e discussão, o movimento se faz como caminho de desterritorialização. Assim sendo, Hooks, Chimamanda e Tiburi contribuem significativamente muito para esses movimentos de deslocamentos e desconstruções acerca de interpretações ainda equivocadas sobre os feminismos.

Escrevivências: Tecendo os fios no caminho...

A roda dos não ausentes O nada e o não, ausência alguma, borda em mim o empecilho. Há tempos treino o equilíbrio sobre esse alquebrado corpo, e, se inteira fui, cada pedaço que guardo de mim tem na memória o anelar de outros pedaços. E da história que me resta estilhaçados sons esculpem partes de uma música inteira. Traço então a nossa roda gira-gira em que os de ontem, os de hoje, e os de amanhã se reconhecem nos pedaços uns dos outros. Inteiros (Evaristo, 2017 p.12).

Contar as nossas histórias é potência e potencializa nossas vozes. Chimamanda Ngozi além do convite “*Sejamos Todos Feministas*” a sermos todos feministas também nos alerta sobre “*O perigo da história única*” (2019). Nesta obra evidencia-se que a narrativa única de uma história de um povo o vulnerabiliza e invisibiliza ao ponto de se tornar objeto do discurso de outrem. Dessa forma, a autora elucida que a detenção do poder, seja econômico, político, social ou epistêmico, prepondera quando se dissemina uma só história, essa relação de poder é amplamente demarcada. Logo ao contar-se as histórias do outro elas tornam-se definitivas, eis aí o perigo. Ademais entendemos a importância e a urgência em romper o silenciamento, em escrever, ou melhor escreviver as nossas próprias histórias por hora estilhaçadas, em alusão a Conceição Evaristo, mas por nós revisitada em cada pedaço e memória bordadas em nós.

A academia, a escrita eurocêntrica heteropatriarcal não dizem, eles gritam! Gritam no sentido da imposição, da intolerância. Em contraponto a esse modo de fabricar a escrita a imersão no processo se propõe com grande diferencial. Propostas como a etnografia crítica, elaboração de ateliês pedagógicos e escritas registradas em diários no processo de pesquisa, evidenciam as potências metodológicas da bricolagem e da etno-escrevivência. As escritas de Evaristo evidenciam para o emergencial incômodo quando vozes de mulheres negras, escritas desses mesmos sujeitos dimensionam

e passam a ecoar. No âmbito da produção científica hegemônica, demarcadamente branca e androcêntrica, o caminhar é no sentido de uma virada epistêmica, visto que tal produção emerge uma força ética enlaçada à militância nas escritas e movimentos políticos de mulheres negras.

E quem disse que novos contornos metodológicos não podem emergir das escrevivências e de mulheres pretas potentes e seus corpos territórios em movimento? Se alguém disse, pode “desdizer”, pois eles existem, desde a ancestralidade, resistem e (re)existem. Essa ancestralidade evocada como herança na qual você pode tocar e se aproximar e quando ela te atravessa e faz sentir e faz sentido. O tempo da sequencialidade não dá conta da nossa antologia. E essa tal modernidade que construiu a humanidade e o tempo? E construíram também uma regra que se apresenta metricamente excludente e não nos atravessa e nos mede. A demarcação da ideia de superioridade científica, de medir os crânios, não nos impedem de ser a sobrevida da escravidão. É possível pensar nas possibilidades de perspectivas de novas construções metodológicas caminhando ao lado do afeto e da escrevivência. O sentir é escrever!

Conceição Evaristo afirma que a escrevivência serve também para as pessoas pensarem. Sendo assim as palavras passam a fazer sentido, bem como aqueles que se conectam com a escrita passam a senti-las sendo atravessados também por suas experiências vivas e pulsantes, nas quais o texto escrito ou oral tem papel fundamental no que tange a evolução do indivíduo, bem como o fortalecimento do coletivo.

Nestas escrevivências trago, inicialmente, as memórias que me constituem e remontam o es-corregadio limo-caminho desenhado e desejado para mulheres como eu, através do qual deslizo nas bordas, nas margens, contornando as ásperas rochas do racismo e do sexismo (Souza; Silva; Da Silva, 2020, p. 510).

E assim, lá vamos nós em mais andanças, com movimentos, práticas pedagógicas feministas, chamando e encantando mais gente para girar a roda de onde vivemos com menos machismo, mais vida, música, dança, colorido das flores, mais florestas e rios, mais agroecologia e comida saudável.

Pedagogia da Desobediência: Uma Pedagogia necessária!

Nas nossas rodas de conversas na disciplina Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais às vezes nos deparamos com o medo quando damos uma volta no passado e chegamos no momento atual de nosso país, então tomamos esses medos e estraçalham com os afetos, a certeza do companheirismo. Neste sentido, “brota” um amontoado de relatos de práticas pedagógicas feministas de ações de pessoas engajadas nos movimentos sociais, na educação básica que estão transformando nossas comunidades, escolas e territórios em lugares para convivermos com menos sexismo, menos machismo. *A minha, a nossa prática pedagógica feminista, os feminismos são elementos para construção de espaços para enfrentar os problemas e gerar outro mundo com mais vida e alegrias.*

E no movimento da resistência as lutas das mulheres nos espaços urbanos e rurais não se fazem apartadas das lutas de classe, mas ligadas a elas. Para Paulilo (2016), as trajetórias políticas e afetivas são construções sobre passados, sobre histórias e memórias que visam demandas por reconhecimento de seu trabalho. Das iniciativas que brotam quando as mulheres se movimentam, queremos trazer uma pra quê muita gente conheça. No Território de Identidade Piemonte da Diamantina o Projeto Pró Semiárido desenvolve como uma das atividades de gênero, as Cadernetas Agroecológicas, ação de uma política pública que trilha um caminho metodológico político-pedagógico no andar de mais autonomia e protagonismo da mulher agricultora. Para eu mulher, minha mãe, tias mulheres agricultoras, essas mulheres que já fazem agroecologia, o quintal da minha avó era agroecológico porque era diverso. Os de minhas

tias e da minha mãe são também produtivos e agroecológicos com diversidades de plantas ornamentais, plantas medicinais e frutíferas.

Agroecologia é um trabalho de protagonismo feminino além do saber fazer, gera soberania financeira para as mulheres agricultoras com a produção para o consumo e venda de hortaliças e frutas. É um saber fazer diariamente com anotações na Caderneta Agroecológica, as mulheres narram suas experiências com a agricultura, produz conhecimento com autonomia e prazer. A ternura de cultivar alimentos, remédios, não esconde a mancha dos direitos negados às várias mulheres da classe pobre e trabalhadoras, principalmente às trabalhadoras rurais em nosso país.

Em nosso país, uma grande referência relacionada à agroecologia é a Dra. Ana Maria Primavesi, que escreveu em 1979 o livro “*Manejo Ecológico de Solos*” e, mais tarde, o livro “*Manual do solo vivo*”. Primavesi defende, que não é simplesmente a concentração de nutrientes no solo que determina o desenvolvimento dos cultivos, mas o equilíbrio e a possibilidade de acesso a esses nutrientes pelas raízes (Primavesi, 2006). É importante saber que esses estudos da autora são de um período em que pouco se falava a respeito da preocupação com alternativas aos impactos ambientais e sociais. Primavesi traz uma interpretação integradora das complexas relações entre plantas, solos, clima e manejo, dando importância à observação das características locais e ampliação da biodiversidade. Costa (2008) reforça essa questão:

Até então, o manejo da fertilidade dos solos era abordado de forma reducionista e compartimentada e centrava-se basicamente nas práticas de mobilização intensiva do solo e no emprego de adubos sintéticos com elevada concentração e solubilidade de nutrientes [...] A Dra. Primavesi criticava essa orientação restrita, [...] assinalava os prós e os contras das distintas formas e fontes de nutrientes, sua eficiência e aproveitamento pelas plantas, sua ciclagem no ambiente, seus impac-

tos sobre a biologia do solo. Ao tratar desse assunto, alertava para o fato de que a fertilidade do solo não poderia ser compreendida apenas por suas características químicas, já que é intrinsecamente ligada a fenômenos que também se relacionam às propriedades físicas e biológicas (Costa, 2008, p. 40)

O autor afirma que as contribuições de Primavesi foram muito necessárias para avançar, na atualidade, os debates e movimentos sobre agroecologia no Brasil. A agroecologia surge como uma forma de contestação ao modelo de agricultura industrial, mecanizada e de larga escala surgido nos anos posteriores à II Guerra Mundial, utilizado e intensamente aplicado sob a égide de grandes corporações. Um dos elementos componentes e organizadores do movimento agroecológico no Brasil, inclui-se a ANA (Articulação Nacional de Agroecologia), reconhecida como a principal rede que une os movimentos e organizações sociais que atuam no campo, e os Encontros Nacionais de Agroecologia (ENA), que dão visibilidade às experiências em curso no país (Ferreira, 2015). Para a autora, o movimento agroecológico brasileiro tem base no campo social e científico de disputa na sociedade, em defesa de mudanças estruturais no campo, que sem os históricos movimentos dos camponeses e da agricultura familiar não teria discussão sobre agroecologia no Brasil.

Daniela Auad¹ no conceito de topografias feministas aborda de forma política e comprometida a trajetória das mulheres em suas necessidades de formação, trabalho e convivência, em uma tendência de as mulheres conquistarem ainda mais espaços tanto pelas lutas e organizações, mas também por meio dos espaços da educação formal, um deles é a universidade, hoje no Brasil são maioria as mulheres nas universidades. Os deslocamentos que as mulheres fazem, seja no meio acadêmico, de trabalho, nos movimentos sociais, na arte, nos leva a crer na busca por novos ares.

1 Fala de Daniela Auad na Roda de Conversa on-line em: 17.10.2022.

Na Roda de Conversa com: Marcelo Arouca², Professor e Educador Social, Pedagogo e mestre em Educação e Contemporaneidade (UNEB) e com Thiffany Odara³, pedagoga, Yalorixá e mestranda em Educação e Contemporaneidade(UNEB). Thiffany, nos traz a reflexão que os espaços educacionais não valorizam a diversidade e a pluralidade que existe na sociedade, isso contribui para o aumento secular dos preconceitos e desigualdades sociais. É essa relação quase inseparável entre um sistema social que produz formas de ver e agir no mundo e a característica do colonialismo que a autora propõe uma transvestilização do cis-tema por meio de uma pedagogia da desobediência, uma pedagogia que nasce das entranhas dos movimentos sociais contra as várias formas de preconceito e discriminação.

Além das questões de gênero e sexualidade, Thiffany apresenta através do “balanço ancestral” presente no seu próprio corpo, a negritude e os saberes do terreiro, espaço pedagógico e, ao mesmo tempo, difamado pelo racismo estrutural, a política do enfrentamento e combate aos discursos violentos. Pedagogia de Favela. “Minha identidade é a favela”. A favela tem uma organização própria, só entende a favela quem está nela. Nos territórios de favela existe uma diversidade cultural, identitária e social. A favela não é a casa, a construção. A pedagogia de favela traz as vivências, valoriza o espaço, a cultura, história dos alunos e alunas, constroem conhecimento localizado e situado. Porém, não é o caminho ver a favela por um viés romântico, ah que tudo é lindo, nem tão pouco romantizar a pobreza.

Compreender os sujeitos, de onde vem, os sujeitos da favela são parte da construção de alternativas para os problemas e para as contradições que vêm de fora e de dentro da favela. Chamar para a transgressão necessária, desobedecer e recriar currículos. Todas as instituições têm suas propostas de currículo, a mídia tem, a igreja também tem. Por isso a relação entre pesquisador (a) e partici-

2 Fala de Marcelo Arouca na Roda de Conversa *on-line* em: 21.10.2022.

3 Fala de Thiffany Odara na Roda de Conversa *on-line* em: 24.10.2022.

pantes da pesquisa é coerente que seja construído no coletivo com as comunidades e pessoas do território que está sendo realizada a pesquisa com os objetivos voltados às necessidades da comunidade para depois ser objetivos científicos. Na perspectiva de estudo decolonial apresentamos sensibilidade aos corpos femininos que enfrentam a violência, os que estão nos movimentos sociais. Os objetivos dos cursos e pesquisas das Universidades Públicas têm um papel a desempenhar para descolonizar os corpos e as realidades das pessoas subalternizadas, a construção de conhecimentos é um diálogo e escuta contínua.

Pensar na perspectiva de um mundo multicultural percebe nas diferenças culturais, sociais e econômicas dos povos possibilidades para o conhecimento crítico à visão de mundo eurocêntrica. “Se trata de impulsar activamente procesos de intercambio que, por medio de mediaciones sociales, políticas y comunicativas, permitan construir espacios de encuentro, diálogo, articulación entre seres y saberes, sentidos y prácticas (...)” (Walsh, 2009, p.45) a começar na relação pesquisador(a) não com um objeto, mas sujeito/participante com possibilidade de participação ativa no processo da pesquisa. Não há mais ou menos conhecimento entre pesquisador (a) e pesquisado (a). É uma construção coletiva que todos e todas podem questionar a finalidade de toda pesquisa. Descolonizar o pensamento e as ações humanas isso implica ser integrante na comunidade nesse processo decolonizador o que é também autodecolonização. Por este viés metodológico o que justifica a pesquisa não é a busca por uma resposta, mas a contribuição de forma intercultural na relação pesquisador(a) e participante sobre determinada situação e ou fato a ser investigado.

A esperança de produzir o objeto é tão fundamental ao operário quão indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e oprimidas. Enquanto prática desveladora, gnosiológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas esta a implica (Freire, 2021, p. 45).

A pesquisa como fonte de esperança e não somente como levantamento de dados, a esperança de configurações de sociedades democráticas com a pluralidade de identidades. A produção de conhecimento não é neutra, assim como a ciência não produz verdade universal. As pedagogias feministas apontam caminhos menos hierárquicos entre os saberes das pessoas envolvidas em um processo de pesquisa.

Partindo de uma perspectiva feminista, pensamos interpretações que envolvem a relação com a natureza implica pensar em como as mulheres constroem práticas pedagógicas feministas com a natureza, com a roda de capoeira, no quintal de casa, como interpretam, como vivenciam, como acessam e como cuidam, por exemplo. Questionamentos dessa forma revelam que o que é tido como interpretação única ou hegemônica talvez não o seja para todos os recortes sociais. A nossa sociedade, não basta ser dividida em classes, é também racista, patriarcal e colonial dentre outras situações de injustiças. propomos ouvir outras vozes menos ouvidas como as mulheres rurais, as mulheres da roda de capoeira incorporamos o propósito de produzir algo a favor das mulheres à pesquisa, às escrituras.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

COSTA, Manuel B. Dra. Ana Maria Primavesi: a professora de todos nós. **Agriculturas**, [S.l. v. 5, n. 3, p. 39-40, 2008. Disponível em: <https://aspta.org.br/files/2014>. Acesso em: 10 13 dez. 2022.

DA SILVA, A. L. G.; ABREU, L. O.; DE SOUZA, V. O. Diários de Aula Virtual e a (Auto)Formação na pesquisa em redes colaborativas. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 10, n. 2, p. 110–123, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8717>. Acesso em: 13 dez. 2022.

- EVARISTO, C. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FERREIRA, Ana Paula. **Acercamiento entre las perspectivas feminista y agroecológica potencializando procesos de empoderamiento de las mujeres rurales brasileñas, desde el territorio del Pajeú, Sertão del Pernambuco**. 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- Hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- OLIVEIRA, I. V.; LIMA, J. M. A.; SANTOS, G. L. dos. “Escrevivências” e afectos literários entre universidade e escola. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 17, p. 1–19, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/18362>. Acesso em: 02 13 dez. 2022.
- Movimento de Mulheres Camponesas (MMC Brasil). **Deliberações do MMC Brasil**. Brasília: MMC Brasil, 2004.
- PAULILO, Maria Ignez. **Mulheres rurais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.
- PRIMAVESI, A. Manejo ecológico do solo. 18 ed. São Paulo: Nobel, 2006.
- SOUZA, Vaneza O.; SILVA MIRANDA, Carmelia A.; DA SILVA, Ana L. G. Escrevivências e movimentos (auto)formativos na pesquisa por uma educação antirracista. **REVELL - Revista de Estudos Literários da Uems**. [S. l.], v.1, n. 34, p. 507-533, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4819>. Acesso em: 10 13 dez. 2022.
- TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**/ marcia Tiburi. - 7ª ed.-Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- WALSH, C. **Interculturalidade, Estado, Sociedade: Luchas (De)coloniales de Nuestra Época**. Universidade andina Simón Bolívar: Quito, 2009.

13

**DISCURSIVIDADES FEMINISTAS DECOLONIAIS:
NARRATIVAS COMO POSSIBILIDADE DE
EXPERIÊNCIA E (AUTO)TRANSFORMAÇÃO**

Franciele Reis Messias
Gildeanny Ferreira Oliveira
Kacilda Lino da Silva Guimarães

Este trabalho, que ora se apresenta em primeira pessoa, ora em terceira, se deu a partir de uma atividade em trio proposta no componente curricular optativo “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais” do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade - MPED, na Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Tal componente, de duração semestral, recebeu a cada semana, para o que convencionamos chamar de Roda, duplas de professoras convidadas para discutir sobre suas obras. Concomitante a isso, foi realizado escritas diarizadas sobre as Rodas, o qual passou também por um processo de leitura e comentários realizados por colegas cursistas da turma e do próprio trio de autoras.

O que chamamos de discursividades, vai de encontro à prática do discurso que age sobre e através de quem diz, butleriana, como ferramenta dialógica de dizer a partir de uma performatividade localizada, ainda que não permanentemente fixa. Indo de encontro a isso, a diarização persegue as expertises apreendidas com as que vieram antes, como exercícios que “vivificam experiências que articulam formação, heteroformação e conformação por meio

do compartilhamento de sentidos, de modo horizontalizado, que reverberam no (e para além) do processo de ensino e de aprendizagem” (Silva; Abreu; Souza; 2020, p.111). Sendo assim, a (auto) transformação considera as técnicas de si, na relação consigo e com outras, em uma perspectiva foucautiana de construção.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar os atravessamentos das discursividades feministas decolonias diarizadas como possibilidade de experiência e (auto) transformação. Para tanto, a seguir, serão apresentadas oito seções: “Você é feminista?”: provocações iniciais; “essa é a ginga que quero gingar”; “saindo da minha zona de conforto”; “ninguém é uma folha em branco”; Um novo olhar sobre o se fazer acadêmico; Então, quem pode se aliar aos feminismos negros?; Lesbianizar a academia; e, Conhecendo as Topografias feministas lésbicas.

“Você é feminista?”: provocações iniciais

Era uma linda noite iluminada pela lua em fase crescente, uma segunda-feira, carregada de significantes e significados, abrindo caminho e abundância, quando um grupo composto majoritariamente por mulheres se reunia pela primeira vez, com um objetivo em comum: aprender mais sobre pedagogias feministas e epistemologias decoloniais.

O primeiro encontro, dos que seguiram acontecendo via plataforma *Google Meet* nas segundas a partir das sete horas, iniciara com um lindo acolhimento, poetizado, deu início às atividades propostas no cronograma do componente curricular no ciberespaço com as professoras Dra. Zuleide Paiva Silva e Dra. Ana Lúcia Silva, Dra Amélia Maraux, Dr Joselito Manoel e a monitora Marilene Queiroz.

Formar uma concepção do que é feminismo a partir das compreensões das participantes, não é uma proposta fácil de se fazer, pois podemos dizer que, hoje os feminismos têm um alcance pulverizado em vários sentidos, entretanto, as pistas deixadas como

leituras complementares colaborou para a reflexão que o encontro provocava. No dossiê “Lesbianidade Política na Bahia: que ginga é essa?” a profa (Zul)Eide Paiva da Silva (2018) conta um pouco de sua trajetória do tornar-se feminista, especificamente a partir do lesbosfeminismo, que “dá forma a uma estrutura de identidade coletiva na qual a sapatão - no plural, as sapatonas - pode se reconhecer, dotando a identidade lésbica de uma dimensão política e pública articulada com a luta feminista” (Silva, 2018, p. 96). Eide ressalta que a produção de uma identidade nunca está completa ou acabada, portanto é provisória, estratégica e posicional. Nesse sentido, nos feminismos há uma compreensão de importância e valorização do coletivo, “cada sujeita/o do feminismo é, portanto, nó articulador da rede, teia, malha político-comunicativa que conecta organizações, pessoas, práticas, ideias e discursos” (Silva, 2018, p. 95).

A partir de um olhar interseccional, podemos destacar que os feminismos se (des)articulam a várias teias de poderes, e oferece espaço alternativo e diverso para um mesmo fenômeno, como exemplo, em uma análise interseccional sobre desigualdade social “lança luz sobre os efeitos diferenciais das políticas públicas na produção de desigualdade entre pessoas de cor, mulheres, jovens, residentes de zonas rurais, pessoas sem documentos e pessoas com capacidades diferentes” (Collins; Bilge, 2020, p 40).

Assim, com pistas colhidas e encontro iniciado, demos *start* ao primeiro momento do encontro e as auto apresentações movimentaram a Roda. Uma diversidade de pessoas e lugares, girando espontaneamente em diálogo. Foi nesse momento que começamos a aproximar nossas vidas e experiências. Cerca de 40 pessoas se apresentaram, e nesse espaço menor será apresentado, para você leitora, nós, o trio que aqui escreve colaborativamente esse diário:

Oiê! Meu nome é Franciele Reis Messias - mas prefiro que me chamem de Fran, sou/estou mulher cisgênero, lésbica, mestiça, pedagoga, psicóloga, nascida no interior capixaba. Atuei por doze anos em escolas de Educação Básica pública na minha cidade natal,

o qual passava mais tempo nesse espaço do que em minha própria casa. Portanto o interesse pela temática do componente me atravessa, faz parte da minha existência. Atualmente, vivo em território baiano - cada dia mais encantada. A Bahia acolheu o meu projeto de pesquisa e de vida. Minha chegada à Bahia no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade PPGED/UNEB, se deu durante a pandemia, momento sem dúvida trágico, mas que possibilitou caminho e tempo para essa entrada, que com muita alegria permaneço.

Olá! Eu sou Kacilda Lino da Silva Guimarães. Sou natural de Jaguarari- Ba. Filha de Plínio Lino (Lavrador- machista) e de Paulina Lino (Professora - submissa). Sou graduada em Letras-Português e História. Pós-graduada em Metodologia em Língua Portuguesa e Estrangeira e em Gestão. Influenciada por minha mãe tomei gosto por descobrir o novo através dos livros. Mesmo quando estudante do Ensino Fundamental eu já verbalizava que seria graduada. Quando de fato me tornei, sabia que queria ir mais além, me especializei e hoje tenho plena consciência que vou chegar ainda mais adiante. Não tenho nada escrito ainda, mas para já ir tomando gosto e descobrindo o que quero de verdade me inscrevi como aluna especial em gestão “semestre passado” e agora estou como aluna especial com essa disciplina. Cheguei até o MPED através de amigos que têm o objetivo comum de um dia também ser mestrandas/os.

Gildeanny Oliveira- Pedagoga com Pós-Graduação em Educação Especial Inclusiva. Duda. Sou de Morro do Chapéu, filha de uma mulher forte, guerreira e professora que é minha referência do que é ser “mulher-macho” sim, senhor para a vida e todos os desafios nas conquistas e labutas. Trabalho como Técnica em Educação Especial no CETEP- Chapada Diamantina II, cujo o espaço de trabalho foi motivador para meu tema de pesquisa com foco nas necessidades e importância da formação continuada para o fazer inclusivo. Atuo ainda na rede municipal de ensino de Morro do Chapéu e costumo ser formadora em cidades vizinhas e escolas particulares da minha cidade. Fui aluna especial MPED na disciplina de Gestão Educacional e Cultura Escolar e tenho buscado me preparar para aluna regular

do mestrado. Percebo a oportunidade de fazer parte destas rodas dialógicas, como crescimento e aprendizado, chance de ouvir, olhar e desenvolver sentidos que somente o conhecimento pode possibilitar.

Como se pode perceber, esse trio de baianas, seja natural ou não, é um trio plural com alguns nós que nos aproximam. Assim como nós, pessoas de vários Estados do Brasil, de vários programas de pós-graduação, de várias vivências e interesse na temática para pesquisa e formação se conectaram ao movimento. Ao expormos resumidamente nossas autoapresentações, foi perceptível a alegria e expectativa em participar de um momento de pensar junto sobre uma temática que nos atravessa existencialmente e tão implicadamente. Ao término das autoapresentações, migramos para a plataforma *ClassRoom* pois lá foram feitas perguntas disparadoras para refletirmos o como compreendemos algumas questões importantes para o componente, como:

- O que você compreende por feminismo? Você é feminista?
- Qual a importância do feminismo para sua atuação profissional e por quê?
- Qual a importância de práticas pedagógicas feministas e por quê?

Evidentemente, responder se você é algo ou alguma coisa, é uma tarefa se não difícil, tanto quanto cheia de responsabilidades. Dessa forma, antes de dizer se “é” ou não feminista em uma reunião sobre essa temática, percebeu que as discussões foram criando ambiências mais evidentes nas demais questões.

A partir das provocações feitas, algumas pessoas sentiram-se à vontade para expor suas perspectivas sobre o feminismo. As falas das participantes coadunavam a um comum sentido em seus apontamentos, que ser feminista é um processo de aprendizado, e que por distintas razões mulheres tornam-se feminista. A busca por direitos de igualdade era apontada como *insight*, após percepção e de experiências de diferença: distinção, exclusão ou restrição por ser mulher.

“MAS O QUE É MESMO SER MULHER?” - A profa. Eide provocou. Foi discutido sobre a pluralidade do que é ser mulher, que não há uma forma, um modelo, do que é, e não é, ser mulher, da mesma forma que não há apenas uma maneira de ser homem, ou ser outro gênero. Isso trouxe a possibilidade de pensar as relações de poderes que influenciam as referências que moldam o imaginário de corpo, sexo, sexualidade e comportamento. Particularmente, isso remeteu a pensar sobre os estudos *queer* a partir de Judith Butler (2017) que ao refletir sobre essas concepções diz “o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (Butler, 2017, p. 33).

As violências de gênero foram assunto da Roda, se articulando aos estudos feministas no que tange ao enfrentamento e libertação dos padrões patriarcais, desconstrução de sistemas de poder, como dos colonizadores: regimes sexista, machista, de heterossexualidade compulsória e racista. Os diversos recortes de análise foram percebidos nas falas. No gingar da Roda, temáticas identitárias como raça, gênero, sexualidade, etaridade, classe, deficiências e territorialidade foram acionadas.

Lente feminista, olhar localizado, letramento de gênero... foram algumas expressões utilizadas como possibilidade, um esperançar, que os estudos feministas oferece como potência a partir das práticas pedagógicas e atuação profissionais, o uso do conhecimento adquirido por meio da prática para orientar ações subseqüentes na vida cotidiana.

Ô querida leitora, a pergunta polemica “você é feminista?”, de certa forma é complexa de responder, o que é possível dizer até aqui é que, se alguma participante ainda não se sentia encorajada a responder essa pergunta o fato de estar nessa discussão pode evidenciar que há um desejo, se não necessidade, de ampliar e fortalecer o repertório sobre esse movimento, um devir. Quem sabe no final desse diário seja possível uma resposta coletiva. O momento foi

muito elogiado, tanto as professoras, quanto as alunas do programa e as pessoas ouvintes que participaram. Fechamos a noite, sem parar a roda, finalizando com as professoras, Eide e Ana, enchendo nossos olhos com a proposta de atividades por vir.

Fran: “essa é a ginga que quero gingar”

... assumindo a ginga como um movimento que se atualiza na sua própria recursividade, reconhecemos o pensamento lésbico como ginga que ensina outras formas de produzir conhecimento, de ecoar outras vozes, visibilizando e potencializando outros corpos, outra ciência (Silva; Araujo, 2021, p.11).

“Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica” é o título do Dossiê escrito pelas Dra. Zuleide Paiva da Silva e Rosangela Janja Costa Araujo que abriu a Roda para a discussão da sétima aula do componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais” para falarmos sobre epistemologias lésbicas. Foi um encontro entre as ex-orientadora e orientanda, Janja e Eide, respectivamente. O passado e presente se intercruzando, conforme as lembranças desse bonito movimento de *continuum* lésbico, experiências vinham à tona como um filme oral desencadeando imagens para nós que presenciamos os seus brilhos nos olhares e vozes contentes. A ginga, que orgulhosamente Eide dissera ter aprendido com a mestre de capoeira Janja, sem dúvida foi um jogo que aprendeu muito bem, o qual segue sua história acadêmica gingando contra a misoginia (ódio das mulheres), lesbofobia (ódio das lésbicas), racismo (ódio das pretas) e tantas outras violências que minorias estão expostas a enfrentar na academia e vida cotidiana.

A ginga, inspirada na Capoeira de Angola através de mestre Janja, ganha no texto significados epistemológico: a ginga, ou o gingar, se constitui numa metalinguagem dotada de recursividade

e deslocamentos; a ginga lésbica por visibilidade e reconhecimento; e, a ginga discursiva contra o patriarcado e todas as formas de exploração e subordinação que direciona as mulheres e as lésbicas. Gingar contra a hegemonia de uma sociedade que valoriza o homem cis branco hetero no topo das relações de poderes, vem sendo um grande desafio, desde a modernidade aos tempos contemporâneos, ao que tange a evidência de outros corpos e experiências como referência de conhecimento acadêmico.

Nesse jogo, Eide não brinca. O texto, apresenta fios teóricos das correntes políticas do pensamento lésbico tecido aos feminismos: Lesbofeminismo Cultural, Lesbofeminismo radical, Lesbofeminismo separatista, Lesbofeminismo interseccional e Lesbitransinterfeminismo. Além de vários movimentos sociais e correntes do feminismo pelo mundo, como o belissimos encontro, luta e festa d"O Venir al Sur", com plurais formas de ser lésbica como as "lésbicas trans feministas de 'pau e peito', 'sem peito, sem pau'(...)" (Silva; Araujo, 2021, p. 9), que eu tive a experiência de participar com ela em 2022.

Em nosso grupo no *WhatsApp*, nós, o trio que aqui lhe escreve, apertava nós, laços e desapertava enrolos. Em uma visão nada recatada e do lar, concluímos: Estamos de ressaca!

- Como se sentiram na aula hoje?? (Duda)
- Movimentada. (Kacilda)
- Desculpa o desabafo, o tema é de meu interesse e acredito que deveria ser pauta de todo ser humano. Falar de corpos, de lutas de sentimentos, falar de vida e seus enfrentamentos... (Duda)
- Tenho tido grandes ressacas pós aulas de segunda. (Fran)

Ressaca - Há quem diga que tenha relação ao exagero, e talvez tenha, mas penso que o exagero tenha relação a delícia do inusitado ao que tanto outrora quisera ouvir e não fora feito. Já senti ressaca de amor, que passei o dia rindo à toa ao lembrar de bons momentos

de aconchego e falas da preta que amo. Já senti ressaca de afronta: “era pra eu ter falado tal coisa pra’quele fulano quando fez tal coisa”. Já tive ressaca de uma longa caminhada, o corpo se fortalece ao mesmo tempo que apresenta dor. E o que entendemos por ressaca aqui, talvez tenha uma ligeira relação com amor, afronta e dor.

Ver Eide abrindo a aula com uma energia contagiante ao encontrar com a companheira Janja, me fez lembrar de momentos outros, doloridos e de pausas, no processo de escrita. Talvez nosso trio se encontre em uma encruzilhada à frente, contando com amor e dor as gingas que encontramos no caminho e enfrentamos.

Venho aprendendo a gingar com Eide a quase dois anos, em processo continuum. E nesse constante tornar-se apta a gingar, muitas vezes ao se colocar com pouca experiência na ginga sou golpeada, acolhida pela Roda para recuperar o fôlego, enquanto a mais velha se põe à frente para gingar e enfrentar as diversidades, recuperada volto-me a colocar na Roda. Uma troca. A ginga se aprende em pares, em movimento, em roda. Talvez sintetizar o encontro ao termo ressaca, seja esse longo exercício de aprender a gingar, se esticar, se colocar e voltar para a Roda, não à toa o sentimento era “movimentada”.

Janja, no encontro apresenta sua pesquisa com mulheres de capoeira, nela, evidencia mulheres que a tempos vem gingando na vida enfrentando a misoginia, lesbofobia, racismo e tantas outras violências. O gingar epistemológico a partir de um olhar feminista decolonial. Eide visibiliza os movimentos lesbosfeministas na Bahia, e a luta de várias personalidades lésbicas que outrora foram invisibilizadas pelas violências.

Sem dúvida essa ginga eu quero jogar.

Duda: “saindo da minha zona de conforto”

A ginga continuou com o olhar sensível e forte sobre as concepções de feminismo. Não vou mentir que muitas vezes fiquei confusa,

talvez tenha a ver totalmente com minha imaturidade sobre a temática, sobre as leituras que foram feitas não da forma que deveria. Ando muito sobrecarregada, vivo e sobrevivo nessa sociedade que nos vê como a super-heroína e esses estudos tem me feito refletir sobre o que eu sou, e o que desejam que eu seja.

Quando digo que esse componente chegou gingando não só o corpo, me refiro a uma sensação de sair da zona de conforto. Já havia lido Chimamanda Ngozi Adichie, leituras deliciosas como no livro “*Hibisco Roxo*” o qual já me fez refletir sobre a mulher e seu contexto, tinha lido também *Como educar crianças feministas*, e acabei iniciando a leitura de *Sejamos todos feministas* para essa gira. É óbvio que é uma leitura necessária, é rever e se enxergar em cada palavra colocada e refletir sobre esse “ser mulher” que enfrenta tantas questões e como a sociedade nos coloca.

Chimamanda (2014, p. 42) diz: “Não é fácil conversar sobre a questão de gênero. As pessoas se sentem desconfortáveis, às vezes até irritadas. Nem homens nem mulheres gostam de falar sobre esse assunto, contornam rapidamente o problema. Porque a ideia de mudar o status quo é sempre penosa”. Para meu coração se tranquilizar refletir sobre esta afirmação, questão que me trouxe um certo acalento, digo que me fez refletir que preciso amadurecer e repensar sobre o que eu acreditava sobre definição de ser feminista.

Adentrar aos estudos a um tema tão amplo é permitir-se despir de falsas segurança é mexer com desconfortos ignorados e possibilitar crescer e rever-se como mulher que necessita amadurecer, seguir e aprender o tempo todo. Assim foi e tem sido os primeiros passos nas escritas e na disciplina tão útil para a vida e para as lutas atuais e futuras. Vejo essa chance de aprofundamento como um renascer simbólico, acredito como um encontrar com a minha verdade (sou mulher e tenho muito a conquistar).

Neste meio tempo entre uma ginga e outra tive a chance de viajar, e como sempre a viagem também permite recarregar e retornar aquilo que no dia da aula me deixou inquieta. Ir a um lugar maior,

para quem mora no interior, é ter a chance de ir sentir os cheiros dos livros e escolher os títulos que ficam guardados na listinha que não para de crescer. Óbvio que comprei alguns títulos indicados nas últimas gingas e quero deixar aqui registrado como um sentimento tão gostoso de liberdade (leitura+estudo+feminismo).

Figura 1 - Livros sobre feminismos



Fonte: Arquivo pessoal

Durante a ginga é como se as autoras citadas fossem diretamente na alma e no coração. O que é ser feminista? Como tornar-se feminista? Quais são os atravessamentos da errada ideia sobre o feminismo? São tantos questionamentos que as respostas ficam sendo construídas e “des-construídas” continuamente.

A Professora Eide Paiva traz as colocações de Marcia Tiburi (2018) e o quanto suas contribuições no livro *Feminismo em comum para todas, todes e todos* são importantes neste fazer caminhar e transformar-se feminista. Segundo Tiburi (2018) ser feminista é ter direito de ser quem se é. Para ela o feminismo é ainda mais do que elucidação, crítica e luta. É também a conquista do direito de ser quem se é. Uma conquista comemorada a cada dia por quem se sente comprometido, em sua vida, com aqueles que não-puderam-ser-aquilo-que-poderia-ter-sido em função de preconceitos de gênero e sexualidade, de raça e classe. Todo esse contexto me faz

lembrar de uma música que faz parte da minha *playlist* e amo curtir da banda Francisco el Hombre e tem tradução de várias artistas, que diz assim:

*Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
Triste, louca ou má*
(Francisco, el Hombre, 2016)

Todo o livro de Tiburi (2018) é forte em sua mensagem, esse capítulo me deixou mais ativa na leitura pois, nos mostra o quanto falácias sobre o feminismo são colocadas em jogo de modo a confundir e manter a forte ideia do patriarcado vingando e fazendo os desajustes sociais que vemos e vivenciamos. Para a autora, “o feminismo tem papel importante, o de preocupar com as palavras por meio das quais as pessoas sempre foram controladas, cercadas e dominadas” (Tiburi, 2018, p.75).

É a oportunidade minha de entender a real importância sobre o corpo mulher enxergar-se como feminista, somos tão lapidadas e mutiladas no sentido mais doída da palavra que hoje uma grande parcela vivencia uma liberdade fantasiosa, aqui não me refiro a espaço geográfico apenas, mas sim de pensamentos, de oportunidades, de vivências e de conquistas. Até onde sou o que realmente desejo?

Tão interessante como fundamental é compreender o que é ser feminista, está completamente ligada a uma condição inerentes ao “ser humano”, o que me faz enquanto vivente deste planeta/sociedade que sempre busca, coagir e calar a tantos. É um convite a mergulhar sobre questões da opressão, da humilhação e das desigualdades. É permitir compreendermos enquanto indivíduos

pensantes capazes de lutar e contribuir com lutas para todos, todas e todes.

É fato que a cada leitura é um novo aprendizado e novo processo de maturação, ser ou tornar-se feminista é enfrentar até suas limitações, é atravessar e andar por caminhos que muitas vezes não temos oportunidade de andar, seja por falta de chances ou por falta de coragem. É encorajar-se a cada dia, e reconhecer-se.

Kacilda: “ninguém é uma folha em branco”

A aula já em seu convite nos fez gingar na expectativa da presença de Laís Abreu (Mestre em Educação e Diversidade MPED – UNEB). E de fato entramos na Roda, gingamos, comentamos, trocamos ideias, dialogamos, retalhamos, interagimos com o texto de Laís Abreu e o mais incrível socializamos com a própria. Fomos mediadas/os nessa conversa por nossas docentes: Eide Paiva e Ana Lúcia.

Refletimos questões do tipo:

- Características das práticas pedagógicas feministas;
- Diferenças entre as práticas pedagógicas?
- Se produzirmos prática pedagógicas feministas

E continuando no gira gira da Roda, pontuamos alguns estigmas/práticas sociais, políticas públicas, questionamos uma reflexão – ação – reflexão referente às práticas pedagógicas e suas intencionalidades. E como todo o texto de Laís, um parágrafo foi muito comentado e gerou muitas falas. Foi ele: “As pedagogias feministas são caminhos em construção que vão se constituindo em meio aos paradigmas socioculturais que fazem rizoma no desenvolvimento das sociedades e vão exigindo tomadas de consciência e intervenções” (Abreu, 2020, p. 200).

E assim fomos dialogando o quanto ainda estamos nos construindo enquanto mulheres e pensadoras feministas, quais para-

digmas ainda teremos que enfrentar para de fato nos percebermos enquanto sociedade consciente de como criar nossas/os filhas/os e preparar o mundo para pessoas humanas mais justas.

Com limites para meninas por “ser menina”, estamos ainda criando nossas crianças em uma redoma que muitas vezes falar sobre menino x meninas é aterrorizante; explicar sexo, corpo feminino, corpo masculino, desejos, passividades, agressões, submissão é pecado. Como diz Laís é preciso questionar e mudar as formas de educar meninos e meninas na sociedade (Abreu, 2020).

A partir do texto de Laís Abreu, e todas as outras referências, refletimos sobre sexismo, racismo, etnocentrismo, colonialismo, patriarcado, machismo, homossexualidade, desigualdade e igualdades de direitos. Diante das riquezas dos textos, foram trazidos para Roda vários relatos vividos por diversos corpos que em suas trajetórias de vidas enfrentaram desafios por serem/ quererem ser isto ou aquilo, desejando serem felizes em um processo político – educativo em que ninguém é uma folha em branco. Todos temos experiências, vivências, desejos, muito a somar para com nós mesmas e com o outro.

Duda: Um novo olhar sobre o se fazer acadêmico

Recebendo mulheres que trazem consigo um legado de contribuições sobre a pesquisa e seu olhar feminino, a gira do dia 26 de setembro iniciou como a participação de Vaneza¹ falando sobre suas escritas acadêmicas e seu caminho sobre as escritas, sobre o coletivo de mulheres Mãe Marieta.

Pelas relações que se estabelecem no caminhar, a música inicial falava de ser povoada pelas diferentes vidas que atravessam a vida de muitas. Vaneza demonstrou sua história e como as escritas perpassam sua vida desde a sua infância.

1 Depoimento da Profa Ma Vaneza O. Souza durante Roda de Conversa *on-line* em 26 de setembro de 2022

Trouxe uma reflexão sobre o papel da escrita na escola como cobrança apenas acadêmica e quais as relações podem se estabelecer para além do que é normatizado e estudado. Qual o olhar que o processo de ensino hoje deve garantir? Como fazer e caminhar no fazer atividades e contextos acadêmicos e estabelecer uma relação direta com o seu fazer de vida. “Por que não permitir o seu fazer acadêmico de estudo no texto? Por que não apresentar você enquanto verdades e concepções nas suas escritas?”

Pensar em pesquisa e em colaboradoras foram pontos de partida para a construção colaboradora de vivências, pesquisas e aprendizagens. Etnografia crítica de modo a ouvir o outro e provocar e ouvir os professores em uma troca constante. Relatar sobre processos de intervenções que permitem criar e escrever suas próprias conquistas e aprendizagens. Surgindo o diário de bordo possibilitando o escrever na sua integralidade. Como se davam as produções e sobre as questões de gêneros, de etnia e feminismo na prática.

Escrevivências é falar sobre experimentações de escritas como forma de processo e formação de trabalhos e da própria vida. Trata-se de uma prática de escrita que se vai caminhando, construindo e produzindo diante do que se vivencia e sente.

Quais são as potencialidades das escrevivências? ESCREVI-VÊNCIAS está relacionada a uma ancestralidade que senta à mesa na luta e permanece como herança contínua de mudanças de olhares e práticas. Epistemologicamente ligada a um significado de luta. É uma ancestral que permanece em movimento, por ele e para ele e para os outros, e sim também poderemos dizer com os outros.

Por que devemos ir além das escritas afastadas do corpo? Escrever deve ser uma extensão do seu olhar e crenças com fundamentação e crescimento. É uma escrita de pertencimento que proporciona uma aproximação com a vida e suas buscas. O belo nas escritas pautadas nas escrevivências se dá no belo

atingível e possível de ser idealizado e realizado e segundo que foi posto a partir de dentro do ser. Dar-se como: “ um ritual de escrita composta de múltiplos gestos ...”, não me recordo quem fez esta colocação.

A ginga girou, esquentou e discutiu a escrevivência como conceito que toma espaço e ganha corpo à medida que se é, que se conecta, que se aprende, que se reinventa, que chega a rasgar-se e a costura-se com uma nova perspectiva de aprender e ensinar. O corpo como o próprio texto, como lugar de ensinar e de aprender (corpo território). Como no momento da escrita se esquivar de nossa própria história e do nosso próprio aprender? É o estudar sobre o coletivo, sobre as raízes e saberes que não pode e não deve ser desconsiderado enquanto aprendizado.

O que isso significa do ponto de vista metodológico um novo olhar sobre o se fazer estudo e academia. Como o radicalismo dos pensamentos em muitos momentos é de grande importância, de modo a garantir a resistência e sobrevivência de grupos, levantando em questões o olhar e as colocações sobre a gravidade de replicações de ideias estereotipadas e o quanto isso pode se perpetuar.

Esse encontro foi um dos lindos aprendizados onde finalmente compreendi como a escrevivências de Conceição Evaristo impacta, entendi por que é uma escrita repleta de lutas. óbvio que não poderia deixar de registrar que esses momentos foram contribuídos com a presença potente de Iris Verena Oliveira e Vanessa Iraguara, mulheres que colocaram com tanta segurança as lutas presentes nas escrevivência das mulheres negras e que devem ser reconhecida. Escrever é resistir, é lutar e permitir que reconheçam através das escritas as lutas, os amores, as conquistas e a fortaleza em ser mulher e negra neste sistema hipócrita e injusto.

Fran: Então, quem pode se aliançar aos feminismos negros?

Fomos honradas com a participação das autoras Ângela Figueireiro e Amanda Santos. Respectivamente, as convidadas foram chamadas a gingar, após o acolhimento das professoras Dra Eide Paiva e Ana Santos.

Dra. Ângela entra na Roda em discursividade a partir de seu texto “Carta de uma ex-mulata à Judith Butler” (2015), o qual relata sua experiência de deslocamento de percepção de si, de mulata para negra, em relação às concepções de raça na temporalidade e aprofundamento de seus estudos. Na carta, Ângela abre um diálogo com a autora, filósofa feminista estadunidense, Judith Butler a partir da leitura do livro “Problemas de gênero” (2017), o qual parabeniza a escrita e apresenta seu sentimento de falta no que diz respeito ao recorte de raça, defendendo que no Brasil essa questão é estrutural. Em sua fala no encontro, Ângela explana sobre sua pesquisa de doutoramento com temática, topografias feministas. A autora aponta avanços na academia e produção do conhecimento a partir dos estudos decolônias e feminismos nas pesquisas, a sistematização de métodos coletivos de “pesquisar com” permitindo a inserção de outras formas de pesquisar e se comunicar a partir de uma nova linguagem. Ressaltou que o conhecimento precisa ser acessível a todos.

Amanda Santos, aluna egressa do MPED, entrou na Roda vestida de branco e com ajá, abrindo caminhos com lindas canções. A autora do texto “Ebó pedagógico” (2019) iniciou a fala contando um pouco de sua trajetória enquanto dava pistas de sua metodologia de escrita. O corpo foi um conceito explorado por Amanda: o corpo afetado pela fome, violência psicológica, familiar e patriarcal. Relatou vivências no chão da escola relacionado raça, sexualidade e gênero a partir de um olhar antirracista e feminista. Apontou que a promoção de educação libertadora perpassa ao corpo engajado.

Em um momento caloroso de pensamentos, Ângela e Amanda firmaram um diálogo a partir da provocação de quem? Eide!: como vocês entendem as alianças com pessoas brancas nos pensamentos de mulheres negras?

Mulher! Ângela me pegou aí. Enquanto Amanda defendia que a utilização de ferramentas e metodologias criadas para/com pessoas de cor, como interseccionalidade e escrevivências, somente por pessoas de cor preta, bem como criticou a utilização de autoras/es brancas nas pesquisas de pessoas pretas, citou Donna Haraway. Ângela por outro lado, defendeu a importância das alianças e enfatizou “não é uma questão de cor” no Brasil há uma miscigenação em que pessoas com pele branca pode ter mãe, pai, irmãs/os, filhas/os pretas/os e toda uma história “atravessada” (não gosto muito de usar esse termo - brincou) pela cultura do racismo.

Ouvir Ângela me trouxe acalento, beleza e, sobretudo, alívio. Pareceu-me fazer sentido uma aliança possível aos estudos sobre diferenças e identidade negra. Coaduno a perspectiva de Ângela, a partir de estudos em Butler (2017), que além de reconhecer os estudos feito por mulheres, mas não deixa de reconhecer os estudos que vieram antes e as contribuições históricas desses estudos, apresentando criticamente os limites de suas escritas, como caminho para chegarmos a reflexões que temos hoje. Como exemplo a história feminista que inicialmente privilegiou um recorte específico, mas que abriu possibilidades para a potência que se tornou.

A Roda girou, profa Amélia Marau compartilhou reflexões sobre a importância da inserção das leis de cotas raciais nas universidades, pois possibilitou a democratização que pessoas pretas, indígenas, trans e quilombola acessa e rasura as metodologias clássicas na academia. Isso abriu espaço para que as convidadas compartilhassem suas percepções sobre o impacto das mulheres negras nas universidades, a desconstrução dos estudos eurocentrado, e uma educação pluriversal.

A profa Ana fez o agradecimento às convidadas, que oxigenaram nossa noite. Profa Eide também expressou seu agradecimento, comentando que a afetividade é uma tecnologia que lhe é muito cara.

Kacilda: Lesbianizar a academia

Na aula do componente curricular: Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais, seguimos dialogando sobre os corpos lésbicos, as dificuldades para uma auto identificação lésbica, afetamentos, lutas femininas, contradições na vida das lésbicas nas profissões - em especial na educação. “Lesbianizando os pensamentos” com as convidadas: Dayana Brunetto, Profa. da Universidade Federal do Paraná com pós-doutorado em Educação (PPGE-UFPR). Coordenadora do NGDS-SIPAD-UFPR. Ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e pesquisadora na Rede LésBi Brasil; e Mariana Rodrigues, Doutoranda na Ohio State University no departamento de estudos de gênero e sexualidade. Coordenadora Nacional do LesboCenso e integrante da Liga Brasileira de Lésbicas, RedeLesbi e Coalizão LGBTQI+.

E para quem não faz parte, dá a entender que o mundo letrado, universitário, dos acadêmicos, pensadores, estudiosos é um mundo mais glamoroso, sem homofobias, transfobias, lesbofobia, violência. Mas, descobrimos que não é bem assim, descobrimos que até nesse meio tão rico de informações existe o preconceito para com um pré-nome de autoras em suas bibliografias, existe um racismo linguístico, o português em regra é masculino.

Descobrimos, talvez confirmamos, na Roda de Conversa, que enquanto seres humanos conscientes da necessidade uns dos outros precisamos dar um basta a evasão/ abandono escolar, que de uma forma ou de outra é uma expulsão de gêneros, raças. Precisamos acabar com o preconceito geracional, nos unirmos, nos fortalecermos, termos afeto uns para os outros e tornarmos visíveis os anulados, os menos favorecidos, os tidos como diferentes, que de diferentes não tem nada e pelo contrário as diferenças é o que nos complementa e nos torna de fato seres humanos.

Foi uma conversa tão formativa que foram várias perguntas, muitas informações e troca de experiências. Ficamos muito bem informados sobre o 1º LesboCenso do DF e descobrimos que a partir desse foi criado o LesboCenso nacional onde o participante responde a uma pesquisa inédita para mapear o perfil sociodemográfico e as vivências das lésbicas e sapatão).

Assim, com muitas descobertas, fomos nos achegando para a gira, para o samba. Fomos gingando com as vibrações positivas do nosso encontro, começamos a ouvir; e falamos com todos, todas, todes; colaborativamente, produtivamente fomos descobrindo sobre a Liga Brasileira de Lésbicas (LBL). Descobrimos em risos que SAPATÃO NÃO É BAGUNÇA e com muita tristeza que 8 em cada 10 mulheres lésbicas já sofreram lesbofobia.

Duda: Conhecendo as Topografias feministas lésbicas

Vindo com uma proposta sobre o olhar do lesbianismo e as escritas acadêmicas, a Roda chegou chegando com a grandiosa e generosa presença da Professora Daniela Auad (2021), que expôs sobre sua história e marcos escritos que a tornaram o ser forte que é. Após leituras feitas antecipadamente sobre a abordagem da Roda da noite buscou realizar um análise partindo do lugar da pesquisa e do estudo dos corpos e das questões do gênero das mulheres lésbicas e bissexuais, seja como trabalhadoras, professoras, inspetoras, faxineiras e educadoras sociais, seja como estudantes, em suas narrativas acerca de sua formação.

Se eu pudesse colocar uma definição mais precisa seria o termo citado pela professora Auad, justiça acadêmica, afinal mais que saber onde estão essas pessoas foi colocado como se da fala destes corpos em seus contextos de estudos e de trabalhos?

Na verdade não sei se estou me fazendo entender, se estou processando as informações, mas trata-se de uma abordagem que deseja mostrar para o mundo acadêmico a existência e resistências

dessas vozes de mulheres lésbicas que permeia o mundo acadêmico e que costuma ser ignoradas ou pouco reconhecidas como corpo, voz, pensamento e ação constante nas universidades.

O interessante nessa gíngua, foi a confirmação que fica tão evidente sobre a segregação a exclusão das mulheres lésbicas que produzem conhecimento e transforma suas dores em lutas e busca por espaços que possam ser elas mesmas. O memorial da professora Daniela Auad é um exemplo de colocações sobre esse caminhar entre a escrita acadêmica e suas vivências. São relatos de dores, de assédios, desconfianças que são realizados e por outros que se julgam superiores e capazes de julgar e sentenciar as pessoas pelo simples fato de serem quem são. No início do texto me deparo com a seguinte colocação:

“...além de contar das dadas condições sociais de produção, não apenas do presente documento ou da última década, mas de mim mesma, também, e justamente por isso, cumpre a função de evitar que as páginas a seguir sejam alinhavadas por tudo quanto me causou dissabor, com variados episódios de violência institucional, ora com o recorte da lesbofobia; ora com a feição do bairrismo provinciano; ora com o comum, mas jamais normal, machismo e até misoginia; ora com aparente mero descuido, que redundava em desrespeito e visível ausência de socialização acadêmica básica, até mesmo entre os ditos pares” (Auad, 2021, p.6).

Trecho que traz consigo a luta em se fazer ser ouvida e vista. A topografia feminista apresentadas no decorrer das discursões que mostra a necessidade de reconhecer o feminismo sobre um outro olhar que permite a lesbianidade em sua amplitude, como ação política e de resistência, sobretudo no meio acadêmico que busca ditar regras rígidas e quer desconsiderar sujeitos/sujeitas produtoras de conhecimento e informações.

No artigo, Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação, a professora Daniela Auad cita como as memórias e as pesquisas sobre a matemática da lesbianidade atravessaram e atravessam o fazer acadêmico, situação que ela define como: a memória como mapa afetivo e epistemológico. É um enfrentamento constante em que escrever, estudar, avaliar e monitorar o que concerne a lesbianidade passam a tomar uma dimensão que precisa ser “cartografada” (será que existe este termo??), e aqui nas minhas escritas me sinto motivada a enfrentar meus medos e dificuldades que diante de tantos relatos e mulheres corajosas, tornam-se pequenos.

Vou seguindo aqui as escritas a passos curtos, como um pouco de dores não física, mas de alma por acreditar que ainda tenho muito a aprender. O que isso significa em meu fio de memória? Que essas escritas são um tapa na cara da sociedade que busca rotular e não reconhecer as capacidades das mulheres lésbicas.

É a busca por não silenciar conhecimentos acadêmicos que não podem ser deslegitimados e desconsiderados, pois através deles podem e devem surgir novas vozes, ideias, estudos e lutas sobre a inclusão da diversidade e dos diferentes corpos/mulheres lésbicas.

Referências

ABREU, L. O. **Pedagogia feminista no território escolar**: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil. Bahia. 2020. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/items/0becce72-019e-44a7-880a-ee6d62f7b480> Acesso: Set. de 2022.

ADICHIE, C. N. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AUAD, D. Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 29, n. 3, e82528, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82528/47875>. Acesso em: Ago. de 2022.

AUAD, D.; LAHNI, C. R. Topografias Feministas: uma teoria das mulheres em movimento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, p. 1-6, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82526> Acesso: Out. de 2022.

BUTLER, J. P.; **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. [Título original: Intersectionality].

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina .

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. **Periódicus**, Salvador, n. 1, v. 3, p. 152-169, mai./out. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i3.14261> Acesso: Nov. 2022

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102> Acesso: Nov. 2022

HOMBRE, Francisco El. Triste, Louca ou Má. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBN0E> . Acesso em: nov. 2023.

SANTOS, A. O.; Educação antirracista e feminista: narrativas de estudantes negras em Mirangaba-Ba. p. 97-110. SANTOS, A. O.; **Ebó pedagógico**. Bahia. 2019. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/1846> Acesso em: Nov. 2023.

SILVA, A. L. G. D.; ABREU, L. O.; SOUZA, V. O. D. Diários de aula virtual e a (auto) formação na pesquisa em redes colaborativas. **Interfaces Científicas – Educação**. Aracaju, v.10, n. 2, p. 110 – 123, 2020. [Número Temático]. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8717> Acesso em: Ago. de 2022.

SILVA, Z. P. Lesbianidade Política na Bahia: que ginga é essa? **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 91–116, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/25504>. Acesso em: Out. de 2022.

SILVA, Z. P.; ARAUJO, R. J. C. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 29, n. 3, e82446, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82446/47871>. Acesso em: Nov. de 2022.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.

14

PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS: REGISTROS DE REFLEXÕES E REBULIÇOS

Cleber Lúcio Sousa Santos
Herlanne Nascimento
Talita Gomes

Cenas de um tear epistemológicos

Nas linhas desse diário, um tear de conhecimentos e saberes tentaremos de forma sintética, dado a grandiosidade e intensidade do componente, apresentar algumas linhas em ponto e cruz, que assim como no crochê, formam um cruzo que em nosso caso, converse para as pautas insurgentes, curriculares dos estudos pós críticos na trilha do feminismo decolonial, das intersecções epistemologias e das/para insurgências promovidas nas rodas de conversa, das segundas que não mais serão as mesmas.

Atravessados/as pelas perspectivas feministas e decoloniais durante os encontros do curso, registramos aqui sobre como estar imersos nessas pedagogias nos afeta, a ponto de transbordar por meio dessa narrativa textual. Essa escrita é realizada por:

Cléber Lúcio Sousa Santos, homem negro natural do Quilombo Urbano do Largo da Vitória, da cidade de Riacho de Santana - Ba. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino Linguagem e Sociedade (PPGELS UNEB – Caetité). Faz parte do grupo de estudo e pesquisa Oju-Obirin Observatório de Mulheres Negras (UESB-CNPO), colaborador externamente com o projeto de extensão Carolina vai às escolas, que conta a vida e obra da autora Carolina Maria de Jesus. Professor há nove anos no Cetep da Bacia do Rio Corrente, localizado na cidade de Santa Maria da Vitória -Ba, – região oeste da Bahia. Pesquisa afetos/afetações em cenas de ensino na Educação Profissional, sob a orientação da professora Dra. Núbia Regina Moreira.

Herlanne Nayara do Nascimento Santana, mulher negra, feminista e sertaneja de Delmiro Gouveia, interior de Alagoas. Formada em Letras - Língua Portuguesa pela UFAL - Campus do Sertão e mestranda em Teoria da Literatura e Crítica da Cultura pelo PROMEL/UFESJ. Professora de Língua Portuguesa e atualmente coordenadora pedagógica nos Anos Finais e Médio. Pesquisa Corpo Negro, História e Decolonização nas escrituras de Conceição Evaristo.

Talita de Lima Gomes, carioca, crescida nos territórios populares da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGE-UESB) e integrante do Grupo de Pesquisa Oju Obirin Observatório de Mulheres Negras. Graduada em Pedagogia pela UFRJ, com participação na fundação do Grupo de Estudos e Extensão em Relações Raciais e Educação Infantil (GEERREI-UFRJ). Atuou na área de Educação do Instituto Moreira Salles e na Rede Emancipa de Educação Popular. Trabalha com educação e saúde pela Cooperação Social da Fiocruz e pesquisa Currículo e Feminismo Negro sob a orientação de Núbia Regina Moreira.

Em debate as concepções de feminismos. Olhares e Epistemologias.

Nos dois primeiros encontros do componente em questão, seja pelas leituras prévias indicadas ou pelas perguntas feitas pelas professoras em aula, fora perceptível que nos questionamos “quão” feministas éramos e como poderíamos ou não nos afirmar nessa perspectiva. Algumas com suas certezas e mais confortáveis para falar sobre outras receosas sobre enquadrar-se ou não no imaginário e nas práticas feministas, dentro e fora dos espaços educacionais, profissionais em geral, familiares, cotidiano. Esses primeiros passos nos suscitaram as referências que escolhemos compartilhar abaixo. Pelo simples medo inicial de falar mesmo em um espaço que até então é seguro, talvez em decorrência de tantos espaços que não nos são.

Iniciamos com **Uma ladainha pela sobrevivência** de Audre Lorde, pois a fala e a escrita são formas de sobrevivência e o medo parece sempre presente, conforme as falas honestas e receosas das primeiras rodas. Dessa forma, as reflexões das gingas durante as segundas-feiras se perpetuarão.

Uma ladainha pela sobrevivência

Para aquelas de nós que vivem na beirada
encarando os gumes constantes da decisão
crucial e solitária
para aquelas de nós que não podem se dar ao luxo
dos sonhos passageiros da escolha
que amam na soleira vindo e indo
nas horas entre as alvoradas
olhando no íntimo e pra fora
simultaneamente antes e depois
buscando um agora que possa procriar
futuros
como pão na boca de nossas crianças
pra que os sonhos delas não reflita
a morte dos nossos;

Para aquelas de nós
que foram marcadas pelo medo
como uma linha tênue no meio de nossas testas
aprendendo a ter medo com o leite de nossas mães
pois por essa arma
essa ilusão de alguma segurança vindoura
os marchantes esperavam nos calar
Pra todas nós
este instante e esta glória
Não esperavam que sobrevivêssemos
E quando o sol nasce nós temos medo
ele pode não durar
quando o sol se põe nós temos medo
ele pode não nascer pela manhã
quando estamos de barriga cheia nós temos medo
de indigestão
quando nossos estômagos estão vazios nós temos medo
nós podemos nunca mais comer novamente
quando somos amadas nós temos medo
o amor vai acabar
quando estamos sozinhas nós temos medo
o amor nunca vai voltar
e quando falamos nós temos medo
nossas palavras não serão ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
nós ainda temos medo
Então é melhor falar
tendo em mente que
não esperavam que sobrevivêssemos
Audre Lorde¹

1 Tradução Beatriz Abreu. Disponível em: | <https://www.teiamagica.com.br/audre-lorde/>

O *podcast*², por sua vez, nos contempla quando esmiúça em uma conversa, como são construídas as narrativas acerca de mulheres consideradas difíceis por simples comportamentos ou características como assertividade, como ir na contramão da sujeita que sempre mantém a paz na família ou no ambiente profissional, que discorda, conflita. A depender do ambiente, é difícil ser feminista sem ser percebida como uma mulher difícil e de muitas maneiras isso também emergiu de nossos encontros. Sendo importante lembrar que qualquer movimento contra a ordem pode te transformar em “uma mulher difícil”, e isso vai te salvar, não o contrário.

Pensar o feminismo é pensar sobre nós mesmos/as, pois o feminismo é libertário. Ele rompe a ideologia de uma sociedade machista, misógina e patriarcal, e a partir desse rompimento promove a igualdade de direitos abrangendo a pluralidade existente, como pontua Márcia Tiburi, é inventar e reinventar a cada vez que surge um novo coletivo. Novo esse que se faz necessário unir forças a figura do homem, esse enquanto mais um aliado no processo de construção de epistemologias feministas, feministas negras e decoloniais nos espaços escolares e não escolares.

Assim, por exemplo no diálogo sobre os estudos do feminismo negro, corroboro ao diálogo de (Santos, 2021, p.9) “de nada adianta obedecermos às diretrizes da Lei n° 10.639/03 se não estivermos atentas ao sexismo, que não escreve a história da cultura africana e afro brasileira, sob a perspectiva de mulheres negras”. É preciso caminhar juntos/as/es no processo de combate ao machismo, sexismo e patriarcado, uma vez que o combate a todas formas de preconceito ou ocultação identitária, deve ser feita por toda comunidade escolar. Nesse sentido, para ampliar o combate é necessário pensar e trabalhar em coletividade na construção e práticas de currículos reais e experienciados que cotidianamente se fazem presentes nas escolas.

2 Mulheres difíceis, com Lela Brandão. #90. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/38y3pILZqBnWOp0Jo9Mwoy?si=22313328c5534852> Acessado em: 07 de novembro de 2023.

Por fim, um trecho do livro “*O feminismo é para todo mundo*” (2018), da escritora norte-americana bell hooks, que junto a Tiburi compôs a bibliografia indicada neste primeiro momento: “mudanças feministas já tocaram a vida de todas as pessoas de forma positiva. E, ainda assim, perdemos de vista o positivo, quando tudo o que ouvimos sobre o feminismo é negativo” (hooks, 20018, p.15). Acreditamos veementemente em refletir e esparramar pelo mundo as variadas maneiras positivas de viver o feminismo, de ser feminista.

Em debate: As práticas de pedagogias feministas propositivas nas pesquisas em educação

A escrita de Diva Lopes, poeta que compõe o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), nos surgiu na terceira Roda e muito a partir dos textos indicados. Lembrando-nos que a denúncia das problemáticas é sempre parte e não o todo: práticas de pedagogias feministas **propositivas** nas pesquisas em educação. Diva nos traz esse desejo mais genuíno em poesia, combinando com o que vimos também nas pesquisas e nos anseios de pesquisadoras comprometidas que estão no mundo, apesar dele e com ele.

Inevitável vontade de mudar o jogo,
Inusitado desejo de desobediência.
Urgência em plantar indignação,
Ensaiai as consciências,
Examinar as verdades
Celebrar as vidas!
Traçaremos juntas os caminhos de outra estação.
Desejo – Diva Lopes

Seguindo os rebuliços das duas primeiras rodas, as professoras nos perguntam: “produzimos práticas pedagógicas feministas? O que as diferenciam de outras práticas? Quais características elencamos como pedagogias feministas?” Interpeleções feitas no *chat* e desde então sempre presentes.

Ao pensarmos a língua portuguesa enquanto machista, que não correspondem em suas expressões verbais nem escritas, com o devido recorte de gênero, por exemplo alunos/professores para referir-se a um todo, estamos diante de uma necessidade de subverter em nosso fazer pedagógico. E nesse sentido ao usar os termos corretos, provocamos ou conduzimos os/as docentes a pensar no processo de inclusão e exclusão explícitos/implícitos no momento das nossas falas, quando por exemplo nos direcionamos as alunas e os alunos da turma x, a/s professora/s e o/s professore/s da turma x.

“Compreendo a escola como um espaço de construção coletiva, que se faz no tripé articulado entre pesquisa, ensino e ação social, situada em um campo de disputas de interesses, uma fronteira permeada por investidas patriarcais, racistas, neoliberais”. (Santos; Moreira, 2022, p. 6). Imaginemos a revolução ou rebelião epistemológica de gênero quando a convite para participar de uma reunião feita com escritas somente no gênero masculinos, e o público feminino não comparecer, pensamos ser essa provocação, um ingrediente para reforçar as práticas feministas em nosso cotidiano, nos espaços escolares e não escolares.

Pensamento de Mulheres Negras

Nessa Roda tivemos a presença da professora Ângela Figueiredo e um debate denso e emergente sobre a forja de intelectualidades feministas negras, enfatizado por um contexto de dez anos de ações afirmativas. “Do ponto de vista da experiência acadêmica, há um movimento político decolonial que pressiona professoras e professores a incorporarem na bibliografia dos cursos ministrados autoras e autores negros e africanos” (Figueiredo, 2020, p.4.) e apontando as juventudes feministas negras e cotistas como protagonistas.

Figueiredo (2020, p.3) considera que “esse ingresso contribuiu para a formação de coletivos negros dentro e fora das universidades, que efetivamente estreitaram laços e alianças com os movimentos sociais, notadamente o movimento de mulheres negras” Ao passo que recuperamos pensadoras negras mais tradicionais como Lélia

Gonzalez, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, entre outras, também nos fica o convite de refletir todos esses movimentos que se forjam agora, sobretudo “porque não estamos em tempos de trégua. Muito pelo contrário, estamos em tempos em que as lutas de classes, antirracista, antipatriarcal ganham outros contornos” (GOMES, 2020, p. 361). Seja como estudantes ou professoras/es, acreditamos que muitas das mulheres negras que compõem o componente e giraram na Roda, puderam pensar nesse processo histórico, talvez mais uma vez ou mesmo pela primeira vez, numa perspectiva de agência que encontra as práticas propositivas tratadas na aula anterior.

Um outro ponto também presente no pensamento feminista negro de modo geral é sua complexidade no olhar para a sociedade. Se historicamente, nos movimentos feministas hegemônicos, nos movimentos de esquerda ou mesmo nos movimentos negros a agenda de mulheres negras é tratada como algo mais específico, com particularidades e até justificativas para marginalizações, o que a economista Flavia Oliveira nos convida a pensar (e que também ficou aparente em aula) é justo o contrário: **a agenda das negras é tudo**

A agenda das mulheres negras, sem prejuízo das políticas focalizadas, é a universalização com qualidade de serviços públicos e de oportunidades que farão do Brasil o país que os 208 milhões de habitantes recém-estimados pelo IBGE merecem. Mulheres negras em cargos políticos — eleitas ou indicadas — vão orientar a superação das carências velhas conhecidas em planejamento, divisão do Orçamento, investimentos em infraestrutura, mobilidade urbana, habitação, educação, saúde e segurança. O desafio político está posto. Para elas ou para quem com elas se comprometer. Diante do passivo acumulado e do tamanho da demanda, resolver a agenda das mulheres negras é sinônimo de melhorar o Brasil. É virar o país de cabeça para cima (Oliveira, F., 2018. n.p.).³

3 Oliveira, Flávia. A agenda das negras é tudo. **Portal Geledes** [S.l.] 18 ago. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/agenda-das-negras-e-tudo/>

Como avançamos nas lutas feministas e antirracistas sem nos descolarmos de um olhar materialista, sobretudo considerando as dinâmicas brasileiras?

Pensar mulheres negras nos faz refletir a exclusão realizada por uma tradição que silencia os grupos marginalizados, que não correspondem ao modo heteronormativo, branco, cisgênero, cristão e falocêntrico, que, por sua vez, é representado pela branquitude, além de corpos baseados em padrões, com vivências e experimentos brancos.

De acordo com Stuart Hall, a criação de significados relaciona em parte à tentativa dos seres sociais de criar mundos fixos e estáveis, mas a existência dos significados “é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós” (Hall, 2006, p. 41). A categorização do negro é uma tentativa de aprisioná-lo a um lugar na sociedade que lhe impõe características e desacreditado, impedindo que ele possa ser percebido pela sua totalidade de forma individual.

Nos bastidores da colonização, os europeus aproveitaram o processo do mercantilismo, prática legal de comércio no período das grandes navegações, para poder iniciar o processo de comercialização de vidas humanas, que foram as/os negras/os africanas/os. Após a derrota do povo Jaga/imbangala na África, que depois de derrotarem inúmeras vezes os portugueses, foram vencidos por estes com a ajuda dos espanhóis, tem início o tráfico negreiro, configurado a partir do sequestro da população negra e africana dos seus diversos reinos e países do continente africano.

Nesse processo, houve o chamada esvaziamento ontológico das pessoas, nesse caso africanos/as, na tentativa forçada de que estes esquecessem suas culturas, memórias e identidades e convertessem ao ideal do branco e europeu, logo a intenção era branquear, como reflete Franz Fanon (2008) na obra *Peles Negras Máscaras Brancas*, toda população negra deveria ser olhada nas lentes do espelho de

narciso, em que só haveria uma cultura e um modelo de vida, o do branco colonizador. Sobre esses fatos,

as críticas realizadas pelo feminismo negro têm ajudado a repensar e reestruturar as construções tradicionais na academia. Sob esse aspecto, autoras negras brasileiras vêm produzindo e fazendo circular seus escritos literários, cujas textualidades evocam uma (re)construção identitária, os questionamentos sobre o status quo da mulher negra na sociedade brasileira, as desidentificações com o discurso hegemônico que até então as representavam em nossa literatura. Neste sentido, publicam textos cujos temas perpassam suas experiências – como o belíssimo *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, de 1960 –, e questões sobre raça e racismo – a exemplo de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, de 2006 pensando sua escrita como lugar de afirmação do ser mulher negra (Oliveira, I., 2016, p.12-13).

É por esse e outros enfrentamentos a colonialidade do ser e do saber, que podemos pensar um pouco nas razões que levam ou levaram o pensamento dos homens e mulheres negros/as a serem estereotipados ou denominados menores, mas que adquire um valor coletivo, abarcando a questão étnico-racial de homens e mulheres subalternizados que resistem e se opõem aos valores e às normas sociais estabelecidos, mas que também ganham força para desconstruir o heteopratiarcado.

Escrevivências como concepção onto-epistemológica

Uma ginga que nos fez refletir sobre o que é ser mulher negra no Brasil. É nascer com uma forma pré-estabelecida numa representação que molda seu jeito de ser e estar no mundo. Desde cedo, a mulher sente o que é estar a margem de uma sociedade que silencia

há gerações, seja pelo patriarcalismo ou pelo preconceito racial, o que segundo Bhabha (2012, p.106), nas estruturas sociocultural e pós-colonial, numa relação entre o colonizador e o colonizado, os quais constroem um “repertório de posições de poder e resistência; dominação e dependência, que constroi o sujeito da identificação colonial”, categorias que formam a identidade do sujeito.

No processo de ressignificação (Oliveira, R., 2017, p.3) orienta ao uso da expressão “intelectuais negras” que segue a formulação de bell hooks, que ressalta a importância da ocupação desses espaços, tendo em vista o contexto racista, sexista e anti-intelectual que costuma envolver as mulheres, inquietações apresentadas pela intelectual negra Conceição Evaristo nas próximas linhas.

O que me leva a escrever, desde criança, é uma série de indagações que eu fazia diante da vida. E essas indagações, elas vão se aprofundando ao longo do tempo. [...] Uma das indagações que hoje eu fico vendo que me marcava muito na minha infância era a posição de subalternidade que a minha família tinha diante das famílias brancas e ricas. Uma situação que chegava a ser angústia pra mim quando eu era menina, é que eu não entendia; porque eu vim de uma criação tradicional em que as pessoas mais jovens chamavam as pessoas mais velhas de senhora e eu não entendia o porquê que eu tinha de chamar a vizinha do lado, por exemplo, eu entendia que eu tinha de chamar a vizinha do lado, dona Otacília, de dona Otacília, e falar senhora com ela porque ela era uma pessoa mais velha. E eu não entendia, por exemplo, porquê que eu tinha de chamar a patroa da minha mãe, vamos supor, de dona Beatriz, que não era esse nome, de dona Beatriz, aí eu achava que eu tinha de chamar de dona Beatriz porque ela era mais velha, e eu não entendia porquê que a filha de dona Beatriz chamava minha mãe por nome, Joana, e chamava a minha tia por nome de Maria. Se a minha mãe e minha tia eram mais velhas do que aquela me-

nina. Eu não entendia, não entendia mesmo. Isso me dava um desconforto muito grande. Claro que naquela época eu nem avaliava que era uma questão social, que era uma questão de classe. E aí essas interrogações todas vão aprofundando. Eu não entendia, por exemplo, porque que minha família trabalhava tanto e eu tinha já histórias anteriores de meu bisavô que trabalhava na roça, de mais não sei quem trabalhava na roça e porque que a minha família era tão pobre. Eu não conseguia alcançar isso, então isso também marcou muito a minha adolescência. Então essas indagações e outras me levaram para a escrita. Eu escrevia essas indagações e a leitura me levava a buscar respostas dessas indagações. Eu achava que os livros me trariam essas respostas. E eu acho que a minha escrita ela nasce muito marcada por essas indagações que eu vou ter do mundo, da vida (Evaristo, 2016)⁴.

Assim, os lugares socialmente determinados pela hegemonia branca para a mulher negra se consolidaram no imaginário brasileiro, possibilitando visualizar nos estereótipos produzidos por autores brancos. Ciente de que a Literatura Brasileira propaga uma visão distanciada em que o negro ou seus descendentes se tornam o centro da discussão, a branquitude no Brasil, caracteriza-se por traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias de branqueamento, que é frequentemente considerado como o problema do negro que busca identificar-se como branco (Proença Filho, 2004). Com isso, pensando a trajetória da presença negra, observamos no poema “*Essa nega fulô*” – “Ora, se deu que chegou/ (isso já faz muito tempo) / no bangüê du meu avô/ uma negra bonitinha/ chamada negra Fulô. /Essa negra Fulô!” –, de Jorge de Lima (1963), que a beleza da mulher negra é representada pelo viés da sedução.

4 Fala da escritora Conceição Evaristo, parte 1 de uma série de entrevistas concedidas pela literata ao Itaú Cultural, no contexto da Feira Literária de Paraty (FLIP), no ano de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O-biUmvRzW4>

Segundo Conceição Evaristo (2007), as memórias transferidas e ensinadas à prole da Casa Grande, pelas canções de ninar, devem servir para acordá-los de seus sonos injustos, revertendo os estereótipos negativos relacionados ao corpo negro. Assim, a escritora Conceição Evaristo reescreve as vivências dos negros/negras/negres na sociedade brasileira, “assenhoreando-se ‘da pena’, objeto representativo do poder falocêntrico branco” (Evaristo, 2005, p. 201), construindo uma representação sobre si, um corpo vivido, como promovido pela Escrivência da autora, a qual desconstrói e reconstrói, trazendo os presentes, os ausentes, os que não pudera vir e os que virão. Conceição Evaristo traça pioneirismos e possibilita enxergar as denúncias e as novas significações, tanto na escrita dessas mulheres-autoras, quanto nas suas personagens, as quais são transgressoras, uma vez que subvertem as imagens comumente associadas às mulheres-negras.

Por exemplo, em *Olhos d'Água* (2016), a autora apresenta mulheres que se encontram em situações de dependência, com uma dominação masculina forte, com personagens que estão em contato direto com o caos social, sendo marginalizadas. Os espaços que servem como ambientação para os contos são relevantes para o entendimento das condições das mulheres protagonistas e seus estereótipos. Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) tem-se personagens que fogem dos estereótipos, sendo uma oposição aos espaços direcionados às mulheres negras, permitindo desconstruir as inferioridades com as quais se retratam, sendo “[...] o negro como protagonista do discurso e protagonista no discurso” (Evaristo, 2010).

Por fim ou começo, alargando os limites do trabalho já brilhante e generoso de Conceição, a ampliação do conceito de escrivência para metodologias de pesquisas em educação também tem sido uma movimentação de pensadoras negras, sobretudo no campo curricular, como podemos compreender com a presença e com os textos da professora Iris Verena e nos debates em aula (Souza; Miranda; da Silva, 2020, p.4). Nos possibilitando dar ainda mais sentidos ao

fato de que “[...] palavra alguma dá conta da vida. Entre o acontecimento e o dizer sobre ele, o escrever sobre ele, fica sempre um vazio” (Evaristo, 2020, p.37). Refletindo essa relação da escrita com o tempo, com o aprender, com o marinar, com o olhar de outro jeito, com o “assuntar a vida”, com o assentar saberes. Todos esses foram pontos fortemente levantados ao longo do encontro, culminando em depoimentos intensos e afetivos de muitas de nós acerca do aprender e da busca por práticas e epistemologias que incendiam nossas chamas, e nos provoquem a estudar e praticar os currículos pós críticos na categoria gênero, sobre a condução das

Epistemologias Lésbicas

Ao pensar a palavra ginga como mecanismos de distração do oponente, aqui pensamos nas gingas epistemologias que mobilizam o combate contra os currículos predadores das decolonialidade que compõem a educação e o tear pedagógico. Assim o universo da capoeira, do futebol e outras categorias esportivas tem sido contrariado gigantemente quanto aos estereótipos de que mulheres são para servir.

a política de informação comprometida com o enfrentamento e superação da lesbofobia é política de visibilidade, cujo desafio é informar à sociedade que existem outras formas possíveis de organizar a vida, outros sentimentos, outros mundos fora da heterossexualidade obrigatória, tornando possível e visível a existência lésbica em diferentes contextos, confrontando assim a política do silêncio, da invisibilidade (Silva; Araújo, 2021, p.10).

E com base nessas e outras transgressões é que apresento a professora Deborah Muriele, mulher negra, lésbica, ativista do movimento de mulheres camponesas, capoeirista, natural da cidade de Riacho de Santana - Ba, é professora na Escola Família Agrícola

(EFA) da referida cidade, faz capoeira, precursão e do futebol dispositivos para transgredir junto suas/seus estudantes majoritariamente moradores da área rural, que estudam na EFA em regime de alternância, sendo uma quinzena morando na escola e a outra na comunidade rural respectiva a seus lares, que possibilitam praticar teorias estudadas na escola, que sua pratica docente caminha nas técnicas agroecológicas (sua formação agroecologia) e mantém os ensinamentos herdados das suas ancestralidades oriundas do Quilombo Urbano do Largo da Vitória.

É nesse movimento, principalmente através da capoeira, que a professora busca ocupar espaços, num público que durante muito tempo as mães e pais não tiveram acesso a outras culturas que não fossem quase sempre a de plantar e colher, e posterior ensinamento as/aos suas/seus filhas e filhos. E nesse construto e ampliação de saberes é que, nos cenários escolares que o público tem pouco acesso (por escolha ou não) de propostas transgressoras nos currículos formas, é que propomos pedagogicamente as;

Topografias feministas

Topografia essa que é parceira da Pedagogia da desobediência

Embalado pela demarcação pedagógica de território e pertencimento que nos conduz (Arouca; Cardoso, 2022, p.2) ao evidenciar que “mesmo com as adversidades cotidianas, diariamente as favelas (re)criam culturas e saberes diversificados, produzindo arte, ciência, estética, construindo identidades por meio das singulares vivências atravessadas pela multiculturalidade, que ali reside e resiste”, isso me faz refletir também na condição de aquilombar e ressignificar nossa vida e vivência sempre e em todo lugar com todos/as nossos/a.

Em meio a intensidade das falas e estratégias de dar vozes as/ aos estudantes da favela/comunidade, fiquei a observar dois corpos negros que em meio a suas inquietações, a todo tempo seus olhos

diziam, venham, vamos essa luta contra as hegemonias eurocêntricas, contra a “*Necropolítica*” Mbembe (2018) é de todos/as/es que compõem a educação seja escolar ou não escolar, e nesse sentido reflito Angela Davis “Quando uma mulher negra se movimenta toda estrutura se movimenta com ela”.

Ao me ancorar no termo quilombar é no sentido de perceber o que nossa comunidade oferece e a partir disso transformar em pedagogias, insurgências, transgressões que se multiplicam e podem ser fortalecidas dentro das escolas situadas em locais chamados periféricos, nas escolas quilombolas, na educação do campo, na educação indígena, nos morros, nas favelas em todos os espaços que possibilitam construção de saberes que impulsionado/as pelo livro ensinando a transgredir de hooks (2013, p. 20), em que suas “práticas pedagógicas nasceram da interação entre as pedagogias anticolonialistas, crítica e feministas, cada uma das quais ilumina as outras” e fortalece os laços de afetos e afetações nos vários espaços de acolhimento.

Referências

AROUCA, Marcelo de Jesus; CARDOSO, Cláudia Pons. Pedagogias de Favelas: Educação Popular, Emancipação e Descolonização. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade** - REED, Itapetinga, v. 3, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/10289/6750>

BHABHA, Homi. O local da cultura.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, v. 1, p. 52-57, 2005.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, p. 132-142, 2010

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**: (contos). Nandyala, 2011

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.

EVARISTO, Conceição. Depoimento. Feira Literária de Paraty (Flip) 2016. Itaú Cultural. Paraty, jun. 2016. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O-biUmvRzW4>. Acesso em 07 de novembro de 2023.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L; NUNES, Isabella R. **Escrivivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador – BA, EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Ângela. Epistemologia insubmissa negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102>. Acesso em 8 de nov. de 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da ESperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GOMES, Nilma Lino. A força educativa e emancipatória do Movimento Negro em tempos de fragilidade democrática. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 361-371, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/49715>. Acesso em 8 de nov. de 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018

LORDE, Audre. *Uma ladainha pela sobrevivência*. Tradução livre - Beatriz Abreu. Disponível em: <https://www.teiamagica.com.br/audre-lorde/>. Acesso em 09/11/2023.

LIMA, Jorge de. *Essa Negra Fulô. Novos Poemas*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1963. *Mulheres difíceis, com Lela Brandão*. #90. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/38y3pLZqBnWOp0Jo9Mwoy?si=22313328c5534852> Acesso em: 07 de nov. de 2023.

OLIVEIRA, Flavia. *A agenda das negras é tudo*. In: Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/agenda-das-negras-e-tudo/> . Acesso em: 08 nov. 2023.

OLIVEIRA, Iris Verena. *Escrivivências e Limites da Identidade na Produção de Intelectuais Negras*. **Currículo sem Fronteiras**, [S.L.], v. 17, n. 3, p. 633-658, set./dez. 2017. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol17iss3articles/oliveira.pdf>. Acesso em 07 de novembro de 2023.

OLIVEIRA, Raphaella Silva Pereira de. *Alice Walker e Zora Neale Hurston: resgate e circulação de escritos invisibilizados*. **Revista Pindorama**, Eunápolis, v. 6, n.6, p. 71-86, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.ifba.edu.br/Pindorama/article/view/421>. Acesso em 08 de nov. de 2023.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em: 9 nov. 2023.

SANTOS, Amanda Oliveira. **Educação antirracista e feminista**: narrativas de estudantes negras em Mirangaba-Ba. 2019.176 f. Dissertação (Mestrado em Profissional em Educação e Diversidade)-Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Jacobina, 2019.

SANTOS, Cleber Lúcio Sousa e MOREIRA, Núbia Regina. **E eu que nem era professor: narrativas de um bacharel docente**. VIII SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE E IV LUSO-BRASILEIRO EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO, SAÚDE E SUSTENTABILIDADE... 2022, Campina Grande. **Anais**. Campina Grande: Realize Editora, 2022, n.p

SILVA, Zuleide Paiva; ARAUJO, Rosangela Janja Costa. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e 82446, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82446/47871>. Acesso em 08 de nov. de 2023.

SOUZA, Vaneza O.; MIRANDA, C. A S.; da SILVA, A. L. G. Escrivências e movimentos (auto)formativos na pesquisa por uma educação antirracista. **Revell – Revista de Estudos Literários**. Campo Grande, v.1, n. 24, p. 507-533, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4819>. Acesso em 08 de nov. de 2023.

SOBRE AS AUTORAS/ES

Amélia Tereza Santa Rosa Maraux

Doutora em Difusão do Conhecimento pelo Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento/UFBA (2021). Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia- Uneb/DEDC Campus XIV - Conceição do Coité, pesquisadora do Centro de Estudos em Gênero, Raça/ Etnia e Sexualidades – Diadorim, articuladora Nacional da Liga Brasileira de Lésbicas - LBL e integrante da Rede Lesbi Brasil de Pesquisadoras e Ativistas Lésbicas.

E-mail: arosa@uneb.br; Lattes:

CV: <http://lattes.cnpq.br/2208634403379162>

Ana Lúcia Gomes da Silva

Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professora plena da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus IV, Jacobina; docente permanente do Curso de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), UNEB, Jacobina; Líder do grupo de pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (Difeba). É Sócia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED. Vice-coordenadora da Rede de Pesquisa da Profissão Docente - REPPD.

E-mail: analucias12@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3880-3322>;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2930871385446150>

Ana Lúcia dos Santos

Pós-graduanda em Especialização em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras/es (UNEAD-UNEB), Campus I. Aluna Especial em Epistemologias Feministas e Decoloniais (MPED-UNEB,2022), Graduada em Estudo de Gênero e Diversidade – Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo (UFBA) – São Lázaro, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Extensão em Gênero, Direito e Políticas para a Igualdade (JUSFEMINA), E-mail:analua749@,com.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0042274832756091>

André Luiz de Araújo Lima

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade, da Universidade do Estado da Bahia (MPED, UNEB Campus IV). Especialista em Metodologias do ensino da arte (UNINTER, 2019). É Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia (2009) e professor licenciado em Artes Visuais (CLARETIANO, 2022). Atua na carreira docente desde 2009, lecionando sobre Fotografia, Desenho artístico, Composição Visual, Teoria da Arte. Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão na disciplina de Arte na Educação Básica. É professor de fotografia e desenho na empresa Sonhos entre Pedras. Desenvolve pesquisas sobre o fotográfico na formação docente. É membro associado da Rede de Pesquisa sobre a Profissão Docente (REPPOD).

E-mail: andrelima743@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9054-4057>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8675269962206125>

André Luiz Souza-Silva

Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB/PROLING/CAPES) com especialização em Língua, Linguística e Literatura pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP) e em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e com período de aperfeiçoamento em Educação Étnico-racial pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também tem graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa pela UEPB e é integrante do Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico (GPCL/UFPB/CNPq). Tem interesse em Teorias Linguísticas e Práticas Sociais da Linguagem com ênfase na Diversidade, Identidade e Educação Linguística atuando com base na Sociolinguística e suas Interfaces.

E-mail: andreluiz.bans@gmail.com |

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3560-9129>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0875968155387666>

Ariane Confessor de Carvalho Ribeiro

Mestranda em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional da Universidade do Estado da Bahia (MPED/UNEB), Campus XIV. Especialista em Ensino de Língua Inglesa (Universidade Cândido Mendes. Graduada em Letras, Língua Inglesa e Literaturas (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa Formação, Experiências e Linguagens (FEL).

E-mail ariane.riu@hotmail.com

Cleber Lúcio Sousa Santos

Homem negro, natural do Quilombo Urbano do Largo da Vitória, localizado na cidade de Riacho de Santana, Bahia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino Linguagem e Sociedade (PPGELS-UNEB). Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência para Educação Profissional (IFES/ Colatina Espírito Santo), Pós-graduado em Docência Universitária (FACITE). Bacharel em Administração (FAVIC). Professor do CETEP da Bacia do Rio Corrente. Participa do grupo de pesquisa e estudo Oju-Obirin Observatório de Mulheres Negras (UESB-CNPq).

Email: kleberluciosousasantos@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1698-9971>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8085204202074358>

Érica da Silva Oliveira

Mestranda em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional da Universidade do Estado da Bahia (MPED/UNEB), Campus XIV. Especialista em Metodologia do Ensino da Matemática (Cidade Especialização). Especialista em Educação Matemática (UEFS). Graduada em Licenciatura em Matemática (UNEB). Docente da Rede Estadual do Estado da Bahia, desde 2011. Membro do Grupo de Pesquisa Currículo, Escrivências e Diferença.

E-mail: ericasoli@hotmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2665610632290202>

Franciele Reis Messias

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB) - bolsista CAPES. Mestre em Educação e Diversidade (MPED/UNEB) - bolsista FAPESB. Especialista em Educação profissional integrada à Educação Básica na modalidade EJA (IFES). Psicóloga pela Faculdade Pitágoras de Linhares e pedagoga pela Universidade Norte do Paraná - Bolsista PROUNI. Experiência profissional na área de Educação a partir de 2009, atuando em escolas de Educação Básica de redes públicas, como professora, coordenadora escolar e pedagoga. Atuação como psicóloga (CRP 16/6187 - 2018/2022; CRP 03/28117 - 2023). Integrante do Grupo de pesquisa (Auto)Biografia, Formação e História Oral (GRAFHO); do Grupo de Estudos Interdisciplinares, Grupo de Leitura e Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Sexualidades (GLEIGS), da Rede Nacional de ativistas e pesquisadoras Lésbicas e Bissexuais (Rede LésBi Brasil); Sócia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOgraph).

E-mail: franciele.messias@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1991-258X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1271943724229582>

Gercilene Meireles

Mestranda em Educação e Diversidade pelo programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Licenciada em Geografia (UNEB). Especialista em gestão em saúde (UNIVASF). Agente Comunitária de Saúde SUS/BA. Membro do grupo de pesquisa de Educação do Campo, Trabalho. Contra Hegemonia e Emancipação Humana (GEPEC).

Email: gessy.meireles@hotmail.com.

Lattes. <http://lattes.cnpq.br/7908254879507760>

Gildeanny Ferreira Oliveira

Aluna Especial em Epistemologias Feministas e Decoloniais (MPED-UNEB,2022) e Gestão e cultura escolar (MPED-UNEB,2022), Especialista em Educação Especial Inclusiva (UESSBA), Graduação em Pedagogia (UESSBA) – Trabalhou com coordenação pedagógica - Secretaria Municipal de Educação de Morro do Chapéu (2017 a 2020) Atualmente é Professora efetiva - Secretaria Municipal de Educação de Morro do Chapéu no Ensino Fundamental 1 e Técnica em Educação Especial Inclusiva no CETEP- Chapada Diamantina II. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Alfabetização, Educação Inclusiva e Formação de Professores.

E-mail: gildeanny@yahoo.com.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0857695189394622>

Girleide de Jesus Almeida

Coordenadora Pedagógica da Rede Estadual de Ensino da Bahia. Mestranda em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional da Universidade do Estado da Bahia (MPED/UNEB), Campus XIV. Especialista no Ensino de Sociologia para o Ensino Médio, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), e em Psicopedagogia Educacional pelo Instituto Brasileiro de Formação (UnibF). Graduada em Pedagogia pela Universidade Internacional de Curitiba (UNINTER). Membro do Grupo de pesquisa: Formação, Experiência e Linguagens (FEL).

e-mail: girleide.almeida@enova.educacao.ba.gov.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6188821842861562>

Herlanne Nayara do Nascimento Santana

Graduada em Letras - Língua Portuguesa na Universidade Federal de Alagoas (Campus do Sertão). Mestranda em Teoria da Literatura e Crítica da Cultura - PROMEL/UFJ. Atualmente atua na coordenação de uma Escola Básica nos Anos Finais e Médio e numa instituição de cursos técnicos. Integrante do grupo de pesquisa NELA - Toda Literatura (Núcleo de Estudos em Literatura Alagoana). Ex-monitora da disciplina Teoria da Literatura I e Literatura de Língua Portuguesa III. Ex-bolsista do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à

Docência (2016-2018). Ex-bolsista do PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica com o projeto “Nas Balizas da Forma Poética: Um estudo da Espacialidade Poética em Curral De Peixes, de Lêdo Ivo e Sonetos Impuros, de Fernando Fiúza” (2018-2019) - Prêmio de Excelência Acadêmica dos Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica (Pibic e Pibiti), ciclo 2018/2019 da Universidade Federal de Alagoas, e Indicado ao Prêmio Destaque CNPq 2019. Interesse nas áreas de Literatura Comparada, Literatura Alagoana, Letramento Literário e Estudos Culturais.

E-mail: herlannenayara@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5584427524323194>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8666-3784>

Ione Araújo dos Santos

Mestranda em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional da Universidade do Estado da Bahia (MPED/UNEB), Campus IV. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB). Especialista em Tecnologias Digitais e Inovação na Educação pela Universidade Cândido Mendes, Docência e Prática de Ensino em Português e Coordenação Pedagógica e Supervisão Escolar. Desenvolve pesquisa e ações junto ao grupo de pesquisa Linguagem, Estudos Culturais e Formação do/a Leitor/a (LEFOR). É, ainda, bolsista pela FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

E-mail: ion3santos@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9454-8111>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0736306638332710>

Ivan Vilaça dos Santos

Mestrado em andamento em Educação pela Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL/MG; Especialização em Língua Brasileira de Sinais (Libras) no Claretiano Centro Universitário (Batatais- SP); Especialização em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade de Educação São Luís; Especialização em Educação Física Escolar com Ênfase na Inclusão pela Faculdade de Educação São Luís; Especialização em Informática para Professores pela Universidade Federal de São João Del-Rei, UFSJ.

E-mail: ivan.santos@sou.unifal-mg.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6442-2278> -

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9522289039546967>.

Ivanete Araújo Silva

Mestranda no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Licenciatura em Geografia. Especialização Em Educação Contextualizada e Convivência com o Semiárido, UNEB. Professora na rede Municipal e Estadual em Senhor do Bonfim-Ba.

E-mail: netearasilva@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5759202252959790>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0564-6774>

Kacilda Lino da Silva Guimarães

Aluna especial em Gestão e Cultura Escolar (UNEB); Pedagogia Feminista e Epistemologias Deocolonias (UNEB); Especialização em Gestão Escolar e Coordenação Escolar (Faculdade Presbiteriana Augusto Galvao, FPAG); Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira (UNINTER, Brasil); Graduação em História (Faculdade Regional De Filosofia, Ciências e Letras de Candeias-FAC, Brasil) ; Graduação em Letras (Universidade de Pernambuco, UPE, Recife, Brasil
E-mail: kk.lino@hotmail.com

Karine de Assis Oliveira Soares

Doutoranda em Educação para Ciências e Matemática (IFG/Câmpus Jataí). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg). Mestra em Educação para Ciências e Matemática (IFG/Câmpus Jataí), Licenciada em Filosofia (UFG).
Email: assis.karine@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4182-7528>.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9739491078323203>.

Karole Pereira Silva

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Especialista em Educação Profissional Científica e Tecnológica pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA), Especialista em Gestão e Educação Ambiental pela Faculdades Integradas Ipitanga - UNIBAHIA, Graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Católica do Salvador. Professora da Rede Estadual do Estado da Bahia.
E-mail: karoleps86karoleps@gamil.com.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8855995649535106>

Kenia Adriana Reis e Silva

Doutoranda em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), Mestra em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Bolsista pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT/ Portugal).

E-mail: keniadrica@hotmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6995-3721>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0798424182833801>

Josianne Pereira Pinto do Zaco

Possui graduação em Letras com Inglês pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2003) e Pós-Graduação em Arte, Educação e Tecnologia contemporânea ARTEDUCA pela Universidade de Brasília - UnB. Atualmente é professora de Língua Portuguesa e Educação Socioemocional no Colégio Yolanda Dias Rocha, atuou como professora de Literatura e Tutora do curso de Letras da Faculdade de Tecnologia e Ciências-FTCead. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura, Língua Inglesa e sua Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação, Língua Portuguesa e Inglesa, Literatura africana em Língua Portuguesa, Cultura africana, Festas, Turismo cultural, Religião, Lima Barreto e Folclore. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9810400655958954>

Joselito Manoel de Jesus:

Doutorando em Ciência da Informação pelo Instituto de Ciência da Informação (ICI), Universidade Federal da Bahia, (UFBA); Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas IV, Colegiado de Licenciatura em Geografia. Email: jjesus@uneb.br; joselitojoze@gmail.com. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior- Difeba.

Laís Oliveira Abreu

Mestra em Educação e Diversidade (UNEB, Campus IV, Jacobina-BA); Pós-graduada em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça (UFBA); Graduada em Direito (FACISA-PB); Representante Territorial de Cultura - Território de Irecê - SECULT-BA; Pesquisadora do Grupo de Pesquisa DIFEBA - Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (UNEB, Campus IV, Jacobina-BA); Membro da Rede de Pesquisa da Profissão Docente - REPPD.

E-mail: laiabreu@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2637-5893>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8745516629177228>

Larissa Carolina Barbosa Aliberti

Especialista em Sociopsicologia (Escola Sociologia e Política - FESPSP) e em Currículo e Práticas Escolares (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais). Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: larissa.aliberti@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7169905394564330>

Larissa Leslie Sena Fiuza Bispo

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED/MPED) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV - Conceição do Coité. Especialista em Educação Profissional pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Especialista em Tecnologias e Educação Aberta e Digital pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenadora Pedagógica na Secretaria de Educação da Rede Estadual do Estado da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Formação, Experiências e Linguagens (FEL). E-mail: larissa.senaf@gmail.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6102572535332356>

Luane Rios dos Santos Mota

Mestranda em Educação e Diversidade (UNEB)- Departamento de Ciências Humanas - Campus IV - Jacobina - BA. Pós-graduada em Gestão e Organização da Escola pela (UNOPAR). Graduada em Geografia pela (UNEB)- Departamento de Ciências Humanas - Campus IV - Jacobina - BA. Membro do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, (DIFEBA). E-mail: luannerios@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8805022505617166>

Luna Layse Almeida da Silva

Especialização em andamento em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras/es (UNEAD UNEB); Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB, Campus IV, Jacobina-BA); Bacharela em Comunicação Social - com Habilitação em Jornalismo em Multimeios (UNEB, Campus III, Juazeiro-BA). Membro do Grupo de Pesquisa DIFEBA - Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (UNEB, Campus IV, Jacobina-BA); Membro da Rede de Pesquisa da Profissão Docente - REPPD. E-mail: lunalayse@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1943-0660>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3440312845250577>

Marceli Cedraz da Silva

Mestranda em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional da Universidade do Estado da Bahia (MPED/UNEB), Campus XIV. Especialista em Educação e Gestão Ambiental (Faculdade São Salvador). Especialista em Ensino de Geografia (Universidade Cândido Mendes). Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente da Rede Estadual do Estado da Bahia e da Rede Municipal de Conceição do Coité, desde 2010. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação do Campo, Trabalho, Contra-hegemonia e Emancipação Humana (GEPEC).

E-mail- marceli.cd@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7297225045829574>

Marciene da Silva Vieira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestra em Educação pela UFSM, Especialista em História, Educação e Sociedade pela Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS). Graduada em História pela Universidade do Vale do Sapucaí e em Serviço Social pela Fundação Educação de Machado. Membro do Grupo de Pesquisa “RIZOMA - Políticas, Currículo e Educação” /CNPq. Estuda branquitude, gênero, feminismos e racialização. E-mail: marcienesvieira@gmail.com.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3222747015645758>.

Maria Beatriz Dias Coutinho

Doutoranda em Educação em Ciências (UnB), Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, (UFPI), Graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas (UES-PI); Licenciatura Plena em Pedagogia (UESPI); Professora de Biologia – Ensino Médio na Educação Profissional (SEDUC-PI).

E-mail:coutinho.maria@aluno.unb.br.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7015-1689>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5965948207837735>

Marihen de Souza Nogueira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* - Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, em Jacobina. Especialista em metodologia de ensino e pesquisa na educação em História pela Faculdade Católica de Anápolis(2013). Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado da Bahia campus IV (2009), Atualmente é professora efetiva de História no Colégio Estadual de Ourolândia na cidade de Ourolândia-Bahia e na e Rede Municipal de Ensino de Ourolândia, Escola Municipal Professor Tavares. Tem experiência no

ensino superior nas disciplinas: História da Educação no Brasil, Filosofia e Ética, Metodologia do ensino das Ciências Sociais, no Instituto de Ensino Superior e Formação Acadêmica (IESFA) e em cursos técnicos com a disciplina Ética. Tem interesse pelas áreas de Gênero, sexualidade e educação. Desenvolve projetos educacionais sobre igualdade de gênero e identidade sexual no Colégio Estadual de Ourorândia.

E-mail: marihenrosa@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9978-5068>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0163808628910132>

Marilene dos Santos Queiroz

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade - PPGED MPED-UNEB com bolsa FAPESB; Especialista em Docência do Ensino Superior, pela Faculdade Pitágoras de Serrinha; Pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB-Campus XI; Integra a linha de pesquisa Cultura, Identidade e Cor-poreidade do grupo de pesquisa Território, Cultura e Ações Coletivas (TECEMOS); Integra o grupo de Pesquisa: Currículo, Escrivências e Diferença e o Grupo de Pesquisa: Formação, Experiência e Linguagens (FEL); Representante estudantil em MPED; vinculada a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação-ANPED; Foi coordenadora do DA de Pedagogia e representante do DCE, no DEDC-XI; Tem experiência em monitoria de ensino, coordenação e projeto de extensão; Interesses de pesquisa: maternidades, feminismos, educação, gênero, raça, sexualidade e territorialidade.

E-mail: mary-queiroz@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7507-8142>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9584741349142227>

Nayara Cunha da Silva

Mestranda em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional da Universidade do Estado da Bahia (MPED/UNEB), Campus XIV. Especialista em Educação do Campo (Instituto Federal Baiano (IFBA). Especialista em Psicoterapia Transpessoal Sistêmica pelas Faculdades Integradas Ipitangas. Graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF). Membro do Grupo de Pesquisa Formação, Experiências e Linguagens (FEL) na UNEB.

E-mail: nayarasocial11@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6816323695164136>

Silmária Ribeiro da Silva

Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa (IBPEX/UNINTER) e em Língua Portuguesa: Texto (UEFS-BA). Graduada em Letras- Língua Portuguesa/ Inglesa e respectivas literaturas (UNEB)-Departamento de Ciências Humanas do Campus IV , Jacobina/BA.

E-mail:marabrazil75@hotmail.com

Lattes:<http://lattes.cnpq.br/6936303376965491>

Sirlei Aparecida de Almeida Ribeiro

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social - PPGIES na Universidade do Estado da Bahia (UNEB - Campus XI), Especialista em Política do Planejamento Pedagógico: Currículo, Didática e Avaliação (UNEB - Campus XIII), Especialista em Docência com Ênfase em Educação Básica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG - Campus Arcos), Graduação em Licenciatura em Pedagogia (UNEB - Campus XIII). Supervisora Técnica - Anos finais do Ensino Fundamental na Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Lazer em Marcionílio Souza - BA.

E-mail: saaribeiro.mpies@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6493-7965>

Lattes:<http://lattes.cnpq.br/3668436206884929>

Sueli Santana Santos

Mestranda em Educação e Diversidade (MPED/UNEB), integra o Grupo de Leituras e Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Sexualidades (GLEIGS) e o Formação Experiências e Linguagens (FEL). Professora de educação básica, município de Camaçari, Bahia.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0446-386X>

Suzane Sales de Souza

Mestranda em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional da Universidade do Estado da Bahia (MPED/UNEB), Campus XIV. Especialista em Tecnologia Digitais na Educação (Universidade Federal do Ceará) Pós-graduada em Coordenação Pedagógica (Faculdade Favени). Graduada em Licenciatura em Pedagogia (UNIFACS). Coordenadora da Rede Estadual do Estado da Bahia desde 2019. Membro do Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos e Pesquisas em (Multi)letramentos, Educação e Tecnologias - UNEB/UEFS .

E-mail- suzanne.souza@enova.educacao.ba.gov.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6756107612836073>

Talita de Lima Gomes

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED-UESB), onde pesquisa Currículo e Feminismo Negro e integra o Grupo de Pesquisa Oju Obinrin Observatório de Mulheres Negras. Graduada em Pedagogia pela UFRJ, com participação na fundação do Grupo de Estudos e Extensão em Relações Raciais e Educação Infantil (GEERREI-UFRJ). Atuou na área de Educação do Instituto Moreira Salles e na Rede Emancipa de Educação Popular, trabalha com educação e saúde pela Cooperação Social da Fiocruz (RJ).

E-mail: gomesltalita@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9627-8232>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6659794062730648>

Zuleide Paiva da Silva

Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia, docente permanente do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED-UNEB). Possui formação interdisciplinar, com Pós-doutorado em Educação (UFBA); Doutorado em Difusão do Conhecimento (UFBA, IFBA, UNEB, UEFS, SENAI-CIMATEC, LNCC); Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA); Licenciatura em Letras (UNEB); Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação (UFBA). É vice-líder do Grupo de Pesquisa Formação, Experiência e Linguagens (FEL-CNPQ), Coordenadora do GLEIGS - Grupo de Estudos Interdisciplinares de Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade, ativista da Liga Brasileira de Lésbicas (LBL) e da Rede de Pesquisadoras e Ativistas Lésbicas e Mulheres Bissexuais do Brasil (Rede LesbiBrasil). Atualmente coordena o GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação da ANPED-Nordeste.

E-mail: eidepaivasilva@gmail.com

Orcid :<https://orcid.org/0000-0001-9395-3561>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3730725605556060>

